

# A grande batalha

**Autor: Pietro Ubaldi**  
**Tradução: Carlos Torres Pastorino**

## INDICE

### PREFÁCIO

#### I - EVOLVIDO E INVOLUÍDO

#### II - ENCONTROS DE LEIS E PLANOS DE VIDA

#### III - O VERDADEIRO TRIUNFO

As armas do Evangelho e o poder da não resistência. A descida dos ideais, as evasões e as inversões humanas

#### IV - INVERSÃO DE VALORES

Lutas, enganos e perigos de uma ética invertida

#### V - O PODER DO ALTO

Missão e crucificação do evolvido. No embate cósmico o amor vence. Um destino e os instrumentos diversos

#### VI - O EVANGELHO POSTO À PROVA

Experimentação evangélica conduzida as extremas conseqüências. Pode Cristo haver errado? O alto em ação. O Evangelho posto à prova

#### VII - DUAS PSICOLOGIAS E METODOS DE ACÃO

Choque de sistema e estratégias opostas, na batalha entre o mundo e as forças do alto. Manifesta-se o imponderável para defender o inerme evangélico. Sentido biológico do evoluído em relação ao telefinalismo da vida

#### VIII- A CAMINHO DA ORGANICIDADE

Os erros das astúcias e mentiras humanas. A maioria escrava do super-homem de Nietzsche. Vantagens e desvantagens da posição de involuído ou evoluído na Terra. O futuro estado orgânico unitário da humanidade

#### IX - A GRANDE BATALHA

Evoluir do inferno ao paraíso, da luta à colaboração. O instrumento agredido pelas forças humanas e defendido pelo alto. O choque entre as armas do imponderável e a cegueira do mundo. Sentir a presença de DEUS. Miragens e liquidação dos falsos trabalhadores

## X - A VITÓRIA DO AMOR

A batalha decisiva. O fenômeno do retorno do prejuízo e a auto-eliminação das forças negativas. Fraqueza e condenação do involuído. Mortificadoras horas de dúvida e de tormento no momento crítico que resolveu a experiência evangélica. Os dois jogos e as duas avalanches. A mão de Deus. A lógica do milagre. O sigilo do alto. O Evangelho demonstra-se verdadeiro. Cristo vence

## PREFÁCIO

O presente livro é o primeiro da segunda Trilogia da minha II Obra de 12 volumes, que chamei de brasileira porque escrita no Brasil depois da minha chegada a este país no fim de 1952, enquanto que chamei de italiana à minha I Obra, também de 12 volumes, que foi escrita na Itália e depois traduzida para o português.

Esta II Obra se iniciou com o volume: **Profecias**, já publicado, que começa com uma Introdução intitulada: “Gênese da II Obra”. Aí o leitor poderá ver como nasceu esta nova obra, no meu primeiro período de vida brasileira. Esta foi para mim uma experiência importante, a da descida no mundo para entrar em contato com a realidade da vida, uma realidade dura, num aspecto que ainda não conhecia. Então o mundo me apareceu, não o que ele deveria ou poderia em teoria ser, mas como ele verdadeiramente é. Deste estado nasceu um choque, e do choque nasceram reações, centelhas de pensamento e situações espirituais que resumi neste volume: **A Grande Batalha**.

A tempestade da qual nasceu este livro foi a dos anos de 1953, '54, '55, os meus primeiros três anos brasileiros. Ela foi contada na referida Introdução ao volume: **Profecias**, assinada: Natal de 1955. Neste período foram escritos os livros: **Profecias e Problemas Atuais**. No ano de 1956 foi escrito o livro: **O Sistema**.

O volume atual: **A Grande Batalha e o que se lhe segue: Evolução e Evangelho** nasceram no ano de 1957. Só então, depois de acalmado aquele período de luta, foi possível meditar sobre esta experiência para dela compreender o significado moral e tirar o fruto espiritual. Na hora dura da tempestade não era possível tomar senão notas apressadas, correndo atrás dos acontecimentos, porque presos nas necessidades materiais da luta. Só depois, no ano de 1957, foi possível organizar num livro os rápidos rascunhos de conceitos, surgidos na mente como lampejos de um pensamento que só agora se revelava em unidade, conceitos fundidos pela lógica do seu desenvolvimento. Só depois de ter esgotado o assunto básico do volume: **O Sistema**, desenvolvendo a teoria da queda e resolvendo os problemas fundamentais, era possível entrar no terreno prático do controle experimental das conseqüências e aplicações: para estudar e compreender o sentido profundo da experiência vivida, julgando com mais serenidade e saindo dos limites do caso particular, para atingir o entendimento do seu valor universal.

Este livro, **A Grande Batalha**, foi iniciado, exatamente, em janeiro de 1957, seguido, ainda neste ano pelo **Evolução e Evangelho**. O segundo, terminado nos primeiros meses do ano de 1958, completa o primeiro. Logo depois, na Páscoa deste ano, foi iniciado em S. Paulo um curso de dois meses, sobre este volume.

A respeito desta obra, repito as palavras da referida Introdução em **Profecias**: "A nossa finalidade é dar uma lição útil de moral. Este trabalho será executado em duas fases. A primeira mais breve, representada pelo presente capítulo (Introdução), para explicar um caso

vivido e suas conseqüências. Segue-se a segunda, mais ampla, na qual com a mesma finalidade será demonstrada e desenvolvida sobre bases experimentais a teoria da defesa com o método evangélico da não resistência e da luta travada sem armas humanas, mas somente com o potencial do conhecimento e da bondade. Esta segunda fase será desenvolvida no volume **A Grande Batalha**.

Aqui está o livro para cumprir aquela promessa. Assim aqueles choques foram providenciais porque geraram no meu trabalho uma renovação, porque dirigiram o meu pensamento para o terreno pratico da conduta humana, orientando-a com uma ótica inteligente e racionalmente demonstrada, positiva, levada em contato com a realidade biológica, em que o homem aparece como de fato o é, e não como sonha ou desejaria que fosse. Continuamos assim a desenvolver, em forma mais pratica e aderente a realidade, a nossa tarefa de preparar a formação de um mundo novo baseado nos valores espirituais.

A luta aqui explicada, foi vivida por um homem sem os recursos do mundo, materialmente desprovido, armado só dos poderes espirituais do amor evangélico, sozinho, contra um mundo poderoso no seu plano, bem armado com os recursos da força e da astúcia. Neste livro estudamos o desenvolver-se desta luta, experiência que aqui se dilata adquirindo um significado universal, porque ele não representa senão um caso particular, mas positivamente vivido, do fenômeno cósmico da luta entre os dois termos do dualismo universal, os dois pólos opostos do existir: espírito e matéria, bem e mal, positividade e negatividade, Deus e anti-Deus, Sistema e Anti-Sistema. Esta é a titânica luta do homem evangélico que enfrenta o mundo. Veremos, frente a frente, as armas do espírito e as da matéria, quais são as mais poderosas e quem no um é o vencedor.

Assim as teorias dos livros: **A Grande Síntese, Deus e Universo e O Sistema** estão sujeitas a controle experimental que as confirmara, constituindo, por fim, no conjunto um todo orgânico único em que os princípios gerais resultam confirmados e fortalecidos, porque provados até as suas últimas conseqüências práticas, num mesmo plano geral em que se manifesta a Lei que é o pensamento de Deus. Por isso aqui foi possível desenvolver e dar explicação e aplicação as afirmações de **A Grande Síntese** nos capítulos XLII; "A nossa meta, a nova lei", e XCI: "A lei social do Evangelho".

Desse modo o resultado da luta contra o mundo foi o de atingir a finalidade demonstrativa no terreno pratico, com um exemplo vivido, em que o, espírito é mais forte que a matéria, e o Evangelho é o método mais poderoso para vencer; no plano teórico, as provas experimentais confirmam a verdade das teorias sustentadas nos meus livros. Aqui já estamos longe dos sofrimentos pessoais da luta. O problema se afasta do caso particular. Aqui subimos num plano mais alto e universal, que é o do triunfo do espírito e, com a vitória, o do seu domínio sobre a matéria. Não nos interessa mais a história dos choques e dores humanas, mas a do triunfo do Evangelho. Só frisamos rapidamente a primeira parte humana na referida Introdução ao volume: **Profecias**. Agora nos interessa mais de perto mostrar a parte positiva, criadora, que prova a superioridade e o vitorioso poder das forças espirituais. Então o que aconteceu foi bom, também sofrimentos e provas são úteis e podem gerar bons frutos, tudo esta na mais perfeita ordem, porque é dirigido por Deus, perfeição que aparece quando colocarmos cada coisa no seu devido lugar.

Para mim o maravilhoso resultado experimental foi o de aproximar-se cada vez mais da presença de Cristo, uma presença viva, percebida seja no desenvolver-se dos acontecimentos por Ele dirigidos, seja como sensação da Sua vizinhança espiritual. O resultado mais tangível destes choques foi uma renovação de pensamento, um contato mais vivo e direto com a fonte da inspiração e com isso uma nova Obra de 12 volumes mais. Assim tudo se resolveu na continuação lógica do inviolável plano preestabelecido, que a Sua Voz me havia anunciado antes da minha saída da Itália para eu desenvolver no Brasil. Chegava assim o selo da confirmação de todo o passado, demonstrando com isso que nada estava errado, porque aquele impulso

originário de Sua Voz, com o fato de conhecermos agora o triunfo de todos os obstáculos, dava a prova concreta de sua verdade, com um exemplo positivo de vitória

O mundo que estava olhando precisava de um exemplo concreto, realizado nos fatos, em que as teorias encontrassem aplicação num teste, saindo vencedoras. Dentro do próprio ambiente humano, em que vale só o mais forte que vence, era necessário demonstrar, com os fatos, que Cristo é o mais forte. Era necessário um exemplo, mas um exemplo de vitória, porque o homem aceita que seja verdade só o que haja dado prova de saber vencer, e por isso o segue De outro modo o despreza. Explica-se assim como o cristianismo precisou de um triunfo material com o imperador Constantino, para se fixar na Terra e conseguir trazer o Evangelho até nós.

Esta experiência evangélica que aqui narramos na sua substância, e o fato de ela haver sido bem sucedida, é o que mais era necessário neste ponto do desenvolvimento da missão, para afastar as acusações de utopia da parte dos práticos que sustentam que o Evangelho é um absurdo irrealizável. Aqui temos fatos que provam o contrário. A lógica, a razão, os acontecimentos, em concordância, deram confirmação da verdade que com a inspiração havia sido recebida. Tudo convergido para demonstrar que a lei do merecimento vence porque esta acima da lei da força e astúcia, que vigora no mundo. Então o Evangelho não é só teoria, método de vida reservado apenas para os santos, não é na prática um absurdo irrealizável como se acredita, mas é a lei da maior utilidade individual e coletiva, para ser vivida também na realidade do nosso mundo.

Assim o presente livro representa a fase da realização prática, da missão que de pensamento se torna ação. Chegou assim a contrapartida que faltava: a realização prática das teorias. Respondendo as necessidades da pesquisa, tudo isto tomou valor de experiência e significado de um controle positivo. E não há nada melhor que a concordância com os fatos, para demonstrar que uma teoria é verdadeira.

Um dos aspectos novos desta II Obra é o fato de as teorias terem sido levadas mais em contato com a realidade da vida, com as leis do nível atual da existência humana. Há muito tempo que andava observando como funciona este estranho animal que é o homem. A conduta dele me parecia tão contraproducente para a sua própria vantagem, que eu não podia acreditar se tratasse de um ser sensato. Para chegar a compreender tal absurdo e a logicidade da sua presença, tive que desarmar os castelos e desfazer os emaranhados das filosofias, das revelações religiosas, das teorias econômico-sociais e políticas, dos sistemas éticos e jurídicos, das ilusões psicológicas e dos instintos, fruto do subconsciente, esclarecendo os problemas até as suas primeiras origens teológicas da criação de Deus. Então tudo se tornou claro. Mas é só nesta pesquisa teórica que se podiam encontrar os pilares que sustentam a interpretação e nos dão explicação dos fatos, que depois, em nossa experimentação, encontramos na realidade da vida.

Explica-se assim a prática do fingimento, o uso do me todo anti-utilitário da força e da astúcia, o absurdo da procura da felicidade semeando sofrimento. Explica-se porque o homem, pela sua involução, prefira seguir a lei da animalidade com todas as suas duras conseqüências. Ele é como um menino ignorante e teimoso, que esta sofrendo por não conhecer quais são os caminhos para atingir a felicidade, que tanto almeja. E ela esta ao alcance das suas mãos e ele poderia agarrá-la bastando que soubesse movimentar-se com inteligência, de modo certo. E para preparar tempos melhores, de menor sofrimento para todos, que estamos aqui gritando aos surdos e deixando tocar os fatos aos cegos, num desesperado esforço de clareza para ser entendido, para que seja compreendida a vantagem do sistema evangélico, afastando assim a causa da dor. Mas às vezes esta paixão e compaixão é julgada orgulho, pregação cansativa, absurdo utopista. Contra esta realidade só uma pode ser a reação do mais adiantado: a de ajudar os outros a subir. Substituir ao método da força e da astúcia, o da sinceridade; compreensão e amor; ao invés de se agredir e lutar, unificar onde tudo está dividido, para colaborar fraternalmente. Este é o caminho que vai para Deus.

Assim o nosso trabalho esta se completando nas suas três fases: 1) O trabalho inspirativo de registrar por escrito os conceitos fundamentais da orientação no plano geral,

chegando a solução teórica dos problemas. 2) O trabalho do controle racional desenvolvido nos livros, para provar a verdade das teorias afirmadas. 3) Nesta fase tivemos de colocar tudo no banco do laboratório da vida para cumprir o teste prático ou controle experimental daquelas teorias, para ver se correspondem a realidade dos fatos. Descida do céu a Terra, do absoluto ao relativo, do universal ao particular, do abstrato ao concreto. Só assim o nosso trabalho podia ser completo, em todos os níveis do conhecimento. Só através de tais provas podíamos possuir a certeza da verdade das teorias sustentadas. Só se o fruto da inspiração se tornasse depois uma experiência vivida, o conhecimento da verdade atingida podia ser completo.

Concluimos com as palavras da Introdução ao volume: Profecias, intitulada: "Gênese da II Obra": "Assim nasceu esta nova Obra, que desenvolve tema novo com estilo novo, duro, terreno, positivo, para os práticos, um estilo de batalha adaptada ao mundo no qual a missão deve cumprir-se... para construir na Terra, com as pedras das provas evidentes, o novo edifício do Evangelho vivido e da nova civilização do terceiro milênio.

S. Vicente, Páscoa de 1958.

## I

### EVOLVIDO E INVOLUÍDO

Constitui fato de aceitação universal a existência de diferença no desenvolvimento dos variados tipos humanos. Esse fato é de verificação fácil devido ao fenômeno da evolução, em cujo desenvolvimento os diversos indivíduos vêm a encontrar-se em posição mais ou menos avançada, de conformidade com o caminho que hajam percorrido. É assim que, no plano humano, encontramos quem mais progrediu e quem está mais atrasado e achamos a sua causa. Vai-se desse modo, do gênio, santo, super-homem, para baixo até ao delinqüente, ao selvagem, ao primitivo, próximo do símio

Natural é, pois, que cada um desses tipos apresente, na vida, comportamento correspondente ao nível evolutivo alcançado. Os instintos, ou origem dos seus movimentos, hão de ser diversos de indivíduo para indivíduo, conforme uma sua própria maneira de entender a vida. Cada qual a viverá de acordo com uma sua filosofia própria, que forma o seu particular ponto de vista, provinda de sua própria natureza, e da qual decorre um seu modo de conceber, julgar e agir.

Eis, então, como, dada a convivência em sociedade, entre indivíduos de grau de evolução diferente, existem antagonismos de tipo biológico, isto é, contrastes entre os mais e os menos evoluídos, uma vez que se trata de indivíduos que, em seus instintos e modo de agir e de entender a vida, podem achar-se nos antípodas. Pode-se, assim, chegar a uma inconciliabilidade absoluta, como se verifica com os selvagens, completamente inadaptados à vida civil, e com os criminosos, banidos de nossa sociedade pelas leis. Todavia, entre esses extremos, há infinidade de gradações menores, das quais decorrem maiores ou menores incompatibilidades a serem sofridas pela comunidade da vida social.

Disto podem originar-se diferenças geradoras de contrastes, atritos, lutas, derivantes da maior ou menor evolução dos indivíduos, eis que os imergidos ainda no passado não conseguirão estar acordes com os que, por terem mais progredido, pertencem ao futuro. Então, no mesmo terreno da convivência social, passado e futuro da evolução encontrar-se-ão em luta, cada um querendo impor ao outro o seu

método de vida.

Entre esses dois extremos a sociedade humana equilibrou-se numa posição mediana de compromisso, adaptada à média constituída pela maioria, que formou, assim, uma ética, usos, costumes e leis conformados aos instintos dominantes, à sensibilidade geral, ao comum entendimento da vida. E, naturalmente, dentro dessa ética, dessas leis e desses costumes, encontrar-se-ão em dificuldade assim os poucos como os mais evoluídos, os primeiros por deficiência, os segundos por excesso. A medida com que tudo se afete é diferente para todos eles, e por isso é que o seu enquadramento no esquema geral torna-se difícilimo.

Interessante tomar-se-á observar este contraste, e ele mostrar-nos-á a arquitetura do fenômeno da evolução a par dos diversos estilos em movimento nos planos diferentes em que o homem caminha. Aparecerão, dessa observação, dois mundos diversos, o do baixo e o do alto, e dar-se-nos-á a visão do progresso que vai do primeiro ao segundo. Deixaremos de lado os graus ínfimos da.. evolução, os dos selvagens e os dos criminosos, que nada poderão contribuir para o nosso objetivo: caminhar para o alto. ocupar-nos-á, mais, o estudo da minoria situada no pólo oposto — o da evolução, porque, sendo ela mais evoluída, poderá oferecer-nos novas modalidades. de pensamento e de ação. Útil se nos afigura conhecê-las, eis que representam formas de vida mais elevadas, onde se encontra a solução de muitos dos. nossos problemas, que a sociedade atual com a. sua forma mental não conseguiu resolver. oferecem-se, desse lado, possibilidades, de eliminar muitos desastres e tantas dores oriundas de nosso errado modo de pensar e de agir, filho de nossa ignorância das leis da vida nos planos superiores..

Será este o argumento. que desenvolveremos neste volume. A sua base é positiva e científica: o fenômeno da evolução, universalmente aceito. Estudá-lo-emos, especial e particularmente, procurando o seu telefinalismo último que o conduz para formas de vida que o materialismo científico não conseguiu ainda enxergar: formas de espiritualidade, nas quais verificaremos como, depois da. evolução darwiniana, o processo ascensional da vida possa encontrar a. sua única possível continuação. Percorrendo os mesmos caminhos da ciência, conseguiremos, assim, levá-la ao terreno da ética, da filosofia e das religiões, para alcançar uma nova moral mais evoluída, com base numa nova concepção positiva da vida.

Para tornar mais evidente o nosso estudo, colocaremos em confronto dois tipos biológicos nitidamente individuáveis: de um lado. o. biótipo mais adiantado, que vive em planos de evolução mais elevados que a média, o homem guiado pelo conhecimento que lhe vem da inteligência e da espiritualidade, o homem que vive na ordem por ter alcançado a consciência da lei: de Deus. Biótipo não comum, mas que já tem aparecido muitas vezes. na terra, onde não é totalmente desconhecido. Denominaremos este tipo o evolvido.

De outro lado colocaremos o biótipo comum, menos adiantado, o homem que, não obstante envernizado de civilização, vive ainda no plano animal, do qual vemos aflorar nele os instintos, que continuam a formar a base da sua personalidade; homem ainda submetido à lei animal da luta pela seleção do mais forte, dirigido, acima de tudo, pelos instintos da fome e do amor, individualista egocêntrico, ainda inepto ao enquadramento numa ordem coletiva, na qual, viver-se-ia na forma de sociedade orgânica. Homem regido em substância, além das aparências, por uma moral formada, em sua realidade, por interesses egoístas e por, uma tábua de valores em cujo ápice encontra-se o vencedor a quem pertencem todos os direitos, enquanto ao vencido cabem todos os deveres. Com isto não pretendemos condenar; efetuamos apenas, verificações a fim de estudo. A este tipo biológico, regido pelos seus instintos, filhos do passado, e não pelo conhecimento que a grande massa humana ainda não possui, O denominaremos, o involuído, para, distinguí-lo do outro tipo.

Com isto procuramos personificar o ser humano em duas formas de biótipo bem definido, para alcançarmos uma maior clareza de conceitos e para podermos, com a contraposição da modelos opostos, obter o claro-escuro, que faça ressaltar melhor o contraste e, com maior nitidez, aqueles conceitos, apresentando-os, assim, mais, ao vivo porque apresentados como personalizadores da psicologia e modos de comportamento dos dois tipos.

Não quer isto dizer que todos sejam exclusivamente de um ou de outro tipo. As graduações, na

prática, são inúmeras; na maioria dos casos nunca se encontra o tipo evolvido ou involuído absoluto, mas há sempre tipos intermediários, em que predominam, em porcentagens diversas, as características de um ou do outro. Este estudo, pois; não é uma acusação, mas quer ser objetivo, e tem finalidade de compreender o nosso mundo. Poderemos, desse modo, vê-lo com outro olhar, qual pode aparecer quando observado de um ponto mais alto da evolução, condição utilíssima da qual poderemos colher a orientação de que carecemos, vendo defeitos e erros que o nosso mundo está pagando com a moeda caríssima da dor. Compreendendo como nossa conduta seja quase sempre errônea, estaremos aptos a encontrar a saída de tantos desastres que, até agora, estamos fabricando com nossas próprias mãos pela nossa ignorância das leis da vida.

No decorrer desse nosso trabalho, o leitor poderá julgar-se do lado do evolvido ou do involuído usando da auto-observação. Não somos nós que podemos julgar, mas hão de ser as idéias e ações de cada um. E, ainda que todos os leitores queiram colocar-se no campo do evolvid, julgando nesse caso como involuídos todos os outros, isto não constituirá um mal, uma vez que encontrar-se-ão na necessidade de efetuar, por legítimo amor próprio, o esforço necessário para comportarem-se como evolvidos e, dessa forma, aprenderão a evolver e, assim, por respeito de si mesmos, procurarão educar-se a formas da vida mais elevadas.

O encontro entre os dois tipos biológicos supracitados não é, por nada, pacífico, e, por isto, o denominamos a grande Batalha, nome que adotamos como título deste volume. O embate não é apenas hipotético ou teórico, mas real, o que torna de atualidade o tema aqui versado, tema que todos estamos tratando em nossa vida diária, tema ao qual não se pode fugir, já que ele constitui a nossa própria vida e a sua evolução. Se os exemplares dos evolvidos constituem exceção, isto não quer dizer que eles não influem na vida de todos e isto porque o homem atual, pelo fenômeno da evolução, está vivendo exatamente numa fase de transição do plano biológico do involuído ao do evolvido. Mesmo sendo raros na terra, os homens superiores deixaram e deixam marcas próprias nas religiões, na arte, no pensamento filosófico e científico. São eles representados continuamente pelos ideais que semearam como guias da evolução da humanidade, da qual eles representam o porvir.

Tem, pois, esse encontro ou embate de tipos biológicos, uma significação mais profunda da que parece á primeira vista. Podemos observar nele como funciona o fenômeno da evolução, especialmente com referência ao homem atual que se encontra suspenso entre dois planos evolutivos, amadurecendo para passar do inferior ao superior, isto é da animalidade à verdadeira humanidade civil. A significação mais profunda da vida de nosso mundo é dada, exatamente, pela elaboração dolorosa desta passagem da fase de involuído a de evolvido. E a consecução deste grande resultado é a única coisa que pode justificar, pela sua finalidade de bem, tantas lutas e tantas dores.

Desse modo o nosso tema adquire dimensões muito mais amplas, que nos mostram como ele esteja conexo até com os princípios gerais que regeram a gênese de todas as coisas em sua primeira origem no absoluto. Em outros termos o argumento da "grande batalha" desenvolvido no presente volume, se enquadra plenamente, como uma particularidade que nos toca mais de perto, no plano geral do universo qual aparece em nosso volume **O Sistema**. Não representa, pois, o que aqui iremos expor, uma concepção arbitrária, alicerçada no vácuo, mas uma visão mantida pela solução de uma avultada quantidade de outros problemas e logicamente situada no seio de um orgânico sistema. É assim que a nossa vida diária vem a ser colocada em contato com os princípios gerais da lei de Deus que tudo rege. É desse modo que se compreende justifica e explica tudo que lhe diz respeito.

Chegando, assim, a verificar que toda nossa luta e sofrimento tem a finalidade de superar as mais baixas formas de vida para alcançar as mais elevadas, onde a vida encerre menos dores e mais felicidade, ultrapassamos a visão do simples fenômeno biológico e ingressamos no âmbito dos princípios, das normas da Lei, formadoras do impulso íntimo que anima e sustenta aquele fenômeno. O contraste entre dois tipos biológicos, que aqui iremos estudar, assume, então, a significação do contraste entre dois planos de vida, entre as diferentes leis que os regem, entre o novo que quer nascer e o velho que não quer morrer. O fenômeno, aqui, dilata-se, uma vez que, se no seu lado mais baixo, permanece imergido na animalidade, na sua parte mais elevada, atinge e investe os problemas que pertencem ao mundo ético,

religioso, espiritual constituintes de grande parte da nossa vida. Eis como, mesmo usando de uma psicologia positiva, aderente à concepção científica de evolução biológica, poder-se-á alcançar, por novos caminhos, a compreensão do Evangelho. Adquirirá, este novo poder em nossos espíritos com a responsabilidade de uma significação nova, inédita, a da lei de um plano biológico mais elevado, que a evolução não poderá deixar de alcançar no futuro. O Evangelho será, desse modo, confirmado e a ciência não poderá negá-lo, porque resultará cientificamente compreensível e justificável também de acordo com a forma mental do positivismo científico.

Poder-se-á compreender também aí, a significação da luta entre Cristo e o mundo, o porque do Seu desafio e o que significa a Sua vitória. Tudo isto, então, foge do terreno fideístico e adquire o valor positivo de superação evolutiva. Cremos seja de vantagem avizinhar-nos dessas grandes coisas, também, com esta psicologia, uma vez que esta é a única via pela qual pode ingressar e chegar até elas aquele que possui apenas a forma mental do cético materialista.

É assim que o fenômeno objeto de nosso estudo, o da luta entre os dois biótipos, do involuído e do evolvido, poderá ser concebido em função de fenômenos imensamente mais amplos, qual um momento da luta entre Cristo e o mundo, entre as forças do bem e as do mal, como um momento da evolução que, do caos a ordem, do Anti-Sistema ao Sistema, reconduz o ser para Deus. Desse modo o nosso esforço de todo dia resulta situado racionalmente na visão cósmica do universo e da salvação final. Por vias racionais e positivas, poder-se-á, assim, alcançar a concepção de uma ética biológica, de uma moral positiva, estabelecida pelas próprias leis da vida, moral que verificaremos coincidir com a do Evangelho, que desse modo confirma e demonstra. Chegar-se-á, assim, a conclusão de que a ciência da vida não mais poderá prescindir do Evangelho, uma vez que este representa a lei do porvir civilizado para o qual tende a evolução, representa a moral de uma humanidade que haja alcançado um mais elevado nível de vida.

Esta é a Grande Batalha que aqui descrevemos. Não nos interessa a luta comum para a riqueza, as honras, o orgulho, o poder, o prazer, mas interessar-nos-á a luta entre o anjo e a besta, entre a luz de Deus e as trevas de Satanás, entre o espírito e a matéria, entre o Evangelho de Cristo e o egoísmo do mundo, para chegar aos resultados definitivos de nossa melhora, o que vale dizer, de nossa felicidade.

Descreveremos esta Grande Batalha individuando-a num campo bem definido, o que nos dará melhor meio de fixar as idéias que, na progressão da exposição, irão surgindo. Desse modo, em lugar de fazer uma dissertação teórica com simples e árido desenvolvimento de conceitos, tornar-se-á mais compreensível e convincente, na primeira parte do volume, acompanhar o fio condutor de uma narração, confiando a esta o cômputo de reger e guiar o desenvolvimento dos conceitos que irão, assim, brotando qual comentário da própria vida e, dessa forma, serão mais vivos, mais reais e mais evidentes.

\* \* \*

Em certa ocasião havia um homem, um homem julgado estranho porque, de certo modo, era diferente da maioria, e, por isto, condenado pelo mundo.

A maioria, que faz a verdade na terra, não conseguia encontrar nele nem as próprias qualidades, para exaltá-las, nem seus próprios defeitos, para tolerá-los. Para o tipo corrente, reproduzido em série como as formigas, ele representava um modelo inaceitável, porque diverso da série normal; constituía um escândalo porque escapara à lei comum e representava uma substancial subversão de valores. Mas como? Se na terra, certo ou errado, vigora a convenção de que o que mais vale é a riqueza, o poder, o domínio sobre tudo e sobre todos, e que a vitória alcançada nesse terreno é a medida do valor e, pois, da estima e do respeito a que se tem direito; se esta é a lei desse mundo, e, se esse mundo havia, durante dois mil anos, congregado ingentes esforços para dobrar e entortar os ideais afirmados pelo Evangelho a fim de evitar alterações daquela lei, qual a incômoda loucura daquele homem que teimava em tomar a sério e viver de fato aquele Evangelho?

Eis como se esboça, imediata, a adversidade entre os dois tipos biológicos e suas formas,

mentais. Aquele homem havia-se encontrado fora da terra, como se nela houvesse nascido por engano, num ambiente que não era o seu, e, desde criança, perguntara-se se os outros eram seus semelhantes e se ele era a eles semelhantes, tão diversos e irreconciliáveis eram os impulsos que movimentavam suas vidas. Não conseguia ele fazer o que religiões e leis procuravam, por ameaças e sanções, proibir a todos e, espontaneamente, sentia-se conduzido a cumprir aqueles deveres que por elas eram exigidos.

Não conseguia compreender duas coisas: 1º) como era possível atuar na vida se não em razão do temor do próprio mal e não por convicção e dever; 2º) como o homem possuía tão grande desejo de fazer tudo quanto religiões e leis vetavam com tanta energia. Seriam tão diversos dos seus os instintos de seus semelhantes? Viu-se, então, obrigado a começar o estudo mostrando de que modo estaria feito aquele diferente tipo biológico que constituía o seu próximo, da mesma forma como se estuda um exemplar de uma raça desconhecida da qual se não conhecem as qualidades e os hábitos.

Por outro lado, aquele homem que agia com honestidade e bondade, que não agredia ninguém e perdoava, encontrava louvores, mas isto porque, desse modo, podia ser utilizado melhor para os próprios interesses. De certo que se torna vantagem, para quem mais procura tomar do que dar, ter de fazer com quem procura mais dar do que tomar. Mas, quando ele chegara ao ponto de não defender-se do agressor e de oferecer a outra face, ao ponto de ajudar o seu inimigo, então, ainda que encobertamente, o julgaram com desprezo, um débil e um covarde, um inepto que os mais fortes têm direito e quase o dever de eliminar. O que se pode fazer, na vida prática, de um homem constituído assim, ao inverso? Desse modo o mundo o considera como um doente mental e o tolera, compadecido dele, na melhor das hipóteses, como se olhasse para quem nasceu estropiado. Era perdoado porque não fazia dano a ninguém; chegaram, até, a exaltá-lo quando podia ser explorado. De seu lado, ele sentia que não lhe, era possível prostituir sua inteligência em lutas mesquinhas, achando de seu dever usá-la toda para o bem do próximo e para as coisas superiores do espírito, antes que usá-la em seu egoístico interesse. Não conseguia encerrar-se no seu próprio egoísmo, sem nele incluir e abraçar todos os seus semelhantes.

Não o conseguia. Parecia ter nascido como uma doença incurável, sem remédio. Em face do mundo ele aparecia como um aborto, um biótipo errado, como uma contradição biológica desprezada por todos. Na corrida geral para a vida, todos o expulsavam, e o deixavam de lado. Quem tinha razão? Ele, ou o mundo? Era ele o estrangeiro em terra alheia, o fora da lei, aquele que não possui direito a vida, que era direito de todos.

Que fazer? O antagonismo e a inconciliabilidade eram insanáveis. Não podia renunciar a ser ele mesmo. O seu mundo interior, que expressava a sua verdadeira natureza, clamava dentro dele e ele não conseguia silenciá-lo. É mais fácil remover uma montanha do que mudar um tipo de personalidade, fruto de quem sabe quantos milênios de vida. O seu mal era congênito e fazia parte de sua própria natureza. Não havia remédio que o pudesse sarar. Encontrava-se ele numa espécie de incapacidade de adaptação a lei biológica que se lhe deparava como a da animalidade e que, por isso, não conseguia aceitar de nenhum modo. Sua natureza rebelava-se; melhor seria renunciar à vida, antes que reduzir-se a aquele nível. Sua natureza recusava-se a ocupar-se das normais astúcias para tirar benefícios concretos. Não aspirava alcançar o tão admirado sucesso, muitas vezes obtido em prejuízo do próprio semelhante, nem conseguir a vitória que esmaga o próprio semelhante, não obstante o mundo considere isto como prova de valor. Os valores que ele almejava conseguir eram de natureza completamente diversa e ele não conseguia ocupar-se senão destes. Sentia uma invencível repugnância contra as vitórias do mundo e as rejeitava com nojo. Ele as havia analisado e conheci-as, e não era bastante ignorante para deixar-se iludir. Procurava os valores eternos que não se tornam ilusões.

Aquele homem havia identificado os seus ideais e instintos no Evangelho. Se a sua era uma doença, podia ser denominada a doença do Evangelho. Enquanto este é lido, comentado, pregado, repetido, pacificamente, sem incômodo, sem deslocar nada da própria vida, do mesmo modo é costume com tantas mentiras convencionais, o Evangelho alcançar aprovação plena do mundo. Mas é considerado doença quando alguém pretende vivê-lo seriamente; praticá-lo deveras, nos fatos, não como coisa aplicada na superfície da pele, mas fundida no sangue, como parte da própria vida. Torna-se, então, um escândalo também entre os crentes, quando se fazem as coisas de verdade, quando, depois de tanto

trabalho e esforço de adaptação, se haja conseguido alcançar um resultado feliz, ficam todos de pleno acordo, o que bastaria um consentimento formal exterior. Esta é a linha traçada pelos costumes do mundo, é a lei consagrada pelo uso, consolidada pela prescrição. Desobedecer a esses costumes constitui bem grande incômodo para os bem-pensantes, importa numa espécie de revolução no meio de todas as adaptações tão bem destiladas, produto de esforços seculares. Por certo que os gênios, Os heróis e os santos levaram a efeito estas revoltas, mas quem pensa em imitá-los? Eles estão, no alto, sobre os pedestais dos monumentos, nos altares, lá em cima, fora da vida prática que possui bem outras exigências. E, se viveram, isto se deu quem sabe onde ou quando, por certo bem, longe das nossas férreas necessidades de todo dia, e mais longe ainda fugiram para os seus céus inacessíveis. O que fazer então? Impossível é a evasão do dever da vida sem incidir em maior dano. Devendo aceitar a vida e tendo de vivê-la nessas condições, o, nosso personagem não pode fazer outra coisa a não ser transformá-la em missão, tudo sofrendo pelo bem alheio, ajudando no caminho da evolução. Vida de sacrifícios. Mas quem mais possui, não pode possuir somente para Si; a quem está na frente compete o dever de fazer com que os outros, também, se adiantem. Se ele, no seu passado, havia experimentado e vivido de larga forma o Evangelho, se o havia assimilado e, dele, pela repetição constante, havia constituído para si aqueles automatismos que formam os instintos, competia-lhe guiar os outros no mesmo trabalho de assimilação. O que representava para ele o seu passado, constituía o porvir dos outros, e a esse futuro é preciso chegar.

Eis como era inevitável o choque, no encontro entre instintos, completamente diversos, no embate entre duas fases de evolução e suas respectivas leis. Trabalho duro, de combate tanto mais difícil, porque pelo menos de um lado, devia ser mantido sem armas. Quem, então, defenderia esse homem contra o mundo? Este opunha-lhe os próprios métodos e dizia-lhe: quem esperas que venha em sua defesa se não sabes defender-te por ti mesmo? Pior para ti se, por amor ao Evangelho, renuncias à guerra! De certo, os gênios, os heróis, e os santos já fizeram tudo isto e o mundo os admira. Mas admira-os hoje porque, de alguma forma, deram prova de haver sabido vencer, e o mundo respeita o vencedor em qualquer campo, porque vencer significa ser o mais forte. Por isso é que agora são aclamados. Mas antes que aqueles grandes conseguissem afirmar-se, antes que admirados, foram desprezados e condenados.

Alcançamos o ponto crucial da questão. Delineado está o conteúdo de **A Grande Batalha**. Eis os dois tipos biológicos que se defrontam e empenham-se, na luta com armas desiguais. Quem vencerá? Eles representam dois mundos. Quem é o mais forte? Quem triunfará? Eis o que iremos ver neste volume. A Batalha desenvolve-se em dimensões diversas entre os dois planos de evolução sobrepostos. É a batalha que conduz o homem a um plano biológico mais elevado, da animalidade à espiritualidade, a batalha da superação, dá verdadeiro progresso. Atrás da luta, que personificamos para maior clareza, em dois tipos biológicos, há uma luta mais profunda de princípios e de métodos. Antepusemos aqui dois tipos de homens, mas, no correr do caminho, a exposição despersonalizar-se-á cada vez mais, até tornar-se encontro de duas idéias. Deixaremos, então, que fale a vida, para que nos revele os segredos dos seus planos superiores. A evolução revelar-nos-á a sua técnica ascensional, que é a escada com a qual o homem pode alcançar o céu. Adquirir o conhecimento e possuí-lo significa ser mais forte, e dá o triunfo. Isto é quanto procuraremos fazer, isto é aprender a conhecer mais elevados, dignos e poderosos métodos de luta, para vencer.

\* \* \*

No combate entre evolvido e involuído assistimos a uma luta entre os representantes de dois planos biológicos diversos. Assim é que cada um dos dois combatentes se comporta diversamente, conforme os diferentes princípios de seu próprio plano...

Os moventes psicológicos que movimentam o involuído são, os instintos. Não possui ele, ainda, o conhecimento que o oriente na ação, iluminando-o acerca das conseqüências de seus próprios atos. Não formou, ainda, uma consciência para autodirigir-se com inteligência no seio das leis que regem o universo e, pois, sua própria vida. Debate-se, por tentativas, num mundo de que não conhece a estrutura

íntima, as razões da existência e as finalidades a alcançar. É, ainda, um menino que procura e experimenta. Mas, se não conhece o caminho, como se pode dirigir? Deixa-se por isso, conduzir pelos instintos que representam a consciência elementar adquirida, no passado, na fase evolutiva precedente, que é a da animalidade. Nos casos onde o indivíduo não alcançou ainda uma autonomia consciente de si mesmo, suficiente para que possa dirigir-se de per si, é a consciência da vida que funciona para ele, dirigindo-o, como se faz com os meninos. Ele não toma ainda parte nas diretivas da vida, como fará depois quando estiver bastante maduro; não é, ainda, operário de Deus, colaborante orgânico no funcionamento do universo. Somente segue e obedece aquelas diretivas, da mesma forma como não podem deixar de fazer plantas e animais, aos quais falta conhecimento. Obedece à sabedoria da vida que o manobra através dos instintos, fazendo com que faça aquilo que ela sabe deve ser feito para alcançar os fins que ela sabe devem ser alcançados.

O homem atual acredita estar mandando. Mas como pode fazê-lo quem ainda não conhece a máquina que deve dirigir? Quando o homem acredita mandar, na verdade, obedece aos próprios instintos; quando grita que quer liberdade, sem sabê-lo pede a liberdade de obedecer àqueles instintos. Representam estes a mola para a continuação da vida: a fome, para a conservação individual, o amor, para a conservação da espécie, o instinto de expansão e progresso, para a evolução do ser; tudo vivido conforme a lei biológica da luta tendente a seleção do mais forte, daquele que representa o tipo que a evolução quer produzir naquele plano e que, por isso, naquele nível é o melhor, o ótimo entre os valores, ainda que, depois, com o deslocamento da escala dos valores evolutivos, em outros planos de vida, ele possa representar um involuído retrógrado, considerado um pior. Estamos prevalecentemente, ainda, no plano animal em que dominam os instintos. Se nele aparecem, por vezes, elementos éticos superiores, o terreno é sempre o dos instintos, que religiões e leis procuram disciplinar, canalizando-os, mas, mesmo assim, respeitando-os porque constituem a base naqueles planos de vida.

De outro lado encontramos o tipo biológico do evolvido. Os impulsos que o movem são diversos. Continua ele possuindo seus instintos, filhos de sua passada animalidade, mas ele os conhece; sabedor de suas finalidades, domina-os e os dirige. Havendo alcançado o conhecimento, pode, agora, mandar em vez de obedecer. É um iluminado, que avalia as conseqüências de seus próprios atos; é, agora, um piloto que pode dirigir seu navio, não é mais um menor de idade, ignorante, mas um adulto que conhece as feições da vida e nelas sabe mover-se inteligentemente. O evolvido é aquele que alcançou a verdadeira liberdade que somente o conhecimento pode outorgar. É a liberdade de autodirigir-se conscientemente e não aquela de obedecer aos próprios instintos. A consciência alcançada o conduz ao uso dessa liberdade na espontânea adesão à lei de Deus, tomando-se seu operário para colaborar no funcionamento do universo. Este será o tipo de homem que a evolução produzirá no futuro, um homem que saberá dirigir conscientemente e com conhecimento, não só a sua vida, mas que poderá tomar as diretrizes do fenômeno da evolução no seu planeta. O seu progresso ascensional leva para uma sempre maior conquista de liberdade e de comando. As leis da vida estão ávidas de conceder-nos tudo isto, mas, por força da incapacidade e da falta de preparo do homem atual, inadaptado a exercer tão delicadas funções de elevada responsabilidade, são impedidas de fazê-lo. Como conceder tão grandes poderes a quem não oferece nenhuma garantia de saber usá-los bem? Do contrário, como verificamos relativamente à descoberta da energia atômica, é imediatamente levado, com tudo o que seu conhecimento pode alcançar, a fazer dele um meio de destruição. Para ter o direito de mandar é preciso possuir muita inteligência e muita bondade. Entretanto, verificamos diariamente qual o uso que em geral se faz na terra de toda forma de poder.

Neste plano subsiste a luta, mas ela toma formas e finalidades diversas. A luta não se destina a selecionar o biótipo do mais prepotente, do dominador egoísta, do destruidor anti-social do bem alheio; não se trava para fortalecer-nos na animalidade, mas para, ultrapassá-la e dela sair para formas de vida superiores. A luta, nesse caso, não existe para satisfazer os instintos, mas para submetê-los não para dominar, mas para domar a própria animalidade; não para conquistar um poder por exclusiva vantagem pessoal, mas para a coordenação orgânica de todos, exercendo, quando necessário, também o poder, mas como missão em favor de todos. Neste plano a tábua dos valores é diversa e o tipo do melhor, o modelo

que a vida quer produzir é um outro, porque, mudando as posições ao longo do caminho da ascensão, as finalidades que agora se devem alcançar são diversas. Toda fase de evolução possui leis, o seu trabalho construtivo a efetuar, os seus planos particulares a serem realizados, em função do grande plano geral da Lei de Deus e da reconstrução completa do ser.

Quando a nossa ciência fala de leis biológicas, acredita falar de leis universais e absolutas, mas estas são apenas as leis do nosso plano de evolução e não dos outros. Cada um deles possui leis próprias, de modo que podemos dizer existem tantas biologias diversas e, no caso que estamos estudando mais de perto, existem duas biologias, a do involuído e a do evolvido. Nesta segunda as leis da primeira não têm mais valor. Isto desloca completamente o juízo que na terra se pode fazer do biótipo do evolvido que nela pode nascer excepcionalmente. A biologia terrestre possui um modelo, cunhado com o estampo do involuído e toma como irregular, não o reconhecendo como modelo superior, o biótipo do evolvido. A ciência, por ser agnóstica e ignorar os últimos fins do transformismo da vida, não consegue reconhecer naquele tipo o porvir da evolução.

Estudando a seguir, neste volume, o desenvolvimento ascensional humano, verificaremos como corresponde ao desenvolvimento dos planos evolutivos da vida, por força dos fins supremos que ela se propõe alcançar, um ingresso do atual tipo biológico numa zona de sempre maior e intensa espiritualização, entendida não só como desenvolvimento de sensibilidade e de inteligência, mas, também, daquela consciência ética que é indispensável para quem se destina a conviver no grande organismo futuro da humanidade. A lei que, na nova fase de evolução, regerá o mundo biológico, não será, então, a hoje reconhecida pela ciência, mas será o Evangelho. Dessa forma, com um completo revolvimento de valores, passar-se-á do reino do involuído ao do evolvido. Podemos, desse modo, começar a imaginar qual será a nova biologia do porvir, aquela que compreenderá a significação positivamente construtora dos ideais, a que alcançará entre seus valores também a ética das religiões e que marchará para a seleção de um tipo biológico diverso, propondo-se alcançar a formação do mais justo e do melhor, não mais, como agora, do mais forte ou do mais esperto. Biologia nova, orientada diretamente, que formará como próprio modelo um ser regido por uma forma mental diversa, por uma inteligência mais aguçada, não desperdiçada em inúteis competições contra o seu semelhante, mas utilizada para as conquistas da ciência, para o domínio sobre as forças da natureza, para alcançar o conhecimento das leis da vida e, com isto, a consciência de cidadãos do universo.

Aquelas antecipações da evolução, que hoje, para libertar-nos da animalidade, são confiadas da religiões e à sua ética normativa da conduta humana, e ditadas por superiores tipos de evolvidos, quais princípios éticos destinados à guia do gênero humano ao longo do caminho da ascensão, então, não serão mais acessíveis pelos caminhos nebulosos da fé, único meio possível para os meninos que ainda não podem compreender tudo, mas serão alcançadas pela maioria de forma racional, e demonstrado pelo positivismo científico. Somente então poder-se-á compreender a profunda significação do Evangelho e como este, em suas simples palavras, mostra, para quem possua olhos para ver, não só suas profundas significações, mas também que quem as ditou conhecia plenamente a solução dos problemas mais árduos da ciência e da filosofia que não conhecemos ainda. Verificar-se-á, em outras palavras, que Ele possuía o conhecimento e que a nós, não foi possível, pela nossa incapacidade de compreensão, senão aprender as últimas, simples e práticas conclusões necessárias para bem viver. Mas quem consiga analisar os elementos dos quais derivaram aquelas conclusões, não pode deixar de perceber que elas descem da mais profunda sabedoria. Esta será a maneira pela qual o homem do futuro avizinhar-se-á do Evangelho, o modo do homem inteligente que deve aderir espontaneamente quando convencido pela evidência que não pode deixar de alcançar quem tudo compreendeu. Mas, para isto alcançar, é necessário o novo tipo humano, o evolvido, que possua, como dissemos, conhecimento e consciência.

\* \* \*

As observações que vamos fazendo nos deixam compreender qual seja a atual posição do

homem ao longo da escada da evolução, e qual seja a função biológica que em sua vida representam os princípios ideais da ética e das religiões.

A atual fase do homem é a do ser que está cumprindo os primeiros passos para sair da animalidade. Por isso, com relação ao tipo excepcional, que algumas vezes aparece na terra, que saiu da animalidade, e que .havemos denominado o evolvido, o outro tipo, o mais comum é representado por aquele que chamamos de involuído. Trata-se de maior ou menor caminho percorrido, de posições diversas no caminho da evolução. Mas todos permanecem irmanados num organismo único, em que os poderes maiores dos mais adiantados importam em maiores deveres em benefício dos mais atrasados. Todavia o tipo verdadeiramente homem, no sentido de já se haver distinguido completamente da animalidade; é representado pelo evolvido, enquanto do outro lado, debaixo da média, o selvagem e o delinqüente representam o tipo que permaneceu ainda quase totalmente no plano da animalidade.

Notamos, pois, estas graduações: 1º) o ser exclusivamente animal, que precede evolutivamente o aparecimento do homem ao longo da escala zoológica; 2º) o tipo selvagem ou o delinqüente, que representa o homem que, não obstante morfologicamente parecido com o homem,, permaneceu ainda substancialmente no estado animal; 3º) o tipo humano dominante que representa- uma transformação, mais ou menos adiantada, do animal em homem; 4º) o tipo hoje super-humano, excepcional, que, porém, constituirá o tipo normal humano do porvir, representativo da transformação completa do animal em homem. É destes, dois últimos tipos que nos ocupamos aqui, denominando involuído o terceiro e evolvido o quarto.

Eis a posição do homem atual. Não se pode deixar de reconhecer que ele é guiado pelos instintos, o que o coloca na posição biológica da animalidade. Nisto ele acompanha quase automaticamente o que a sabedoria da vida impõe aos primitivos ignorantes, para fazê-los cumprir o que corresponde aos seus fins. Neste terreno o homem obedece como os animais, sem saber as razões e sem perceber os fins daquilo que faz. Todavia, embora isto seja verdadeiro, é preciso reconhecer que este não é o homem total. As ciências medicas e biológicas, vendo nele somente a parte física, o estudam como um animal. Não obstante isto, há no homem, ainda, alguma outra coisa além do corpo, alguma coisa mais, que não permite que o homem, também o tipo que chamamos involuído, possa classificar-se entre os animais. É alguma coisa que estes não possuem e de que surge o direito para o homem, também involuído, de distinguir-se deles.

No seio da raça humana nasceram, embora excepcionalmente, seres superiores, super-homens evolvidos, situados, por seu desenvolvimento moral e mental, completamente acima da animalidade, isto é por qualidades que esta absolutamente não possui. E estes super-homens tomaram o corpo do involuído submergido na animalidade, mesclaram-se com ele na mesma vida, submetida aos mesmos instintos e funções, ensinaram-lhe muitas coisas que ele não conhecia e que sozinho não teria conseguido conhecer. Com a palavra, com os escritos, com os exemplos, eles deixaram idéias e normas de vida, um patrimônio precioso, que a animalidade nunca haveria podido produzir, descido de mais elevados planos de evolução, um patrimônio acessível pela fé, a ser assimilada para a ascensão e que foi chamado revelação.

Na humanidade existe esta semente, esta lição a ser apreendida, guia para evolver, que não é encontrada na animalidade. Na terra apareceram os profetas, os gênios, os heróis, os mártires do ideal, os santos.

Iluminam a animalidade dominante, deixando atrás deles uma esteira de luz. Andando sobre esta esteira, a humanidade moveu-se para superar a própria animalidade. Deu-se, assim, início a um caminho novo, desconhecido na fase animal anterior, o caminho da superação da animalidade. Assim é que o involuído sobe, passo a passo, daquele nível até o do evolvido.

Eis a posição atual do homem. Constitui tarefa dos poucos seres superiores que nascem no seu seio, como pioneiros do porvir; antecipar as bases futuras da evolução. Os pioneiros apareceram, traçaram o caminho e indicaram a meta. Isto significa será aquele o terreno a ser alcançado.

O homem está, pois, na fase de transformação, ao longo da senda que o conduz do animal ao verdadeiro homem. Os instintos são animais, mas a eles sobrepõem-se religiões, leis, ideais, normas éticas disciplinadoras da conduta, um mundo desconhecido pela animalidade. Mesmo em estado

embrionário, aguardando desenvolvimento, há no homem a inteligência, a espiritualidade. O homem é um ser que embora possua muitos pontos comuns com o animal, todavia pensa, acredita em princípios, olha para os ideais, coloca problemas e efetua pesquisas para conquistar o conhecimento

Achando-se em fase de transição, é natural que o homem, no âmbito de sua vida, encontre os princípios de duas leis diferentes: os da animalidade e os da espiritualidade. É exatamente o terreno humano aquele onde estes princípios se chocam, disputando o domínio do homem. Há a lei da animalidade forte de um passado que não quer morrer, e há a lei da espiritualidade representativa do porvir ao qual pertence a vida. A evolução arrasta o homem do primeiro no segundo mundo. E é para chegar até lá que o homem vive, luta, sofre, experimenta e aprende. A grande massa da humanidade está em caminho; os indivíduos, embora estejam uns mais adiante e outros mais atrasados, todos estão na mesma senda. Oscilam entre os dois planos de vida e entre as duas leis que os regem. Ora lançam-se num, ora no outro; ora ouvem e escutam a voz do bem e efetua o esforço da subida, ora abandonam-se às forças inferiores e retrocedem. As vezes propendem para o Anti-Sistema, outras vezes para o Sistema, e isto até que consigam emergir da animalidade, tornando-se verdadeiros homens, ingressando no reino do evolvido. As religiões, então, são vividas espontaneamente, dispensando condenações ao inferno; obedece-se, então, às leis sem necessidade de, sanções, vive-se, enfim, como viveram os seres superiores descidos na terra para iluminá-la. A atual fase de transição estará superada e o homem poderá. então situar-se definitivamente num plano superior da evolução.

A Grande Batalha, da qual tratamos neste volume, toma precisamente em consideração o encontro, no terreno humano, entre animalidade e espiritualidade. A primeira toma sua expressão numa orientação materialista epicúrea, a segunda numa espiritual idealista. Estes dois pólos são, efetivamente, os norteadores do pensamento humano: ciência e fé, poder civil e poder religioso, estado e igreja, correspondentes aos dois elementos fundamentais do ser humano: corpo e espírito, o primeiro filho da animalidade do passado, o outro conquista do porvir. A Grande, Batalha desferra-se.. ente. os dois, o corpo animal, da retaguarda, e o espírito, da vanguarda. A função das normas das leis e das religiões, promulgadas por superiores evolvidos, como nossos guias, é exatamente a de cortar as presas da besta, para levá-la educando-a em formas de vida mais civilizadas. Torna-se claro, imediatamente, que essas normas se dirigem ao tipo do involuído, e este é o homem que pressupõe em suas diretrizes. Usam, de fato, para alcançar a obediência, a psicologia do dano pessoal, por saberem que o involuído é sensível somente a isto. Disto é que decorrem infernos e sanções civis e penais, sem as quais qualquer norma espiritual ou material ficaria sem efeito. Sempre, tudo à base de punições, não de convicção. Isto revela precisamente o mundo da involuído, eis que as constrictões desaparecem tão logo se penetre no evolvido, onde. não teriam mais sentido. Este último tipo não precisa mais ser; educado, uma vez que já o é, não tem necessidade de ameaças. para ser induzido a obedecer, eis que já assimilou em si, aquelas normas e as possui como seus instintos.

Com isto podemos compreender a posição atual do homem ao longo da escala da evolução e qual seja a função biológica dos princípios ideais da ética e das religiões. Isto permite-nos atribuir ao Evangelho, verdadeiro código religioso da civilização ocidental, além das suas significações comuns, também uma expressão biológica, a estabelecer um seu especial valor ainda no terreno científico, definindo sua posição ao longo do caminho da evolução. Biologicamente o Evangelho representa o futuro e, algum dia, portanto, haverá de tornar-se realidade. Eis, então, que tudo isto pode fornecer uma prova racional de que os princípios do Evangelho irão vencer e isto, não para o triunfo desta ou daquela religião ou partido, mas por lei de evolução que é lei de vida para todos. Vamos aqui desenvolver o conceito apontado um pouco antes. Valoriza-se, assim, o Evangelho também em face da ciência, tomando uma nova significação positiva, como expressão de um fenômeno social biológico, fatalmente ligado ao desenvolvimento do fenômeno da vida. O Evangelho, na sua substância, eleva-se, assim, ao valor de fenômeno biológico universal que haverá de verificar-se, não somente entre este ou aquele povo, mas em todo lugar onde haja vida.

Em outras palavras poder-se-á dizer que, chegada a um mais alto grau de maturação, a vida evangeliza-se no sentido de reordenar-se e reorganizar-se conforme os princípios ensinados pelo

Evangelho: processo universal que, nas diversas formas, próprias de cada religião, poder-se-á verificar, igual em sua substância, em todos os povos, uma vez que o processo de amadurecimento da vida não pode deixar de ser substancialmente igual para todos. Eis, pois, que uma biologia mais ampla, que abranja não só o passado e o presente, mas também o futuro, não poderá deixar de ter em conta a reorganização a ser levada, nas formas sociais da vida humana, pelos princípios do Evangelho.

O involuído representa a matéria prima da vida, ainda no seu estado bruto. Não é possível negar seja o primitivo um forte. A primeira lei de seu plano é a seleção do mais forte. E para ele o ser forte constitui tudo. Esta sua prepotência que alcança a ferocidade, constitui aquela matéria prima a ser refinada através da experiência, até transformar-se em inteligência e bondade. Aquela força, para refinar-se, deve ser forjada na bigorna da dor; efeito da ignorância e do erro. O primitivo é forte mas é ignorante e procura suprir a falta de inteligência com a brutalidade; é tão ingênuo que acredita seja possível vencer com a força. E quando usa a astúcia, a sua míope vista não alcança senão poucos metros de distância. É simplista e alia a muita força poucas idéias. Parece que uma coisa esteja em relação inversa da outra.

No evolvido encontramos o contrário, mas é natural que na luta cada qual se manifeste como é e ponha em ação as qualidades que possui: o involuído, a força e o evoluído, a inteligência. O primeiro, seguindo um impulso elementar, arremessa-se a abrir caminho com a violência, e não se da conta das inevitáveis reações, embora longínquas e lentas, das suas ações, nem da complexidade da rede de forças da vida em que se movimenta. Acontece, assim, que este, com toda a sua força, pratica uma série de erros, dos quais não poderá eximir-se de sofrer as reações. Isto depende de sua ignorância que o faz acreditar ser lícito e possível praticar tudo, conquanto a força lho permita. Deve ele aprender ainda que se está movendo dentro de um organismo de leis e de forças poderosíssimas, a serem seguidas com inteligência e obediência, e que é absurdo aquele seu sistema de querer impor-se a tudo e a todos. Assim, ele bate a testa continuamente contra as paredes, com o resultado, não de derrubá-las como acredita possível, mas de quebrar a cabeça, porque entre os dois, a sua vontade e a lei, a mais forte é sempre esta última. O resultado de tudo isto é que o involuído há de pagar e, como verificamos de fato em nosso mundo, ele está sempre pagando. E não pode nunca ultimar o pagamento enquanto não acabe de semear erros e não alcance a compreensão da constituição e funcionamento do universo. Assim é que o homem sofre e paga. Isto, entretanto, não quer dizer que tudo não esteja perfeitamente no seu próprio lugar. O homem sofre e paga, mas pagando aprende, e é este, precisamente, o processo da evolução humana. Quem está rico de força, mas :pobre de inteligência, como o é o primitivo, possui a força e a utiliza para chegar à conquista da inteligência. Com o viver transforma-se a quantidade em qualidade, a rude energia vital em pensamento, readquire-se no espírito o que se perde no corpo, em poder espiritual o que se perde de força material.

Quanta diferença há entre a beleza escultural do corpo de um atleta, de face obtusa e frente achatada, e o corpo frágil e esbelto de um sensitivo de olhar profundo e frente espaçosa! Eis a transformação que chega a mostrar-se até no plano físico! Este é, precisamente, o trabalho da evolução: transformar a força em inteligência. É dessa forma que nós explicamos o inverter-se da posição entre o involuído e o evolvido, isto é como no primeiro prevalece a força e escasseia a inteligência, e como no segundo domina a inteligência e é diminuta a força física. Assistimos, sem dúvida, a um processo de espiritualização, cujo verdadeiro sentido é este, amplíssimo, de desenvolvimento evolutivo.

Se o primitivismo possui a força, isto não se lhe dá para a continuação do mau uso, mas com a finalidade de produzir um resultado de valor, em benefício do ser. É assim que nascem a inteligência, a sensibilização, o conhecimento, a consciência, e todas as qualidades próprias do espírito. Este fato o observamos como produto do progresso, tanto para toda a humanidade, como na formação das elites, na ascensão das classes sociais. Dissemos que entre os instintos fundamentais da vida, não há apenas a fome e o amor, mas, outrossim, o instinto de progresso. Em todos há uma tendência ao refinamento, tão logo haja a possibilidade de uma melhoria nas condições de vida. A tendência a civilizar-se é o resultado deste instinto. Não só há a vontade de viver e produzir-se mas também, a de progredir. O que, afinal é lógico, eis que, diversamente, o viver e reproduzir-se não teriam finalidade e de nada serviriam.

## II

### ENCONTRO DE LEIS E PLANOS DE VIDA

Procuremos observar, sempre mais de perto, o encontro entre involuído e evolvido na vida real do nosso mundo.

O embate não é, por nada, pacífico e desenvolve-se no terreno de uma luta desapiedada, de todos contra todos, do mesmo modo como ocorre, embora em outra forma, entre as feras da floresta. Em nosso mundo prevalece a lei do involuído, por força da qual o modelo ideal, o que mais vale, é o mais forte. Não se trata exatamente de um mais forte de musculatura, presas ou garras, como na floresta. A força aqui se refina na astúcia, a ferocidade pode esconder-se sob uma veste hipócrita de bondade, mas o princípio permanece o mesmo, tornando a vida ainda mais desapiedada e difícil, debaixo de uma aparência que esconde a verdadeira natureza da realidade.

Poder-se-á dizer com isto que a vida é dura, mas não que seja ilógica. É sempre coerente e justa. Como poderia deixar de ser dura, uma vez que se trata de planos de vida inferiores, cuja finalidade é de colocar solidamente as bases da vida, que, antes de ser boa e sábia, deve ser forte? Na fase do involuído devem ser plantados os alicerces do edifício biológico e nesta não é ainda possível cuidar dos embelezamentos e refinamentos das superelevações posteriores. Naquela sua fase elementar de evolução, a vida não cuida ainda de construir o homem orgânico das grandes unidades coletivas, como o será o componente de uma futura humanidade disciplinada e pacífica. Este trabalho dar-se-á depois, na fase do evolvido, mas, nesta, do involuído, a vida quer alcançar outras finalidades, quer produzir outro fruto. Quer criar o indivíduo forte, matéria prima para as criações posteriores, mais complexas. O indivíduo representa o bloco de pedra. Com a sua multiplicidade poder-se-á, depois, elevar o edifício futuro.

No seu trabalho de reconstrução, a vida deve enfrentar uma infinidade de problemas e os vai resolvendo sucessivamente. O trabalho a ser executado num plano de existência, não pode ser efetuado num outro. O ser que começa a existir num ambiente hostil, deve aprender, em primeiro lugar, a manter-se nele, impondo-se com a força. Neste plano, a bondade, qualidade preciosa quando se trata de conviver socialmente, constitui uma verdadeira fraqueza, um defeito, um, valor negativo, daninho e contraproducente. Há, pois, razão justa, quando, nos planos inferiores, a vida deixa que o débil seja desprezado, antes que ajudado, deixa que o instinto do mais forte seja o de esmagá-lo para eliminá-lo. Esta é a lógica daquele plano de evolução, ainda que a lógica dos outros planos seja diversa. Também a floresta possui as suas leis, e os selvagens, como as feras, obedecem-lhes. Se isto toma formas ferozes, esta é a sua justiça; se isto, para quem se encontra mais no alto, parece anarquia e caos, aquela é a sua ordem.

Nesse mundo de egocentrismos rivais, onde tudo é inimigo, o matar produz vida, porque libertar-se de um perigo, significa conquista de espaço vital. Onde tudo é inimigo, destruir corresponde à vitória sobre todos os rivais. Por que, de outra forma, a natureza haveria dotado todo ser com suas próprias e adequadas armas de ataque e defesa? E por que, diversamente, tão logo o mundo, começa a civilizar-se, nascem aquelas soluções evangélicas, aparentemente absurdas, uma vez que invertem aqueles princípios com a pretensão de destruir aquelas armas, que, anteriormente, era a garantia das bases da vida? Será que esta enlouqueceu? Não obedece mais às suas medidas habituais de lógica e prudência? Não podemos acreditá-lo. A razão está em que a evolução, levando o ser para outro plano, para nele trabalhar, quer outro comportamento, segundo os princípios de uma lei diversa. A vida não pode deixar

de permanecer lógica e coerente em todo seu momento. Eis como e porque, enquanto o primitivo, pelas razões ditas, chega ao ponto de encontrar gozo no matar, um dos primeiros mandamentos de Deus, promulgados por Moisés, é o "não matarás" que, em Cristo, vem a ser ama o teu próximo

As proposições do raciocínio do involuído são muito simples: ataque e defesa; constituem-se totalmente de força e de pouca inteligência. O que faz uma fera quando alguém se lhe avizinha? Recebe-o com suas garras. Da mesma forma os selvagens, se um estrangeiro chega ao seu território, o recebem a flechadas. E, em nosso mundo, com o desconhecido, usa-se de grande cautela, supondo-se nele um inimigo. As leis religiosas e civis tratam, o indivíduo como um rebelde a ser induzido a obediência.. Por isso é que todas as suas normas são acompanhadas da respectiva sanção penal, sem a qual não surtiriam efeito. Assim é que não se consegue ainda conceber um estado sem exército, um governo sem polícia, uma religião sem inferno. Isto compreende-se e justifica-se precisamente pelo fato de estarmos ainda no reino do involuído.

Nestes planos inferiores a vida pensa concretamente. As proposições do seu raciocínio são golpes materiais. Não podendo utilizar a mente, ainda não desenvolvida, usam-se os meios físicos. É pelo uso reiterado destes que a inteligência se desenvolve. A sensibilização é ainda escassa e é necessária uma sólida experimentação para fazê-la aparecer. As experiências do ser aperfeiçoado, dos planos mais elevados, não seriam percebidas, por serem demasiado sutis. Não obstante o que a fera e o selvagem pensem, porque toda ação é resultado de um pensamento, suas ações são preponderantes sobre o pensamento, enquanto no evolvido o pensamento prepondera sobre a ação. Decorre disto que, enquanto, no primeiro caso, a ação é uma tentativa incerta por não ser guiada pelo conhecimento, no segundo caso, a ação, com muito menor esforço e gasto de energia, alcança maiores resultados, já que, focalizada por um pensamento preponderante, atinge exatamente o objetivo e não vai ao acaso, como acontece inevitavelmente a quem não conhece e não sabe pensar.

O primitivo é rápido em suas decisões porque pensa pouco e age muito. Este seu muito agir constitui todo o seu pensar O evolvido é lento na ação, por ser ponderado, porque suas conclusões derivam de uma muito maior quantidade de fatores. Por isso é que, enquanto o primitivo parece efetuar grandes trabalhos, uma vez que se agita muito e não sabe pensar senão dessa forma, fisicamente, o evolvido, por sua vez, cumpre um trabalho interior, invisível, mas de grandes resultados, embora pareça que nada faça.

No plano do involuído, quem mais desfere golpes vence e vive; quem mais os recebe, perde e morre. Tudo gira em torno deste motivo fundamental. Orientar-se, compreender porque se age, propor-se os problemas do conhecimento e atormentar-se para resolvê-los, tudo isto não interessa, é considerado inútil por não produzir resultado imediato. Deste, o primitivo tem necessidade; uma vez que não enxerga mais nada no caos em que a sua ignorância lhe dá a sensação de viver. É um cego que, nas trevas, agarra tudo o que poder e as coisas longínquas escapam à sua compreensão; sua inteligência nem mesmo consegue concebê-las, por isto não pode pensá-las e abarcá-las. Por isso ele considera um teórico sonhador, um ser inútil quem se ocupa de resolver, primeiro, o problema do conhecimento que se encontra fora daquela vida prática, positiva — a realidade verdadeira, o todo — para ele. No entanto, a civilização e o progresso da humanidade devem-se em grande parte ao trabalho destes teóricos sonhadores que, com o lançamento de novas idéias e das descobertas científicas, fazem avançar o mundo.

A compreensão, pois, entre o involuído e o evolvido, é difícil. O primeiro é um domador que procura dominar o próximo para reduzi-lo à escravidão; o segundo procura dominar a sua própria animalidade e as leis da natureza para elevar-se acima delas qual seu dono. O evolvido tem consciência da Lei de Deus que dirige o universo, sabe ser alcançável a felicidade somente com uma aproximação cada vez maior ao sistema e conseqüente distanciamento do anti-sistema. Por isso a sua maior ânsia é a de saber funcionar na ordem, obedecendo disciplinadamente à vontade: de Deus. É ele o biótipo social, a célula que tende espontaneamente à unificação, possuidor de sentido altruísta, fundindo-se organicamente com o próximo, amado por ele; de acordo com o Evangelho, como a si mesmo.

O involuído não possui nenhuma consciência de uma Lei diretora, acredita somente em sua própria força, convencido de poder impor-se a todos e a tudo, seguro de alcançar, felicidade por esse

caminho. Por isso, a sua maior ânsia é a de revoltar-se contra a ordem para substituir a ela o próprio eu, indisciplinadamente desobedecendo à Lei de Deus. É o biótipo anti-social, protozoário unicelular tendente a viver individualisticamente, separado dos próprios semelhantes contra os quais luta encerrado no próprio egoísmo, isolado do próximo, como o Evangelho não quer. Para induzir esse tipo a seguir normas éticas de vida, não há senão o medo do próprio dano. Por isso os terrores da sanção punitiva do inferno formaram-se, não tanto como fruto de um espírito de domínio da casta sacerdotal, quanto por uma necessidade psicológica imposta pela natureza humana.

O evolvido é o ser mais adiantado que vive, quer viver e não pode deixar de viver o Evangelho. A Grande Batalha é travada para conseguir vivê-lo no ambiente involuído bem aguerrido com todos os recursos do seu plano. O Evangelho torna-se, assim, um novo tipo de luta dentro da outra luta comum para a vida, torna-se um Evangelho vivido e sofrido a todo momento, enxertado na realidade da vida que nos circunda. Assim os dois planos biológicos tocam-se e interpenetram-se. O caos vai reordenando-se, a revolta disciplinando-se na obediência, o separatismo individualista organiza-se na unificação. Acentuam-se, desse modo, cada vez mais, as qualidades dos planos mais elevadas, e atenuam-se as dos planos mais baixos. A exceção vai ganhando terreno e normaliza-se cada vez mais. Avizinhamo-nos, assim, sempre mais dos estados futuros, até tornarem-se presente. As antecipações encaminham-se a tornar-se realidade; a exceção a transformar-se em regra; a minoria, maioria; a tentativa, qualidade assimilada; o esboço uma forma definitiva. Então os princípios do Evangelho coincidirão com as qualidades instintivas das massas, sobre cujas medidas devem adaptar-se as leis se quiserem tomar-se aplicáveis. Poderá, então, a maioria impor os seus princípios e sobre estes organizar, em novas formas, a humanidade.

Até chegar aquele dia, o evolvido será minoria, só excepcionalmente respeitado, em geral somente depois da morte, quando o sujeito houver dado prova de tanta força, de haver sabido sobrepujar todos os obstáculos opostos a quem quer, que queira criar o novo. Estamos no terreno do involuído, onde o mais forte impera, onde manda aquele que, por possuir maior poder, haja provado saber vencer. Sobre esse terreno, o gênio, herói ou santo é exaltado somente quando, de qualquer modo, ele tenha sabido vencer. Deixado cair pelas sábias leis da vida no mundo dos involuídos para civilizá-los, o evolvido é constrangido; entretanto, a suportar suas leis e totalmente seu deve ser o esforço de enfrentá-las para modificá-las, uma vez que é esta exatamente a tarefa, dada a ele pela vida. É a ele que compete arrastar para diante a massa inerte da maioria, a qual, de seu lado, limita-se a deixar arrastar, extraindo do seu esforço, muitas vezes de seu martírio, o que lhe serve para o progresso e isto, freqüentemente, depois de havê-lo condenado, pisado, atormentado. triste é a sua sorte na terra. Raramente chega-lhe ajuda de seus semelhantes. Sorte tanto mais dura enquanto, depois de haver sido combatido e perseguido em vida, o mundo o exalta depois, na glória dos monumentos, muitas vezes tão só para dele fazer insígnia de seus próprios grupos ou partidos e para poder, depois, praticar melhor suas obras de exploração a sombra de tais bandeiras.

\* \* \*

Continuemos a analisar o encontro entre o involuído e o evolvido em nosso mundo. Este estudo deixar-nos-á compreender muitas coisas e porque estas se verificam entre nós. O fazemos não com a finalidade de condenar, condenação perfeitamente inútil dado não possuímos o poder de nada modificar, mas o fazemos para compreender, de maneira a esclarecer, pelo menos, os inteligentes, para que procurem evitar o próprio dano, sempre conseqüente de práticas erradas. Nas grandes linhas, para as massas, compete ao tempo e à história, guiada por Deus, amadurecer o desenvolvimento da vida. Estamos aqui para explicar este processo, para verificar e compreender o que acontece, deixando seja dado a cada um aquilo que merece. Não estamos aqui para refazer o mundo, o que não nos compete, mas a Deus. Estamos, sim, demonstrando que recebemos de acordo com o nosso merecimento. Enquanto quisermos ter esse ou aquele comportamento, nada nos resta senão receber as conseqüências de nossos atos, de ou-

tra forma não pode acontecer de conformidade com a justiça. Aqui estamos para provar, mais uma vez, ser tudo regido por leis invioláveis dentro das quais estamos enquadrados sem possibilidade de escapar, ainda quando nos rebelamos à sua ordem soberana. Procuramos, aqui, confirmar tudo isto descendo do estudo dos princípios gerais daquelas leis, estudo feito em outros volumes, até as conseqüências práticas e particulares que se verificam em nosso mundo, particularmente no caso de nosso plano de existência, aqui considerado. Poder-se-á ver, assim, como aquelas leis continuam dominando também a realidade da nossa vida comum, que, embora possa tornar-se desordenada e errada, não pode subtrair-se aos princípios de ordem que tudo regem.

Se o mundo do involuído funciona do modo que observamos, isto depende do fato de ser exatamente o mundo do involuído, eis que, se não o fosse mais, deixaria de funcionar como esta funcionando. O estado das coisas, qual o verificamos na terra, depende, pois, de nossa posição e grau de amadurecimento evolutivo, de nossas qualidades atuais, das quais deriva nosso modo de agir. Tudo depende da concepção da vida e da conseqüente modalidade de comportamento. Quando o homem houver entendido tantas coisas ainda não compreendidas, e com isto pensar diversamente, então procederá de outro modo e tudo transformar-se-á ao seu redor e transformar-se-á ele mesmo, único artífice do seu destino. O universo contém infinitas possibilidades e formas de vida e cada qual não pode deixar de permanecer naquela que lhe pertence conforme ele é. Há liberdade de escolher a própria casa, mas (aqui intervém a lei) não é possível ir morar senão na casa apropriada, correspondente às qualidades de cada um. Assim é que o homem poderá habitar a casa do super-homem somente quando esta lhe for apropriada. De certo, seria cômodo ir ocupá-la imediatamente porque é mais bonita, mas não é possível se, antes, não forem adquiridas as qualidades precisas. Um selvagem sujo e feroz não pôde morar num apartamento moderno feito para um homem civilizado.

O fato de nosso mundo ser regido pela lei da luta pela seleção do mais forte, prova que está situado ainda no plano animal-humano do involuído. Esse mundo baseia-se no princípio do egocentrismo individualista que conduz do estado inorgânico, funcionando com o método da rebelião. Isto não é um erro da vida, mas uma qualidade deste seu nível de evolução. A vida quer, antes de mais nada, viver, qualquer seja o seu plano de desenvolvimento alcançado. Alcança, assim, esta sua finalidade, fundamental, porque não poderia diversamente alcançar nenhum de todos seus outros fins; alcança aquela com os recursos que possui aquele plano do involuído, salvo alcança-la diferentemente em planos mais elevados, onde pode utilizar os meios mais aperfeiçoados conquistados pelo ser naqueles planos mais elevados. A vida, desse modo, alcança a sua primeira finalidade, a de viver, com garras e presas no plano animal, com a força e a astúcia no plano humano, com a coordenação dos indivíduos num organismo coletivo, no plano do evolvido. Os métodos: e os resultados são proporcionais ao estado de evolução, isto é, de compreensão e inteligência alcançada.

Explica-se desse modo como a vida aceita no plano do involuído o estado de revolta egoísta, uma vez que, nesse plano, este é legitimado por representa um ato de defesa da própria vida. Dada a conformação do ambiente, se o animal não possuísse presas: e garras, como defenderia sua vida? Se o homem não usasse força e astúcia, como conseguiria sobreviver? Se o evolvido não usa tudo isto é porque não o precisa mais para proteger sua vida; sendo esta, no seu plano, protegida pelos meios civis da organização social. A vida é lógica. A natureza é lógica. Para que deveria continuar a usar o método do ataque e da defesa, quando este foi superado e portanto não há mais necessidade para garantir a vida?

Eis, porém, como o nosso mundo, onde aquele método não foi ainda superado, se explica e justifica o seu uso. E também explica-se como quando na terra nasce um evolvido, este venha a ser reprovado. Quando o involuído o vê enquadrar-se espontaneamente na ordem, disciplinar-se obedecendo às leis e formar, com isto, o seu valor, uma sua força, o involuído o julga qual um imbecil incapaz de procurar sua própria vantagem. Não conseguem eles compreender-se uma vez que possuem duas mentalidades completamente diversas.

O evolvido desdenha prostituir inteligência e energias numa luta inútil contra o seu semelhante, seu companheiro de vida, em quem ele enxerga a si mesmo. No seu plano, a ordem é realizada e isto basta para garantir a vida, na forma necessária num plano em que a atividade deve ser

utilizada em trabalhos e para conquistas superiores. Par isso é que o seu espontâneo ato de defesa consiste no .enquadramento na ordem, eis que nesta ordem consiste toda a sua força de indivíduo orgânico.

Para o involuído as coisas são diversas. Se ele abandona por um momento a luta contra o seu semelhante; este o esmaga e o elimina. No seu plano a ordem não existe, ninguém garante a sua vida e ele tem que a garantir por si mesmo. Se não sabe defender-se ninguém o defende, uma vez que cada qual tem a sua luta e não pode pôr a seu cargo a luta dos outros. A inteligência e as energias devem ser usadas primeiramente para esse fim, o mais urgente; aquele que as use para outras finalidades é julgado um sonhador, vivente fora da realidade. O enquadramento na ordem, como método de defesa, adotado pelo evolvido, nesse outro plano do involuído não tem sentido, uma vez que uma ordem verdadeira não existe, aparecendo apenas algumas tentativas de esboço. O mundo não possui ainda, senão alguns grupos egocêntricos e imperialistas, constituídos em torno dos mais fortes, que os usam, antes de mais nada, para si, ou em função de interesses de grupo. Tudo isto não serve para garantir a vida, mas para organizar a luta em maior escala. Aceitar uma tal ordem significa tornar-se servos de um determinado chefe, que, por ser o mais forte, construiu a sua ordem para si. Nesse plano de evolução, o poder, em geral, é suportado como um peso, enquanto é exercido como uma vantagem por quem o possui. De fato, na terra, com o sistema representativo, as massas procuram defender-se contra a opressão naturalmente existente no poder absoluto. É assim que o cidadão moderno, começando a evoluir, procura defender-se contra um poder que tem sua origem histórica no estado de opressão que o mais forte acreditava ser seu direito exercer sobre os mais débeis que havia conseguido subjugar. Estamos no plano do involuído e, enquanto assim ficarmos, toda forma de vida não poderá deixar de manifestar-se a não ser com o sistema da luta, característica deste plano.

Como é possível pretender da vida que seja dado ao involuído o instinto da obediência quando esta não lhe traz vantagem alguma? Preferirá, por isso, a rebelião, quando esta lhe for mais útil para a vida. Exigir que esta ande contra a própria conservação, constitui absurdo biológico, admissível somente na mente do primitivo ignorante, desconhecedor das leis da vida e que acredita possível impor-se também a esta. De outro lado, é lógico que a vida dê ao evolvido o instinto da obediência, quando existe uma ordem, e o disciplinar-se traga vantagem.

Na oposição entre os dois diversos mundos, podem formar-se julgamentos diferentes, conforme se trate do involuído que, do baixo ao alto, julga o mundo do evolvido, ou trate-se do evolvido que julga, do alto, o mundo baixo do involuído. Para o involuído, aquele que se submete por motivo de ordem e de disciplina, não é um virtuoso, mas um covarde que aceita a servidão, é um vencido merecedor de desprezo. Teórica e oficialmente a palavra de ordem é diversa, mas isto não evita que a substância dos instintos humanos seja esta. Para estes o que conta é o homem forte, capaz de rebelar-se, impor-se, dominar, vencer. Alcançar o sucesso é á que é apreciado. Quem vence tem razão pelo fato de haver provado que sabe vencer.

Na história, a vitória legitima tudo, porque é o vencedor o construtor da verdade, naturalmente sempre para sua vantagem e glória. Quando estes são os instintos e os métodos, todos endereçados à exaltação do mais forte e à aniquilação do bom e do honesto, o que é possível esperar desse mundo senão um estado de insegurança e de luta contínua? E não depende tudo, como havíamos dito, da forma mental dominante? Tudo decorre de nossos instintos e de nossa atuação conforme a psicologia correlata.

A obediência, a disciplina, para o involuído e o evolvido, possuem significados de todo diversos. Para o primeiro representa um dano, para o segundo uma vantagem. O primeiro procura ser obedecido, o outro, obedecer. Para o involuído o homem ideal é aquele que, em qualquer campo, consegue submeter os outros a si, aquele que os outros menos conseguem dominar. Eis porque, quanto mais involuídos, tanto mais consideram valoroso o rebelar-se à ordem. Por que, em alguns países, ainda está em uso a blasfêmia? É uma prova de coragem que se pretende alardear, desafiando até a Divindade, é um descaramento da coragem. Onde esta é admirada, admira-se também a revolta, como prova de força. Como é possível pretender, nesse mundo, não busquem as religiões sua sustentação no terror da punição?

Com tal instinto de revolta, se Deus não, fosse apresentado como poderoso e vindicativo, os homens; se pudessem, o devorariam.

É assim que se explica, a psicologia da antiga religião mosaica, apresentando um Deus modelado sobre a mentalidade do involuído a quem era destinado. E, então, o homem o era muito mais que hoje. Devia, pois, ser proporcionada a ele a imagem de um Deus que falasse conforme a psicologia dominante, já que, de outra forma não seria compreendido, nem respeitado. Eis um Deus ciumento de todos os outros deuses, bem armado de punição para, conseguir obediência,. Eis um Deus, cuja primeira qualidade é a força sem a qual ninguém o teria temido. Ainda hoje o Cristianismo é forçado a buscar apoio nos terrores do inferno, sem o que não seria ouvido por muitos. Nas naturezas inferiores o temor é percebido muito mais do que o amor. Os governos absolutistas e terroristas, de fato, são possíveis somente nos povos menos civilizados.

Quando Moisés desceu do Sinai e encontrou o seu povo adorando o Bezerro de Ouro, conforme relata a Bíblia, o seu furor, em que expressou a ira de Deus, foi tremendo, e por isso Moisés, chamando a si a parte do povo permanecida fiel,, ordenou-lhe, em nome de Deus, matassem todos os infieis: "Cada um cinja a sua espada sobre a coxa. Passai e tornai a passar de porta em porta pelo meio do arraial, e cada um mate a seu irmão, e cada um a seu companheiro, e cada um a seu vizinho. Fizeram os filhos de Levi conforme a palavra de Moisés; e caíram do povo naquele dia quase três mil homens".

Se a Bíblia, na sua singeleza, parece não aperceber-se da terrível contradição, isto não nos exime do dever de procurar compreender as razões do fato. Pense-se bem: aquela carnificina, Moisés a determinou em nome de Deus, para sustentar aquela lei que a Bíblia declara ter sido escrita pelo próprio dedo de Deus no monte Sinal, lei que, em um dos seus mandamentos fundamentais, determina: "não matar". Aqui não procuramos condenar, mas, apenas, explicar-nos um fato acontecido e que apanharia Moisés em plena contradição. Como pode ter-se verificado isto e que forças obrigaram Moisés a tão flagrante contraste consigo mesmo, coisa que não é possível admitir fosse deliberadamente querida por ele?

O que obrigou Moisés a agir de maneira oposta a que determinava a lei por ele trazida, foi, sem dúvida, a forma mental própria dos homens pelos quais aquela lei devia ser aplicada O escopo daquela lei era o de ensinar. Ora, não é possível ensinar a um involuído, pretendendo que ele aprenda o que deve aprender, apenas com demonstrações, exortações, apelando para uma inteligência ou bondade que ele não possui ainda. Neste caso infelizmente, há apenas um sistema: o de deixar que o violador da lei sofra o dano resultante de seu erro. Isto pelo fato de que, naquele nível de evolução, se pode aprender somente à própria custa. Se a finalidade a ser alcançada é, de modo absoluto, a de que o indivíduo aprenda, não se pode evitar de o deixar pagar, em forma de sofrimento, o respectivo custo.

Tão somente assim é que se consegue explicar uma outra contradição semelhante, isto é, aquela de que um Deus infinitamente bom e que nos ama irrestritamente, parece encontrar-se em pleno contraste com aquelas suas qualidades quando verificamos que Ele nos deixa sofrer desapiedadamente. Quando observamos que, nem sempre, desse modo o homem aprende, força é concluir que, garantidamente e por sempre, nada aprenderia se nem tivesse que suportar as conseqüências dos próprios erros. A causa, pois, desse procedimento, que parece absurdo, não esta na contradição de Deus, mas na forma mental da criatura, que é a que, quando se queira alcançar o seu bem, impõe esse método. Assim é, para o bem da criatura, a qual compreende apenas a linguagem dura da dor, que Deus é obrigado a tornar-se desapiedado. Não é possível fazer de outro modo quando, respeitando-lhe a liberdade, se quer salvar um ser que não sabe agir senão com a forma mental do rebelde que faz consistir todo o seu valor na força para rebelar-se contra a lei, e não na inteligência para obedecer. A causa da dor, por isso, não está em Deus, o que é inadmissível, mas está nesta errada psicologia e conduta do ser.

Bastaria compreender isto para poder eliminar, com essa psicologia, também a dor que dela deriva. Mas, infelizmente, é exatamente aquela psicologia de egoísmo e de revolta o que impede que nós mesmos não sejamos a causa primeira do mal. E, desse modo, a dor permanece. Mas é lógico, outrossim, que, alcançada, por evolução, uma outra forma mental em planos de vida elevados, a dor desapareça, não tendo mais que cumprir os anteriores fins educativos, que são sua única explicação e justificação no seio

do amor, bondade e justiça de Deus. Absurdo e blasfêmia seria o admitir haja sido Deus o construtor das cadeias da dor e que a elas devamos permanecer sempre amarrados. Estas cadeias são devidas ao estado de involução e devem desaparecer com a evolução, cuja tarefa é precisamente a de tudo corrigir e sanear, reconduzindo-nos à perfeição do sistema. A dor existe para eliminar a si mesma.

A forma mental a ser corrigida é precisamente a do cidadão revoltoso do Anti-Sistema, para dar-lhe, em lugar daquela, a forma mental do obediente cidadão do sistema. Trata-se de endireitar o que havia sido invertido, isto é, de conduzir ao estado de ordem aquela psicologia de revolta., É deste contraste, dado pelo embate entre os dois métodos, opostos, que deriva aquela moral de contradição que estamos comentando. Esta contradição encontra a sua justificação lógica no contraste entre o Sistema e o Anti-Sistema, porque é o primeiro que desce do Alto para impor a sua ética mais evolvida no terreno do Anti-Sistema, exatamente para erguê-lo à condição de Sistema. Explica-se, desse modo, como, na conduta humana, aquilo que se pratica não representa senão uma porcentagem do que se prega como representação da lei de um plano superior em luta para realizar-se na terra.

Quando o mandamento de Deus diz: "não matar", quer dizer: "nunca matar ninguém". Mas quando este mandamento desce na terra, na qual é o melhor quem sabe eliminar maior número de inimigos em seu favor, então aquele mandamento se quiser subsistir em tal ambiente, deve deixar algum lugar à lei desse ambiente, e transformar-se, adaptando-se a ele. Na prática, desse modo, o mandamento vem a exprimir-se assim: "não me mates e ajuda-me a matar os meus inimigos". De fato, foi nesse sentido que Moisés não pôde deixar de entender e aplicar aquele mandamento, logo que desceu do monte e encontrou-se frente à realidade da vida. Foi uma espécie de necessidade moral e também espiritual, porque, diversamente, a idolatria sairia vencedora.

Posteriormente, com o desenvolvimento da evolução, a lei do Sistema, fazendo pressão, tornar-se-á cada vez mais atuável, até os tempos modernos em que se chega quase a condenação das guerras, coisa inconcebível aos tempos de Moisés. Mas foi daquele modo que então se chegou, certamente não por culpa dele, mas da dominante psicologia involuída, a esta conclusão estranha: que, para defender a lei de Deus, foi preciso deixar de aplicá-la. Para tornar válido o mandamento de "não matar", para tornar possível transmiti-lo a outras gerações que, depois, o pudessem aplicar, se fez necessário violá-lo primeiro, matando uma porção de gente.

Assim desde que apareceu pela primeira vez, a lei ética, deve levar em conta a realidade do mundo. A primeira coisa que Moisés teve de demonstrar com fatos ao descer do Sinai foi a inaplicabilidade imediata da lei que proclamara. Para fazê-la descer ao plano humano, para depois educar o homem ensinando-lhe a aplicá-la, Moisés teve, inicialmente, de cair numa contradição, que permanecerá através dos séculos: a de que para poder aplicar a lei que proíbe a força, se usa a força.. Para aplicar a lei, se faz justamente o que ela proíbe. Não, é o legislador moralista que mostra a aplicabilidade da lei seguindo-a ele mesmo, em primeiro lugar, e educando com o exemplo. É ele próprio, inicialmente, que prova a inaplicabilidade dela com o fato de não aplicá-la a si quando, exigindo obediência, afirma, com os fatos, o princípio oposto ao da obediência determinada pela lei, isto é, o princípio do próprio mando. Eis aquilo que na ética deve tornar-se, quando desce em um mundo onde o problema fundamental sempre presente é de ser o mais forte e de, assim, impor-se para não ser devorado. Desse modo é que encontramos na Terra uma ética de contradições, pela qual a lei parece dever valer só para os sujeitos que devem ser educados, e não para os educadores, que não ficam obrigados a aplicá-la, embora deveriam ser os primeiros a fazê-lo. É uma ética de contradição, porquanto, determinando obediência prática, a dominação. É uma ética de coação, que impõe a ordem pela força das sanções, isto é, faz a paz usando a guerra, quer atingir a não-reação usando a reação.

É assim que a ética ensina a não matar, matando; a renunciar, mantendo a posse; a obedecer mandando. O próprio moralista está imerso no plano humano, não consegue colocar-se acima de seus dependentes e com estes, mesmo em nome de altos princípios éticos, desce para a luta no mesmo nível.

Somente Cristo permaneceu em Seu plano mais alto. Somente Cristo praticou a não-reação pregada pela ética: Ele não desceu para pactuar com o mundo estabelecendo compromissos. Por isso, porque ele não quis usar a força, o mundo, usando a força, o matou. Sé puderam sobreviver as outras

autoridades que se dizem baseadas na ética, foi porque, diante da moral pura de Cristo, elas representam uma posição híbrida de comprometimento. Assim, assistimos na Terra ao estranhíssimo espetáculo através do qual, em nome da ética, se proíbe a reação punitiva individual, permitindo-se somente a da autoridade. Esta diz ao indivíduo: "Não usarás mais a violência para defender teus interesses; só eu posso usa-la para defender os meus. Eu, porque sou o chefe, o que venceu como mais forte, nego a ti o direito de matar por teus próprios objetivos para usá-lo somente pelos meus fins". Na verdade, o que cada governo faz, logo de início, é desarmar o cidadão, reprimindo-lhe a violência, para armá-lo contra os próprios inimigos, premiando-lhe com honras a mesma violência.

Na prática, a ética reduz-se a um arrancamento de poderes da massa para poucos dirigentes, fato que se justificaria se feito com finalidades educativas ou para o bem da coletividade, o que nem sempre se verifica, já que, às vezes, tais poderes podem ser usados pelos dirigentes só como vantagem pessoal. Assim a ética constitui a primeira violação de si mesma, porque os homens que a representam, na prática, fazem exatamente o que ela proíbe. Desse modo, os princípios permanecem como teoria e fica, no plano humano o fato de que, sobrepondo-se força a força, não se alcança justiça. Enquanto se aceitarem os métodos do mundo, isso não pode ser superado.

Destarte, quisemos somente explicar o estado de contradição em que se encontra a moral humana, contradição que pode parecer mentira, mas nem sempre é desejada com tal propósito. Ela pode ser aceita com uma necessidade transitória, de adaptação dos princípios superiores às exigências de um mundo inferior, onde também eles devem aplicar-se. De qualquer modo, esta contradição é fatalmente destinada a desaparecer com o progresso evolutivo, destinada a ser corrigida quando os princípios da ética vierem a ser verdadeiramente aplicados em favor da educação do homem, ensinando-lhe a viver num plano de vida mais alto.

Na realidade prática, a substância do incidente relatado pela Bíblia é que, na ausência de Moisés, uma outra casta sacerdotal se havia apossado do poder, então político e religioso ao mesmo tempo. O problema tornara-se um só: destruir os rivais com energia implacável, uma vez que diversamente eles teriam destruído Moisés. Naquele plano de vida, quem possui o poder não tem outra alternativa: se não quer ser morto, deve matar ou, como dizia a rainha Elizabete da Inglaterra com referência a sua rival Maria Stuart da Escócia:, se não se mata, se é morto. É preciso,, pois, matar. Estamos no reino da força, onde não há coisa que não seja regida pelo princípio da força, onde também as religiões, a moral, as metas ideais, a própria ação de Deus, estão baseadas na força. Não se obedece aos homens, nem a Deus, senão enquanto se está em face de alguém mais forte, e capaz de fazer pagar caro a desobediência. Nesse reino, a primeira preocupação de quem está no poder, seja o Deus das religiões como qualquer chefe humano, é a de eliminar todos os rivais, exatamente aqueles que constituem, a maior ameaça ao próprio poder. Isto significa quase um medo contínuo de perdê-lo tão logo aquela força, base de tudo, venha a faltar, e isto porque, seja no terreno político, como no religioso, presume-se o instinto da revolta, pronto a explodir nos súditos e nos fiéis, tão logo aquela força não os mantenha submissos. Estamos no plano de vida do involuído, onde não há manifestação que possa sair desta atmosfera e possa tomar outra cor, compreendidas as mais elevadas manifestações da idéia de Deus, sempre interpretações humanas do absoluto. Todo plano biológico não pode superar, nunca, o seu próprio grau de aproximação. Assim é que, em nosso nível humano, não se consegue, se não dificilmente, superar a psicologia da luta para a seleção do mais forte, lei dominante.

O involuído não pode conceber senão um Deus proporcionado à sua capacidade de concepção. O Deus de Moisés é o Deus do involuído, um Deus incompreensível de outra forma, a quem diversamente não se poderia obedecer, um Deus menos adaptado a nós que, com Cristo, pudemos alcançar uma concepção mais elevada. Se Moisés tivesse falado a linguagem de Cristo, feita de amor e perdão, houvera falado fora de tempo, demasiado em antecipação; o seu povo compreenderia apenas ser o seu um Deus bastante débil e, assim, ser possível destruí-lo rebelando-se-lhe impunemente, como de fato aconteceu quando Cristo se fez cordeiro. E destruir o próprio Deus, nesse caso, significava devorar os seus ministros e a casta que o representava.

Estamos num plano em que a inteligência é usada, não para seguir a ordem e a lei, mas para

escapar-lhe, num plano, pois, onde a primeira qualidade exigida do chefe é a força capaz de impedir esta evasão, num plano em que o maior valor do súdito é reputado o saber evadir, rebelando-se a imposição, escapando de qualquer sanção. Resultados outros não se podem obter num plano no qual o indivíduo não age senão pelo desejo de uma vantagem ou pelo medo de um dano. Dada essa psicologia, não se pode usar sendo o método do prêmio ou do castigo. Eis o inferno e o paraíso. O método da livre aceitação por convicção não pode funcionar ainda. É preciso apoiar-se sobre o instinto fundamental da vida, o de viver, evitando a dor e procurando alegria. Enquanto se permanece no plano do involuído, não há outros meios de induzi-lo, a agir, conforme a lei, eis que não obedece a outros moventes.

\* \* \*

Evolvido e involuído permanecem frente a frente, cada qual com sua psicologia, suas armas, suas finalidades. Cada um possui sua lei e, tal qual eles que as personalizam, também as duas leis são inimigas e excluem-se reciprocamente: a do Evangelho e a do mundo.

Q primeiro :artigo do código do mundo poderá ser enunciado desse modo:

"A culpa maior é a de ser débeis, pobres, honestos. Maior virtude, é a de ser poderosos, ricos, astutos. Perdão poderá haver para as outras culpas, mas não para aquela. A vida, na terra, pertence aos fortes e não aos fracos; estes devem ser eliminados. Bondade e retidão refreiam a força, paralisam a luta, devem, pois, ser ,evitadas e condenadas por serem daninhas e antivitais. Os indivíduos afetados por esta moléstia devem ser segregados e expulsos, não tendo o direito de permanecer no terreno da vida que é campo de batalha".

Todos sabem como o Evangelho ensina e preceitua diversamente. Podemos, pois, imaginar facilmente que condições desastrosas de vida o mundo apresenta àqueles que quiserem vivê-lo verdadeiramente, isto é, não apenas como teoria apregoada, mas como vida vivida. As variadas legislações religiosas e civis, não enfrentaram o princípio da luta para destruí-lo, como faz o Evangelho; procuraram apenas disciplinar esta luta, determinando-lhe limites e estabelecendo algumas regras, como fez a cavalaria no duelo ou o direito civil e penal nas relações entre os indivíduos, ou como procura fazer o direito internacional na guerra. Trata-se sempre de vantagens que não suprimem a luta e deixam de pé a força e a astúcia como bases da vida. Trata-se apenas de uma primeira ordenação dos impulsos do plano biológico do involuído, sem entretanto, sair dele para viver no do evolvido. Estes retoques representam um princípio de começo para ingressar depois neste plano, superando o atual plano inferior. E é justo que não se possa subir senão por graus, por lentas e sucessivas aproximações, mas é fato que, assim, se permanece ainda no plano do involuído.

A posição do Evangelho é completamente diversa. Representa um grande impulso para diante, na escada da evolução e coloca-se decididamente, logo e em cheio, num outro plano de vida: inverte as posições, cria uma nova escala de valores e coloca no alto deles o que no plano inferior, estava em baixo e ao contrário. Um dia, há dois mil anos, desceu na terra um Ser que não pertencia à raça humana, para ensinar-lhe um novo modo de viver, a ser aprendido lentamente, através da contínua, longuíssima experimentação da vida. É um novo impulso extraterreno que o mundo haverá de assimilar quem sabe em quantos milênios. Trata-se de um novo endereço que a inteligência, guia do todo, quer dar a vida em nosso planeta. E a humanidade, compreendendo o que pode, dado o que era, mais ou menos esperando, assim mesmo encetou a marcha. Está ainda nos primeiros passos, bem longe do ponto de chegada assinalado pelo Evangelho é o alcançará quem sabe quando. Este é como uma estrela no céu, a muitos anos-luz, alcançável definitivamente quem sabe depois de quais experiências a incidirem sobre a natureza humana, de modo a decidi-la a superar a sua animalidade. Neste caminho vamos subindo, passo a passo, elevando-nos de degrau em degrau Se, por vezes, nos escandalizamos pôr vermos que o Evangelho é, ainda, na prática, letra morta, isto quer dizer que há alguém começando a imaginar o que se deveria fazer e quanto poderíamos ser diferentes.

As grandes massas são terrivelmente resistentes a qualquer movimento novo. Podemos,

assim, compreender quais obstáculos se antepõem aos indivíduos que se esforçam no sentido de se realizarem na terra as idéias novas do futuro, e como é árdua a tarefa das religiões as quais cabe cumprir esse trabalho. São feitas, necessariamente, com material humano que deve elevar outro material humano, todos, entretanto, pertencentes ao mesmo plano de evolução. Os seres superiores constituem exceção. O que se pode esperar nestas condições? É natural que, possuindo a adaptação certos limites, a maioria não preparada ao novo alimento, procure todos os meios para adaptá-lo a si, para poder enguli-lo, ainda que não consiga digeri-lo e assimilá-lo. Desse modo explicam-se, embora não se justifiquem, as tão lamentáveis acomodações, que entretanto possuem sua função: a de tomar atuável, em porcentagem embora exígua, um Evangelho que, diversamente, em sua totalidade, não o seria pela atual natureza humana. Assim mesmo, passo a passo, no tempo, com a evolução e a adaptação, aumenta a porcentagem com que o Evangelho é vivido, e gradualmente são destruídas, num progressivo processo de purificação, as acomodações primárias;. O tempo traz evolução e, com isto, distanciamento do plano animal em direção ao espiritual, para a realização mais integral do Evangelho. Assim é que, no próximo milênio, daremos um grande passo avante.

Disto tudo podemos obter a compreensão da grandeza da função representada pelas religiões na economia da evolução humana: a de fixar na terra os ideais antecipadores do futuro, devendo fazer tudo isto no duro terreno da animalidade humana. Devemos ter um conceito progressivo, evolucionista da verdade, se quisermos compreender esta seu processo de penetração na terra. Este processo, para incidir na evolução biológica, deve atravessar variadas fases. Aparece antes na terra o Ser superior que anuncia a nova doutrina. O movimento repercute forma-se uma corrente que arrasta alguns. Mas a primeira reação da animalidade, de acordo com os princípios do seu próprio plano, é a agressão para destruir o ser superior pertencente a um outro plano de vida. Depois, o que se salvou desta destruição, transforma-se em relíquia preciosa, conservada religiosamente. Antes mata-se o profeta; depois ele é santificado e venerado. Mas a semente caiu na terra e começa o lento trabalho de assimilação.

O ideal começa, então, a tomar corpo na matéria, na forma dos organismos terrenos das igrejas constituídas. Representam estas, a ponte da união entre a terra e o céu, ponte necessária, cuja verdadeira natureza podemos assim compreender; se de um lado deve ter suas elevadas ramificações no céu, não pode, de outro lado, deixar de ter suas raízes na terra. "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja". E todas as igrejas não podem deixar de possuir uma pedra de apoio na terra, isto é, de possuir os defeitos da pedra. Como pode ela ser espiritual? Mas pertence ao seu conteúdo espiritual fazê-la tornar-se tal cada vez mais espiritual, isto é cada vez menos pedra. No entanto é natural que as Igrejas, situadas no meio, como organismos humanos, entre a pedra e o espírito, possuam as qualidades de uma e de outro. São esses os dois extremos representados pelos dois planos biológicos, do involuído e do evoluído e, também nesse caso, há entre eles a luta, querendo cada um vencer e impor-se incondicionalmente sobre tudo. Nas religiões dá-se o mesmo encontro de planos biológicos entre animalidade e espiritualidade verificado no indivíduo, pelo qual a espiritualidade deve lutar contra a animalidade até conseguir destruí-la no fim.

A pedra é a organização humana que serve como duro recipiente que contém e também protege e, desse modo, conserva e transmite a idéia recebida. Por isto as religiões tendem a ser conservadoras, zelosas do seu patrimônio a disto decorre o seu dogmatismo. Mas, em face desta exigência há uma outra oposta, com a qual a primeira. deve equilibrar-se: a exigência da vida que quer avançar e a efervescência do dinamismo do espírito, que não pode apodrecer encerrado na pedra, de onde procura extravasar a todo momento. Há o impulso irrefreável do espírito que se quer transformar em vida e realizar-se, uma vez que desceu à terra exatamente com esse fim; e há ainda a evolução do pensamento a progredir, por sua própria conta, fora das igrejas. Nos grandes momentos, nas voltas da história, nascem, até, novos profetas que ultrapassam todos os que os precederam.

Então as velhas pedras exauriram a sua função, são lançadas fora e caem à margem da estrada da evolução para aí morrerem de velhice. Representam uma casca vazia recusada pela vida, por já ser-lhe inútil. Lutaram até então, fortes somente pela forma, lutando desesperadamente para sobreviver, mas o espírito, uma vez desenvolvido, fugiu da velha casa tornada insuficiente, e fez para si outra morada mais

adaptada. Em todo este movimento, o que permanece estável é o espírito, fio condutor da evolução. Explicam-se, assim, e compreendem-se as diversas posições e as variadas exigências de cada momento relativo na história da evolução do pensamento humano.

\* \* \*

As finalidades que a vida se propõe alcançar nos dois diversos planos de evolução são completamente diversos. No nível do involuído, ela tende ao individualismo. A construção biológica que quer levar a efeito, é o homem forte, rebelde contra todos, o homem que vence subjugando o mundo. Do trabalho criador da evolução no plano do involuído não pode surgir senão um ser prepotente, forte e bem construído, apto ao domínio, mas isolado de tudo que está fora do seu eu.

No nível do evolvido, a vida tende ao coletivismo. A construção biológica a ser valorizada é o estado orgânico que todos abraça e funde em colaboração numa única unidade, na qual q indivíduo funciona disciplinadamente numa ordem útil para todos. Do trabalho criador da evolução no plano do evolvido, nasce uma humanidade forte e bem construída, feita de eus unidos no mesmo organismo, apta a um domínio mais amplo, não mais vencedora de um indivíduo contra os outros, mas alcançando a vitória de toda a coletividade sobre as forças naturais do planeta.

A vida evolui não somente para a espiritualidade, como veremos a seguir, mostrando ser o telefinalismo da evolução uma sensibilização nervoso-psíquico-espiritual cada vez mais inteligente, mas evolui também para a formação de unidades orgânicas sempre mais amplas e complexas. Isto conforme o princípio das unidades coletivas demonstrado alhures (**A Grande Síntese**), e de conformidade com o plano geral de reconstrução do universo, pelo qual a evolução conduz do separatismo a unificação, do caos a ordem, da rebelião a disciplina, do Anti-Sistema ao Sistema, como demonstramos nos volumes **Deus e Universo** e **O Sistema**. Explica-se, assim, como a construção levada a efeito pelo plano inferior, é sempre mais individualista e separatista, menos unitária que a dos planos superiores, representando estas um estado de maior fusão, por colaboração e amor. Eis porque, num dado momento da evolução biológica desponta o Evangelho. Eis a sua significação sempre maior, até a máxima e completa em que, com o retorno a Deus, reconstruir-se-á toda a ordem destruída com a revolta e a derrocada do Sistema no Anti-Sistema, que a evolução agora está reconstruindo e reconduzindo ao Sistema.

Esta é a significação profunda do movimento da evolução. Decorre disto que, se o evolvido presentemente, na terra pode parecer anacrônico, fora de fase, e pode findar no martírio, todavia é a ele e não ao involuído que pertence o futuro e a vida. A evolução está preparando não o estado anti-social e desorganizado do primitivo, mas o estado orgânico da sociedade dos civilizados.

A razão está com o involuído, e; com o evolvido, está a culpa, mas tão só temporariamente, enquanto a vida permanecer retardada no nível atual. Mas, tão logo, o sobrepujar, tudo mudar-se-á e o involuído, a quem hoje pertence a razão, será expulso das sociedades mais civilizadas do futuro. Ou civilizar-se-á ou ficara um retardado e, nessa qualidade, rejeitado para ambientes inferiores, somente onde poderá viver porque será adaptado a eles. Com a sua vitória atual, ele traz consigo a sua condenação, a de ser um involuído, incapaz de funcionar de outra forma, constringido a permanecer encerrado naquele seu plano de vida, o da animalidade, com todas as suas conseqüências.

Dá-se o contrário com o evolvido.. Será, ele, por enquanto, um deslocado e um mártir na terra. Os crucificadores poderão gargalhar quanto quiserem aos pés da cruz, tal qual fizeram com Cristo, mas, como aconteceu com Ele, depois cada qual volta ao seu lugar, no seu plano de vida. Cristo sofreu, deixou que o matassem, mas a conclusão final foi ter Ele voltado ao seu céu e terem ficado na terra os homens ferozes que o crucificaram, com toda a sua raça de involuídos, para continuar a se matarem reciprocamente e sofrer todas as dores conseqüentes.

Presentemente, em nossa humanidade, os dois mundos vivem, morrendo um, e o outro nascendo, num atrito demonstrativo de sua transformação. Nesta posição estão em vigor duas, opostas tábuas de valores, uma em via de extinção e outra em processo de formação. É assim que os ideais (em

virtude de virem a ser adaptados, na prática, a oposta realidade da vida) aparecem numa retorcida forma de mentira. É assim que as mesmas palavras podem tomar significações e valores diversos. Para o evolvido a lei representa a ordem, sendo vantagem de todos o segui-la. Significa a disciplina necessária para o funcionamento do organismo que é a vida de cada um e de todos. Para o involuído a lei representa o comando do mais forte que, por ter vencido, sente-se no direito de ser obedecido por todos, não por um fim de utilidade coletiva, mas, apenas, para os fins do próprio egoísmo. Por isso, se, no mundo do involuído, a lei significa somente o interesse do vencedor, interesse que não é o do vencido, a posição para a qual a vida impele o indivíduo não é a da obediência disciplinada, mas a da revolta. Não é possível impedir a vida de ser utilitária, e. de procurar, por isso; em primeiro lugar, a própria defesa.

Para abolir o sistema da luta, com o regime de permanente inimizade conseqüente, torna-se necessário abolir o sistema do egoísmo separatista próprio do plano do involuído. É necessário inverter aquele egoísmo separatista em altruísmo unificador, é preciso passar da lei do mundo a lei do Evangelho. É natural que o ser procure a posição que melhor lhe garanta a vida Ora, se a força do evolvido está na ordem onde é possível afirmar-se altruisticamente, a força do involuído está na desordem, por haver somente aí a possibilidade de afirmar-se egoisticamente. Assim é natural que cada um procure afirmar-se conforme a sua lei: o evolvido altruisticamente na ordem, e o involuído egoisticamente na desordem. Não é possível pretender que o evolvido possa confiar-se ao caos, para ele destrutivo, como se não pode pretender que o involuído possa confiar-se a ordem para nesta encontrar sua defesa, coisa para ele sem sentido, uma vez que para ele a ordem que o defenda ainda não existe. Aquilo que para o evolvido, mais adiantado no caminho da evolução, representa uma força real em ação, para o involuído representa somente um germe em formação, uma possibilidade ideal futura, ainda sem consistência real.

Explica-se assim, como, quando aparece em nosso mundo o evolvido com sua psicologia própria ele é tomado como um teórico, um ingênuo desconhecedor da vida. De fato, para o involuído, a vida é uma coisa completamente diversa, que não obedece, por nada, aos impulsos que movimentam o evolvido. Este fala de amor ao próximo, vendo-se nele a si mesmo, mas o involuído bem conhece que o próximo é inimigo e sabe que quem não esmaga o inimigo, por ele é esmagado. O evolvido fala de disciplina espontânea na ardem, e isto num mundo em que a obediência se obtém somente com a ameaça de uma punição. Aqui tudo é regido por uma cadeia de proposições logicamente conexas: egoísmo, separatismo, individualismo, funcionamento possível tão só por força de dois impulsos, medo do dano e desejo de vantagem. Dada sua natureza, o involuído não pode funcionar de outro modo, sendo sensível somente ao seu caso individual. Serem destruídos todos os seus semelhantes, não lhe interessa, a menos que lhe sobrevenha dano pessoal. Como os animais na floresta, cada qual pensa em si próprio. A utilidade coletiva, de sumo interesse, para quem vive numa sociedade orgânica, idéia sensibilizadora para o indivíduo organizado, representa algo que o involuído não consegue perceber, considerando até contraproducente cogitar dela.

Desta forma mental deriva logicamente toda a estrutura do nosso mundo atual. A ordem não é espontânea, compreendida, mas é uma sobre-estrutura imposta a animalidade, permanecendo seus instintos na base do edifício. Como ponto de partida, sempre a desordem, atmosfera natural do egoísmo separatista. Assim, evolutivamente, o nosso mundo representa uma luta para o endireitamento da animalidade, luta vivida para subir do plano do involuído ao da evolvido. Procura-se, com o instinto da propriedade, disciplinar a voracidade do lobo; com o matrimônio a voracidade sexual do macho; com as leis, e as suas sanções, frear os rebeldes com a ordem; com as religiões amansar a ferocidade, impondo normas de vida moral. A primeira preocupação do legislador é a de proibir o ilícito, por ser isto a tendência da natureza humana. Trata-se de um trabalho de correção, que confirma exatamente a natureza do fundo sobre a qual ele atua.

Este é o tipo das engrenagens com as quais funciona o nosso mundo, seja no alto como em baixo, eis que todos, dominantes ou dominados, vivem os mesmos princípios, no seio do mesmo plano biológico. Teoricamente, os chefes, deveriam ser todos evolvidos. Mas num mundo em que tudo, principalmente o poder, é resultado da luta e não é possível conquistá-lo e mantê-lo senão por uma contínua vitória sobre todos os rivais, o evolvido, homem evangélico, esquecido do próprio interesse

pessoal, não lutará nessa forma; não conseguirá nem chegar, nem permanecer no poder. Seus métodos impedem-no, suas qualidades tornam-no apto a perder, não a vencer nesse ambiente. E, se por acaso, conseguisse triunfar, deixando de preocupar-se primeiramente com seu ataque e com sua defesa, seria prontamente eliminado. Tal é a incompatibilidade entre evolvido e involuído, que o primeiro não pode aparecer na terra senão como mártir.

Entre os dois há um contínuo mal entendido a respeito da significação das palavras. O involuído, dada a sua forma mental entende a autoridade como vantagem daquele que conseguiu alcançá-la, como uma posição que representa o prêmio legítimo pelo esforço e os riscos sofridos para alcançar a vitória. Assim é que o poder toma a significação, não de função coletiva e missão, mas de vitória pessoal na luta para a seleção do mais forte. E os dependentes não obedecem a autoridade como colaboradores no sentido do bem comum, mas obedecem-lhe por ser ele a expressão da vitória do mais forte, merecedor de respeito por haver dado prova de saber vencer. Outros resultados não são conseguíveis num sistema alicerçado sobre o princípio do egoísmo e da exploração recíproca.

Esta é a estrutura interior da nossa humanidade. O restante permanece a superfície, proclamado altamente para esconder a dura e triste verdade que constitui escândalo rebelar, como o fez Maquiavel. Disto decorre uma encenação social fictícia, externamente bela, interiormente desapiadada e feroz, revestida formalmente de nobres mantos, mas substancialmente apoiada nas leis primitivas da animalidade. Existem desse modo, duas leis: a do passado e a do futuro; há duas morais: a que todos aceitam e devem ser proclamada e a que todos sabem ser praticada na realidade. Há, assim, o que se diz e o que se faz; há no exterior um mundo aparente em que podem acreditar os simples, mas é interiormente minado por uma realidade bem diferente. Assim é o grande edifício construído pela humanidade, quase sempre com um conteúdo bem diferente daquele aparente e que se deseja fazer acreditar. E como é triste o reverso da medalha! Mas, dada a forma mental do involuído, como poderiam existir na terra os princípios do mundo do evolvido, senão na forma de mentira?

Enquanto se proclamam em altas vozes os nobres ideais, subterraneamente ferve a luta feroz para a vida. A realidade está em que o engano, continuamente praticado com dano para o próximo, constitui uma escola permanente para acordar, seja mesmo nos graus mais inferiores, a inteligência, tanto mais que quem não aprende é eliminado. O saber defender-se é a primeira coisa que todos devem saber fazer, sob pena de vida. Estamos ainda bem pouco mais no alto da esperteza do animal, inteligência primária a serviço da vida material, distanciada mil milhas da inteligência especulativa dirigida ao conhecimento das causas primárias, e da formação da espiritualidade. Esses produtos rarefeitos não são ainda percebidos e não têm serventia no plano do involuído, em que a ciência mais importante é a do ataque e da defesa. Nesse plano até não haver aprendido a ser fortes para mandar, é preciso servir. De certo que isto serve para desenvolver a inteligência, mas que qualidade de inteligência? Quanto caminho há ainda a ser feito, antes de chegar a inteligência consciente do funcionamento do universo! Todavia, no plano do involuído é necessário começar pela inteligência elementar, eis que a outra não pode ser compreendida. Naquele plano, antes de olhar para o céu, é preciso lutar na terra. Que condenação dura o ser involuído!

\* \* \*

A que serve nesse ambiente o pertencer a este ou àquele grupo humano, quando os homens que os constituem são mais ou menos iguais? Quando são os mesmos os instintos e as paixões que movimentam o mundo? A que serve, então mudar de partido, de religião, de ideais? No fundo, a realidade verdadeira, escondida sob as aparências, é sempre uma outra. Exteriormente tudo aparece perfeito, mas subterraneamente ferve a hipocrisia, a rivalidade, a luta pelo domínio. O que é natural no plano do involuído aparece como algo de monstruoso no plano do evolvido. O ser inferior é protegido pela sua insensibilidade e ignorância que não o deixam perceber a sua inferioridade. O animal não sabe que é animal. A fera não sabe que é feroz e continua sendo inocentemente. Sem contraste não há

possibilidade de percepção, e o contraste torna-se possível somente quando se pode fazer a confrontação, isto é quando se está num plano diverso.

Também o conceito de justiça é diverso conforme seja visto de um plano ou do outro. No plano animal é justiça, é legítimo direito do mais forte, esmagar o mais débil, que pela mesma justiça deve ser esmagado. O próprio Cristo, descido na terra para lançar um mais elevado ideal de vida, teve que submeter-se a esta lei e foi sacrificado depois de julgado por diversos tribunais constituídos legitimamente. E quando foi pregado na cruz, os seus crucificadores pediram-lhe com desprezo, desse prova de sua força salvando-se a si mesmo. E isto porque o valor de um homem está em dar prova de força e não de bondade, para salvar a si mesmo e não aos outros.

Como é possível pretender que num mundo desses seja possível atuar a justiça econômica? Infelizmente não poderá realizar-se senão quando os deserdados derem prova de força para saberem impor eles mesmos, em sua própria vantagem, essa justiça. Infelizmente não há outra via, eis que, depois de dois mil anos de pregação da justiça do Evangelho, ficou esta, em grande parte, qual letra morta. A imposição por parte dos deserdados seria desnecessária se o Evangelho houvesse sido praticado. Como é possível obter justiça em nosso mundo, senão com a força? Isto dizemos, não para justificar a violência, mas para dar-mos conta de qual seja o mundo triste em que vivemos. É inútil distinguir entre grupos humanos para lançar a culpa acima dos outros. A culpa é de todos e, de fato, todos pagamos fraternalmente, dominantes e dominados, a culpa é de todos. Os oprimidos não são melhores que os opressores e os opressores não são melhores que os oprimidos, e todos juntos somos envolvidos, pela agressão recíproca, na mesma pena.

Como é possível esperar que esse mundo, assim construído, correspondam os fatos às palavras, a aparência à realidade, a forma à substância? Como impedir a hipocrisia e que tudo possa ser falsificado pela mentira? Como evitar a exploração dos ideais e que as coisas mais belas sirvam para bem outras finalidades? Como exigir nesse mundo que a tanto proclamada caridade não se faça também para si, antes que para os beneficiados, que toda religião, fé, ideal se não industrializem na terra onde devem operar? Como pretender que a propriedade seja entendida como função social antes que função egoística individual, não só para vantagem pessoal exclusivista, mas também para utilidade de todos? É justo que a lei garanta a propriedade. Mas podemos explicar como é porque surgem revoltas para a destruição desta instituição, quando pensarmos que, muitas vezes, esta propriedade pode ser também o fruto de tudo quanto se conseguiu agarrar com qualquer meio. Como justificar esta instituição quando é utilizada também para legitimar um furto? E como impedir isto num mundo que se alicerça na luta? E os que, invocando justiça, em nome dela, quereriam destruir o instituto da propriedade, o fazem porque, sendo da mesma raça dos vencedores, quereriam fazer o mesmo, isto é, praticar o mesmo furto que os outros, mais afortunados, conseguiram levar a efeito em vantagem própria. Assim, em nome do direito e da justiça, com novas ideologias, continua-se em novas formas a velha batalha, para cada qual tomar o mais que puder. De ambos os lados, as causas são as mesmas, pois os indivíduos são do mesmo nível evolutivo. Nesse plano de vida o individualismo egoísta conduz ao princípio de a propriedade servir para vantagem pessoal exclusiva, sem preocupação para com os outros; Este é o instinto do involuído então há ideologia ou sistema moral que o possa modificar. A verdadeira reforma do mundo não pode advir de reformas exteriores, mas tão só do interior, modificando-se o homem para que seu comportamento se torne diverso. De outro modo, embora mudando vestimentas e atitudes, o homem continuará a praticar as mesmas coisas, movido pelos mesmos impulsos.

Proclamar ideologias é fácil. O mundo apresentou muitas até hoje! Mas tudo tende a permanecer sempre o que era antes. De nada serve muda de vestimenta, quando o comportamento permanece igual. O problema não está em pertencer a este ou aquele grupo humano, religião ou partido, ideologia etc., mas em não ser mais um involuído que não sabe viver senão com os princípios e instintos do seu plano. O mal é profundo, enraizado na própria natureza humana e não pode ser curado com sistemas políticos ou reformas sociais dentro das quais o homem permanece o que é. O problema é biológico, é muito mais amplo que o fenômeno social, porque interessa a toda a evolução da vida em nosso planeta, de que o fenômeno social é apenas uma particularidade.

Nosso mundo atual é dominado por esta realidade, que é o seu plano de vida, realidade que penetra e arrasta tudo e todos, instituições, religião, moral, ideais, porque tudo é entendido e vivido de conformidade com este nível de vida. Qualquer ideal superior que desça a terra de planos mais altos, vem a ser adaptado à natureza humana, transformado, retorcido, esmagado, até reduzir-se as medidas que a terra exige, porque, de outra forma, se não for assim limitado, a terra não o pode conter. Qualquer teoria, para ser vivida, conquanto seja elevada e bela, tem que reentrar na forma mental do ser que a deve viver. É este que a usa, a apropria, é nele que se torna vida. Quando uma idéia superior desce à terra, trava-se uma luta entre ela e o homem, cada qual querendo vencer, impondo-se uma ao outro. É assim que em dois mil anos o Evangelho lutou para transformar o homem, como o homem lutou para transformar o Evangelho. Disto resultou uma adaptação a meio caminho que, se deitou água no vinho, alongando-o, permitiu; todavia, que uma certa porcentagem dele viesse a ser absorvida, sem o que a bebida teria sido rejeitada, por ser demasiado forte para ser aceita pelo estômago de um ser como o homem atual.

Quem escreve um livro não possui força bastante para influir; no desenvolvimento de fenômenos tão grandes. Nada mais podemos fazer do que observar como espectadores o que acontece. Podemos, porém, alcançar o resultado de fazer com que, qualquer um possa orientar-se melhor e assim mover-se melhor na vida, dando aos seus fatores um valor mais equilibrado, orientado por estas observações que devidamente compreendeu. Alcança-se, assim, menor motivo de escândalo e de condenação, porque, compreendidas as causas do que acontece, encontra-se a explicação de que, em última análise, tudo é consequência lógica dos elementos que se possuem e das forças postas em ação. Para quem observa e vê todos os fatores do problema, tudo reentra no âmbito de uma lógica perfeita.

Se toda doutrina que aparece na terra não tomasse corpo numa casta dirigente e no grupo social que a representa, quem a sustentaria, quem defenderia e conservaria aquele patrimônio, se a este não se ligassem os interesses materiais daqueles que devem efetuar este trabalho? Estamos na terra, onde não se pode esquecer, um momento algum, de que estamos sujeitos às necessidades que isto implica. Deprecam-se as rivalidades entre as religiões; Mas, dada a natureza do homem atual, como não reconhecê-las úteis quando, para um ser construído de luta e para quem a luta para a vitória sobre o próximo é o que mais interessa, a rivalidade é a maneira que mais o impele a ocupar-se de problemas com os quais, diversamente, não encontraria nenhum desejo de interessar-se? Quando, atrás da doutrina existem os próprios interesses materiais, com que maior calor defende-se aquela doutrina! Quando o descrédito em que esta possa cair significaria a ruína da própria posição social, como se aguça a inteligência para os ideais, como se descobre e se sustenta o seu valor!

É assim que o Evangelho tornou-se a bandeira defensiva de uma casta que procurou viver à sua sombra. Mas, para o homem de nosso plano biológico, esse Evangelho tornou-se uma espécie de gaiola de ferro e, assim fechado nela, teve o homem que se adaptar aprendendo a viver conforme a lei de um plano de vida mais elevado! Que forma de disciplina para todos, tanto ministros como fiéis, tornou-se aquele código! É assim que constituindo castas, com posições terrenas bem delimitadas, as religiões fixam na terra, com aquelas organizações terrenas, também uma disciplina de vida. O fato é biologicamente importante, porque o fixar-se de uma norma de conduta, importa na sua longa repetição que incide na natureza humana transformando-a, já que é a repetição que forma os automatismos constituidores da base dos novos instintos. É por esse caminho que o Evangelho enxertar-se-á na carne e no sangue do ser humano, transformando-o de involuído em evolvido.

Compreende-se, pois, porque as religiões tiveram de se apoiar nos ricos e nos poderosos. É verdade que sua força deveria ser toda espiritual, desdenhando os expedientes humanos, mas isto constituiria uma igreja perfeita, formada por santos, o que não é possível na terra. Sendo, entretanto, as religiões formadas pelo material humano comum, dado não haver na terra outra coisa, é natural que, para se lhe tornar possível a existência na terra, essas religiões devem apoiar-se também nos métodos humanos. Explica-se assim como isto aconteceu na história e ainda se verifique; explica-se, mas não se justifica Mas, embora não justificado, isto não quer dizer seja possível eliminar imediatamente o fato. A eliminação poderá dar-se gradualmente, de acordo com a possibilidade de suportaçã da natureza humana, conforme o nível evolutivo alcançado. Verifica-se desse modo um processo de progressiva

purificação das religiões, em que a doutrina vai cada vez mais enxertando-se na natureza humana, até que todas as escórias da involução venham a ser eliminadas e do involuído, finalmente, nasça o evolvido. O fato positivo é que, em torno do fulcro da própria doutrina, toda religião vai evoluindo, cada vez mais desmaterializando-se e espiritualizando-se: em outros termos, subindo sempre mais da animalidade à fase humana e super-humana.

Assim é que, se em nosso mundo tudo é dominado por uma realidade biológica de plano evolutivo inferior, todavia tudo vai subindo lentamente para um plano da vida superior. Observemos a evolução do instinto da família, primeiro núcleo da sociedade humana. Retrocedendo para os estados mais primitivos verificamos ser mais dura a luta e com isto mais feroz a vida. A mulher é a escrava que deve trabalhar, obedecer, servir. A evolução conduz a uma cada vez maior proteção dos fracos, exatamente porque leva o ser fora do plano do involuído onde vigora a lei do mais forte. O libertar-se, com a ascensão da vida, desta lei de prepotência, conduz cada vez mais da fase de força a de justiça, em que há sempre mais lugar para os fracos que antes eram inexoravelmente condenados. Paralelamente torna-se cada vez mais importante o problema da defesa e educação dos filhos, problema antes inexistentes. No estado mais primitivo a natureza deixa gerar com toda prodigalidade, submetendo depois os filhos a seleção natural, de maneira que somente os mais fortes sobrevivem e os outros perecem. Mulher escrava e filhos largados as suas próprias forças, esta era a condição primitiva.

Uma das maiores obras da evolução humana é a redenção da mulher. Atualmente o matrimônio garante-lhe a proteção e a posição social do marido. Uma vez todos os direitos eram do macho, porque era o mais forte conforme a lei que imperava nos planos de vida inferiores. Passando do reino da força ao da justiça, os pesos, como é justo, começam a transferir-se dos ombros dos mais fracos aos dos mais fortes. Eis, então, que ao macho não pertence mais somente o direito de ser servido, mas também, o dever de proteger, de trabalhar para prover o necessário. A mulher não é mais a escrava mas a companheira. Os filhos não são largados a seleção natural, mas devem ser criados, educados, e acompanhados até que atinjam uma posição própria na sociedade. A família passa a tomar um aspecto ético superior, representa uma função social, toma-se uma missão a ser cumprida. Neste processo tocamos com a mão a transformação a que o ser é submetido com a passagem, por evolução, do plano do involuído ao do evolvido. O estado de egoísmo separatista é reabsorvido, cada vez mais, num estado de amplexo fraterno, o caos torna-se ordem, a força justiça, a revolta transforma-se em disciplina. Inicia-se, assim, começando do primeiro núcleo que é a família, aquele processo de reconstrução que conduz do estado caótico do individualismo separatista, ao estado orgânico, que, como já dissemos, é o das mais evoluídas sociedades futuras.

Com as observações que vamos fazendo, nos foi possível dar conta, não só do plano evolutivo em que está situada a humanidade atual, mas, também, observar a transformação que nela se verifica com a subida do plano biológico do involuído ao do evolvido. Pudemos, assim, alcançar a explicação dos vários aspectos da realidade dos fatos, realidade esta que, por sua vez, confirma as teorias desenvolvidas.

### **III**

## **O VERDADEIRO TRIUNFO**

Já manifestamos claramente que não nos move, no estudo que vamos fazendo, o intuito de acusar para condenar quem quer que seja. A psicologia da condenação e da polêmica é própria da mentalidade do involuído e queremos exatamente superar essa atitude costumeira. É neste plano de vida que é usual sobrepujar o próximo, constituir-se em juizes para encontrar-lhe os defeitos, demonstrá-los e vencê-lo. Contrariamente, procuramos assumir o ponto de vista do evolvido, usando a sua psicologia que não é a do vencer, coisa que naquele plano não faz sentido. Para compreender, procuramos observar o mundo de um plano mais elevado, onde os instintos e os métodos são diferentes. Desse modo pensamos com uma forma mental em que não interessa a própria supremacia, mas interessa a compreensão; onde não importa e não tem significação a luta para vencer, mas em que é de muito maior valia o saber coordenar-se na harmonia: da lei. Mundo este bem estranho, tão diverso do nosso, mundo em que não há necessidade de discutir para ter razão contra os outros aos quais deve ser provado que estão errados. Naquele plano a verdade não é um produto individual a ser imposto, mas é uma substância universal situada na lei e que todos podem ver, já que, para quem tem olhos, a lei sabe mostrar-se de per si, e todos quantos possuam intelecto podem compreendê-la. Então quando alguém erra, ainda contra nós, a sua condenação ou punição de nossa parte, não só não tem sentido, como ainda é contraproducente, uma vez que para esse trabalho de .endireitamento existe a lei, que o sabe fazer muito melhor, já que ela é mais poderosa e mais sábia do que nós. Torna-se contraproducente para nós porque estando fora do reino da força e dentro do reino da justiça, querendo usurpar à leis as, suas funções próprias de. justiça, que não nos compete mais, violamos a ordem, lei desse plano, e portanto estamos sujeitos a sofrer as. conseqüências da violação. Havemos de compreender que o plano do evolvido é o plano orgânico em que tudo corre bem bastando que cada qual permaneça plenamente disciplinado em seu lugar. Isto, repetimo-lo, em plena divergência de nosso plano em que o lugar próprio, nesse regime de individualismo desorganizado, há de ser conquistado a cada um de per si, de modo que a posição não exprime sua função no organismo, mas a força que o indivíduo possui e com a qual conseguiu afirma-se.

Assim é que, no plano do evolvido, em face da ofensa reage-se com o perdão, tal como aconselha o Evangelho que é próprio daquele plano. O involuído acredita, se ele perdoar desse modo, fica sem defesa, e assim pensa e erra por causa de sua miopia. Entretanto esta é a melhor defesa, poder-se-á dizer mesmo a maior vingança, porque então, se deixarmos tudo nas mãos de Deus, intervém a lei e não há poder ou astúcia humana, nem tempo algum que possa fazê-la parar. E quem conhece a lei sabe muito bem que justiça será feita, sem que haja possibilidade de escape. Será esta mesmo a conclusão e a moral da história que começamos a contar Somente a ignorância dos primitivos pode supor. Que o sistema do Evangelho deixe o indivíduo sem defesa e que, quando este não recorre aos seus próprios meios, está abandonado e perdido. Isto pode acontecer nos planos inferiores onde reina a desordem, mas não nos superiores onde reina a ordem e a justiça.

Retomaremos mais adiante a narrativa do nosso protagonista, que deixamos momentaneamente em suspenso, para enquadrá-la na amplitude dos problemas maiores nos quais acha-se como parte. Eram necessárias estas explicações para justificar sua conduta, condenada por um mundo ignaro, de acordo com uma ou outra psicologia. Somente assim, estudando-lhe as razões profundas, podemos explicar a significação e a lógica do seu comportamento aparentemente estranho. Em face da luta própria do plano humano, do qual decorre um estado contínuo de ataque e de defesa, a sua reação. foi a do perdão. Num mundo em que é o mais forte quem vale, este sistema é a maior tolice considerada com desprezo, como impotência dos fracos. Nestas páginas, entretanto iremos estudando cada vez melhor a técnica desta estratégia para demonstrar não representando ela uma: tolice, impotência dos fracos, mas ser ela a maior sabedoria, poder dos fortes. Verificaremos, de fato,. que com este método. O nosso protagonista, sem usar as armas humanas, sem as quais o tipo comum sente-se desarmado e perdido, conseguiu vencer plenamente, evitando todos os danos implícitos nas vitórias humanas. Explicamos e continuamos a explicar as respectivas razões.

Estamos no mundo humano, mundo, predominantemente, do involuído, dirigido não pela

Inteligência, bondade, justiça; mas pelos instintos da animalidade. Baseado na princípio do triunfo do mais forte, nele toma-se natural e contínua a luta para o triunfo desse mais forte. O estágio normal é, pois, o da guerra, de todos contra todos, visando o sobrepujamento recíproco e a vitória do mais forte; por isso um estado armado, em que a paz é condição excepcional e a agressão torna-se possível a todo momento. A paz, de fato, não é senão a trégua entre duas guerras, um descanso para a preparação de outra. Isto é verdadeiro tanto para as nações como para os indivíduos.

O que permanece é o fato da agressividade contínua. Como se comportam em face desse fato os dois tipos, o involuído e o evolvido? O primeiro mantém-se permanentemente armado, calcula o poder do vizinho e procura superá-lo, armando-se cada vez mais. É bem conhecida a corrida dos armamentos. Entre os indivíduos, semelhantemente, cada qual procura superar o vizinho em poder econômico e posição social etc. Neste plano, o ser conta exclusivamente consigo mesmo, já que tem conhecimento de que, não sabe defender-se de per si, ninguém o defende e estará perdido. Esta é a consequência natural do princípio do separatismo vigente neste plano.

A posição do evolvido é completamente diversa. Se, de acordo com o ensinamento do Evangelho, ele jogou fora todas as armas humanas, todavia mantém consigo, para sua defesa, uma arma diversa e bem mais poderosa. O ponto fraco do involuído está no seu separatismo que o torna um ser isolado, circundado em toda parte de inimigos e perigos. O ponto forte do evoluído está em sua organicidade que o toma um indivíduo unitário, circundado em todo lado por amigos e auxílios. Não possui ele egoísmo que o separe do próximo, e este não é seu inimigo, mas seu amigo. Assim, aquele estado de guerra que toma a terra um inferno, cai de per si; assim como cai a necessidade de viver sempre armado, em luta permanente, e caem todas as suas consequências. Eis, então, como se toma possível o abandono de todas as armas, aconselhado pelo Evangelho e que, para o mundo, parece loucura.

O que acontece, em face de uma agressão? Como se comportam os dois tipos diversos? O involuído aponta todas as suas armas e apresta-se para a batalha. É o momento de desenvolver ao máximo todo o seu poder destrutivo, para aniquilar fisicamente a parte adversa. Do egoísmo separatista não pode nascer senão esta revolta contra a vida, continuação da primeira revolta, causa da queda. A batalha cria uma atmosfera da destruição, de onde emerge o grande vencedor, pronto a continuar o lance sobre outros menos fortes do que ele, para destruí-los. E, desse modo, o bonito jogo continua ao infinito, nesse plano de vida. O sistema da luta não resolve a luta, vencer não significa afirmação de paz. O mundo tem sempre acabado uma guerra para recomeçar com outra.

Qual é, ao invés, o comportamento do evolvido? Como pode vencer com a reação do perdão? Qual a significação da não resistência? Como pode ser de maior vantagem o sistema de não resistir ao mal? Se é verdadeiro que o mal deve ser destruído acrescentando-lhe um mal maior O fogo apaga-se com a água e não com outro fogo. O mal é uma dívida humana que é preciso pagar, e as dívidas não se extinguem criando dívidas novas, com as quais, ainda quando se alcança prorrogação, a dívida aumenta e não se resolve. Um estágio qualquer não pode ser eliminado senão por uma ação contrária. O mal é carência do bem, o ódio carência do amor. Quando caímos no negativo por inversão do positivo, não conseguiremos sair dessa condição continuando a inverter do positivo ao negativo, mas, tão só, iniciando o caminho oposto, do negativo ao positivo. É, pois, absurdo acreditar que o mal possa sarar com um mal maior. O mal só pode sarar com o bem, o ódio não pode sarar com mais ódio, mas, tão só, com o amor.

Eis como nos encontramos no mesmo caso, com duas soluções complementares diferentes: para o involuído com a reação, para o evolvido com a não resistência. O primeiro método corresponde ao sistema elementar dado pelo princípio da ação e reação, funcionando no campo dos elementos isolados pelo seu separatismo, pelo que eles não se conhecem um ao outro. Agem eles independentemente, agindo e reagindo nos recíprocos embates com simplicidade, ignorando qualquer técnica mais complexa. O método do evolvido corresponde ao sistema mais elevado dado pelo princípio da reabsorção, possível onde, no mesmo campo, os elementos estão fundidos num estado orgânico, pelo qual bem se conhecem um ao outro. Não agem eles independentemente, ignorando-se reciprocamente, mas vivem numa contínua interdependência recíproca, na posição de elementos comunicantes, própria do estado orgânico. Sua vida, derivando do estado fragmentário, coordenou-se no estado unitário. Decorre disto que, sendo cada

um parte do mesmo organismo, o desferir qualquer ataque ao vizinho, não importa em ferir um estranho, mas a si mesmo, porquanto golpeia-se um outro elemento do mesmo organismo constituído por si mesmos, de cuja vida total é formada também a própria vida particular.

A grande diferença entre involuído e evolvido qual todo o resto depende, é o estado de separatismo individualista no primeiro caso, e de coordenação unitária no segundo. Dados estes dois princípios opostos, é lógico que deles decorram conseqüência opostas, isto é, o método da reação para o involuído, e o método da compaixão e perdão para o evolvido. É lógico, no primeiro caso, considerarem-se inimigos os estranhos, como o é, no segundo, considerarem-se amigos os membros da própria família. Tudo depende da atitude mental dada pela própria psicologia, dada pelo plano biológico em que se vive. A diferença está no fato de o involuído considerar os seus problemas isolados dos outros, enquanto o evolvido os considera todos fundidos, cada um como parte do mesmo problema de todos. Este diversíssimo comportamento dos dois tipos é o que traz a conseqüência de não poderem compreender-se e desse modo viverem na terra excluindo-se, em posições antagônicas. Assim é que o involuído permanece irremediavelmente separatista, enquanto o evolvido permanece orgânico unitário.

Dir-se-á, entretanto: como é possível que este último, sendo na terra uma exígua minoria, seja organicamente unitário, como é afirmado constantemente? Onde se encontra esta unidade orgânica, que é inexistente na terra? Precisamos recordar não só que a terra não é universo todo e que as formas terrestres de vida não são todas as formas de vida, mas também, que o evolvido é um exilado na terra, pertencendo a outros grupos étnicos, situados em outros planos, com outra forma de vida. Este, nascendo na terra, traz consigo os métodos de sua raça, métodos que não são os do nosso mundo. Se neste nosso mundo aqueles métodos não vigoram e são mal recebidos, isto não exclui que alhures eles não deixem de funcionar plenamente. Devem existir, pois, mundos de maior progresso, em que o Evangelho, com os seus princípios de convivência fraterna, deve constituir uma posição já alcançada, uma realidade vivida e não uma meta longínqua a alcançar, uma realidade futura. Os companheiros do evolvido estão nesses ambientes e a distancia espacial não pode impedir que eles permaneçam espiritualmente seus vizinhos. Mantém-se ele em comunhão com estas grandes coletividades espirituais, e é deste mundo mais elevado que descem as forças para defender o evolvido feito inerte por haver deitado fora todas as armas. O mundo ri-se dele; tal qual fizeram os crucificadores de Cristo ao pé da sua cruz. O mundo ri-se dele por vê-lo desarmado e fraco, mas não sabe que ele é o mais armado de todos, a quem, depois de muitas pequenas vitórias dos involuídos, destinadas à eliminação recíproca, pertence exclusivamente a última vitória. A ignorância do involuído é tamanha que ele não só consegue acreditar que o homem evangélico é um débil, quando, em vez disso, é o mais forte, o único vencedor verdadeiro, assim como supõe que a vida é tão pobre de meios e de tão reduzida inteligência, que deixa os seus pontos mais vitais desprotegidos, ao dispor da prepotência dos menos evolvidos.

Devíamos fazer estas considerações, não só para explicar-nos a estranha conduta de nosso protagonista, mas, também, para compreender como, por caminhos tão inusitados, ele pode alcançar a vitória. Este estudo conduz a compreensão da significação profunda do Evangelho e da estranha estratégia usada por ele para vencer a batalha da vida. Nossa tarefa não é apenas a de contar uma história, mas, acima de tudo, a de compreender os elementos sobre os quais ela tem apoio, as forças que a movem e a sustêm, a lógica que a guia, a sua profunda significação moral e espiritual.

Continua a Grande Batalha entre involuído e evolvido. A história que iremos contar é a de um cordeiro que anda entre os lobos e vence, sem armas, com o perdão e o amor. O involuído responde: "Não, não é possível. Sei por minha experiência, que, se ainda estou vivo, devo-o ao fato de ter sabido defender-me. Sei, ainda, que se quiser continuar a viver, não há outro meio senão o de continuar com o mesmo sistema". O raciocínio permanece verdadeiro enquanto se tratar de involuídos. Se um deles passa a fazer-se cordeiro, é natural que venha a ser devorado, porque é a lei do plano ao qual pertence. Mas isto não quer dizer que não possa haver o outro tipo, o evolvido, de cujo plano é a lei diversa, e pode permitir-lhe vencer lá onde o outro perde quando usa os mesmos sistemas.

Vimos como se comportam os dois biótipos, do involuído e do evolvido, em face do problema do ataque e da defesa. Continuemos a observar quais diversas atitudes psicológicas e modo de

comportamento decorrem, em face também de outros problemas, para os dois tipos de tão diversa natureza e forma mental. A vida, observada do lado do evolvido, não pode parecer ser a mesma daquela observada do lado do involuído. Os dois modos podem conduzir até a conclusões opostas, especialmente quando, encontrando-se os dois tipos a conviver no mesmo terreno, surge entre eles o problema de relação e os julgamentos tomam características de reciprocidade. Todos julgam: o evolvido julga o involuído, o involuído julga o evolvido, cada um com a sua tábua de valores e moralidade diversa, naturalmente condenando o outro, como por coerência e interesse condena-se tudo o que esta fora das próprias unidades de medida.

Em nosso mundo, na terra, é reconhecida oficialmente e vigora uma ética estandardizada, de medida média, adaptada à sensibilidade e exigências da maioria. Acima desta média, no alto há os santos, os gênios, os heróis, embaixo os primitivos permanecidos ainda selvagens, os delinqüentes. Uns e outros estão fora da medida média. Formam eles para si uma ética adaptada à sua sensibilidade e às exigências de suas vidas. Mas, sem tocar estes pontos extremos, sendo inumeráveis as graduações do desenvolvimento evolutivo pessoal, estando cada um situado em pontos diversos da escada, há por isto, um contínuo trabalho de adaptação daquela ética geral ao próprio caso particular. Acontece assim, de fato, que, enquanto a ética geral procura enquadrar todos nas suas normas, todo indivíduo, de seu lado, procura adaptá-la o mais possível ao próprio temperamento, defendendo-se contra aquelas normas, com o fim de ser por ela incomodado o menos possível. O moralista, que dita as leis da conduta humana, deve fazer suas contas com esta resistência por parte do material vivo sobre o qual aquelas leis devem incidir. Se as contas forem erradas, se a resistência for demasiado forte, quando as leis exigem mais do que a maioria pode dar, então, é o legislador e a sua ética que vão para o ar. Poderão ser descuradas as minorias, que terão de; resolver de per si: o seu problema, mas não se poderá pretender possuir a força de dobrar as massas, exigindo delas o que não podem dar.

O mundo está repleto de leis, religiosas e civis, de costumes sociais, de normas de todo quilate, que estatuem qual deve ser a conduta do indivíduo. Deixando de lado o evolvido, que exceção não faz número, a massa, vem a encontrar-se em face de uma série de imperativos éticos que encerram como num torno a sua natureza animal inferior para impeli-la a evolver. Por isto, então, as massas anelam a liberdade. Mas a liberdade que elas invocam não é a que cria seres livres, mas a que faz escravos, eis que elas desejam somente livrar-se do esforço que lhes é imposto pelas. normas éticas para evolver, sendo ansiosas de continuar a refestelar-se na animalidade. O moralista, o legislador que se propõe a ditar normas de vida, nunca deve esquecer a natureza involuída do tipo biológico a quem as dirige e de quem exige adesão. Em nosso plano de vida tudo é luta, também entre as leis e o indivíduo, entre os princípios e a sua atuação, entre a teoria e a prática. Em nosso mundo usa-se a inteligência não para aderir ao ideal, não para imitar os modelos apresentados a humanidade, mas para refinar-se cada vez mais na arte da evasão do peso da disciplina. e de reduzir tudo, mesmo invertendo-se, em seu própria favor.

Eis, então, que, quando um evolvido desce na terra, trazendo aqui, do seu mais elevado plano de vida, novas normas de conduta para guiar a humanidade, educando-a e impulsionando-a ao progresso, assistimos ao estranho fenômeno representado não por uma adesão consciente, na vantagem própria de evolver, mas pela procura das escapatórias para subtrair-se àquelas normas que, no entanto, representam um convite a elevar-se. Eis como são recebidos na terra os ideais descidos do mundo do evoluído. Tudo é sempre luta, e dado que aqueles ideais atacam a animalidade para superá-la, surge de parte desta a reação para sobreviver. Então a inteligência, em lugar de ser usada para evolver, é empregada para não evolver.

Tornar-se-á interessante, ao lado do estudo da ética, estudar paralelamente as escapatórias encontradas pelo homem para subtrair-se a pressão das normas dessa ética. Representam muitas vezes primorosas obras primas da astuciosa arte da evasão, como no Maquiavelismo e no Jesuitismo, verdadeiras escolas e sistemas de evasão. Assim, por exemplo, quando S. Francisco, como biótipo de evolvido, quis transferir para a terra, pelo menos: na sua ordem religiosa, uma aplicação integral do Evangelho, os seus próximos seguidores, seus contemporâneos, resistiram àquilo que lhes parecia excessiva rigidez da Regra da Ordem e procuraram refazê-la para adaptá-la numa forma de maior comodidade. Depois disto, as três ordens franciscanas, dos Menores, Conventuais e Capuchinhos, mesmo

divergindo em algum ponto, conseguiram todos evadir-se do voto fundamental de São Francisco, que era o da pobreza, contornando a questão no sentido de nada possuir individualmente, mas podendo possuir coletivamente como Ordem. Os Conventuais vieram de fato a ser assim denominados, por serem proprietários dos maiores conventos da ordem. A própria Igreja de Roma que proclama um Evangelho que diz: "Se quiser ser perfeito, vá e dê tudo", frase que somente S. Francisco viveu literalmente, a própria Igreja, ainda hoje, possui e tanto possui que se constituiu em poder temporal durante séculos, ao lado das outras casas reinantes.

Não condenamos. Seria infantil pretender que a opinião de um homem possa pesar em fenômenos históricos de tal amplitude. Procuramos somente compreender o que um homem pode fazer, tanto mais que isto pode ter a utilidade de explicar o fenômeno e verificar que, se as coisas assim, se desenvolveram e a vida as permitiu, esta, que é inteligente, deixou assim acontecer porque naquele determinado momento devia satisfazer a outras exigências, seja mesmo inferiores e transitórias. Dadas as condições relativas de um dado momento, em face aos desenvolvimentos futuros, alguns males, certas vezes, dão-se para cumprir suas funções criadoras de bem.

É interessante observar como acontece o fenômeno da descida dos ideais na terra. Um evolvido cidadão de outras humanidades toma o seu corpo na terra. Os homens, observando que ele possui um corpo igual ao seu, o julgam um seu semelhante. Mas embora tudo apareça igual externamente, não o é interiormente, onde habita uma alma de outro tipo. Começa esta a manifestar-se pela palavra e pela ação. Como se verificou com S. Francisco, os normais condenam imediatamente, julgando-o um louco. Mas ele insiste, procura fazer compreender a sua estranha linguagem que não é a do mundo; continuando firmemente no seu modo de agir, demonstra uma força que os normais começam a perceber e que, como toda força, induz ao respeito. Mas, depois, eis que as massas o acompanham por um sentimento que é muito mais que o temor gerado pela força: é estima, veneração, amor. Por que isto? É que nos equilíbrios das forças biológicas em ação, manifesta-se também o poder do ideal que na vida tem, por certo, a sua função. O evoluir é mesmo uma das fundamentais exigências da existência. Dos planos mais elevados, desce, para os mais baixos, uma atração, uma espécie de fascinação, que move a inconsciência instintiva como um convite e um impulso a obedecer aquela atração. Assim a vida move o ser, por meio destes seus fios misteriosos, para arrastá-lo para onde ela quer. Igualmente acontece no mistério da atração sexual a que se obedece sem saber o porquê. Mas é bastante que o saiba a vida que tudo dirige.

Desse modo as massas seguem á homem superior, a quem a natureza confere uma fascinação que lhe é indispensável para executar o trabalho que lhe confia, como confere fascinação a mulher por lhe ser esta indispensável para cumprir a sua função, a de gerar. Assim as massas seguem o evolvido. São dois termos opostos e, como o macho e a fêmea, são, por isto, conduzidos ao abraço. A massa humana representa a fêmea, o elemento negativo que recebe a marca dobrando-se, por ser mais débil, diante do outro elemento que é mais poderoso. Eis então que, na última fase do desenvolvimento do fenômeno, assim como o macho submete a fêmea, o homem superior imprime o seu sinete de fogo nas carnes de seus seguidores; Como se deu com Cristo e o Cristianismo, as massas, depois, rebelar-se-ão, procurarão evadir-se, com astúcias inumeráveis. O abraço inicial, todavia, continua, e, como todo abraço, será uma forma de luta. Mas, na luta, Cristo, para vencer o mundo, e o mundo para destruir Cristo, os dois estão abraçados. O elemento negativo oferecerá todas as resistências, mas está nas leis da vida que ele seja dominado e fecundado pelo elemento positivo que e o mais forte. A luta continua e continuará, mas a semente foi imergida no terreno que havia de recebê-la. Continuará a luta, mas o germe fecundador aí está ativo, gerador do feto que é a alma do homem novo e representa o biótipo do evoluído; e o processo não poderá parar até que aquele novo ser nasça.

\* \* \*

Eis como se verifica o fenômeno da descida dos ideais na terra. Trata-se de um processo que

lembra o da fecundação, pelo qual é sempre o elemento positivo, mais poderoso porque está a testa do caminho da evolução, que agarra e arrasta consigo o elemento negativo que, como mais fraco, é arrastado e dessa forma conduzido para frente. Evolvido e involuído são os dois termos desta união.

São três as grandes finalidades da vida que as alcança através de três formas de união; pondo no ser, para esse fim, instinto adequado. 1º) a conservação do indivíduo, pelo que este se une ao seu alimento, impelido pelo instinto da fome. 2º) a conservação da espécie, pelo que o macho se une à fêmea, impelido pelo instinto no amor. 3º) A ascensão do tipo inferior, pelo que o evolvido se une ao involuído, impulsionado pelo instinto da evolução. Três finalidades a alcançar, três uniões a serem efetivadas, três instintos a serem saciados. Em cada caso há um recobrimento do mais para o menos, estendendo a mão, ajudando a levantar-se para o alto. E, então, o menos torna-se instrumento do mais, como meio para sua realização. Isto mostra-nos como a vida é uma, não obstante os seres se distanciem nos seus diversos planos. Mostra também como, dividida nos seus particulares, permanece compacta por ser regida por princípios uniformes que estabelecem uma rede universal de relações que entrelaçam tudo a tudo.

Estamos no reino do relativo, em que todo ser é um fragmento e, como tal é incompleto, sendo, por isso mesmo, continuamente impelido à procura do seu termo complementar do qual necessita para completar-se. O termo complementar do evolvido é o involuído. Por isto Cristo amou, mais do que todos, os humildes, os pecadores, a ovelha perdida. Este é o destino fatal dos mais adiantados: o de se sentirem atraídos pelos mais atrasados, por ser esta exatamente a função biológica do evolvido, isto é de os fazer progredir. É esta atração que explica o seu instinto de sacrifício em prol dos piores, os que, exatamente, mereceriam menos tal sacrifício. A vida é lógica, econômica e utilitária. Se ela cumpre este contra-senso, havemos de presumir que ela possui seus bons motivos, que aliás, são os acima referidos. Podemos, assim, compreender também racionalmente porque Cristo tomou sobre si os pecados do mundo e o que isto significa em face dos princípios positivos da vida.

De outro lado, o termo complementar do involuído é o evolvido. Aquele persegue este, mata-o depois rebela-se, mas o seu ponto de referência, seja mesmo em forma negativa, é sempre aquele, o evolvido. Quem blasfema contra Cristo, afirma sua existência e poder. Esta é a manifestação do inferior, ávido de destruição. É com a agressão que ele pode manifestar o seu maior grau de interesse. Sendo inferior, submergido no Anti-Sistema, o involuído é negativo e, sendo tal, assim como ama bestialmente com a violência, assim mesmo une-se com a revolta. É a sua maneira de expressão, conforme a sua natureza. O mundo está unido a Cristo para enganá-lo, traí-lo, explorá-lo, mas mesmo assim, a seu modo, está unido a Ele, que permanece sempre, para todos, tanto para quem o ama, como para quem o odeia, o termo de referência, a unidade de medida dos valores, o farol que indica o caminho, também para os que não querem andar.

Agora podemos dizer que temos sob as nossas vistas a exata posição do evolvido e a do involuído em face das leis da vida. Podemos compreender suas, diversas atitudes em frente aos ideais que representam o, futuro da evolução, Encontrando-se os dois tipos em posições opostas, é natural que seja oposto o seu comportamento. Situados em face desses ideais, o evolvido é levado espontaneamente a vivê-los; o involuído, contrariamente, procura escapar-lhes. Este o índice revelador da natureza do indivíduo. Na posição avançada dos ideais, o involuído encontra-se deslocado, enquanto o evolvido encontra-se bem, no seu ambiente natural. A natureza do indivíduo é imediatamente manifestada claramente pela atitude por ele tomada em face desses ideais, positiva para o evolvido, negativa para o involuído. O primeiro procura subir para melhorar-se cada vez mais, é levado, por isto, a praticar mais do que pregar, mais a querer ser, do que querer aparecer. O involuído procura submeter os outros sob o peso de todas as virtudes, impor aos outros o esforço da ascensão que a ele não interessa; é, por isso, levado mais a pregar do que a praticar, a querer aparecer mais do que querer ser.

Cada qual age conforme a própria natureza e com isto revela-se. Continuemos a observar o comportamento diverso dos dois tipos, de modo que cada um possa reconhecer-se de per si. Colocado diante de seus próprios defeitos, o evolvido não se sente ofendido, mas procura corrigi-los uma vez que seu escopo é o de melhorar. Se observa defeitos dos outros, procura advertir particularmente para aconselhar e melhorar, não para acusar, procurando o bem do próximo e não uma ocasião para

desacreditá-lo. Aviso que é aceito, por trazer o bem e ser feito com amor.

Contrariamente, o involuído, posto em face de seus defeitos, ofende-se e não procura corrigi-los; justifica-os e defende-os, eis que seu escopo é o seu triunfo egoísta, a afirmação do eu; se encontra defeitos nos outros, procura acusar o próximo, sem buscar compreender a sua fraqueza, a sua luta para melhorar, as dificuldades para superar a própria animalidade; acusa-o, por estar em culpa e defeito contra os grandes ideais, exaltando-os, assim, ao negativo, como meios de agressão e condenação. Nenhum aviso particular oferece para ajudar a melhorar e corrigir, mas escandaliza-se, como e direito dos puros, dos juizes, a cujo lado o involuído gosta de colocar-se. Na sua astúcia ele gosta de tomar a veste de integérrimo, porque isto o situa na posição privilegiada de defensor do ideal e o autoriza à condenação, em que o seu eu triunfa, erigindo-se em modelo para o esmagamento do próximo. É o completo triunfo do instinto egocêntrico, oposto ao instinto altruísta do evolvido. Desse modo revela-se o involuído

Seu terreno é, como havemos dito, o da luta, em cuja função desenvolvem-se os seus pensamentos e atos. Encontrando-se em ambiente hostil, que o mantém continuamente na necessidade do ataque e da defesa, o problema de seu melhoramento é sobrepujado pelo problema mais premente da luta para a sobrevivência. Neste ambiente de rivalidade, o deixar que outro descubra os seus defeitos significa pôr a descoberto o ponto fraco a ser tomado por alvo pelo próximo, pronto a agredi-lo. Assim é que se explica como em nosso mundo esteja difundidíssima e instintiva a mentira, que se torna arma de primeira necessidade para a defesa própria. Condena-se este tão difundido espírito da mentira, mas é forçoso reconhecer ser isto uma conseqüência lógica, poder-se-ia dizer necessária, do espírito de agressividade que o gerou, sem a qual a mentira não teria finalidade e, pois, nenhuma razão de existir. É lógica, por parte da vida, que quando a agressividade tenta pô-la em perigo, ela se defenda com todos os meios mais aptos, de conformidade com a elevação do plano em que tenham de funcionar. A mentira, de fato, desaparece espontaneamente no plano do evolvido, onde o dominante espírito de sinceridade elimina automaticamente o espírito da mentira, caindo este de per si, não havendo mais, naquelas condições nenhuma necessidade do mesmo para viver.

Assim é que a luta torna o plano de vida do involuído um terreno repleto de traições, uma rede de enganos, uma ficção contínua. Para melhor enganar protesta sinceridade. A convivência social, num regime que embora não aparente, é substancialmente feito de luta, continuamente educa e obriga a esta ficção. Isto permite, a possibilidade de múltiplas interpretações dos aspectos bifrontes de todos nossos atos. Isto leva à formação de uma nossa segunda personalidade fictícia, sobrepondo-se a verdadeira para escondê-la; essa segunda personalidade, a mais considerada, porque sendo a que aparece por fora, o julgamento da opinião pública baseia-se sobre ela e é este julgamento que, em nosso mundo, estabelece o valor do indivíduo. Opinião pública inconsciente, irracional explosão de instintos elementares quase sempre egoístas e agressores, incompetente a julgar por ignorar as verdadeiras causas, mas assim mesmo sempre pronta a fazê-lo, embora, pela própria ignorância, esteja exposta a ser enganada pela astúcia dos mais espertos e menos honestos.

A vida é utilitária e neste ambiente convém mais aparentar, o que produz estima e confiança, do que realmente ser. No ambiente do evolvido demonstrar as próprias debilidades significa receber compaixão e ajuda, não desprezo e condenação e, por isto, é possível a sinceridade. Mas é natural que, num ambiente onde se vai à procura das fraquezas do próximo para destas fazer alvo, a vida se afaste de uma sinceridade que para ela se torna perigosa. Seria absurdo pretender que a vida ande contra si mesma. No plano do involuído o egocentrismo isolacionista dominante separa cada indivíduo do outro, encerrando-o nos seus problemas pessoais, ignorando os problemas dos outros. Aí os defeitos e respectivos males dos outros não são os próprios. Torna-se por isso legítimo desinteressar-se e perseguir, quando disto pode resultar um acréscimo de si mesmo com o esmagamento do próximo. O contrário dá-se no plano do evolvido, em que o estado orgânico dominante une todo indivíduo ao outro, situando-o como parte co-interessada na boa solução dos problemas do próximo. Neste plano, os defeitos e respectivos males dos outros valem os próprios, e, portanto é dever e útil interessar-se por eliminá-los uma vez que representam defeito e mal para todo o organismo de que se é parte e, pois, mal de todo seu

elemento componente. É natural, assim, que o modo de comportar-se dos dois tipos biológicos seja completamente diverso quando o problema da vida nos dois planos está implantado de modo completamente diferente.

Tudo tem sua razão de existir e esta no seu justo lugar. Devemos ter em conta o fato de que no plano do involuído dominam insensibilidade e ignorância. Para poder efetivar-se a evolução nestas condições, em pleno regime de separatismo e de luta, é que se tornam necessários os duros golpes que os involuídos se desferram reciprocamente, já que é nesta reciprocidade agressiva que eles cursam a escola necessária. Este é o duro pão indispensável para a dureza dos dentes dos involuídos. A escola da evolução deve usar meios proporcionados a sensibilidade dos alunos. Tratados com espírito de sacrifício próprio poderia, em determinados casos, representar um convite à inércia e à exploração. Muitas vezes a condenação da opinião pública, a feroz acusação do vizinho, de que se ressentem os malefícios, representam o único meio que consegue se fazer sentido e percebido pela insensibilidade dominante. Quantos não procuram deixar-se arrastar, e explorar o sacrifício de Cristo? Mas, com isto, não se pode enganar a vida. O resultado é que esta deixou o mundo, que recusou os argumentos da bondade, debaixo do látigo dos duros argumentos dominantes e de todos conhecidos, por serem os únicos adaptados a sua sensibilidade.

Cada coisa está em seu lugar na ordem universal. Quando o evolvido anunciou a sua verdade, deu o exemplo, completou o seu sacrifício, então basta. A sua tarefa esta cumprida. A cada qual pertence o esforço da própria evolução e não se pode explorar a dos outros para que efetuem a nossa, em nosso lugar. Se, depois, o involuído quer subir deve pôr-se em movimento com as próprias pernas. Na justiça da Lei, a cada qual o próprio trabalho e tarefa. Ao evolvido pertence redobrar-se em missão de sacrifício sobre os mais atrasados, ensinando e guiando, mas, depois, pertence ao involuído efetuar o esforço para mudar-se, seguindo as marcas dos mestres. Se não quiser fazê-lo, o dano será todo seu, e o martírio dos evolvidos que se sacrificaram por ele, ficará inutilizado para ele, uma vez que não quis colher o fruto oferecido. Os involuídos poderão mesmo martirizar os evolvidos que descem na terra em missão, uma vez que a Lei o permite por ser esta a forma com que os primitivos tomam conhecimento das coisas. Mas se, depois, eles não aceitarem e não seguirem este conhecimento, ninguém poderá constrangê-los a isto, ou fazer e respectivo trabalho em seu lugar, trabalho necessário para alcançar com a evolução a própria felicidade. E assim eles, que se têm por fortes e astutos por haver sabido esmagar o evolvido que se sacrificou para eles, perdem a oportunidade de evasão que lhes foi oferecida e permanecem submergidos no pântano de seus males. Os perseguidores de Cristo acreditaram conseguir vantagem mas fizeram seu próprio dano. Desse mesmo modo, todos os que põem entraves à missão dos homens superiores, acreditam vencedores mas são vencidos; imaginando alcançar ganhos com a liquidação de um inimigo, deslizam cada vez mais para trás, para a ignorância e a dor.

\* \* \*

Continuemos a observar as diversas posições do evolvido e do involuído em todos os seus aspectos. Ocupar-nos-emos mais adiante da moral em modo particular, procurando encontrar uma, racional, que se eleve sobre bases positivas. Queremos, aqui, observar somente o comportamento dos dois biótipos em face das normas propostas como guia da conduta humana.

A natureza predominantemente egocêntrica e isolacionista do involuído, devido a sua posição retrógrada ao longo da escada da evolução, mais próxima do anti-sistema, manifesta-se em toda sua atitude, assim como a natureza predominantemente orgânica e unitária do evolvido, devido à sua posição mais avançada, mais próxima do sistema, igualmente manifesta-se em todo seu ato. Assim é que a moral do involuído é predominantemente egocêntrica: começa de seus próprios direitos em relação aos outros e dos deveres dos outros para consigo. O regime de luta em que vive o involuído não pode deixar de aparecer a todo seu passo. Disto segue que a sua, porquanto externamente envernizada com a mentira de nobres ideais, é substancialmente uma moral de agressão. O que distingue e revela o involuído, é exatamente o espírito de agressividade, enquanto o que distingue e revela o evolvido, e o

espírito de amor. Verificamos os princípios gerais expostos nos volumes **Deus e Universo** e **O Sistema** alcançar aqui, no terreno humano em que todos vivemos, suas últimas conseqüências.

Dada a posição do involuído ao longo da escala da evolução, é natural que a sua seja uma moral de luta, uma moral em que o problema de vencer sobre tudo constitui o elemento fundamental. Assim é que os conceitos das morais pregadas vêm a tomar uma significação completamente diversa. Num ambiente em que tudo é luta, qualquer coisa que venha a nele cair não pode deixar de ser transformado e utilizado como instrumento de luta. Não se pode dizer que no plano do involuído não existam ideais, religiões, morais, princípios de todo gênero. Leis não faltam. Mas tudo isto não representa a realidade biológica, vivida neste plano, mas a realidade biológica de planos superiores a serem alcançados no futuro, mas, hoje, ainda longínquos. Sua prática na terra é forçada, obtida somente por meio da ameaça das sanções. Nada tem da espontaneidade instintiva que aqui gozam os atos da animalidade. Os princípios superiores aparecem na terra com um capuz imposto mais ou menos à força, sobre a natureza humana que, sendo bem diversa, procura rebelar-se, lançar longe o pesado fardo e, para evadir, tenta toda contorção possível.

Enquanto o desejo primordial do evolvido é o de aderir à Lei, o primeiro desejo da involuído é o de dobrá-la a si mesmo. Em nosso mundo, tudo é conseqüência lógica da posição retrógrada ocupada pelo involuído ao longo da escala da evolução. É uma série de elementos conjugados em corrente: revolta contra a ordem, estágio de desorganização, separatismo, isolamento egocêntrico, egoísmo, luta, agressividade, contra-agressividade por necessidade de defesa. Torna-se desse modo um regime de incompreensão e de antagonismos que arrasta a todos. Para corrigir os últimos efeitos, tornar-se-ia necessário remontar com a correção até as causas primeiras, estabelecidas pela natureza mesma do biótipo do involuído. Tão logo este conseguisse evoluir até um mais elevado plano de vida, ingressar-se-ia num regime de compreensão que; com o reconhecimento dos direitos alheios, pacificaria todos os antagonistas. Mas na situação atual, com pretender que a crítica alheia, se esta é movida não por amor e para melhorar, mas sem amor, para acusar, venha a ser recebida de boa mente, sem que haja, em quem a receba, a explosão do espírito de agressividade de que aquela está repleta? Quem é que não estaria pronto a aceitar e agradecer a intervenção do próximo, quando isto fosse feito a fim de bem? Como podemos pretender que a vida dê ao indivíduo o instinto contraproducente de aceitar o que lhe resultaria em dano por ser movido por espírito de agressividade? E como podem ser diversas a crítica e a reação que ela provoca, quando se vive num regime de luta? Quando nos encontramos em face de tais reações, a culpa estará em quem as cumpre ou em quem as provoca, colocando a outra parte na necessidade de defender-se?

Por vezes acontece, nestes casos, de usar-se um Evangelho invertido. Este, de fato, prega a paciência e o perdão, desarmando o homem no terreno humano. Coisa ótima para quem se move contra aquele, no mesmo terreno. Levanta-se então a bandeira do Evangelho por ser, este o melhor meio para desarmar o inimigo. E se este não se deixa assim desarmar, deixando-se esmagar, pode-se encontrar nisto uma nova razão para condená-lo, frente aos nobres e santos ideais que este, com, grande escândalo dos seus críticos, demonstra evidentemente não respeitar. Então, em nosso mundo, onde tudo pode ser invertido e falsificado, alcança-se este "esplêndido" resultado: o de que as virtudes e os ideais que deveriam tornar o homem melhor, vêm a ser usados como termo de confronto para mostrar os defeitos do próximo e para acusá-lo em causa disto. Tal é a natureza do involuído, tal é o seu instinto que ele procura satisfazer, tal é o caminho para o qual o impele o espírito de agressividade de que está saturado o seu ambiente, pelo que tudo, em suas mãos, torna-se arma de luta para vencer e dominar.

Quem procura verdadeiramente a virtude, a procura em si mesmo e não nos outros e, se a possui, não a exhibe para honrar-se. Quando assim fosse não seria mais virtude, mas exploração da virtude, e quem a procura somente nos outros, dela faz um meio para figurar esplendidamente enquanto está esmagando o próximo. Este método é muito usado para conseguir honra de virtuoso, é muito barato, causa muito incômodo alheio mas bem pouco para si. O involuído é prático e utilitário, e é parte de sua lógica conseguir fruto de tudo. Pode-se tornar este método mais seguro e proveitoso, acrescentando, a pregação da virtude, o escandalizar-se de quem não a pratica, distanciando-se mesmo, com repugnância,

dos pecadores.

Analisamos esta psicologia para explicarmos-nos a sua existência. Tudo decorre sempre do primeiro fato, isto é viver o involuído num regime de luta em que a agressividade para o ataque e a defesa é uma condição necessária para a conservação da vida. Num ambiente constituído de egocentrismos rivais, esmagar o próximo representa uma vantagem, a libertação de um concorrente, espaço vital conquistado. Para o involuído, ideais e virtudes constituem um impedimento nesta luta. Como; pois, deixar de procurar, dada a psicologia utilitária dominante, de jogar este impedimento sobre os ombros do vizinho, para amarrá-lo o mais possível, se isto constitui vantagem própria? Tudo é lógico na natureza. Por que não teremos a coragem de olhar de frente esta lógica, se isto não é senão a última consequência das reais premissas representadas pela natureza do involuído? Por que acrescentar-lhe a hipocrisia para encarar a realidade sob aparências diversas? É mais honesto sermos sinceros. Estamos no plano do involuído, onde predominam ainda os instintos da animalidade. Por que dever-se-ia renunciar, neste plano, a vencer o próximo, quando isto representa conquistar para si um acréscimo de vida? Estamos, aqui, situados num terreno onde reina o egoísmo separatista. Cada um por si. E se o indivíduo não aproveitar a fraqueza do vizinho para sobrepujá-lo, este aproveitara de sua bondade para esmagá-lo. Tudo isto evoluindo, cai de per si por ser contrário a lógica da vida no plano orgânico do evolvido, onde tudo isto não tem mais razão de existir. Entretanto, é lógico que a lógica da vida seja diversa no plano do involuído isolacionista.

Neste plano, os princípios descidos do plano do evolvido na forma de ideais, religiões, normas morais, leis sociais etc., representam um farde que a animalidade procura alijar de si. Esta anela permanecer na plenitude de seu estágio e não se quer mutilar com a evolução que procura destruí-la. Todo progresso para o alto, no plano da animalidade, representa uma renúncia a vida. Nesse mundo de rivalidade é natural que cada qual procure fazer tom que a renúncia seja praticada pelo próximo, o seu rival, antes de ver-se constrangido a praticá-la ele mesmo. Assim é que se explica, em muitos casos, a exaltação dos ideais, uma vez que estes representam um meio para induzir o próximo a esta renúncia, a qual, limitando o seu espaço vital, aumenta o nosso. Com isto não se quer dizer que não haja sinceros afirmadores dos ideais; mas, fato é que, se disto não decorresse alguma vantagem, muitos não os sustentariam. Nesses casos exige-se que as renúncias sejam vividas pelos outros em nome dos princípios ideais, porque limitando os apetites, quando não eliminam um rival, conseguem distanciá-lo como concorrente do mesmo prato onde preferimos comer sozinhos.

Para o evolvido tudo corre de modo completamente diverso. Uma vez que o seu centro vital está situado em outro plano, é natural que a vida alcance os seus objetivos em outra forma: no caso do involuído, em forma egocêntrica, no do evolvido, em forma orgânica unitária, exatamente porque o primeiro está situado mais perto do Anti-Sistema, que possui aquelas características, e o segundo, contrariamente, está situado mais perto do Sistema, que possui as opostas. De fato no plano do primeiro, a plenitude da vida alcança-se com o triunfo da animalidade, enquanto no plano do evolvido alcança com o triunfo da espiritualidade. Para o involuído, contra as vantagens oferecidas pela prática dos ideais e das virtudes, interpõe-se a barreira representada pelo esforço necessário a subida até aquele plano em que o evolvido, que o alcançou, colhe naturalmente aquelas vantagens. Assim é que, no plano deste, as virtudes que tanto pesam para o involuído, são praticadas espontaneamente, sem esforço, como se verifica com todas as qualidades adquiridas no estado de instinto. Para o evolvido as virtudes representam uma norma de vida das quais experimentou a utilidade, uma disciplina que valoriza o que a segue, uma lição bem assimilada. Para o involuído, em vez disso, as virtudes representam uma norma nova que pretende inverter o seu mundo para construir um outro, prometendo efeitos dos quais não se experimentou ainda a utilidade, conhecendo-se, entretanto, o peso do sacrifício necessário para alcançá-los. Assim é que, se o evolvido se encontra em face dessas normas na posição de aceitação natural, o involuído vem a achar-se em posição de rebelião e de defesa. Desse modo este último defende-se contra as normas superiores da ética, da mesma forma como se defende contra todos os outros perigos que o ameacem, sendo esta a atmosfera do seu ambiente.

Entretanto o mundo está repleto de harmonias maravilhosas, cuja compreensão é fonte de

imensas alegrias; está repleto de potencialidade gratuita para quem for digno de possuí-la, do mesmo modo como os espaços estão cheios de energia que gratuitamente move massas incomensuráveis de matéria. Aquelas harmonias e alegrias são desconhecidas pelos primitivos que vivem submergidos num mundo de agressão recíproca, e, portanto, de perigo e ansiedade continuas. Aqui a potência é disputada e fragmentada por não sermos dignos de possuí-la. Também assim na Terra onde tudo está acorrentado à atração, propriedade da matéria, e, por isso, toma-se custosa toda energia necessária para movimentar qualquer pequena massa. O evolvido é como um bólido que, liberto da material atração terrestre, pode livremente viajar pelos espaços usufruindo da energia gratuita a que tem direito todo aquele que se tornou digno de captá-la. Então, o mundo, que para os primitivos está repleto de terrores, manifesta-se sob aspecto de todo diverso, como um mundo de ordem e de harmonias, em que a vida é garantida por um Deus, não mais iracundo e vingativo, mas verdadeiro pai de todos. Então a nossa grande habilidade de saber vencer o próximo para usufruir neste inferno uma vida bem dura, torna-se um esforço sem sentido, uma condenação reservada aos inferiores, embora necessária para acordá-los de sua insensibilidade e ignorância.

O erro psicológico do involuído esta em acreditar que a disciplina das normas superiores constitui uma restrição da vida, enquanto esta disciplina representa somente o esforço necessário para alcançar condições de vida mais elevadas e melhores. A ignorância do primitivo está em não compreender que a luta para sobrepujar o próprio semelhante não produz senão resultados imediatos e transitórios, enquanto a verdadeira luta que deveria ser travada é a da superação do próprio plano de evolução, por ser esta a única luta produtora de resultados decisivos, embora longínquos. O permanecer encerrado na própria psicologia constitui a maior condenação do involuído, mas este é o natural e inevitável efeito de sua ignorância. Esta é própria do seu plano e ele não poderá sair enquanto não souber efetuar o esforço da superação. Em face da disciplina que deseja coordená-lo num sistema orgânico, ele se sente prisioneiro, rebela-se como faria uma fera posta a viver num dos nossos apartamentos. Se o homem civilizado acha-se muito melhor na casa do que na floresta, o primitivo, sentindo-se engaiolado, praticará os esforços para evadir-se. Para este, permanecer nesse ambiente civilizado representa algo fora do seu concebível. Ele está inexoravelmente amarrado à lei do seu plano, os seus esforços desenvolvem-se conforme esta lei e para ele sua posição relativa tem valor absoluto. E não compreende que, pregando e não praticando, o ato de querer encerrar o próximo, em vez de si próprio, na gaiola das virtudes, não constitui astúcia em seu favor, mas prejuízo para si próprio. Se quisermos verdadeiramente ganhar, cada um de nós deverá tomar o seu fardo e carregá-lo para evolver.

É tão só para o primitivo ignorante que pode parecer, uma vez que está projetado para o Anti-Sistema, que o mundo seja um caos, em que a vida pertence ao mais prepotente que sabe impor-se. O que tudo regula, também nos planos inferiores, é a lei de Deus, que é ordem e justiça. Somente quando se progride ao longo da escada da evolução, começa-se a compreendê-lo, porque subindo, o ser avizinha-se ao Sistema.

Eis o que fica sendo o mundo do evolvido transferido para o plano do involuído. Eis porque o produto das religiões e dos ideais está feito, praticamente, mais por pregadores de virtude do que por virtuosos. Eis como as normas de uma vida superior, movimentadas pelos astutos, servem muitas vezes para apanhar os ingênuos, os honestos, todos os fracos que não sabem defender-se. Mas Deus não pode ser enganado e Ele vê também atrás dos bastidores. Assim é que, pela Sua Lei de justiça, a humanidade sempre pagou, está pagando e pagará os seus erros. Somente depois de haver feito a diagnose do mal, é possível compreender qual deve ser a cura. Tão só depois de haver compreendido quais os erros perpetrados, se pode ver como são justas e merecidas as suas conseqüências, que a humanidade está suportando.

Sem condenar e muito menos pretender reformar, quisemos chegar á compreensão destes fenômenos, sobre os quais boa parte de nossa vida individual e social está alicerçada.

## IV

### INVERSÃO DE VALORES

Continuemos a observar as qualidades e as atitudes que caracterizam os dois biótipos opostos, o do evolvido e do involuído. O que distingue o primeiro é a sua afirmação unitária, como eu coletivo. O que individualiza a segundo é a sua afirmação separatista; como eu isolado. O evolvido não se interessa pelo próprio eu individual, concebido como isolado do próximo, com este sentindo-se parte no organismo coletivo da humanidade. Não nutre qualquer ciúme da supremacia alheia, constituindo esta, para ele, a supremacia própria. Contrariamente, um dos efeitos que mais caracteriza o involuído é, exatamente, esta ciumeira de qualquer outro a emergir em seu lugar. Isto porque ele faz do próprio eu o centro do universo, que ele pretende exista em função daquele seu eu.

O instinto do involuído é o de reproduzir o egocentrismo, que é fundamental no sistema, mas em posição emborcada, isto é, não no centro mas na periferia onde ele está situado. O egoísmo manifesta-se, de fato, no involuído a cada passo, em todo seu ato. O Sistema do universo é unitário, enfeixado em torno de um único centro, e o involuído pretende erigir-se em centro autônomo no Anti-Sistema. De fato, o seu valor máximo, é o triunfo pessoal do seu eu, separado de todos os outros, admitidos a coexistir somente em posição de submetidos. Contrariamente o valor máximo do evolvido é o triunfo coletivo da maior humanidade da qual ele faz parte, e na qual está fundido com todos os outros; coexistentes com ele em posição de colaboradores.

As posições dos dois biótipos constituem a inversão uma da outra. Para o involuído, o que constitui o ideal é o seu triunfo individual, elevado sobre não importa quais ruínas do próximo, a consecução do ápice dos valores sociais, a base da estima, ou, com outras palavras, o sucesso. Em face do vencedor, todos inclinam-se, e a vitória justifica tudo. Condena-se o ladrão porque representa um perigo, mas quando este, pelos seus furtos, cometidos com bastante astúcia de modo a escapar da lei, tornou-se rico e poderoso, então todos o respeitam. Condena-se o assassino, por representar uma ameaça, mas, quando, um condutor de exércitos guia-nos para a vitória matando milhões de pessoas pela grandeza de nossa pátria, então ele é um herói.

Todos detestam a guerra, mas todos admiram o vencedor. Agir como o evolvido, em sentido coletivo colaboracionista, procurando não só o triunfo próprio ou do grupo, mas o de todos, significa para o involuído abdicação e autodemolição em favor dos rivais que somente procuram sobrepujá-lo.

O evolvido oferece tudo para o bem alheio, por ser este também o seu próprio bem. O involuído procura agarrar o mais que pode para o bem próprio, uma vez que o bem dos outros serve somente para reforçar os seus inimigos e o perigo que estes representam para ele.

O que acontece, então, quando os dois tipos encontram-se? Enquanto o evolvido procura dar, o involuído procura tomar. Tudo, então, tende para o empobrecimento e, com isto para a liquidação. do evolvido. Será então este o problema que iremos estudando: Como sobreviverá o evolvido, com que novas armas a vida defenderá este seu produto precioso, cuja criação custou tanto trabalho como salvará o evangélico desarmado? Ele está feito para viver num ambiente de reciprocidade, em que tudo é compensado. Onde falta esta reciprocidade, quem for generoso trabalha em plena perda. Terá, então, de ser liquidado? Mas isto significaria a falência da vida num dos seus pontos de maior valor e significaria também que o Evangelho é mentiroso por aconselhar coisas impraticáveis, que conduzem a destruição. A Lei da Justiça de Deus não defenderá nesse caso o inerme? Mas antes de enfrentar este problema conclusivo, continuemos ainda na observação.

O que acontece quando os dois sistemas opostos encontram-se? Quando os ideais do evolvido caem na mão do involuído, este os usa para os seus fins. Trata-se de um contínuo trabalho de adaptação a

si mesmo da tudo o que se encontra na vida. Tudo é utilizado conforme a própria psicologia, necessidade e temperamento. Tal como os pássaros servem-se das árvores para seus ninhos, outros animais, para neles subir, esconder-se e defender-se, assim o homem: é levado a procurar nas regras da ética geral aquela norma que aprove, justifique e valorize o seu eu e, então, enaltece esta parte, pondo-a em foco e silenciando sobre todas as outras que, em lugar de sustentá-lo, o poriam em falta. Desse modo o temperamento dinâmico dirá: Trabalhai. O preguiçoso procurara esconder a sua preguiça atrás da sua honestidade, se frígido, tornar-se-á propugnador da pureza, mas, se for um sentimental sustentará as virtudes do amor, seja mesmo espiritualmente sublimado, enquanto se do tipo oposto, sustentará a virtude da disciplina e do dever. Isto não ocorre de outra forma para o involuído, se a sua natureza o leva, antes de mais nada, a exaltação do próprio eu. Paralelamente procurar-se-á silenciar tudo o que pode marcar a própria condenação. Assim, por exemplo, quem possuir, guardar-se-á bem de lembrar as páginas do Evangelho acerca da pobreza, e quem for ávido de riquezas nunca falará do Evangelho da renúncia. A posição do involuído é sempre a mesma: a de situar o próprio eu como centro do universo e de tudo conceber, até Deus, em função de si mesmo. Assim, cada qual procura interpretar e dobrar todo ato e pensamento alheio a própria maneira e utilidade. Enquanto a lei de Deus quer transformar o involuído a seu modo, este procura transformá-la de modo próprio. E, muitas vezes, alguma norma encontra sucesso, exatamente porque este conseguiu transformá-la desse modo.

Na Terra tudo pode ser alterado e invertido, para fazer-se uso completamente diverso do preestabelecido. Que coisa mais digna de admiração do que estar carregado de virtudes. Como, pois, impedir que quem for sedento de admiração, para satisfazer o seu orgulho, procure mostrar possuí-las todas, fazendo-se acreditar santo? Pode então acontecer que, seres desejosos de emergir, escolham este caminho por achá-lo fácil (no entanto bem perigoso) e arrisquem-se desse modo a tomar posições insustentáveis, de renúncia e martírio das quais não avaliaram o peso demasiado grave para o tipo que não nasceu evolvido; Embrenham-se, assim, por sendas desconhecidas, cuja significação substancial não está na superfície dos fatos que em geral os biógrafos dos santos anotam, fatos cuja imitação formal não constitui, por nada, a santidade. Gera-se assim uma imitação grotesca, feita somente de práticas exteriores, constituindo apenas uma aparência, enquanto a substância, que é de natureza completamente espiritual, está além destas representações externas. Há quem possa crer que a santidade de S. Francisco constituiu-se no dormir no chão e vestir-se de saco e há quem creia que seja possível alcançar a santidade imitando-o nisto. Mas a sua santidade consistia, não nessas nassas últimas conseqüências, mas em sua causa primeira, ou seja no incêndio espiritual que ardia naquela grande alma e que se não alcança com imitações formalísticas.

Dá-se, então, que quando os normais, desprovidos dessas qualidades de exceção, pretendem, por outras razões, encaminhar-se por aquelas sendas, não possuindo a força para dominar as reações da vida (tanto mais fortes contra tão radicais negações da animalidade), acontece então que se vêm a encontrar na necessidade de retroceder frente as dificuldades cujo alcance, com leviandade, não haviam medido. Então, para os imitadores incautos, surge a necessidade de retroceder, e com isto, a queda das virtudes e o respectivo escândalo. Nesse manifesta-se o instinto de agressão do próximo que, ciumento da veneração que aqueles imitadores haviam conquistado, sente-se feliz de demoli-la encontrando-os em falta e isto, naturalmente, por santo zelo, em nome da virtude. E é feliz com essa demolição tanto mais quanto fica desiludido no seu desejo de ver naqueles santos imitadores, sufocados pelas virtudes, já expulsos da luta em benefício do próprio espaço vital.

Muitos atos humanos não são tão simples como podem parecer a primeira vista e, muitas vezes, resultam de um entrelaçamento de operações psicológicas com as quais se consegue o fenômeno da inversão. Indicamos estas manobras, não para acusar, mas para prevenir aqueles que caem nelas acreditando-se astutos, mostrando-lhes que o jogo não é tão fácil como pode parecer. Se continuamos a navegar nessa charco das mentiras é para ensinar a sair delas. Se desnudamos o mal não é para nos deleitarmos na crítica, mas para mostrar no fim os caminhos do bem, é para educar, demonstrando ser de maior vantagem seguir estes do que aqueles.

Uma forma de inversão dos ideais a podemos encontrar num tipo de caridade em moda na

sociedade moderna: a beneficência. Em vez de dar de si mesmo, diretamente, em obras e sentimento, irmanando-se para ajudar, organizadores, repletos de santo altruísmo, com a ajuda da propaganda, dão-se a nobre indústria do recolhimento de fundos. Alcançam-se assim diversas utilidades, que constituem a causa da divulgação destes sistemas:

- 1) Descarrega-se o nobre esforço da virtude de caridade sobre os ombros alheios, antes que sobre os próprios.
- 2) Formando muito barulho para o bem do próximo, mostra-se a própria virtude, satisfazendo o orgulho.
- 3) Com a santa pregação dos ideais e o sacrifício obtido dos outros, declarando doar, consegue-se, em vez, receber, o que, no terreno prático deste mundo, é sempre considerada a coisa mais importante.

Não se afirma que isto se verifique sempre. Mas, dado o tipo do involuído que aprendemos a conhecer na sua verdadeira natureza, não serão estas as últimas conseqüências lógicas de todo o seu procedimento psicológico? E dada a predominância deste tipo em nosso mundo, tipo eminentemente egocêntrico, qual a significação se pode dar à tamanha difusão da tão desinteressada porfia para beneficiar o próximo, senão a de tirar alguma utilidade para quem a praticar? E que outra coisa se haveria de pretender desse tipo de condenado a viver num ambiente de luta feroz de todos contra todos? Se esta é a forma que a vida toma no seu plano como pretender que ele, renuncie a esta que para ele é toda a vida? Impedir às feras de serem ferozes importa em tirar-lhes o único meio de sobrevivência. O único meio possível é civilizá-las, para conduzi-las a um plano biológico mais elevado.

Este jogo de inversão dos ideais toma inúmeros aspectos. Na luta entre evolvido e involuído, cada um quereria anular o mundo do outro, para substituir-lhe o próprio. De um lado o separatismo egoísta, de outro o sentido unitário altruísta. Esforço e luta de ambos os lados, porque nenhum dos dois quer aceitar a verdade do outro plano que, para cada qual, torna-se um sofrimento, por não corresponder aos próprios instintos. Esforço do evolvido para libertar o mundo da animalidade e fazê-lo evoluir até a espiritualidade. Esforço do involuído para conseguir satisfazer seus interesses sob as aparências do ideal, isto é, para neutralizá-lo e torná-lo inócuo na prática, anulando a ação que procura paralisar as necessidades da vida no plano animal. Esforço de astúcias para aparecer o que deveria ser, mas que não é esforço necessário para alcançar os fins que a lei do evolvido condena, mas que o involuído acha fundamentais para a sua existência. Para ele o ideal é uma história inventada que ele sente não corresponder às medidas de sua vida. Ele não pode deixar que seu valor consista no deixar-se enganar, como lhe parece, pelos ideais, mas no de saber rebelar-se para defender-se do que lhe parece uma limitação. Usará, por isto, todos os seus recursos mentais neste sentido, alcançando, assim, a conquista daquela forma de inteligência inferior que é tudo aquilo que o seu plano de vida pode produzir.

Luta, pois, em todo lugar e sempre luta. Luta entre involuídos para sobrepujar-se, luta entre luz e trevas, entre futuro e passado, entre evolvido e involuído, entre planos de evolução e os biótipos que os representam. Tudo na terra existe em função da luta: a paz em função da guerra, o amor em função do ódio. A fraternidade nasce, e é mantida compacta acima de tudo, quando a união é imposta por um inimigo comum contra o qual há o interesse de lutar. Os conceitos de universalidade e imparcialidade representam uma descentralização do egocentrismo que, na sua luta, pode resultar antivital. Transplantando-os do seu plano, que é o do evolvido, para aquele do involuído, estes conceitos são rejeitados. ou contorcidos e invertidos para adaptá-los a um ambiente onde tudo é diferente. Dá-se, então, que o universalismo e a imparcialidade vêm a ser compreendidos e admitidos somente como um novo partido, pronto como os outros a lutar contra todos: o partido dos universalistas imparciais!

Assim é que o amor para com o próximo, na Terra, prefere nascer em função da luta, isto é limitado ao grupo onde se encontra o interesse próprio contra todos os outros. Trata-se de um amor restrito, que deve ser, antes de mais nada, útil a cada um dos componentes do grupo, o que significa contra os de fora, os da parte contrária. Isto tudo não representa acusações, mas a lógica conseqüência dos princípios de egocentrismo separatista e, pois, de luta, vigentes no plano do involuído. Amor, somente para o próprio semelhante, isto é, aquele que se encontra nas nossas próprias condições e, portanto, tem interesse em ser nosso aliado na luta contra todos os outros que se encontram em outras

condições de vida. Amor que esconde o ódio, paz que oculta a guerra. O amor da própria família implica a necessidade de defendê-la contra todas as outras famílias, o amor da pátria presume o dever de fazer a guerra contra as outras nações.

Os simples acreditam na existência de uma única moral, a proclamada oficialmente, e que a sua não observância importa em culpa. Mas por que, então, o homem deveria preferir a culpa? Ninguém é mau sem razão, tão só pelo gosto de sê-lo. Se o homem escolhe este caminho, dado o fato de que é guiado por um princípio utilitário, quer dizer que nisto encontra uma vantagem. Torna-se esta vantagem ilusória por ser apenas imediata. Dela, depois, derivará um dano. Mas para ele, que não sabe enxergar mais longe, não há melhor maneira de criar a própria utilidade. Pôr-se a proferir condenações significa permanecer na psicologia da luta; isto é dar prova de pertencer ao plano do involuído, cujos métodos continuaria a usar. Deste modo seria satisfeito um instinto mas não se resolveria o problema. Não há cura para os doentes com os cárceres ou o inferno. Isto possibilita cumprir funções defensivas de uma casta ou de determinados princípios, mas deixa-nos permanecer no campo da luta. E não obstante todas as ameaças do inferno, suas portas permanecem escancaradas, com entrada contínua.

A complicação do problema está em que, na terra, não há uma lei única e uma moral só, mas leis e morais de planos de vida diferentes, cada qual invocando os seus direitos e exigências imprescindíveis. Há guerra também neste sentido: a guerra de Cristo contra o mundo. E não se pode satisfazer uma lei sem violar a outra. O homem está entre dois fogos, impelido pelos ideais a sacrificar-se para subir, mas, ao mesmo tempo, retido pelas necessidades férreas da sua vida material, em que é preciso tudo calcular, uma vez que não há margem para o que não produz uma utilidade imediata. Assim é que têm explicação as tão lamentadas adaptações que, porquanto exerçam o papel de freios da evolução e embora escandalizem como contorções dos ideais, se existem, isto quer dizer que há uma sua razão, uma vez que na sabedoria da vida nada há existente sem finalidade.

Quem procura antes de mais nada compreender, não pode condenar. Ser-lhe-á possível, em vez disto, chorar sobre tanta miséria humana, devida ao atraso no grau de evolução em que a mundo ainda se encontra. Mas a compreensão do ambiente em que nos encontramos, torna-se necessária para poder sair do charco. Calar representaria um convite para permanecermos na ilusão. Enxergar o caminho é o primeiro ato necessário para percorrê-lo. É preciso armar o involuído com o conhecimento necessário para subir a um plano de vida superior. O Evangelho não diz apenas "sede simples como as pombas", mas acrescenta: "astutos como as serpentes". Isto quer dizer, puros e honestos como os evolidos, mas ainda conhecedores de todas as velhacarias humanas para não ser suas vítimas. A fé de olhos escancarados é muito mais sólida do que a de olhos fechados. Deus não nos quer quais néscios credulões, mas crentes iluminados. Para praticar o bem é preciso conhecer também o jogo do mal. Trata-se de guerra e em toda guerra é necessário saber como funcionam as armas do inimigo e ensinar aos próprios soldados a usar as próprias. Assim é que demonstraremos neste volume que as armas do evolido evangélico são mais poderosas, tomam-no assim o mais forte, apto, como Cristo disse de si, a vencer o mundo. Isto é quanto, pelos meios da razão, procuramos fazer compreender ao tipo corrente do plano humano, a fim de que este, depois de haver compreendido a grande vantagem que representa o subir a um plano de vida superior, decida-se, no próprio interesse, a efetuar, para evoluir, um esforço do qual será, depois, largamente compensado.

\* \* \*

Continua a luta que abarca também as relações entre o legislador e os seus súditos. O primeiro parte do princípio de que o homem é um involuído cujos instintos inferiores é preciso domar. Os pontos de referência terrenos da ética humana são a animalidade e os instintos egocêntricos de revolta. O pressuposto natural do moralista é que o homem é um pecador a ser corrigido. Cristo não veio a terra para redimir a humanidade? Esta era, então, uma pecadora, carregada de culpas Mas por quê? Não é possível dar a isto outra explicação razoável, senão a de involução. A finalidade do legislador de normas

éticas deve ser, pois, o de fazer emergir do estado de involução, isto é, o de guiar o homem ao longo do caminho da evolução, com uma ética progressiva, adaptada ao grau de desenvolvimento que paulatinamente vai alcançando. O Novo Testamento, que reforma o velho sem destruí-lo, mas levando-o para a frente, confirma este conceito.

Exatamente para fazer evoluir é que o legislador se dirige; em primeiro lugar, a combater a animalidade. Os próprios mandamentos de Moisés são tão aderentes à natureza humana que permanecem, ainda, em vigor. Combatem, antes de mais nada, os instintos do involuído, de revolta e de egoísmo em dano do próximo. Os pais ensinam a seus filhos a não se rebelarem contra Deus, não matar, não cometer adultério, não furtar, não mentir, não desejar as coisas ou a mulher alheia. Antes de mais nada, não fazer aquilo a que o instinto espontaneamente conduz. E este instinto a que leva? A rebelar-se contra todos, a matar, a trair, a furtar, a mentir, a tomar as coisas e a mulher alheia. Como é claro, os pontos de referência estão no plano do involuído, são suas próprias qualidades definidas pelo próprio Moisés: as da animalidade. O discurso é dirigido ao involuído, com a linguagem dele, a que pode compreender porque é a sua, e não se dirige ao evolvido possuidor de outras qualidades. Os mandamentos não dizem: faça o que faz o evolvido e seja como ele. O involuído não o poderia compreender, eis que lhe faltam os pontos de referência no plano do evolvido. Assim é que Moisés não podia dizer "seja evolvido", porque ninguém o teria compreendido. Mas teve de dizer: "não seja involuído" uma vez que o seu povo não conhecia outro tipo, se não este que constituía a ele próprio. E se os mandamentos permanecem ainda os mesmos, quer dizer que os povos permaneceram mais ou menos os mesmos e que o quadro que Moisés nos oferece do involuído, permanece ainda plenamente fiel. Todo mandamento quer corrigir e, por isto, nos diz o que está escrito na natureza do involuído. Descrição melhor não poderia ser feita num documento de maior valor.

Assim é que legisladores e moralistas tiveram que erguer-se antes de mais nada contra o instinto humano de revolta e ordenar: "não faça". E o "faça" corresponde ao comando dirigido a um rebelde para que faça o que ele não quer fazer. Esta cor policial de uma ética armada de sanções, indica claramente tratar-se de um mundo de involuídos. Naturalmente isto será percebido somente por quem observa com o olhar do evolvido, porque o involuído está tão certo que a sua natureza e as respectivas sanções estão assim estabelecidas, que não pode sequer pensar seja possível diversamente.

Assim, em nosso mundo tudo é lógico e proporcionado. De um lado o involuído rebelde, com os seus instintos, pronto a não se deixar dobrar por ninguém. De outro a lei moral bem munida com suas sanções, por saber que se dirige a um rebelde, cuja resistência é calculada e prevista e em cujas reações foram exatamente formuladas as normas. Luta também entre legislador e povo. Tudo qual lógica conseqüência dos princípios que regem o plano de vida do involuído. Os dois impulsos contrários presumem-se reciprocamente e equilibram-se. A dosagem de impulso evolutivo emitido naquele grau de desenvolvimento, está proporcionada às capacidades receptivas e de assimilação do tipo biológico ao qual aquele impulso é dirigido. A veste da lei com a qual o legislador cobre o seu povo deve ser feita sob medida, e, quando a lei tem que disciplinar instintos primitivos e ferozes, deve adaptar-se ao material humano de que deve tratar. Explicamo-nos desse modo como a própria Bíblia, abertamente declara com ingenuidade plena, como coisa justa diante de Deus, sem qualquer sentido de vergonha ou de terror, qual sentida hoje diante de fato semelhante, que Moisés, em nome de Deus, descendo do Monte Sinai, fez trucidar três mil homens. Aquela era a psicologia dos tempos dos quais todos eram parte, legislador e povo. Agir daquele modo, que hoje produz escândalo, representava o único raciocínio verdadeiramente convincente por basear-se na força, único valor que incutia respeito, e no dano pessoal, que era aquilo a que mais se era sensível. Método que, numa sociedade civil, produz efeito contrário, mas que, naqueles tempos e condições, era necessário e, em proporção ao grau de evolução alcançado, era também justo. Tudo é relativo ao próprio plano de vida.

Deixaremos de nos escandalizar quando pensarmos que, naquele plano, onde tudo é luta, se o legislador se torna débil, os involuídos que ele deve guiar e que obedecem somente à força, estão prontos a rebelar-se e liquidá-lo. Assim funciona a vida naquele plano. O legislador é um ser superior que aparece excepcionalmente e que, depois, desaparece. Ao seu impulso heróico sucede então o trabalho da or-

dinária administração, confiado aos tipos comuns que, com maior ou menor diligência, procurarão executar as normas regulamentares. Desaparecido o iniciador, permanecem os discípulos, seguidores e ministros que dirigem em seu nome, os executores que manejam a lei, submergidos no próprio plano até a garganta. A competição geral tende a nivelar todos à altura evolutiva da lei de seu plano biológico, que não é o do iniciador. Assim o seu trabalho é submetido a um processo de degradação, que porém, é condição da assimilação alheia, processo que exige, em certo momento, que desça outro iniciador para reconstruir um edifício novo no lugar do outro, envelhecido e ameaçando ruína, e assim seguindo, quando também este se tiver tornado velho e ameaçar ruir.

Neste processo, os administradores, não obstante tudo, cumprem a função de avizinhar o ideal ao homem, humanizando um alimento que de outra forma não seria digerido, trazendo a lei de um plano mais elevado para um plano mais baixo. Cumprem eles, também, a função de defender e conservar. Mas toda medalha tem o seu reverso. Isto quer dizer, também cristalizar, significa adaptar e transformar os princípios conforme os próprios instintos e as necessidades do próprio plano biológico. Os ministros são homens da mesma natureza dos outros, algumas vezes impelidos pelo mesmo desejo de evasão. Isto tende a fazer prevalecer no fim do desejo dominante de toda a massa dos dirigentes e dirigidos, desejo instintivo e inconsciente, de se porem de acordo nas acomodações que, aliviando o peso dos ideais, constituem o supracitado processo de degradação, que, depois, torna necessária a intervenção direta de outro iniciador para injetar nas veias da humanidade nova dose de ideais, fornecendo, assim, ao mundo, um novo impulso de superação ao longo do caminho da evolução.

Há duas maneiras de responder ao apelo do ideal: o de aceitá-lo, submetendo-se aos respectivos sacrifícios que ele impõe, ou o de aguçar as defesas da animalidade para evadir-se das suas limitações e sobreviver. No primeiro caso o ser usa suas energias num investimento a longo prazo e, no seu cálculo utilitário, de ampla previsão, põe-se a cumprir o esforço fatigante evoluir, sacrificando, para esse fim, a sua animalidade. No segundo caso, o ser usa suas energias para reduzir a virulência do assalto dos ideais contra a sua vida feita de animalidade, para defender-se das limitações que a disciplina impõe.

Este segundo fim pode ser alcançado por duas vias: ou com a força ou com a astúcia. Poucos são os que dispõem da força, por tratar-se de possuir a inteligência suficiente para construir-se uma moral própria que tenha o valor e o poder de pôr-se contra a corrente geral, desafiando-a e vencendo-a. É preciso, pois, ter também a coragem de cumprir esse desafio e a força para alcançar esta vitória contra todos. É por isso, mais fácil recorrer aos meios oblíquos da mentira, meios de menos fatigante atuação por estarem lubrificados na superfície e que, por isto, não produzem aquela reação imediata e inevitável como quando se transmite um choque.

Eis-nos no terreno das acomodações. Este é o método mais difundido de evasão, por ser aquele que está situado na linha do mínimo esforço, que e mesmo uma das leis da vida, a qual escolhe a via da menor resistência.

Olhemos corajosamente de frente os problemas. É melhor sermos duros e sinceros do que doces e não verdadeiros. Em teoria, na mente de quem os concebe, os ideais estão repletos de nobres e santas intenções, tudo para o bem dos homens. Mas é preciso ver o que acontece depois, quando estes ideais descem na terra, onde domina bem outra psicologia. Na terra, a luta, que impera sobre todos, impõe desde logo um dissídio entre o legislador e a natureza humana que não aceita a rédea. No dissídio o mais forte vence. Mas, dado que o legislador é um forte de exceção, e a maioria é fraca, esta não o enfrenta constituindo-se uma outra moral, de que não possui a coragem, porque seria a da animalidade, mas procura enganar o legislador dando-se ao trabalho da evasão por vias oblíquas. Esta é uma das ocupações das massas que não possuem a força nem a coragem de rebelar-se para conseguir libertar-se da disciplina.

Esta é a maneira de interpretar os ideais que descem na terra, quando estes são vistos com o olhar bem diverso da animalidade. Isto pode chegar ao ponto de excitar uma espécie de ciúme contra os mais astutos, que melhor conseguiram evadir e que disto gozam as vantagens, ciúme que os menos astutos, que permaneceram atrás, renunciadores forçados, procuram expandir contra quem pratique qualquer mínima contravenção à lei, pondo em evidência qualquer seu defeito, para amarrar todos àquela

disciplina que pesa tanto que, por isto, trará satisfação quando todos a suportem. Quantas vezes a justiça humana de caráter público não é posta em movimento somente por finalidades particulares, sem o que não se movimentaria? Santifica-se assim, o instinto da agressividade, tão natural no plano do involuído, onde reina o regime de luta. Esta é o instinto que não explica as guerras santas, a santa inquisição, e outros casos em que se procura santificar o que nada mais é senão a comum luta pela vida. Fazer a própria luta, que todos deveriam fazer a descoberto, fazê-la protegida pelos ideais, pela justiça, em nome de Deus, representa uma defesa e um apoio. E por que a vida, no plano animal, onde não existe senão um rudimento de moral, haveria de renunciar a uma própria vantagem?

A vida é utilitária, e utiliza-se de tudo para alcançar o seu primeiro objetivo, que é viver. Por isto, quando a incomodam, rebela-se contra os ideais, desafoga-se contra os evasores que escapam aos seus pesos, irrita-se contra os zelosos que queriam impor-lhe, com o seu exemplo, o esforço da imitação, permanece indiferente para com os virtuosos que tomam sobre si o peso sem incomodá-la na sua animalidade e, quando se encontra com um ser superior, o toma por bandeira do seu próprio grupo, o exalta nos altares e monumentos, porque, também com isto, a vida pode tirar a sua utilidade.

Uma ética biológica completa deveria ter em conta todos esses jogos de ilusões psicológicas. A difícil escada dos ideais pode ser galgada solidamente, tão só se tivermos conta da estrutura e dos justos direitos da vida. Somente assim poder-se-á abolir, neste terreno mais eleito, a triste necessidade da luta e da mentira. O mundo tem necessidade de uma moral mais ampla e iluminada, mais lógica e sincera, que, por ser demonstrada racionalmente, possui o direito de ser tomada totalmente a sério. É necessário respeitar os direitos da vida em todo seu plano, porque o imperativo de evoluir, nunca poderá violá-los, sem, com isto, dificultar o próprio conseguimento daquilo que é o seu fim principal: subir. É preciso compreender a significação de todas as forças que agem na vida, para chegar a uma moral sem ilusões, aderente à realidade, honestamente utilitária e por isso não redutível à mentira. É necessário alcançar uma moral biológica, racional, científica, que não possa ser invertida, que tenha base não em sanções penais, mas na compreensão e convicção, que não asfixie, mas que, em vez de obrigá-la a rebelar-se, encoraje a vida a subir. É necessária uma moral que seja de todos e não somente para os vencedores e a sua vantagem, uma moral que não renegue a vida para os vencidos, deixando-a somente aos que tiverem a força de rebelar-se. Uma moral boa, que ajude, oriente, explique e guie com inteligência e não por meio de condenações, uma moral amiga que não constitua uma forma de luta, mas faça-as superar todas e para sempre. Esta será a moral do porvir.

## V

### O PODER DO ALTO

O encontro entre evolvido e involuído apresenta significação profunda, que deve ser estudada cada vez melhor, e que pode iluminar e completar os postulados da biologia moderna, especialmente no seu aspecto evolucionista, em relação aos desenvolvimentos futuros da vida. Não se trata apenas do embate entre dois biótipos, mas, ainda, de dois planos biológicos e das duas leis que os regem. Esse estudo torna-se interessante não só para orientação individual e social, mas para a ciência também, porque nos conduz a concepção de uma biologia muito mais ampla, abarcando não apenas, a atual, a animalidade e a humanidade, mas a sua futura espiritualidade, uma biologia compreensiva também dos valores morais, que, por isso, pode assumir a tarefa excelsa de construir uma ótica biológica, racional e positiva, da qual o mundo ressentido a falta e de que tem necessidade para resolver muitos problemas até

agora insolúveis, largados, hoje, no instinto das massas. Com este estudo enfrentamos, além da biologia já conhecida, uma outra biologia, a do evolvido, com outras leis e finalidades. Chegamos, assim a conhecer uma biologia muito mais ampla, também no sentido de ser, não a de um só plano de vida, uma biologia estática e fechada no âmbito de um dado plano de evolução, mas dinâmica, em movimento, uma biologia em evolução da qual a nossa atual é apenas uma fase existente em função dos precedentes e das subseqüentes. A ciência ocupou-se muito até agora, do passado da vida em nosso planeta, mas muito pouco do seu futuro, o que, sem dúvida, é deveras importante para o homem. Quando falamos do evolvido, da sua psicologia e métodos de ação, tratamos precisamente deste futuro e isto porque, no amanhã, o homem terá de ser um evolvido, ingressando neste mais elevado plano biológico, para agir com outra psicologia e com outros métodos. O homem prático poderá sorrir de tudo isto, mas quando falamos de ideais, tratamos do que deveremos vir a ser amanhã, uma vez que o progresso é lei de vida e ninguém poderá fazer parar a evolução.

O ser situado em nosso plano biológico, que é o da animalidade, não sabe perguntar se, no lugar da lei da luta pela vida e pela seleção do mais forte, há possibilidade de usar outras leis menos duras; se, em vez agir com o método de egocentrismo separatista que nos torna maus, não é possível funcionar com o de um altruísmo unificador que nos torne todos amigos, em paz. Entretanto, não se pode afirmar que o sistema em vigor seja o ideal. Quanto mal, quantas injustiças, quanto veneno de ódio, quantos aleijados e desesperados produz este sistema da luta pela seleção do mais forte, quantas reações ferozes por parte da vida que não quer morrer! Quão diversas condições de vida poderia gozar o mundo se a cada qual estivesse garantido o que lhe é indispensável material e espiritualmente para viver, se a vida não estivesse obrigada a esta luta e, por força da vitória do mais forte, a tantas reações desesperadas! A vida exalta o mais forte, mas, nem por isto, aceita morrer no mais fraco, e adapta-se a sofrer em escuridão sob o tacão do vencedor, apenas temporariamente, à espera da ocasião oportuna para rebelar-se. Então a vitória deste não é vitória, mas apenas um meio para incitar os mais fracos a fortificarem-se em agressividade e ferocidade para fazer a guerra e destruir o mais forte, substituindo-o. Naturalmente, desta luta, surgirão outros vencidos a continuarem o jogo da revolta para destruir o vencedor, substituindo-se ao mesmo, e assim andando, ao infinito. Mas será possível que o homem queira, com este sistema, fabricar para si um inferno verdadeiramente eterno?

O evolvido não aceita esta forma de vida á qual não mais se adapta, do mesmo modo como um civilizado não saberia mais viver como selvagem. Fácilimo é, pois, imaginar que sofrimento pode representar para um evolvido o descer para viver na terra. Disto resultaria que nenhum evolvido deveria descer á terra. Como é, então, que se explica o fato de que seres superiores, de outra raça, venham, de quando em quando, viver em nosso mundo? Por que eles fazem isto, o que é que os impele, qual a lei deste fenômeno?

Tudo isto decorre do fato de que já explicamos, do evolvido viver num mundo orgânico, unitário, onde não impera a lei da luta, mas a do amor. O seu método está nos antípodas do da agressividade e do esmagamento. Contrariamente, ele é levado, pela lei do seu plano, definidora de sua natureza, a dobrar-se sobre os irmãos menores, que considera tanto mais deserdados e necessitados de ajuda, quanto mais inferiores. Duas forças o impelem a isto: o amor e o sentido orgânico unitário, dois impulsos tanto mais poderosos quanto mais se é evolvido, isto é, quanto mais se sobe do Anti-Sistema, reino do involuído, ao Sistema, reino do evolvido.

A vida adianta-se compacta, do Anti-Sistema ao Sistema, procurando realizar, cada vez mais, a atuação daquelas duas forças, amor e unificação, características do Sistema. Para ir cada vez mais para a unificação em que se realiza o amor, a vida serve-se da utilização dos seus elementos mais progredidos em vantagem dos que o forem menos. Por isto ela confia ao evolvido a importantíssima função biológica de dobrar-se sobre os involuídos para levantá-los até si. Esta é, assim, a atitude natural que, no entrelaçamento das diversas posições na escada da evolução, compete ao evolvido e, assim é que os planos biológicos podem por-se em contato e sobrepor-se numa simbiose que os mantém compactos. Desse modo, a descida dos evolvidos não é um capricho, mas e fruto de uma fatalidade lógica, que segue os planos de reconstrução para reconduzir o Anti-Sistema decaído ao estado orgânico unitário do Sistema.

O que acontece do lado oposto, qual é a atitude natural do involuído como resposta ao ato de amor e de sacrifício com que o evolvido vai ao seu encontro? É evidente que este nunca desceria á terra para sua satisfação e que, se ele enfrenta tal sofrimento, é por ser sua missão. Esta é que explica e justifica a sua presença em nosso mundo. Ora, missão quer dizer oferecimento completo de toda a própria atividade e sacrifício, para o bem alheio. Cada qual age conforme sua natureza. Assim o evolvido comporta-se de acordo com a lei do seu plano, lei de amor e de unidade. Mas o que é que podemos, então esperar do involuído, se a lei do seu plano é egocentrismo e separação, é luta e revolta?

Eis, pois, que a resposta natural do involuído é a crucificação do evolvido. Do exame do fenômeno resulta que isto é uma lei biológica natural, fatalmente conseqüente de todos os elementos que o compõem. O próprio Cristo teve que se submeter a esta lei, como lhe ficam submetidos quantos descem à terra em missão. O que significará, então, o tão repetido conceito de Cristo ter vindo ao mundo e sofrido a sua paixão para redimi-lo, tomando sobre si os pecados deste? A evolução é um processo de fatigante ascensão com que o ser, decaído, por sua revolta, no Anti-Sistema, deve, por meio de sua própria experimentação dolorosa, retomar o caminho da evolução até reintegrar-se na ordem do Sistema. Decorre disto que o ser esta automaticamente condenado ao sofrimento, porque o retomar o caminho não é fácil nem gratuito. O sofrimento, assim, constitui a chave da evolução.

Eis, que, agora, poderemos compreender muitas coisas. Segundo a lógica do processo que observamos, Cristo não podia descer à terra senão em missão, e esta missão não se podia desenvolver senão culminando na forma de paixão. E a paixão, por sua vez constituía o que mais valorizava a missão, porque, como já dissemos, o sofrimento é a chave da evolução. Assim é que se realizava a missão, cuja finalidade não podia deixar de ser senão a de melhorar o mundo, ou, em outras palavras, fazê-lo evolver. Cristo, pois, quis ser um pioneiro neste duro caminho da dor, porque sendo este um meio de evolução, também é meio de redenção. O Cristianismo não o explica, mas torna-se evidente que a redenção não se pode realizar, no seio da mais ampla biologia que explicamos, senão por meio da evolução. E qual a significação de haver Cristo, para redimir o mundo, tomado sobre Si os seus pecados? Quer dizer que Ele, inocente, aceitou a dor necessária para evolver, dor que não pertencia a Ele, que não era um decaído, uma vez que Ele nada devia pagar porque nunca se havia rebelado contra a ordem. Ele que não havia descido na involução, não devia redimir a Si mesmo e por isso, não estava sujeito à pena da evolução. Todavia Ele sofreu. Entretanto o sofrimento é necessário para redimir-se e, se Ele nada tinha do que se redimir, eis que Seu sofrimento não podia ser senão para a redenção dos outros. Eis em que sentido Cristo tomou sobre Si os pecados do mundo, isto é, Cristo sofreu a fim de se realizar a evolução alheia, pondo-se à testa dos outros neste duro caminho, com o exemplo e o ensinamento, tomando sobre Si o nosso fardo de dor não Seu, levando-o Ele por primeiro, com o fim de ser seguido pelos outros. Depois, por aquela psicologia das acomodações de que já falamos, pela preguiça do mundo, achou-se mais cômodo acreditar que Cristo houvesse tomado sobre Si os nossos pecados para pagá-los em nosso lugar. Isto, entretanto, lesaria a justiça da lei de Deus e estaria em contradição com as leis da vida. Seguindo o exemplo e o sacrifício de Cristo, descido entre nós para nos ajudar, mas não para nos substituir, uma vez que o amor não pode chegar até a injustiça; seguindo-o teremos de enfrentar a nossa paixão, eis que sem sacrifício não há evolução e sem evolução não há redenção. Para ser nossa a evolução, há de haver uma paixão nossa.

Eis, pois, em conclusão, como se desenvolve a mecânica do fenômeno da descida do evolvido, ultimando com a crucificação. Esta é a conseqüência natural do encontro entre as leis de dois planos diversos. Conforme o sistema vigente no seu nível, o evolvido desce com espírito de unificação e de amor, para colaborar e, naturalmente, transportara na sua ação esta sua psicologia e métodos, agindo em plena conformidade com estes. O involuído, por sua vez, não poderá deixar de recebê-lo, senão comportando-se conforme ele é; isto é, com a sua psicologia e métodos respectivas. Estes são os da luta e da agressão, manifestados desde logo, uma vez que o involuído conforme o seu sistema, exige, em primeiro lugar de qualquer um que entre no seu plano, a prova do seu valor, de conformidade com a sua tábua de valores, isto é, no terreno da luta para o ataque e a defesa. O que pediram a Cristo os seus crucificadores, senão que Ele desse uma prova de força salvando a si mesmo? Quem não oferece esta

prova, de nada vale, e merece ser destruído. Eis o choque. O recém-chegado é um intruso e, para ter direito de viver no plano a que desceu, deve provar saber viver conforme as leis deste. O involuído está em sua casa, numa casa feita para ele, em que se acha bem ambientado, e sente-se com força e direito de expulsar os estranhos se estes não obedecem aos usos vigentes naquela casa, talvez primitiva, mas da qual acha-se dono. O evolvido, lá dentro, não tem razão, e se não souber adaptar-se e obedecer, deve voltar para sua casa. Isto é, de fato, o que o involuído procura fazer desde logo, desembaraçando-se dele, liquidando-o. O que deve acontecer nessas condições, quando a natureza do evolvido é ao contrário, a da bondade e do amor, é fácil prever, por ser uma consequência fatal dos elementos do fenômeno. A conclusão, pois, é a liquidação do evolvido que com o seu sacrifício paga a sua imperdoável culpa de querer amar os inferiores.

Falamos de Cristo e de redenção. Eis como, também os maiores fenômenos religiosos, podem ser explicados e enquadrados no seio de uma mais ampla ciência da vida, numa biologia que abarque também o seu vir-a-ser evolutivo.

\* \* \*

Chegados a este ponto, tudo parece resolvido. Mas o drama acabou somente nas aparências, continuando na substância. Não é possível, com a liquidação material, fazer parar o desenvolvimento de todas as forças postas em jogo como partes do fenômeno. O mártir morre. Mas, das duas leis, qual é a mais poderosa e a qual delas pertence a vitória final? O homem poderá liquidar materialmente o evolvido, destruindo o seu corpo físico, mas com isto, não é possível anular a lei de um plano de vida e o poder que o faz funcionar. Em sua ignorância o involuído pode acreditar que se trata de encontro de homens, uma vez que não sabe enxergar além da forma exterior. Mas, aqui, trata-se de embate de idéias, e as idéias não podem ser mortas. Aqui acha-se empenhada a lei que rege o universo na sua evolução e a nenhum ser é dado sequer abalá-la.

As duas leis estão face a face. Sobrevivem elas, indestrutíveis, aos episódios em que se manifestaram. De um lado a lei da força, de outro, a lei do amor. Qual das duas é mais poderosa: a da força ou a do amor? Trata-se de uma luta, não entre os indivíduos do mesmo plano para sobrepujarem-se usando a mesma estratégia e permanecendo no mesmo sistema, mas entre indivíduos de planos diversos para combinarem-se, usando estratégias diferentes, filhas de sistemas diversos. É uma luta, de um lado, de seres que odeiam para destruir, com seres que, do outro lado, amam para criar. O abraço, em que não podem deixar de se estreitarem todos os lutadores, é de rivalidade exclusiva de um lado, de amor fraterno do outro. De um lado a violência destruidora do egoísmo, de outro o poder construtivo do amor.

Atrás da luta dos seres que o representam, há uma luta de princípios que os sustentam. Qual é mais poderoso, a quem pertence a vitória? À força do egoísmo que dá vida apenas a um eu separado, semeando a morte para todos os outros, ou à força do amor que dá a vida a todos juntos, semeando, em colaboração, vida para todos? O primeiro impulso acredita ser mais poderoso por estar contraído em si mesmo, concentrado num eu só, mas representa um impulso de morte para os demais, como é lógico, por estar mais vizinho do separatismo destruidor do anti-sistema. Outro impulso parece mais débil por estar expandindo além de si mesmo, descentrado em todos os outros seres, mas representa um impulso de vida para os demais, como é lógico por estar mais perto do colaboracionismo reconstrutor do sistema. O involuído parece o mais forte por estar armado até os dentes, mas é, tão só, mais violento e feroz. Com todo esse armamento de guerra, ele procura em vão suprir a sua fraqueza fundamental representada pela sua posição de indivíduo isolado e desorganizado. O evolvido parece mais fraco, por estar individualmente desarmado, mas a sua força é muito maior que a de um ser que está sozinho e consiste no fato de não estar ele nem isolado, nem desorganizado. Isto quer dizer que, enquanto o involuído não pode contar sendo com suas próprias armas e forças, permanecendo isolado de todo o restante, o evolvido está jungido, por relações estreitas de colaboração, com as forças positivas do universo. Estas são as que provêm de Deus, as que querem a vida, o triunfo de todos, integrados na ordem do sistema. O evolvido está deste lado e isto constitui a sua força maior, porque com isto está ao lado da vida e de Deus. O involuído, ao

contrário, está ao lado do Anti-Sistema, e isto constitui a sua maior fraqueza, porque isto significa estar do lado da negação da vida e de Deus, isto é da morte e das forças negativas da destruição.

O embate entre involuído e evolvido não é somente encontro de dois tipos biológicos e de dois planos de vida, mas tem uma profunda significação cósmica. Atrás deste encontro, que não é senão um episódio, está a maior batalha do universo, constituída pelo enfrentar-se do Sistema com o Anti-Sistema; encontro apocalíptico, em que todo o Sistema, em que está Deus e a parte incorrupta da criação, empenha-se a fundo para a redenção do Anti-Sistema em que se precipitou toda a parte rebelde e caída em ruína. Temos, pois, de um lado, o exército dos poderes positivos aliados na reconstrução; de outro, o dos poderes negativos, tendentes à destruição.

Entretanto é lógico que os primeiros sejam os mais poderosos, já que com eles está Deus, que não pode deixar de ser o mais poderoso porque, se não o fosse, ruiria toda a lógica e toda a lei que rege o Universo. Mas as forças positivas do Sistema, que querem a vida, devem ser mais poderosas também, porque a elas está, precisamente, confiado todo o trabalho de reconstrução, no Sistema, do universo decaído no Anti-Sistema. Sem esta sua maior potencialidade, que desde o início estabelece que elas devem ser vencedoras, não seria possível a salvação por evolução, que elas dirigem, e que nunca poderia ser levado a efeito pelas forças negativas da destruição. A conclusão está em que, se o involuído fosse mais poderoso que o evolvido, Deus ficaria vencido pela revolta das suas criaturas rebeldes, e o Seu universo, na queda, ficaria insanável, a testemunhar a inaptidão de Deus, provada pela falência da Sua obra. Mas sendo da Lei de Deus que tudo se reconstitua com a evolução, poderemos concluir que o princípio ao qual é destinada a vitória, por ser o mais poderoso, não é o da força com que se arma o involuído, mas o do amor com que o evolvido tende a reconstruir. Faz parte de todo o plano da criação que deva triunfar a vida e não a morte, e a vida está do lado do Sistema, isto é, do evolvido e não do lado do Anti-Sistema, isto é, do involuído. Isolar a vida, contraindo-a no egoísmo do próprio eu, é ir contra a vida, contra o sistema, contra Deus. Por isto o evolvido deve vencer. Contra todas as aparências, é, pois, o involuído o mais débil e o evolvido o mais forte.

Confirmação disto encontramos no caso de Cristo. A vitória dos seus crucificadores foi uma vitória fechada no tempo, momentânea, da qual permaneceu apenas uma sua história de vergonha que, sem Cristo, ficaria despercebida como tantas outras. Contrariamente a vitória de Cristo, que eles venceram, é vitória de milênios. Levantado na cruz, Cristo venceu o mundo que o havia crucificado em nome do egoísmo e do ódio, venceu-o com o poder do sacrifício e do amor.

Com este estudo queremos, também, demonstrar e dar-nos, com isto, a alegria de compreender, que o amor é mais forte do que o egoísmo e que, na luta entre a força e a bondade vence a bondade por ser esta mais forte do que a força. Deus, que é vida, por meio desta, rechaça todas as forças negativas que quereriam destruí-la. Esta, de fato, tão logo alcançados os fins da luta pela seleção do mais forte, inicia imediatamente outra luta entre evolvido e involuído, a fim de que o primeiro vença o segundo num terreno bem diverso: o do amor. Quem se prende ao amor é o mais forte, por que se prende à força central e vital do todo, prende-se a Deus. O triunfo final não pertence aos prepotentes dominadores, mas àqueles que mais amam, porque quem ama dá vida e quem domina oprime.

O último ato de todo o drama daquela grande paixão do universo, que se denomina a evolução, é o ilimitado abraço de amor. É no amor que, através do sacrifício, o universo encontrará a sua redenção. Subir o Gólgota significa, também, uma ascensão para o céu. O levantamento da cruz é, também, um levantamento acima do plano inferior da vida do mundo. É com o amor que se se reabsorve o ódio, se organiza a ordem, se reconstrói a vida. É no triunfo do amor que se ultimarão este nosso volume de estudo de tantas misérias humanas, a par da história que iremos expondo.

O triunfo do amor constitui a última fase da paixão do evolvido que desce à terra em missão de sacrifício para salvar os seus irmãos mais atrasados. Aqui, também, trata-se de uma lei geral, à qual está sujeito o ser, toda vez que se põe a percorrer estes caminhos. Chegados à última fase em que o fenômeno amadurece, dá-se a inversão da lei do plano inferior na do plano superior, esta vencendo a outra, substituindo o amor ao egoísmo. Assim o evolvido impõe a sua lei no lugar da do involuído, sendo este vencido. Este é o epílogo de todo o processo, isto é, a apoteose do evolvido vencedor e a catarse

biológica dos involuídos que, assimilada a lição, conseguem transformar-se em evolvidos. Assim triunfa o bem, a alegria, a vida. Este é o grande milagre que o amor realiza na terra, quando desce do alto. Milagre de transubstanciação, em que do ódio nasce o amor. Milagre de contínua reconstrução, o qual deixou pensar que a criação seja contínua. Tal criação, aparentemente continua, é devida a este processo contínuo de reconstrução pelo qual as forças positivas do Sistema só terão descanso quando houverem reabsorvido e corrigido, com a redenção, todas as forças negativas do Anti-Sistema. Assim é que a contínua presença de Deus, também no Anti-Sistema, continuamente corrige-o, redime-o, salva-o, até sará-lo e, deste modo, reabraçá-lo depois de havê-lo reconduzido todo ao Seu seio.

Eis o grande liame de amor que une entre eles os diversos planos da evolução. Eis como, por este liame, para efetuar a salvação dos mais atrasados e elevá-los ao alto, o evolvido desce ao plano inferior ao involuído. Eis o destino dos mais adiantados, de sacrifício por amor, destino escrito na lei de Deus, que quer a salvação de todos. Eis como, por meio do amor, realiza-se o milagre da redenção do mundo.

Observamos todas as fases da batalha: a condição deplorável dos involuídos e a sua lei de egoísmo e de luta; depois a lei de amor que impera nos planos mais elevados, em cuja obediência o evolvido deve descer à terra, em missão para ajudar e, finalmente, a resposta tremenda dos involuídos: crucificação. Liquidação material do evolvido. Ele morreu, mas, nem por isto a sua lei extinguiu-se. É ela lei de amor e de vida, a própria lei de Deus que rege o Universo, e, como tal, não pode deixar de ser a mais forte e de vencer a grande batalha. Assim é que, no fim, o evolvido, com o amor, vence sem outras armas o armadíssimo involuído e o conduz, do plano da luta e da força, ao da união e do amor. Eis como se desenvolve todo o processo com que se reduz a grande fratura do universo decaído; eis a forma com que o Sistema se redobra sobre o Anti-Sistema para redimi-lo da queda e reconduzi-lo ao estado perfeito originário de Sistema; eis como realiza-se, através da dor e do amor, aquele tremendo esforço da subida, que se chama evolução.

Amor e dor. Amor é a lei de Deus, com que, na origem, estava feita a criação. Dor é impulso oposto, negativo, introduzido pela criatura rebelde com a sua revolta. Constituem eles as duas leis opostas, do Sistema e do Anti-Sistema. São seus símbolos as duas traves que formam a cruz: a horizontal, estática, negativa em face da ascensão, feita para apoiar-se, representando a dor, lei do Anti-Sistema; a vertical, dinâmica, positiva como ascensão, feita para subir em direção ao céu, representando o amor, lei do Sistema. Os dois encravam-se unidos na mesma cruz, firmando o que é a inexorável lei da evolução: sacrifício. Por isto, sobre o mundo rebelde, eleva-se a cruz como símbolo de salvação, porque só com a própria crucificação a humanidade poderá salvar-se.

\* \* \*

As leis que observamos são as que marcam o caminho da existência dos vários tipos biológicos conforme sua natureza. Isto é o que forma o destino próprio de cada um, mas acima de tudo do evolvido.

Destino! Pode este constituir o drama de uma vida, drama tanto maior, quanto mais for titânico aquele destino. Há destinos simples, cinzentos, insípidos, que se arrastam terra a terra, presos a pequenas coisas. Mas há, também, destinos tremendos, apocalípticos, feitos de dores, alegrias e conquistas poderosas de dimensões gigantescas, destinos em que se embatem o céu e a terra, numa luta que arrasta e esmaga o indivíduo numa tempestade cósmica. Há destinos constituídos de poucas idéias, de realizações elementares, que não vão além das dores e das conquistas suportáveis por um menino. Mas há, outrossim, destinos em que se agitam os maiores problemas do universo, em quem através de grandes paixões devem realizar-se as maiores conquistas, e no meio das maiores dores é preciso saber dar escalada ao céu. Destinos feitos de tormenta criativa para os titãs do coração e do pensamento. Destinos de tormento proporcionado àquela potência, em que a dor bate duramente sobre a bigorna daquelas almas, para fazer emergir aquela potencialidade em centelhas que iluminem o mundo. Assim conquista-se o porvir por obra dos pioneiros do progresso, os mártires da evolução. Executam eles o grande esforço,

acima de tudo, para os outros, sua maior paixão é fazer subir o homem para seu próprio bem. O mundo responde, muitas vezes, com a inveja e perseguição em vida, com a crucificação em morte, e com a exploração depois da morte.

Destino, enigma de toda alma! Inexoravelmente acorrentada, a alma o vai desenvolvendo em sua vida, cada alma o tem como carne de sua carne e o não conhece; indaga, buscando a revelação do seu mistério. Tudo entretanto, está escrito no livro do destino, mas a alma não sabe ler. E cada um permanece com o seu. Mil destinos encontram-se na vida, tocam-se, influem reciprocamente, mas não é possível nem permutá-los, nem destruí-los. São como tantos trilhos traçados, sobre os quais tudo tende a correr pela vida toda.

Por que? Quem construiu este trilho? Por que são tão diversos de homem para homem? Conhecemos a lei que nos diz ser consequência de nosso passado, continuar o trilho que havemos construído nas vidas precedentes, vivendo conforme quisemos viver. Mas, como de fato isto aconteceu, as formas, as particularidades, a realidade como foi por nós vivida, tudo nos escapa e aprofunda-se nas trevas insondáveis do mistério. Problema não de um só, mas de todos, porque, não obstante os particulares sejam múltiplos e diversos para cada um, todos vivemos e não podemos deixar de mover-nos senão dentro do âmbito da mesma lei comum a todos.

O destino é este trilho que quer nos levar numa determinada direção. Ser-nos-á possível corrigi-la, mas sempre na base daquele impulso precedente, que foi nosso, livre, e que, continua nosso, fatalmente. Assim, por este seu passado, grande parte de nossa vida já está traçada. O impulso fundamental, o colorido geral, o tipo de trabalho a realizar e de experimentações a desenvolver, já estão prefixados, dados pelo modo conforme o qual quisemos construir nossos instintos e qualidades, constituindo exatamente o trilho sobre o qual não podemos deixar de continuar a ir por diante. No passado semeamos os germes, que agora hão de se desenvolver, dos reclamos nossos para as forças boas ou más, os germes das nossas atrações e reações, de que dependerão nossos encontros e nossa conduta.

Até agora, apenas iniciamos a história de nosso protagonista e dela nos distanciamos para analisar mais amplos problemas surgidos de suas particularidades. Volvamos à narrativa para segui-la mais de perto. Também aquele protagonista estava jungido ao seu destino particular. Definido para ele desde a sua meninice, continuou a arrastá-lo na mesma direção para fazer passar a sua vida através de determinados pontos fundamentais. É um destes pontos que constitui o episódio que queremos expor, por representar um exemplo confirmador da tese sobre o Evangelho sustentada neste volume.

A sua vida havia sido um desenvolvimento lógico de que os fatos vividos constituíam as sucessivas proposições. Dores e alegrias, condições de ambiente e dificuldades a superar, tendências e realizações alcançadas, tudo convergia para o fato central, que constituía a maior realização daquela vida. Tal realização, conteúdo fundamental daquele destino, consistia no cumprimento de uma missão de progresso espiritual.

Para este fim os acontecimentos daquela existência haviam-se desenvolvido todos mirando a um mesmo objetivo. Ambiente, educação, qualidades, dificuldades, eventos, dores, tudo tinha tido uma função principal, a de preparar aquele homem para o cumprimento da sua missão. Em seu devido tempo haviam-se-lhe tirado todas as satisfações materiais que podiam induzi-lo a permanecer ligado à vida terrena, e a fim de incitá-lo a aprofundar-se introspectivamente, dentro de si, mais do que distrair-se projetando-se para fora na vida comum de superfície. Havia-se, assim, podido realizar em silêncio a concentração, o amadurecimento daquela alma para torná-la apta ao cumprimento do seu destino

Aconteceu então, no seu desenvolvimento, que depois de tanta preparação íntima, soou a hora em que ele devia dar o seu fruto exterior e em que aquele homem devia sair da solidão e do silêncio, fase apenas preparatória, para entrar na fase das realizações, trabalhando no mundo, sem o que a missão não se poderia cumprir. Assim foi quando ele estava bem amadurecido e chegara a hora; o destino o tomou pelos cabelos e o lançou na pre-escolhida terra longínqua, mais adaptada para nela poder-se cumprir a missão.

Aqui começa a história que interessa à nossa tese evangélica. Por isto procuramos, agora, focalizar aquele período significativo daquela vida. Nós o contaremos, observando-o em profundidade

como foi vivido. Não aparecem pessoas, mas as causas de seus movimentos, representados pelas forças que as fizeram agir, muitas vezes sem sabê-lo, como cegos instrumentos. As pessoas não interessam, sim, e apenas, o funcionamento da lei, que se oculta atrás delas e explica os seus atos. Além da forma, interessa a substância; mostraremos por isso, a realidade que move as aparências, permanecendo aderentes mais às causas do que aos efeitos. Poderemos, desse modo, estudar a técnica conforme a qual desenvolve-se uma missão, ver como se dá o fenômeno da descida das forças do Alto, oferecer, enfim, uma prova experimental das verdades do Evangelho, que parecem as mais irrealizáveis. Procuraremos no caso particular, o que tem valor universal, o que pode interessar a qualquer um que venha a encontrar-se em iguais ou semelhantes condições de vida. Nossa finalidade é, tornar compreensível o valor moral da narrativa, fazendo ressaltar os ensinamentos benéficos que dela possam ser deduzidos.

Eis que em certo dia aquele destino estava maduro, para que, depois de uma longa e dolorosa preparação interior, sáísse para o mundo e alcançasse a sua realização. O sujeito havia sido experimentado como fidelidade ao ideal, preparado como sensibilização, purificado o mais possível dos piores instintos da animalidade, como o orgulho, o egoísmo, o instinto de domínio. A adaptação é uma das fundamentais leis biológicas, necessárias para garantir a sobrevivência. E a vida do sujeito, no plano físico, havia-se adaptado, ganhando assim qualidades para os trabalhos espirituais, mas por nada aptas a vencer no plano humano no qual, entretanto, sua missão deveria exercer-se. Eis, pois, surgir, no desenvolvimento da lógica daquele destino, a necessidade de que, um indivíduo especializado em direção espiritual, inepto, por isso, a lutar como se usa na vida prática, recebesse, para realizar a sua missão, as ajudas de que precisava.

O desenvolvimento de uma missão representa um trabalho complexo, em que devem concorrer muitos elementos, combinando-se no momento e na medida justa. Para produzi-los, são precisas tantas qualidades diversas, inclusive opostas, que um homem sozinho não pode possuir. S. Francisco lançou espiritualmente a sua obra, mas, depois, teve de ceder a outros, dotados de qualidades bem diversas, a direção e disciplina da sua Ordem. Como então, reunir o tão diverso material humano e espiritual necessário para poder completar a obra até o final? Deve, para isto, intervir ostensivamente a inteligência superior que dirige todo o procedimento, sem o que este não poderia realizar-se. As causas são, sem dúvida, espirituais, mas devem, neste caso, descer para agir, fixando-se na terra com efeitos concretos. Momento interessantíssimo, porque é nele que aquele mundo espiritual, quase sempre escondido no mistério, vem a manifestar-se em nosso plano de vida, de modo que podemos vê-lo aparecer e funcionar, permitindo-nos, assim, dirigir a nossa observação também para esse mundo de mistério. Mundo este das causas, escondido na profundidade impenetrável ao nosso olhar, mas que, neste momento, é obrigado a tomar forma exterior, tornando-se perceptível.

Eis, então, que nossa narrativa começa a tomar corpo na hora da madureza do destino que estamos observando, porque as forças que o dirigem encontram-se na necessidade de sair do mistério e pôr-se a agir de modo manifesto, descendo a colaborar com as forças que agem em nosso plano, a fim de que aquele destino se cumpra como elas exigem. O chamado de um destino para cumprir uma missão não é a costumeira invocação verbal de nossas preces. Os fins a alcançar são de caráter universal e interessam à vida no seu maior trabalho que é o da evolução. Ademais as forças do alto, havendo preparado e conduzido tudo até este ponto, assumiram uma velocidade própria e um empenho de continuação do desenvolvimento lógico daquele destino, na direção já iniciada. Tudo isto constitui uma necessidade de intervenção uma inevitabilidade na descida das ajudas do Alto. Esses destinos planejados pelas forças espirituais não podem prescindir de sua direção e assistência contínuas, a qual os deve acompanhar na sua transformação, providenciando as diversas necessidades de todo momento, uma vez que o cumprimento de uma missão representa a construção de um edifício complexo em que entram materiais de forma e natureza diversas. E cada coisa deve estar em seu lugar, executar seu trabalho no momento preciso, utilizando as capacidades específicas de tipos diversos, chamados cada um a seu turno para efetuar, conforme suas qualidades, funções diversas. Trata-se muitas vezes de vontades humanas ignaras de tudo isto e rebeldes, encerradas no seu egoísmo. É preciso, pois, induzi-las à ação necessária, fazendo-as mover por meio de fios aos quais elas sabem obedecer, isto é, seus instintos e miragens, sem o

que o seu concurso não poderia ser obtido. Não há outro modo para induzir a trabalhar para o ideal, quando o seu concurso é necessário, seres habituados a mover-se apenas para o próprio interesse. Começamos, assim, a perceber como é complexa a arquitetura do trabalho necessário a levar a bom termo o cumprimento de uma missão. Disto faz parte a direta intervenção das forças do Alto, e em determinado momento, a necessidade absoluta desta intervenção.

No desenvolvimento de nossa narrativa chegamos agora a um estado de amadurecimento, pelo qual aquela intervenção do Alto torna-se indispensável eis que, de outro modo, ficaria comprometido o fruto de toda a preparação anterior. Antes de escrever estas páginas procuramos estudar, com o método da observação, a estratégia e a técnica desta intervenção do Alto ou descida das forças espirituais, e isto é quanto agora veremos. O fenômeno da realização de uma missão nunca pára, anda sempre impelido pelo seu dinamismo. Antes deve amadurecer aquele que a deve cumprir. As forças do Alto ocupam-se antes de mais nada dele e não lhe deixam descanso. Por vezes golpeiam com o chicote da dor para excitar suas reações; por outras isolam-no no silêncio a fim de que se concentre e, introspectivamente, olhando para o profundo, compreenda; por vezes impõem provas de absoluta fidelidade e de obediência cega e por outras o circundam de luz para aprender a ver e, depois, ensinar aos outros a ver. Depois quando aquela alma estiver bem moldada para os fins desejados, aquelas forças do Alto lançam-na no mundo ambiente totalmente diverso onde imperam outras lutas e psicologias.

Este é o momento crítico do fenômeno, em que se cumpre o aferimento em contato com a realidade de nosso mundo. Neste ponto convergem todos os impulsos do passado, como tantos raios luminosos focalizados no mesmo ponto para acender o estopim que deve gerar o incêndio. Superou ele todas as fases da preparação. O Alto está interessado neste amadurecimento preparado por ele, cujos efeitos fazem parte do desenvolvimento de seus planos. O momento é crítico e resolutivo. Então aquelas forças do Alto tomam posse daquele homem que com elas havia livremente aceito de conjugar-se, o fundem com a missão e lançam-no agora para o seu fatal cumprimento.

Chegados a este ponto, esta mecânica de forças dá ao desenvolvimento da missão uma característica de fatalidade. Agora, o homem que a aceitou está lançado e não se pode mais retrain. Não é que não seja livre, mas é a própria velocidade que quis tomar e de que ora vive, que não lhe permite mais parar e, muito menos, retroceder. As forças que o guiaram até aqui o sabiam, tanto que podem agora confiar nele. Eis, então, um homem arrastado por sua própria velocidade, amarrado por fim a um impulso que já é mais forte do que ele, impulso fatal também por estar empenhado com um determinismo implícito no desenvolvimento de todo o fenômeno em que se comprometeram as forças do Alto que, há tempo, tudo estavam preparando para o êxito certo. O resultado positivo da ação de todas estas forças está em que tudo finalmente deve cumprir-se até o fim, não havendo poder humano que possa fazer parar o seu desenvolvimento.

Tal estado de fato resulta bem claro para nós porque, olhando até o fundo, podemos ver a natureza e o movimento das forças que estão em campo, como, também, o seu lógico desenvolvimento até este momento decisivo. Podemos, pois, dar-nos conta racionalmente desta característica de irresistibilidade no cumprimento da missão. Natural é, porém, que o mundo, vivendo com outra psicologia e, por isso, não tomando em conta essas coisas, haja cometido um grande erro em face de tal missão: erro de não haver compreendido a existência de uma missão, e, ainda quando a admitia, de haver acreditado possível dobrá-la adaptando-a a fins particulares, enquanto tudo já estava situado além de todo poder humano. Desta fundamental incompreensão nasceu e desenvolveu-se, na realidade vivida, aquele embate que observamos entre evolvido e involuído, isto é, entre as forças do Alto focalizadas na missão e nos indivíduos que deviam executá-la, de um lado, e o mundo que, sem nada compreender, resistia-lhes para rejeitá-las.

Aqui se reproduz, em proporções humanas, em forma mais próxima de nós, mais particular, mais viva, a batalha que, nas suas grandes linhas vimos no encontro entre diversos planos de vida. É para melhor compreender esta história que aqui contamos, que antecipamos aquele estudo acerca do encontro de biótipos e de níveis evolutivos. Já ingressamos no culminar da batalha; as premissas expostas farão com que melhor a possamos compreender. Estudaremos sua estratégia e técnica, mas dado o mecanismo

de todo o fenômeno e os elementos de que ele resulta composto, é fácil prever, ainda antes do início da batalha, qual deverá ser a sua conclusão; dada a necessidade do cumprimento da missão, e a resistência naturalmente imposta por incompreensão, todos os obstáculos, também as maiores potencialidades que se levantaram contra, despedaçaram-se como era lógico, e, em vez de vencer, como acreditaram firmemente, por não haver compreendido nada, foram vencidas.

\* \* \*

Continuemos a estudar a técnica do desenvolvimento de uma missão e especialmente como se verifica o fenômeno da descida das forças do Alto. Na amplitude do movimento o protagonista desaparece como um dos elementos entre tantos, investidos pelos impulsos que move a missão. Deixemos de lado, por um momento, o indivíduo, para ocuparmo-nos do movimento geral em que funcionam os outros elementos menores. Colocando-nos diante do fenômeno da intervenção do Alto, estudemos qual é a técnica usada por estas forças para descer na terra e arrastar assim os seus instrumentos para fazê-los agir de conformidade com os fins prefixados.

Nunca vemos Deus intervir diretamente, manifestando-se nos eventos humanos, mas sempre através do concurso interposto por pessoas. Para poder descer do Alto, as forças espirituais necessitam de processos de transformação, de redução, que lhes permitam manifestarem-se em nosso plano de vida. Deus que é a causa imaterial de tudo, não pode manifestar-se diretamente no nível sensorio de nosso mundo. Ele é causa e, como tal, não pode descer no terreno dos efeitos, mas somente manobrá-los da profundidade onde Ele está situado. Estes seus agentes exteriores que descem no campo da matéria, denominam-se instrumentos. Mas, como Deus os movimentam? O que agora nos interessa conhecer é a técnica desta ação de Deus na terra, por meio desses instrumentos.

Para o cumprimento de uma missão são precisos instrumentos de todo gênero e cada um é utilizado conforme suas qualidades. Aqueles que devem executar a parte mais elevada, espiritual, são adestrados, amadurecidos com treino preciso, como o são os primeiros atores de uma ópera. Os outros são comparsas, aos quais são confiadas as partes secundárias, não de conceito diretivo, mas de execução material, assim mesmo necessárias para o cumprimento da missão. Para os primeiros atores é necessária a compreensão do trabalho respectivo que lhes é oferecido e que eles aceitam por livre adesão. Mas, para os outras, ainda não amadurecidos e incapazes de compreensão, isto não é possível.

Como, então, fazê-los agir? Para movimentá-los é preciso falar-lhes não com a linguagem espiritual que não compreendem, mas na fala terrena comum. É preciso ver como são feitos e, então, para fazê-los agir, tocar as teclas às quais se sabe que eles obedecem, pôr a alavanca sobre os instintos que os fazem mover. Somente assim poder-se-á obter a sua colaboração, e conseguir deles, em resposta, as reações desejadas.

Que molas movimentam o homem comum, submergindo no plano biológico da animalidade, quisemos esclarecer antes, nos capítulos precedentes, para ter pronta agora a chave que nos explica o funcionamento desta técnica. No presente caso, para que a missão se pudesse realizar, o Alto devia servir-se precisamente de seres comuns, do biótipo involuído, dotado de instintos e qualidades comuns, dada a necessidade de servir-se do material corrente.

Para fazer agir este material ao fim de um trabalho superior que ele não compreende, é lógico que não há outro meio senão a via indireta. Vimos como esse biótipo se comporta em face dos ideais. Se, para movimentar esses seres, colocarmos diante de seus olhos o verdadeiro fim para o qual devem agir, isto é um fim espiritual superior, nada se conseguiria. Vimos suas características e quais os impulsos a que eles respondem. É necessário inserir-se no seu egocentrismo, oferecer-lhes a idéia de uma vantagem pessoal, a satisfação daqueles instintos, somente aos quais eles respondem. É inútil, pois, revelar-lhes a verdadeira função de instrumentos em relação ao cumprimento de uma missão. Eles não desejam obedecer e fariam mau uso de qualquer conhecimento, utilizando-o para evadir-se de sua tarefa que, entretanto, deve ser absolutamente executada. Dado que eles também são instrumentos necessários, dado que eles são bem munidos com todas as armas humanas das quais são mestres, não há outro modo para

fazê-los funcionar em serviço de uma missão senão deixá-los em sua ignorância.

Se eles compreendessem, poder-se-ia dizer-lhes a verdade. Mas eles não podem compreender a lei de seu plano que é diversa, pensam de acordo com ela e a ela querem reduzir tudo. Nem é possível transformar o seu biótipo e destino, tanto mais que se trata, para eles, de dar somente uma contribuição momentânea, acessória, ainda que necessária para realizar a missão. Como, então, fazê-los agir, respeitando, como é necessário, sua liberdade? Há um meio: a miragem. Desse modo as forças do Alto os farão mover, fazendo nascer diante deles aquela imagem que pode interessá-los, atrás da qual irão correr. A imagem é fictícia e, como todas as miragens e ilusões da vida, cairá em breve. Mas fez movimentar aqueles instrumentos, para executar aquela parte de trabalho mecânico exterior necessário para a realização dos fins do Alto.

Tudo isto permanece dentro da justiça. Ninguém pode obter mais do que merece. O que fazem eles para o ideal? Se soubessem estar sendo utilizados como instrumentos para fins não próprios, o que fariam? Estamos no plano do egocentrismo, em que se não aceita esforço senão para a própria utilidade. Então, dado que é difícil, aliás seria daninho para a missão, dar-lhes compreensão porque se compreendessem nada mais fariam, então torna-se justo sejam mandados quais cegos, guiados por quem sabe ver. Assim eles executam o trabalho útil para a missão, mas, conforme a justiça não colhem nenhum merecimento, porque aquele trabalho não o fazem para a missão, mas somente tendo em vista a sua miragem. Como agir diversamente se sua obra é necessária e sem a miragem eles nada fariam? E o que se pode pretender sejam as miragens senão ilusões? E o que mais se pode achar nesse plano de vida inferior? Assim o resultado final é que estes instrumentos são utilizados para finalidades de que é impossível dar-lhes compreensão, utilizados por ser o seu concurso necessário, tudo isto sem a sua vontade, sem sua adesão e sem merecimento. Disto segue que, de seu lado; eles recebem uma utilidade material proporcional ao trabalho executado, como é justo, mas com isto recebem a sua paga na moeda de seu mundo. Depois disto é justo, também, que sejam distanciados de uma obra da qual nada compreenderam e que sejam liquidados. Não podem ter o direito de ingressar no giro dos méritos eternos, e de manter a própria posição de instrumentos estáveis, juntos a uma missão a que permaneceram estranhos.

Eis, então, como, no cumprimento da missão que aqui estamos observando, comparecem para trabalhos acessórios materiais necessários a ela. Depois eles desaparecem, quando o trabalho está terminado, como figuras secundárias, chamadas, dentro do plano maravilhoso do desenvolvimento da obra, a executar a sua parte em posição subordinada. Podemos, desse modo, explicarmos o caso que estamos contando Assim, tão logo este ingressou na fase prática de realização terrena, aparece uma espécie de conflito: de um lado uma missão verdadeira, querida por Deus, longamente preparada, tornada fatal, e irresistivelmente lançada, para o seu cumprimento; de outro lado miragens terrenas, queridas pelo homem para fins particulares, que dizem respeito somente ao interesse particular dos indivíduos que as vislumbraram. O resultado final não podia ser senão aquele cujas razões explicamos aqui, isto é, liquidação, tão logo aqueles instrumentos houvessem completado a sua função.

Esta é a conclusão lógica do encontro entre as forças em ação, conforme sua natureza. Liquidação dos instrumentos, porque era necessário distanciá-los de uma obra que não haviam compreendido mas que, todavia, procuraram pôr a serviço de seus fins particulares, por haver ingressado nela momentaneamente; distanciá-los porque, esgotada a sua função, eles podiam tornar-se nocivos à missão, já que, antes de ajudá-la eram levados a submetê-la às próprias diretivas diversas, assenhoreando-se da obra, desse modo fazendo-a deslocar-se das finalidades estabelecidas na missão.

Neste momento eles feriam um dos pontos nevrálgicos mais sensíveis da lei de evolução, procurando, por finalidades particulares, paralisar o seu funcionamento. Natural é, pois, que uma lei de tão alta potencialidade, haja reagido inexoravelmente, esmagando todos os obstáculos que os instrumentos procuraram opor à realização da missão. Eis como se explica que seres poderosos e armados de todos os meios, hajam sido definitivamente afastados, não por um homem que nada pode, mas milagrosamente, pela irresistível intervenção das forças do Alto.

Passaram eles, deste modo, perto de uma obra e de uma missão, sem vê-la; deram sua contribuição, sem compreendê-la e, no fim, recaíram no giro das coisas do seu plano de vida normal. Desa-

pareceram, assim, da cena onde nada mais lhes restava fazer. Eliminação por eles mesmos provocada, porque, de meios, se haviam transformado em força negativa contra a missão. Ela, entretanto, não devia dobrar-se, nem podia adaptar-se, razão pela qual eles desejariam destruí-la. É perigoso desafiar o Alto, porque este é o mais poderoso. O erro deles consistiu no parar à superfície e não ver na profundidade, no acreditar estar tratando com um homem e não com o instrumento de uma missão. O que vale e pode um só homem? Isto era tanto mais verdadeiro neste caso em que se tratava do mais inerte, desprovido de meios e de qualquer poder, inimigo de lutas, desejoso somente de amar e abraçar. E foi mesmo esta sua fraqueza humana que os induziu em erro. Entretanto, um homem a quem está confiada uma missão não é de ser considerado sozinho, porque atrás dele movem-se invisíveis mas poderosas forças espirituais que querem alcançar seus fins e contra as quais é loucura lutar, não havendo forças humanas que as possam vencer. Assim, em sua cegueira, não compreenderam por nada o que eles estavam enfrentando, isto é forças e planos que a ninguém na terra é dado dobrar. Ataque perigoso, porque, depois, ricocheteia sobre o agressor, tanto mais violentamente quanto mais forte o ataque. Se não houvesse este sábio jogo de forças, não haveria na terra nenhuma defesa para quem se ocupa das coisas do espírito. E, então, como se realizariam as missões? A ação do Alto, então, ficaria paralisada na terra, à mercê da vontade humana. No conflito, Deus seria vencido, e às forças do mal seria concedido fechar-lhe o caminho.

Tudo isto faz parte da técnica usada pelas forças espirituais para descer à terra. Nelas está inserido o poder de paralisar todos os ataques e de derrubar todos os empecilhos. As forças do bem são as mais fortes e as do mal não podem prevalecer contra elas. Não é possível modificar isto, por estar escrito na lógica da Lei de Deus.

Assim, no momento decisivo em que o êxito da missão era ameaçado de ficar comprometido, as forças do Alto tiveram de se manifestar claramente também em nosso plano humano e, podemos dizer, em forma milagrosa, isto é excepcional, absolutamente fora do comum, do sistema habitual conforme o qual costumam acontecer as coisas. Na terra, de fato, não é normal que os débeis e os inermes vençam. Assistimos ao encontro entre duas estratégias: a da força e a da idéia. Venceu a segunda. Os lutadores da primeira foram vencidos pelo seu próprio erro, o de acreditar que a estratégia da força e do astúcia, que na terra se demonstra a mais poderosa, sempre o fosse de modo absoluto, ainda contra as forças do céu. Mas estas, ainda quando descem à terra, são sempre regidas por outras leis. É raro que a mão de Deus se manifeste abertamente na terra. Mas certo é que ela é muito pesada e que os meios humanos nada podem opor-lhe.

Prosseguiu, desse modo, o desenvolvimento da missão, que continuou fatalmente o seu caminho. Mais uma vez ninguém conseguiu paralisá-la, e o trabalho de construção retomou o seu ritmo regular conforme os planos preestabelecidos. Como em todos os momentos decisivos para a construção da obra, aparecera a figura salvadora de Cristo, desta vez para acalmar a tempestade e conduzir a nave ao porto. E a missão salvou-se.

## VI

### O EVANGELHO POSTO À PROVA

Observamos no capítulo precedente como desenvolve-se o fenômeno da descida do evolvido no terreno do involuído, e como o choque entre as duas leis opostas, resulta na crucificação, que representa uma terceira lei, a do sacrifício, exigência suprema da evolução. Observamos, depois, como

amadurece um destino para poder cumprir uma missão e a técnica de seu desenvolvimento. Colhemos, assim, poder-se-ia mesmo dizer — surpreendemos — a manifestação das forças espirituais que dirigem essa missão, no momento crítico em que elas, sempre encerradas no mistério, eram obrigadas a aparecer em nosso mundo para nele agir, e, desse modo, pudemos vê-las funcionar, finalmente, a descoberto. Ocupamo-nos, por fim, dos instrumentos menores, dos seus métodos, e sua liquidação final.

Retornamos agora, a história do nosso protagonista que, para tratarmos destes outros aspectos do problema, havíamos momentaneamente deixado de lado. A questão, no seu conjunto, é ampla e complexa e, para compreendê-la em profundidade, deve ser examinada detalhadamente em todas as suas perspectivas. É por isto que vamos continuamente mudando o ponto de vista. Não se trata de contar aqui a história particular de um homem, mas de explicar a sua significação, significação biológica de conflito entre as leis de planos de vida diversos, em que essa história representa o eco da luta cósmica do Sistema contra o Anti-Sistema para a redenção do Universo. Encontramo-nos em face do amadurecimento de um destino cujo desenvolvimento havemos de compreender, e do cumprimento de uma missão, fenômeno do qual estudamos a técnica. Havemos de analisar os métodos usados pelas forças espirituais para descer e manifestarem-se na terra, e, enfim todas as repercussões secundárias ambientais etc. ...

Voltemos, agora, ao centro da batalha onde esta situado o protagonista, para estudar o centro da estratégia da mesma, porque é exatamente naquele ponto vital que se desferram os maiores ataques e mais ferve a luta. Trata-se aqui do ponto mais vital da missão e não de elementos acessórios que, representando funções secundárias, podem, sem prejuízo ser facilmente substituídos ou liquidados. O que constitui o verdadeiro fulcro da missão, da batalha e da sua estratégia, é um centro espiritual que esta além do instrumento terreno, mero executor material. Este centro é o Evangelho, e atrás do Evangelho esta Cristo que, nos momentos decisivos, intervém e resolve, oferecendo-nos aquele maravilhoso fenômeno que vamos estudando, da descida à terra das forças do Alto.

De tudo isto decorre um fato relevante, isto é, que o cumprimento da missão, tem uma significação sobretudo cristã, evangélica. Trata-se de um experimento vivido, levado a efeito para observar a tão discutida aplicabilidade real do Evangelho na pratica de nossa vida. Experimentação vital para o nosso protagonista, que, porém, tem importância amplíssima, por ter uma significação de interesse geral. Enfrentaremos agora, por isso, o problema da Grande Batalha que estamos estudando, debaixo deste seu outro aspecto da experimentação evangélica, isto é, de missão cumprida, também para demonstrar que, contra todas as aparências, o Evangelho é aplicável completamente em nosso terreno humano e, ainda que isto pareça absurdo, com muita vantagem. Assim é que esta experiência pode ser utilizada como exemplo para a demonstração de uma verdade pouco aceita e que, entretanto, é utilíssimo conhecer. E por isto que relatamos aqui esta experimentação evangélica conduzida seriamente com as regras da observação positiva no laboratório da vida. Veremos, assim, os fatos conduzir-nos à conclusão de que o Evangelho é verdadeiro e que sua palavra, de fato, se realiza.

Procuraremos, desse modo, dar ao involuído aquele poder que torna mais forte o evolvido, evangelicamente desarmado. Para utilidade dos mais atrasados neste caminho, procuraremos estudar e explicar os segredos desta nova estranha estratégia que o mundo tão pouco conhece. Ir adiante pelo caminho retilíneo da sinceridade, significa chegar muito antes do que tomando a estrada da mentira e do engano. Muitos preferem esta última por parecer um atalho, mas é um atalho em que se escorrega a cada passo e que, por isto, exige mais tempo para ser percorrido que a via mais comprida da honestidade onde não se escorrega, porque se coloca o pé não na lama, mas sobre a pedra firme. Trabalhar a luz da inteligência de onde nasce o conhecimento, exclui a incerteza da tentativa e do erro, fornece a calma, a tempestividade e a segurança da ação, o que conduz ao bom fim. Contrariamente, quem trabalha com as forças do mal, trabalha nas trevas da ignorância, que não lhe fornecendo o conhecimento, deixa-no em poder da tentativa e do erro, o conduzem a uma pressa repleta de orgasmo, à intempestividade e incerteza na ação, o que arrasta para a falência.

Não basta a afirmação teórica que o bem e o mais forte e triunfa. É preciso explicar como se desenvolveu a experimentação que prova ser isto verdadeiro; é necessário penetrar sua técnica, o método de desenvolvimento, observar a oposição entre as psicologias e estratégias do evolvido e do involuído,

observar por quais defeitos este é levado a perder, e por quais qualidades o outro é levado a vencer.

O esquema da narrativa é simples. Trata-se do caso de um homem decidido a viver o Evangelho até o fim. Através dessa narrativa cada qual que se encontre nas mesmas condições pode enxergar a si mesmo. Explicamos no começo do volume, onde a narrativa iniciou-se e vem, depois, a ser desenvolvida em outra direção, as razões de seu comportamento tão estranho, que denominamos a doença do Evangelho. Questão de tipo de personalidade, fruto de quem sabe qual seu passado, por isso questão de destino, com o resultado de lhe não ser possível aceitar a vida senão como uma missão. Esta é a experimentação evangélica de que estamos tratando experimentação árdua, mas decisiva. Se esta não tivesse êxito, aquele homem teria tido o direito de dizer a Cristo que ele teria naufragado por haver tomado a sério Suas palavras. Lógica de honestidade e fidelidade, levada até suas últimas conseqüências. De resto, dado o biótipo, não restava outra escolha No meio da invencível repugnância pela estupidez de tantas coisas humanas onde encontrar algo verdadeiramente digno, com que preencher a vida? Cada qual, na própria atividade, quer realizar a si mesmo, de acordo com o que é, e não pode renunciar a esta realização da própria personalidade

De outro lado seria forçoso ser cego para não ver o contraste existente na terra entre a teoria, representada por um Evangelho proclamado e pregado, e uma pratica feita com a sua negação continua. Qual dos dois teria razão? Cristo ou o mundo? Por que não tentar esta suprema experimentação? Ver, pois, nos fatos se o Evangelho é verdadeiro, aplicável na realidade de nossa vida humana, e os motivos e resultados. Caminho de pesquisa que, se conduzido com critérios racionais e objetivos, deveria conduzir à descoberta do mecanismo íntimo e vital do Evangelho, explicando a sua posição lógica no funcionamento das leis da vida e da evolução, revelando enfim o segredo da sua estranha técnica para vencer na vida sem armas. Fascinante tornava-se estudar seriamente uma tão difundida loucura e verificar por que, não obstante tão pregada, é tão pouco aplicada. Tornava-se preciso controlar diretamente, com a experiência pessoal, quem teria razão entre os dois opositores: Cristo, com suas afirmações enunciadas em nome ao Pai e confirmadas com o martírio, ou o mundo que acha sábio fazer pouco caso, rindo-se de Cristo e acreditando de fato no contrario.

A experimentação era muito mais interessante que outras com que é costume preencher a vida: riqueza, poder, sensualidade, orgulho etc.. Como acreditar ainda nestas coisas, cair dentro delas somente para perceber depois que tudo é vaidade e ilusão? Oceano de enganos em que gostam de navegar os primitivos inexperientes para colher desilusão. Quanto, em vez disso, valeria, também para os outros, como exemplo, mas acima de tudo para si, possuir uma prova experimental própria acerca de argumento tão escaldante que abarca toda a conduta humana!

Desde jovem o nosso protagonista havia compreendido, por instinto, o truque das coisas humanas. Então, sem esperar o fim da vida para compreendê-lo e para chorar sobre a vaidade das coisas, instintivamente rebelde contra a aceitação da vida como a fazem os demais, certo dia ele tomou na mão o Evangelho e disse: quero pô-lo à prova, experimentando-o sobre minha própria vida. Se é verdadeiro, Cristo ajudar-me-á. Se não o for, então tudo há de cair comigo. Uma das duas: ou o, Evangelho tem razão, e, assim, este não me matará, mas, em vez, salvar-me-á. Não sei como isto possa dar-se, mas, por certo, este será um prodígio como o seria o do cordeiro vencer os lobos indo desarmado a abraça-los. Ou, contrariamente, o Evangelho não tem razão, tendo-a o mundo e matar-me-á. Mas nesse caso, não terei morrido pelas estúpidas e comuns malvadezas humanas, mas por algo digno, por haver querido seguir a Cristo. Terei, nesse caso, a grande vantagem de não ter morrido pela minha imbecilidade ou malvadez, mas inocentemente, por haver crido em Cristo e Sua será a responsabilidade. Solução, também esta, de elevado interesse. Como comportar-se-ia o Alto, seja no deixar realizar-se um caso semelhante, seja, depois, no julga-lo, permitindo as respectivas conseqüências?

Tudo isto representava uma espécie de desafio ao Alto, a fim de que se manifestasse diretamente uma exigência de provas evidentes, aptas a fornecer um testemunho experimental irrepreensível da verdade do Evangelho. Estas provas depois! poderiam sobrepujar o caso particular, próprio do experimentador, para elevar-se como exemplo coletivo de significação universal, para todos. E, quem sabe, essa experimentação inusitada viesse a fazer parte integrante daquela missão que estamos expondo, uma

prova positiva demonstrativa e confirmativa da sua verdade!

Certo é que o mundo de hoje não pode mais satisfazer-se com uma fé cega e tem necessidade de provas convincentes. Para os homens positivos, práticos, que com a ação dirigem o mundo, e que são a maioria, é preciso abrir uma janela para outros mundos superiores que para eles parecem utopia. Se não fizermos entrar esses novos elementos no mundo para a sua salvação, não restará hoje senão o desespero, ou a destruição recíproca. No estado de inércia mental dos séculos anteriores estes problemas não surgiam e era possível adormecer em paz, encobrendo-os com a tradicional mentira. Mas, hoje, o acicate da dor bate nos ombros do homem moderno, e a este tudo é permitido, fora adormecer. A dor impõe novas perguntas e respostas e obriga a inteligência a desvendá-las. Chegou a hora dura do destino do mundo para impor a todos, bons ou maus, viver seriamente, enfrentando e resolvendo os problemas, num sentido ou noutro, mas sempre à luz da razão, dando-se conta e assumindo a responsabilidade do que se fizer. A bela comédia dos séculos transcorridos, com que tranqüilamente o mundo havia se acostumado a zombar de Deus e da Sua Lei, esta tornando-se hoje, uma tragédia, uma nova experiência dura em que entra em jogo a própria vida.

Também por estas razões o nosso homem entregou-se à experimentação. Ressentia-se ele mesmo deste estado d'alma geral, de uma necessidade absoluta de clareza e sinceridade em qualquer caminho, ainda que fosse aquele que os antepassados denominaram do mal: viver de olhos abertos, sabendo as razões e as conseqüências da própria conduta; compreender e saber as razões do bem como as do mal, e, escolhendo-se as sendas deste último, nunca fazê-lo cegamente, por instinto como os primitivos, mas vendo bem claramente, por haver feito o cálculo exato das vantagens da própria escolha. Se o bem então é verdadeiramente bem, este deve revelar-se à razão como o caminho mais conveniente por ser o que conduz à nossa maior utilidade. Se nos for vedado enfrentar os problemas morais e religiosos com esta franqueza honesta, quer dizer que a solução oferecida hoje ao mundo é um artifício que esconde algo que não se quer descobrir. Numa hora de geral revisão de todos os valores humanos, a experimentação que o nosso protagonista impunha a si mesmo correspondia, não só as suas condições particulares, mas, outrossim, a exigências de ordem geral. Evidentemente a dor, chave da evolução, esta despertando a inteligência do mundo para encaminhá-lo a um novo amadurecimento.

\* \* \*

Assim, ele decidiu a grande experimentação. Qualquer que viesse a ser o resultado dela, ele teria procurado utilizar a vida para finalidades mais elevadas que não as baixamente estúpidas de tantos outros. Pô-la a serviço de instintos animais, guiando-se por estes e não pela inteligência, era método impróprio ao seu biótipo. Sua natureza era diversa e o levava a uma espécie de inconciliabilidade com os métodos dominantes. Procurava adaptar-se com um sentido de respeito aos sistemas do próximo, mas deste seu respeito o próximo se aproveitava para impor-se a ele. Enquanto ele procurava colaborar, os outros avizinhavam-se para dominar. Sacrificara-se para coadjuvar e encontrava quem só queria explorá-lo. O que, afinal, queriam dele? Era possível que, para viver naquele plano, fosse necessária a revolta e que fosse esta a resposta exigida por ser a única que os outros podiam compreender?

Assim foi que aquele homem estranho começou a viver o Evangelho. A experimentação, pelos perigos implícitos e por suas conseqüências, assim como pelas conclusões a que conduzia, devia ser efetuada com seriedade e precisão, como uma pesquisa de laboratório, observando exatamente todas as condições e reações. Como se desenvolveria uma vida guiada por tão estranhas diretrizes? Era necessário conduzir a experimentação com inteligência para não errar nas conclusões. Assim foi que se desenvolveu a grande aventura. A prova realizou-se observando todas as regras da arte, foi controlada racionalmente, estudada positivamente para dela tirar conclusões certas.

Desenvolveu-se desse modo a vida do nosso protagonista. O caminho foi longo e duro. Por um grande período o Evangelho foi vivido na sua parte negativa: renúncia, aceitação, dor. Assim a ele tinha sido devido adaptar-se a sofrer em solidão e silêncio. Vida triste, redobrada toda para o interior, para onde aquela alma era rechaçada pelo contínuo desferrar dos golpes de todos quantos, como lobos cheirando a cordeiro, encetavam os primeiros passos para o banquete. Mas enquanto para estes se tratava

apenas da banal manifestação de instintos, nele a inteligência afinava-se na amargura e a introspecção aprofundava-se cada vez mais. Era duro e difícil, mas havia nisto um grato sabor de poder naquele Evangelho que lhe exigia saber viver como cordeiro entre os lobos, largando todas as armas, tendo presente a alegria dos lobos antegozando o banquete daquele que, havendo-se feito cordeiro, podia ser devorado impunemente. Que convite agradável para eles Para ele, apenas, o martírio da maceração e do amadurecimento. A forma de evolução com que se realizava a redenção Evangélica teria, então, que se realizar por via da crucificação? É esta, então, a primeira fase da técnica da ascensão para o involuído, isto é a destruição da animalidade?

Assim perdurou por diversos anos. A opinião pública, considerando-o um vencido, estava contra ele e o definia: o imbecil. E ele começava a resignar-se a morrer, aceitando a segunda das duas soluções, isto é, a de que o Evangelho, ainda que teoricamente justo, não era, na prática, aplicável na terra. Qualquer outro, em seu lugar, chegando a este ponto, teria abandonado a experimentação, seguindo o caminho mais seguro, o do mundo, em que os efeitos são imediatos. Mas o nosso era um homem estranho que não aceitava aquele caminho e aquele tipo de vida. Não lhe restava outra escolha senão a de ir até o fim, tanto mais que uma experimentação conduzida até a metade não o autorizava a tirar qualquer conclusão. De outro modo sua seria a culpa se a prova não tivesse êxito e, a sua morte, ele não teria nenhum direito de afirmar ter sido destruído por ter crido no Evangelho, que o teria induzido a engano. Decidiu, pois, continuar até o fim e deixar-se matar, mas somente por Cristo e unicamente por haver querido sempre seguir o Evangelho.

Entretanto ele havia compreendido uma coisa. Se o mundo afirma que o Evangelho não é praticável na terra, isto podia ter sua razão exatamente neste cansaço prematuro, da parada no meio do desenvolvimento do fenômeno, cujo decurso havia de ser bem mais longo. É preciso ir cautelosamente no julgar e não ter tanta pressa em liquidar assim leviana e superficialmente um fenômeno de tal monta como o evangélico, em torno do qual gira a humanidade. Uma das razões que induziram o nosso experimentador a continuar em suas indagações a todo custo, foi precisamente a de que devia haver alguma outra causa pela qual o Evangelho continuava a apresentar-se nesta sua forma invertida que induz a maioria a abandoná-lo. Devia haver uma espécie de barreira do som a ser ultrapassada para que tudo, depois, mudasse radicalmente. O problema estava em possuir a resistência necessária a superar aquele limite.

A maioria para as primeiras tentativas, que, naturalmente dão resultado negativo, e com isto tira conclusões. Feita uma primeira experimentação e pelo fato de não terem obtido um sucesso decisivo e imediato, sentem-se autorizados a sustentar que o Evangelho não é aplicável. Dizem: "Experimentem. Sistema impossível. Se não tivesse reagido, defendendo-me por mim mesmo, ter-me-ia perdido". Coloca-se, por isto, o Evangelho de lado, entre as muitas mentiras convencionais de que é repleta a nossa sociedade uma vez que se julga ter o direito de concluir, com a prova na mão, que o Evangelho não pode ser vivido.

Tudo isto é explicável. Ultrapassar a barreira do som, neste caso, significa chegar a pôr em funcionamento no plano do involuído as leis próprias do evolvido. Do mesmo modo como, superado um dado limite de velocidade, modificam-se as leis do movimento que então deve ser conduzido com princípios diversos, assim, passando do plano de vida do involuído ao do evolvido mudam-se as leis de vida e os métodos para defendê-la. Viver, então, de acordo com a estratégia evangélica da não resistência, significa transferir em própria defesa as formas de movimento que se adotam nas velocidades ultra-sônicas para o terreno humano onde se anda a pé, ou pouco mais. Eis porque aqueles sistemas, na terra, para o viandante inexperto, não funcionam e, por isto, este os acha inaplicáveis ou, melhor, perigosos. Mas isto não quer dizer que para o viandante esperto que saiba utilizá-los, que conheça a técnica deles, aqueles sistemas de movimento em velocidade ultra-sônica, não possam representar uma indiscutível superioridade sobre quem sabe apenas andar a pé ou pouco mais. Esta é a posição do homem evangélico consciente das mais elevadas e poderosas leis do seu plano em face do homem comum que as desconhece e permanece em poder das leis de próprio nível, menos poderosas, por serem menos evoluídas. Poder-se-ia objetar: mas, porque, então, se o mundo é feito, a este respeito, de analfabetos, exigir atitudes de

graduado em nível universitário? Mas isto não tolhe que todos procurem superar os cursos inferiores para chegar a universidade, por saberem das vantagens que disto decorrem.

Desenvolver, vivendo-o, o tema evangélico é trabalho ainda demasiado difícil para muitos alunos terrestres. Para esses acontece o que se daria com um selvagem a quem se entregasse um aparelho radiofônico; depois de observa-lo por todos os lados, julgando-o com o seu cérebro, o desprezaria por imprestável. Usar o Evangelho significa pôr em movimento leis complexas e forças profundas, de grande potência, de efeitos a longo prazo, e não fenômenos de superfície, de resultados diminutos e que, por imediatos, são os que o homem comum melhor percebe e mais aprecia. Assim é que, enquanto os outros efeitos escapam-lhe, ele só aceita estes.

Assim é que, enquanto a maioria para na metade, chegando a conclusões erradas, o nosso protagonista quis continuar a experimentar o Evangelho, como deve fazer quem quer estudar um fenômeno seriamente. Tratando-se de leis complexas e forças profundas, era lógico que este estudo reclamasse tempo e perseverança, e com isto muita fé, de que sempre deve estar munido o cientista que quer escancarar as portas do mistério, fé que, no fundo constitui aquele merecimento sobre o qual se baseia o nosso direito de colher o fruto de nossos esforços. Era preciso continuar, custasse o que custasse. O que se diria do cientista que quisesse tirar conclusões das experimentações de seu laboratório apenas depois de algumas primeiras provas malogradas? Perguntar-se-ia: a experimentação foi completa? Foi conduzida com todas as cautelas e inteligência devidas?

Assim o nosso personagem continuou a pesquisa. Entretanto ele possuía um dado de fato, embora pequeno, mas positivo; por haver seguido o Evangelho, ainda não havia sido aniquilado. Naquelas condições bem difíceis, do cordeiro entre lobos, ter sido, até então, pisado mas não devorado! representava algo de incomum. Havia, entretanto, na mente do experimentador, uma dúvida. Este fenômeno da salvação, que já parecia milagroso, continuaria e verificar-se no amanhã? Que elementos faltavam para condicionar plenamente o desenvolvimento do fenômeno? Era talvez parte da lógica do seu desenvolvimento, este retardamento da demonstração plena da potencialidade do Evangelho. Tratava-se, certamente, de pôr em movimento forças titânicas. Talvez fosse preciso um esforço proporcional, aquele em face do qual todos param, para depois rejeitar o Evangelho como inaplicável. Talvez fosse indispensável uma prova absoluta de fé e fidelidade, daquela coragem de quem salta com o paraquedas, a coragem dos navegadores dos mares inexplorados ou das audazes pioneiros nos territórios desconhecidos. E quais as terras mais desconhecidas que as do espírito? Seria esta uma indispensável condição do fenômeno? E, se o era, como exclui-la “a priori” e não aceitá-la? Todo fenômeno tem suas leis e suas condições. Também neste caso era preciso aceitá-las.

\* \* \*

Eram necessárias estas considerações, para a compreensão dos acontecimentos que estamos narrando. Para completar a experimentação até o fim, o nosso homem fora obrigado a adaptar-se numa posição de aceitação que o colocava num estado de sofrimento, que a longo andar, terminaria matando-o. Quem segue o Evangelho na terra, coloca-se, com isto, na posição de carneiro entre os lobos; não pode, pois, deixar de acabar como mártir, por eles devorado. Continuando assim, o mundo teria vencido sobre Cristo. Havia-se chegado ao ponto do fenômeno.

Seria possível a derrota do Evangelho? Se não acontecesse algum fato novo que não estava em poder daquele homem pôr em movimento, a doutrina de Cristo haver-se-ia demonstrado um engano. Em outras palavras havia chegado o momento em que as forças do Alto deviam manifestar-se e entrar em ação. Isto era o que impunha a lógica do desenvolvimento do experimento, sem o que este teria falido. O experimentador havia, de seu lado, posto em ação todos os elementos que dele dependiam. Agora, deviam ser movimentados todos os elementos que dependiam da parte contrária.

Ele continuava em observação. Como o astrônomo, depois de haver achado, com os seus cálculos, que num determinado ponto do firmamento há de existir um novo astro, e, depois, com o telescópio verifica-se que de fato, lá está, assim o nosso personagem estava observando para verificar se,

na realidade; ocorreriam aqueles acontecimentos que os cálculos feitos com a lógica do Evangelho indicavam deveriam dar-se naquele momento. Deu-se então a maravilha: os cálculos do nosso experimentador de fenômenos espirituais no laboratório da vida, postos em confronto com os fatos, demonstravam-se exatos como os do astrônomo descobridor de estrelas. Assim foi que aconteceu o fato novo, decisivo, que inverteu a situação. Foi, então, possível dizer que o experimento havia tido pleno êxito, dando razão, no último, ao Evangelho, ainda que, no começo, tivesse parecido o contrário. Contra todas as aparências do momento, Cristo era verdadeiramente o mais forte, e havia vencido.

Acompanhemos, entretanto, o curso dos acontecimentos para bem compreender esta história no seu momento mais significativo. Independentemente da vontade de nosso personagem, impulsos interiores situados no fenômeno e, então, chegados a amadurecimento, certo dia, vieram a produzir uma grande mudança, dando a sua vida um curso completamente diverso. Circunstâncias imperceptíveis e, de começo, inadvertidas, agigantaram-se paulatinamente, movidas por uma espécie de força íntima, até dominar preponderantemente. Como um feto que se vai formando, no começo eram apenas uma vontade de desenvolvimento, materializada em pequeninos elementos materiais. Dirigidos, porém, por aquela potência interior, como os componentes do feto, se multiplicaram e reforçaram, conforme um plano certo, preordenado e dirigido para fins precisos. Como se dá com o feto, que desse modo vem a nascer completo, como acontece com a avalanche, que o movimento de um punhadinho de neve, rodando, agrega outros elementos até alcançar a massa que pode destruir tudo o que encontra no caminho, tudo dependendo do impulso interior do fenômeno, do mesmo modo aquela tenacidade evangélica amadureceu o destino daquele homem e, por nele haver colocado o seu impulso, deu aquele destino uma direção toda própria. As células que se agrupam ao redor das primeiras do feto, os flocos de neve que aderem aos primeiros que geram a avalanche, são atraídos e guiados pela lei do fenômeno. Assim, também neste caso, outros elementos foram atraídos e guiados em redor daquele primeiro, que se tornara centro por haver superado a barreira ultra-sônica do experimento evangélico. Estes elementos, como já explicamos, foram tomados neste movimento de forças sem que o compreendessem, já que, com sua forma mental, não o podiam. Vieram desse modo, a ser utilizados como instrumentos cegos, postos em movimento por miragens próprias, sendo estas o único meio que podia movimentá-los. Assim, pois, é que eles puderam cumprir a função necessária, seja mesmo em forma acidental, de passagem, para afinal, cumprida sua função, serem eliminados.

A mutação que se verificou no destino de nosso protagonista, foi relevante. Ingressamos na fase mais importante da história que estamos expondo, aquela em que o fenômeno amadurece até o ponto em que torna indispensável a manifestação da intervenção das forças do Alto, a fim de que o conflito em curso, entre Cristo e o mundo, seja resolvido em favor do primeiro. A modificação operada por aquelas forças foi profunda, constitui uma verdadeira inversão. O sujeito foi lançado longe, aos antípodas, não só geograficamente, mas ainda com relação a todos os hábitos da sua vida anterior. A palidez de isolamentos estagnantes de introspeções profundas, substituiu-se o torvelinho de uma grande corrida pelo mundo, imprevisível lance para uma milagrosa afirmação. A manifestação das forças espirituais do Alto aparecia bem evidente. Estas, situadas no íntimo das coisas, manobravam tudo dentro do mundo das causas, gerando aquele turbilhão em que, chegada a hora, e como efeito exterior, o nosso personagem foi tomado, sem que nada houvesse preparado, nem imaginado. Ele estava desprovido de tudo e aquelas forças tudo providenciaram. Por elas foram chamados todos os elementos imprescindíveis e foram postos em função como instrumentos perfeitos, a fim de que, atraídos por suas miragens, realizassem os fins superiores para os quais, sem que o soubessem, haviam sido chamados. Cada qual, embora perseguisse aparentemente seus próprios planos, marchava enquadrado ordenadamente noutro plano que não conhecia, tornando-se, sem sabê-lo, colaborador involuntário de outro trabalho bem diverso.

Desse modo, movido e guiado pelo Alto, pôs-se em movimento a grande engrenagem, em cujo centro aquele pobre homem, até então tão atormentado, se encontrou. Tudo isto podia parecer um conjunto de ilusões fantasmagóricas, convergentes apenas para fins temporâneos e particulares. Mas, atrás dessas aparências, que constituíam tudo o que o mundo percebia, se estava realizando um plano orgânico dirigido por aquelas forças do Alto, plano que viria a manifestar-se só mais tarde, quando,

completada sua função de lançamento material, os elementos convocados a efetua-la, seriam repelidos por se haverem tornado contraproducentes.

Ia, assim, cumprindo-se, em completa logicidade, o desenvolvimento do destino do protagonista. Antes, longo período de duras provas, para experimentar sua resistência e conduzi-lo à maturação, período escuro de maceração interior. Depois, lançamento na palestra da realidade concreta do mundo, para colher o fruto daquela preparação. Mudando-se nesta outra fase todo o trabalho a ser efetuado deviam realizar-se condições diversas de vida e, para isso, são chamados a cena elementos outros, necessários no momento. Não se conhecem um ao outro, trabalham para fins próprios, e, no entanto, escalonam-se sem sabê-lo, para colaborar ordenadamente, em fila, para um único fim. A maior maravilha desta fase é esta organicidade da colaboração de elementos heterogêneos, visando a outros fins, e entretanto, mantidos, sem que o saibam, no trabalho conjunto para um mesmo fim, não deles, e liquidados uma vez terminado o trabalho. As forças do Alto haviam demorado para descer, tanto que tudo parecia perdido, mas agora trabalhavam poderosamente e com sabedoria segura. Tudo corria tão bem que o nosso indivíduo acreditou ter encontrado um novo mundo de bondade e verdadeira amizade. Mas tratava-se de uma descida no mundo e, como pode uma coisa terrena ser outra coisa que não uma ilusão? Porém, se a aparência era ilusória, atrás dela havia a ajuda de Deus e esta não era ilusão. A vestimenta exterior era falsa, porquanto aparente, mas o corpo que nela estava era bem firme. Ele estava construído por um destino amadurecido a luz do Evangelho, até tornar-se, agora, em missão, até o ponto de se dever manifestar a intervenção das forças do Alto, se não quisesse que a doutrina do Evangelho viesse a ser desmentida neste caso. Estas, as forças interiores que determinaram e regiam todo aquele movimento de pessoas, de meios materiais e de acontecimentos exteriores. O Evangelho preparava-se para dar, em verdade, uma prova experimental da sua plena atuabilidade também no plano humano de nosso mundo. É este fato o que dá valor de exemplo a história que estamos expondo e, somente por isto, é que aqui a contamos, isto é, para demonstrar que, contrariamente a quanto se crê e afirma, o Evangelho, como com este caso podemos provar experimentalmente, não é utopia irrealizável na terra, mas contrariamente, é o melhor sistema de vida, e que deveria ser preferido, no seu próprio interesse, pelas pessoas inteligentes.

\* \* \*

Procuramos compreender melhor a técnica usada neste caso pelas forças do Alto para descer no ambiente humano. O que mais impressiona é a observação da organicidade do método na execução do plano. Tantas pessoas de temperamento, posição social, e recursos materiais diversos contribuam, perseguindo cada qual fins diferentes, muitas vezes desconhecendo-se uma a outra! Todas estas pessoas, no entanto, funcionam alinhadas em perfeita colaboração, seguindo sem saber e sem querer, as diretrizes de um plano orgânico que não conheciam e ao qual, se o tivessem conhecido, ter-se-iam rebelado por ser contrário a suas finalidades. Estas pessoas apareciam em cena no momento certo, para executar o trabalho particular para elas designado e desaparecer logo depois, logo que sua presença se tornava inútil aos fins do plano geral. A observação destes fatos não podia conduzir senão a conclusão de que, como causa de um desenvolvimento tão ordeiro do fenômeno, não se poderia aceitar o acaso, nem a vontade dos elementos que nele trabalhavam. O plano era vasto e complexo, desconhecido por ser diverso daquele em que os executantes acreditavam desconhecido até pelo seu principal ator, o nosso protagonista que nada programava e só corria, como por eles arrastado, atrás dos acontecimentos.

Quem, pois, dirigia tudo? Quem encontra diante de si um efeito, deve presumir que este derive de uma causa e que esta seja da mesma natureza e qualidade do efeito. Neste caso ela devia ser inteligente e, dado que não era encontrável na terra, era preciso procurá-la alhures. Ora, em outro lugar, uma causa de tal natureza, inteligente, não podia ser encontrada senão no mundo espiritual. E, como já demonstramos antes, estava na lógica de todo um sistema de forças que, neste momento, fossem as dos mundos superiores as que deveriam manifestar-se tornando-se ativas no plano da vida humana.

Assim tudo se torna claro. Tudo acontecia conforme a lógica das teorias desenvolvidas acima, que nos fatos encontram plena confirmação. Para os cétricos irreduzíveis poderemos dizer: os fatos são estes aqui expostos. Se não existe outra hipótese, senão esta, que é a única que os explica, teremos que aceitá-la, a não ser que renunciemos a compreensão. Pode ser que outros consigam descobri-la, mas nós não conseguimos encontrar outra hipótese aceitável. Que tão diversos elementos, naturalmente tendentes a elidirem-se, antes que a colaborar, por serem eles rivais, levados pela própria natureza do seu plano biológico, antes de mais nada, a lutar para vencer um ao outro, que esses elementos antagônicos hajam funcionado organicamente conforme um único plano por eles ignorado, tudo isto não pode ser explicado senão com a presença de uma força diretora que se lhes sobrepôs para coordenar seus movimentos. E não sendo encontrável esta força na terra, havemos de procurá-la em outros ambientes, como vimos.

Há, entretanto, um outro fato de que é preciso tomar conta. Tratando-se de descida na terra de forças espirituais de mundos superiores, havia de verificar-se inevitavelmente o choque entre formas mentais e métodos de vida diversos, como estudamos anteriormente. O que confirma a hipótese acima é o fato de que este choque se verificou efetivamente. As forças espirituais dirigiam do Alto, mas sua atuação dava-se no terreno do mundo. O fenômeno desenvolvia-se entre dois planos de vida que se elidiam um ao outro. O nosso protagonista achava-se no meio, devia suportar o choque. Avizinhando-se aos próprios semelhantes, de braços abertos, com o método evangélico, devia encontrar-se com o método do mundo, egocêntrico separatista, de inimizades e lutas.

Para ele a grande modificação se havia dado em idade avançada, não podendo chegar senão como conclusão de uma longa experimentação evangélica. O seu passado havia sido longo e doloroso. Sofrer e resistir é trabalho pesado e o estava cansando; acreditava, pois, que a sua fadiga estivesse ultimada. De certo o Alto havia-se movido! Mas que longa e profunda maceração! Ele tinha querido, verdadeiramente, com fatos e não com palavras, viver o Evangelho. Ele tinha ido, armado apenas de bondade, ao encontro do próximo, contra o qual se presume que se tivesse armado para o ataque e a defesa. Presunção tácita, escondida mas sempre presente em qualquer povo, religião, regime político, classe social, como substância da realidade da vida. Dado isto, no terreno humano, ele não podia ser senão derrotado. Em nossa sociedade não é lícita a antropofagia. Mas se isto fosse possível, e se o achasse comestível e saboroso, ela devoraria o homem evangélico. Entretanto o faz de outra maneira: tira-lhe tudo o que pode ser de alguma utilidade, deixando-o com a pecha de inepto pobre e nu, despido de tudo. Neste mundo este é o final lógico do homem evangélico.

Nesse mundo fala-se de caridade e de beneficência. Mas, em tal ambiente, qual significação real poderão assumir em muitos casos estas palavras? Beneficência! Grande virtude e, como todas as virtudes, nobre sacrifício que, por isto, é melhor reservar aos outros para que eles dêem a nós, e assim possamos cumprir o santo trabalho de empurrar os outros, para seu bem, ao sacrifício deles em lugar do nosso. Nasce desse modo a nobre porfia de exigir tão gloriosa virtude antes do próximo do que de si mesmos. E quando se pratica a beneficência, toma-se uma boa parte da respectiva glória na terra e um bom merecimento no céu. E os beneficiados? Bem, no fim, hão de existir também os beneficiados, uma vez que é em nome deles que tudo é feito; e tudo se justifica. Se assim não fora a substância das coisas, não se explicaria como em tantos países do mundo se tenha difundido a beneficência. Ela é proclamada em altas brados, pedindo a generosidade dos outros que são compensados com a glória de havê-la praticado. O esforço da colheita é sempre feito com o máximo desinteresse, sacrificando-se para o ideal. Organização científica da caridade, que, desse modo, pode também chegar ao seu destino e ajudar os pobres. Mas, de fato, na lógica do mundo, o que representam eles, senão os vencidos da vida? E o que podem eles exigir de um mundo onde impera a lei da luta e a vida pertence somente ao mais forte? Numa sociedade onde domina a forma mental do egocentrismo, como se poderá pretender que aquela lei se transforme sempre naquela do altruísmo, que é lei de outros planos de vida?

Quando num ambiente dessa natureza aparece o homem evangélico que aspire a destacar-se das riquezas, ele, para alcançar o seu ideal, não precisa realizar nenhum ato heróico. Não há nenhuma necessidade de atos clamorosos aptos a encenação da grande virtude da pobreza. Para o homem evangélico, não é necessário que se espolie. Basta distrair-se um momento na luta da defesa, deixar um pouco

a porta aberta, e o próximo entra e, não encontrando as comuns barreiras defensivas, pensa imediatamente em tornar efetiva a espoliação. Desse modo, para alcançar a pobreza evangélica, não há necessidade da clássica doação, do grande gesto visível, circuito de méritos gloriosos, com os quais o sacrifício é pago em grande parte. Maiores espoliações podem dar-se na sombra, na luta universal para tudo agarrar, sem glórias nem merecimentos, antes e melhor com a condenação de incapacidade.

Esta é a história do nosso homem. Não havia tido necessidade de cumprir qualquer gesto de doação para achar-se evangélicamente pobre. Para isto, o seu próximo, que devia amar como a si mesmo, havia provido e o havia empobrecido. Fora rico, mas havia sido subjugado no trabalho conceptual, inerente a sua missão, que lhe tomava a maior parte do seu tempo e de suas energias. Não lhe sobrava, o que mais é necessário, nem tempo nem força, para levar a efeito o primeiro trabalho deste mundo, que é o de lutar e defender-se. E parece que na terra (pelo menos assim foi no seu caso) não é possível a quem confiar o próprio, sem, com isto, acabar perdendo tudo. Assim, por não se ter podido defender, ele tudo havia perdido, sem a glória do mundo que observa e sem a gratidão dos beneficiados que recebem. Cristo, no Evangelho disse a um rico: se quiser ser perfeito, vai e vende tudo. Mas, em nosso mundo, não há necessidade de vender e doar. Nunca falta quem, quando sejam abandonadas as defesas, pensa logo em tornar-nos pobres, perfeitos como quer o Evangelho, sem necessidades de nos despirmos de nada.

Que coisa estranha um homem evangélico em nosso mundo! Como? Tratar-se-á de um doente mental? Assim era julgado o nosso personagem e, no melhor caso, com um sentido de compaixão. Mas um tolo que nem sabe defender-se, merece, conforme a lei do plano biológico humano, antes que compaixão, condenação e castigo. Esta é a justiça da terra: que o débil seja eliminado por se ter deixado vencer. Esta a triste história que aqui estamos narrando. Tinha sido longa e penosa e, com a atual modificação, o seu protagonista, cansado demais de tudo, acreditava que ela tivesse terminado. Distanciando-se do seu velho mundo para ingressar no novo, acreditava que tudo mudaria, que encontraria sinceridade e homens diversos dos que encontrara até então. Viu, entretanto, que tudo queria continuar na mesma. O nosso sujeito saíra sangrando de uma espoliação feroz e havia sido esfolado bastante para poder suportar ainda igual sofrimento. Desta vez, se o jogo continuasse, o homem evangélico seria aniquilado. A experimentação havia chegado a um ponto crítico, além do qual não podia prolongar-se, sem que o êxito viesse a ser comprometido, com as conseqüências de princípio de que já falamos. Não era mais possível esperar. As forças superiores não podiam mais retardar sua intervenção: uma ulterior dilatação significaria sua derrota e a vitória do mundo. Havia chegado, mais uma vez, a hora em que o Alto devia manifestar-se em forma concreta de ação no plano da matéria, porque ficaria vencido e o Evangelho cairia em erro, se o Alto com a sua intervenção não tivesse salvo o indefeso dos lobos ferozes. Se aquele homem tivesse morrido, por haver querido viver o Evangelho, este ter-se-ia demonstrado um engano, porque demonstrar-se-iam inverídicas suas palavras:

"Procurai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais ser-vos-á acrescentado".

Assim os novos lobos, desconhecedores dos resultados a que conduziam suas ações, foram, sem querê-lo, também instrumentos de milagrosa revolução do experimento em sentido positivo, em favor do Evangelho, já que o seu ataque foi o que obrigou as forças do Alto a descerem e agir, porque eles o haviam, agora, tornado indispensável.

## DUAS PSICOLOGIAS E MÉTODOS DE AÇÃO

Continuemos a observar, cada vez mais de perto, o fenômeno que estamos estudando, para compreendê-lo melhor e dele extrair úteis ensinamentos. Interessa a todos conhecer a técnica da descida das forças do Alto, a Terra, as armas de que elas dispõem e a estratégia que usam para vencer. Pode ser instrutivo observar como, neste caso, ocorreu o choque entre duas psicologias e métodos de ação os do Evangelho e os do mundo. Pode ser útil, depois de haver visto qual dos dois é verdadeiramente o mais poderoso, aprender sistemas mais evoluídos de vencer. Já agora, nesta história, os princípios tomam corpo em pessoas concretas, que agem no plano material de nosso mundo. Expusemos no início deste volume as teorias que explicam isto. Agora os observaremos em sua aplicação prática, estudando as qualidades e posições dos dois antagonistas em que se personificam os dois princípios opostos. Cada um usa sua forma mental e seus meios, de acordo com o diverso comportamento de sua natureza.

O mundo humano é um cenário complicado de aparências, entre as quais o homem evangélico deve mover-se com simples sinceridade. Aparentemente tudo é bondade, estima, desinteresse, nobre sacrifício pelo ideal, magnânima generosidade. De todos os lados esse exemplo nobre, estimulando á imitação. Nosso personagem encontrara esse ambiente e ficara encantado. Mas infelizmente, havia por baixo uma realidade diferente, havia a natureza humana que funcionava segundo as leis de seu plano biológico. A realidade era a luta feroz pela vida, conluos bem organizados de interesse, o velamento dos próprios objetivos para vencer melhor, dissimulando a verdadeira estratégia usada na batalha. Jogo sutil, recoberto de ideais desfraldados, para escondê-lo melhor. Sempre no mundo o mesmo tipo, os mesmos métodos estandardizados. Esse o antagonismo que nosso personagem devia vencer: homens unidos em alianças, para se tornarem mais fortes, senhores do campo porque aí tinham nascido e vivido, conhecedores do terreno da batalha e armados de todos os meios, quer do poder econômico, quer do social, quer da astúcia: em outros termos — ao menos na opinião do mundo — os mais fortes indiscutivelmente, e portanto, segundo sua lógica, destinados ao triunfo, e eles mesmos antecipadamente certos da vitória.

Do outro lado a simples realidade descoberta: um homem pacífico, sozinho, sem planos manifestos nem ocultos, incapaz de enganar a quem quer que seja; um homem sozinho, desconhecedor do terreno da batalha completamente novo e desconhecido para ele; um homem pobre, evangelicamente indefeso, sem meios de qualquer espécie, desprovido de tudo e a mercê de todos. Indiscutivelmente — ao menos na opinião do mundo — ele era o mais fraco, e portanto, segundo a lógica dominante, destinado a derrota, considerado vencido antecipadamente por todos.

Tínhamos de considerar as qualidades opostas dos dois contendores, para compreender a natureza milagrosa da salvação do indefeso, e portanto o valor do exemplo, que só pode ser explicado com a intervenção de forças superiores. Isto nos mostrará o poder do fenômeno a que estamos assistindo, ou seja, não apenas a técnica da descida das forças do Alto, mas também o valor e o alcance dessa descida neste caso.

A escravidão do mundo foi abolida apenas formalmente, nas leis, mas continuou no instinto humano, em relação a qualquer indivíduo, desde que pareça mais fraco: escravidão moral, econômica, política etc., de forma civilizada, com cadeias invisíveis, mas nem por isso menos fortes. No plano biológico em que reina a lei do mais forte, constitui justiça apoderar-se do mais fraco para sujeitá-lo. A lógica do fenômeno — dados seus elementos componentes — não podia deixar de desenrolar-se até o fim. O mundo, por sua forma mental e pelos meios a sua disposição, não podia trabalhar de outra forma e continuava a funcionar destemido com seus métodos. O espetáculo a que estamos assistindo é o que nos oferecem as forças do Alto, que se revelam com sua intervenção necessária para realizar a salvação. Como teriam agido para vencer, neste caso, a Grande Batalha? Deviam empenhar-se a fundo, porque aqui estava em jogo o valor do Evangelho e a palavra de Cristo. Mas se esse homem tivesse vencido em condições tão contrárias, essa vitória teria constituído uma prova tanto mais evidente, quanto mais difícil

fosse o caso superado.

Todas as probabilidades pareciam em favor do mundo. Sua derrota teria sido tanto mais clamorosa e milagrosa quanto mais contradizia a regra normal. E existiriam meios supranormais capazes de dobrá-la até o ponto de fazer triunfar um indefeso num mundo de armados? Mas então os meios espirituais são mais poderosos que os materiais, tendo na batalha um peso tão decisivo? Nesse caso, não só não é verdade que o Evangelho seja inaplicável na terra, como, ao contrário, ele representa a arma mais poderosa para vencer. Conclusões importantes, de interesse geral.

Daí resulta, para o homem que fez essa experiência, o dever de comunicar seus resultados, tanto quanto os cientistas comunicam os de suas descobertas científicas, embora neste caso a experiência tenha sido realizada no terreno espiritual e moral. Um fato que realmente se verificou tem sua importância no terreno das pesquisas positivas, porque se tem o direito de presumir que a experiência deva reproduzir-se com o mesmo êxito, todas as vezes que for repetida nas mesmas condições. Cada caso vitorioso constitui uma prova de uma nova verdade que vamos descobrindo, e abre-nos uma porta para que, repetimo-lo, se chegue ao conhecimento completo dessa verdade e depois a sua aplicação para nossa vantagem.

Tudo isso a ser observado pode parecer puramente pessoal, e como tal não deverá ser narrado. Mas todos os casos particulares entram na lei geral de que fazem parte; assim, este pode ser compreendido como um episódio, que pode repetir-se com todos, da Grande Batalha entre Cristo e o mundo, e que pode assumir o valor de experiência evangélica com conseqüências de caráter universal. Por que negar-se a dar uma prova da verdade do Evangelho, útil para que dele fiquemos cada vez mais convictos? Isto é tanto mais necessário num mundo em que, na prática, parece que bem poucos já agora creiam. É verdade que o Evangelho não precisa de nossas provas. Mas parece que ele precise ser continuamente explicado. E nada o explica melhor do que dar provas de sua verdade, ainda mais quando essas provas não são dadas na forma tradicionalmente repetida, mas de forma racional e positiva, mais adaptada à psicologia moderna: provas estas aptas a demonstrar a verdade do Evangelho não só no sentido fideístico e religioso, mas também como fenômeno biológico universal, em sentido positivo, no terreno da observação e da experiência, que é o terreno científico. Justamente nesse terreno do positivismo materialista é que quisemos, ao referir este caso e fazer-lhe a análise, levar o Evangelho, certos de que também nesse campo em que geralmente ele não é levado, continua perfeitamente verdadeiro.

Continua a estranha Batalha. De um lado o mundo aguerrido, do outro um homem indefeso, sozinho. Mas atrás dele estão as forças espirituais que o sustentam. É nesse milagre que se manifesta o poder delas. Parece rever a cena de Davi que enfrenta o gigante Golias. O gigante é o mundo que esmaga, com seu poder no plano da matéria. Davi representa o mundo poderoso no imponderável e dominador no plano do espírito. Mas este achava-se na terra dos gigantes, onde imperava a lei deles. Segundo esta lei, nosso personagem nada valia e era considerado um falido. Entretanto escapavam a psicologia do mundo e aos cálculos de sua estratégia — porque não eram computados — outros elementos que também estavam em jogo na batalha. Aquele homem não era um falido. Tornara-se pobre, não por ter sido um dissipador, nem por inércia, mas por fidelidade a um princípio, por não se haver defendido, por bondade para com o próximo, para entregar-se de todo ao cumprimento de sua missão. Como rico ou como pobre, mantivera-se igualmente parco e honesto, inocente das riquezas que para si jamais aceitara pessoalmente, como era inocente de sua dispersão, ocorrida acima de sua vontade. Ora, se nos planos inferiores o que vale é o poder material, nos superiores domina, ao invés, a lei de justiça. Então o que na terra pode parecer fraqueza, pode ter valor de força, e esses elementos — a inocência, a não-culpabilidade, a fidelidade a um princípio, bem pouco computados no mundo porque desaparecem no imponderável — podem adquirir peso decisivo, poder de verdadeiras forças protetoras.

Havia ainda outro fato. O que constituía a fraqueza daquele homem, no terreno humano, constituía sua força num plano mais alto. Se na terra era desprezível por haver perdido tudo, essa perda era compensada pelo fato de que em seu destino amadurecera uma missão, fato que, num plano diferente de vida, o revalorizava, apesar de sua desvalorização no plano comum de vida. A vida, que é honesta e utilitária, utiliza essas justas compensações. O mundo concebe a vida num sentido restrito, limitado ao seu plano atual. Mas a vida é um fenômeno cósmico, em que entram também as forças Crísticas que

guiam nossa evolução para um futuro melhor. Resulta que a ligação com essas forças, para colaborar aos objetivos delas, pode valer muito mais que possuir riquezas, glória, poderes humanos, valores efêmeros diante dos eternos. Se olharmos bem, nosso homem era pois um fraco apenas para os olhos míopes do mundo e vencido apenas no plano deste, por sua estreita psicologia.

O que dava poder a posição dele era o fato de que, se ele desaparecesse no mundo como um vencido, reaparecia na roupagem totalmente diversa de instrumento. Então não era mais ele que vivia, mas outras forças viviam nele, e por seu intermédio queriam realizar os próprios objetivos na terra. Ser instrumento significa não estar mais sozinho, como esta o homem que se arma, apoiando-se apenas em suas forças. Para isto, há grande necessidade de armar-se, porque não existe outra defesa. Quem se tornou instrumento, de nada disso precisa, porque a isso providenciam as forças do imponderável de que ele se tornou meio de realização e que devem mantê-lo em vida se quiserem que ele trabalhe para essa atuação de seus planos. Ser instrumento significa ter de obedecer ao próprio patrão, mas significa também colaborar, fazendo parte de sua organização, e portanto também significa ser defendido por ele. Pôr-se em estado de aceitação diante de um chefe inteligente e justo não equivale a posição em que se acha o fraco, na terra, condenado a condição de servo, ao qual só resta ser pisado e explorado. Ao subir, tudo se inverte. Mais no alto, obedecer não é perda, mas vantagem. Num mundo de bondade e de justiça, submeter-se não é perder, mas vencer. Ele se torna, então, parte de um plano, o que pode dar poder ao homem mais miserável e, sempre que isto seja requerido pelas necessidades daquele plano, ele pode ser arrastado além de sua própria compreensão e vontade, à vitória. O instrumento é como uma apara de palha que sobrenada no oceano, e assim toma os movimentos dele. Mas por trás do homem comum só está ele mesmo, com suas limitadas forças humanas. Por trás de um instrumento, há uma poderosa organização de forças espirituais. Enquanto este último parece só e abandonado na terra, é justamente o primeiro que esta sozinho, e ninguém se acha tão rico de amigos e auxílios quanto o segundo.

\* \* \*

Eis que vemos entrar em cena na batalha um fator novo: o imponderável. Esta é a nova arma que defende o indefeso. Trata-se de forças sutis e profundas, lentas a movimentar-se, mas poderosas e irresistíveis. O mundo continua a armar-se com seus meios e a lutar com sua psicologia, escapando-lhe estas outras armas que fazem parte da estratégia do invisível. Elas são constituídas de equilíbrios complexos entre ações e reações em organismos cósmicos de forças, que o mundo não vê. Não as vendo, nega-as, o que as torna por isso muito mais perigosas, porque ele não as leva em conta. O mundo se desobriga, dizendo que elas não existem, o que não as impede de continuar a funcionar. Escapa-lhe assim completamente a estratégia do inimigo, e ele comporta-se como um cego que avança sem saber onde caminha. Acontece então, que o mundo se arma de modo errado, que só vale para a luta em seu plano, e nada vale na luta contra outros planos de vida. Acontece também que o mundo usa uma estratégia de guerra adequada apenas ao seu ambiente, e que nada vale diante da mais sutil e poderosa estratégia do imponderável. Ora, só se pode enfrentar um inimigo cuja natureza, psicologia e métodos do ação não se conhecem, em posição de grande desvantagem.

Se tudo isto é penoso e perigoso, não deixa de ser lógico. Uma das primeiras qualidades do involuído é sua cegueira, que o faz crer apenas no poder das forças materiais de seu mundo, não o deixando ver e computar o que esta além dele. A ignorância cresce com a involução, quanto mais baixo se desce, paralela à força bruta, à ferocidade. Acredita-se poder suprir vantajosamente a falta de luz, com a falta de escrúpulos; a falta de justiça, com a prepotência; a desordem, impondo o próprio eu. Chega-se assim, sem dúvida, à potência da explosão das forças elementares, fenômeno grandioso, mas primitivo e caótico. Embora reconhecendo que esta é a única manifestação da vida nesse nível, por que ela aí nada sabe fazer melhor, alcança, entretanto, manifestações de muito maior potência e valor, com o aperfeiçoamento realizado pela evolução, ao fazê-la subir a planos superiores.

O homem evangélico, embora possa parecer inepto sonhador aos olhos do mundo, a única coisa que faz na realidade é lançar fora as armas primitivas e pouco poderosas, para apanhar mais aperfeiçoadas e de maior potência. De que serve a força bruta do involuído, se fica paralisada com a

ignorância? De que serve tão grande desencadeamento de energia, se não se sabe dirigi-la e se erram todos os golpes? Se a força bruta, acompanhada da obtusidade e ignorância para chegar a ilusão é patrimônio do involuído, patrimônio do evoluído é o poder do espírito, acompanhado da inteligência e do conhecimento, que dão segurança e levam ao bom êxito.

Sem dúvida, o homem do mundo esta bem proporcionado ao seu ambiente, satisfeito, e até apegado a ele. Mas o que é pena, é que essa forma de existência representa para ele toda a vida, o único tipo de vida que pode conceber. Por isso lhe atribui importância capital, já que não sabe viver de outro modo, e esta é sua maior condenação. O homem evangélico vive na terra, imerso no mesmo pântano, mas com os olhos voltados para o céu, sem prender-se a tal ambiente. Em sua insatisfação faz esforços desesperados para sair dele, enquanto o outro esta contente aí, e portanto condenado a permanecer. Desespero salutar, porque incentivo ao esforço necessário à superação.

Continuamente continuam a encontrar-se e chocar-se os dois biótipos, no curso desta história, cada um trabalhando com a própria psicologia e estratégia, e usando o próprio tipo de armas. Um dia, sentados lado a lado no mesmo automóvel, um esplêndido exemplar do biótipo dominante na terra disse ao nosso personagem: "coitado, o senhor não sabe nada da vida pratica... faz-me pena"! Depois, voltando-se para um amigo do mesmo tipo, sentado do outro lado, acrescentou: "Nós é que sabemos viver e vencer Ele, coitado, é um pobre desgraçado na vida". Nosso personagem ouviu e sorriu. Ele não necessitava mostrar-se forte com afirmativas verbais, para ter certeza de vencer num mar de incertezas tortuosas. Sorriu com amargura, não por si, pois via claro seus problemas, mas pelo vizinho, ao vê-lo tão imerso na escuridão em relação ao que depois lhe aconteceria, conforme acabava de provar, com suas palavras, nada ter entendido.

Continuemos a observar como funcionam os dois princípios opostos e como se desenvolvem suas estratégias opostas, para aprender sobretudo a do evangélico, descobrindo onde esta sua força e superioridade, e para ver do lado oposto os erros de método que constituem a fraqueza e inferioridade da estratégia do mundo. Veremos, assim, como esta, acreditando tirar vantagem para si, acaba buscando seu prejuízo, ou seja, como o sistema da astúcia é quase sempre contraproducente.

De um lado seres fortes, mas elementares, só movidos pela inteligência curta dos instintos, engodados pela perspectiva do lucro imediato, isolados no próprio egocentrismo, sem sentido orgânico da vida, tendentes, para tornar-se mais fortes, a organizar-se em grupos e prontos a desfazê-los porque baseados no egoísmo que é separatista e desagregante. Seres que se acreditam fortes porque armados de meios humanos e de grande fé em sua astúcia. Pequena estratégia elementar, miúda, para alcançar objetivos concretos e próximos, ignorante das profundas maturações de longo alcance e da organicidade a longo prazo das grandes batalhas.

Do outro lado o tipo biológico despersonalizado do próprio egocentrismo, organicamente fundido com as forças de seu plano, forte por essa organicidade impossível de desfazer-se porque baseada no altruísmo que irmana unificando. Uma vida que transcende no particular, assumindo profundos significados universais. Um mundo ignorado pelos atores da parte oposta, e no entanto vivo, presente, que opera também no mundo deles. Que peso podiam ter, no choque com impulsos desse gênero, os pequenos estratagemas humanos, para conseguir fins pessoais terrenos? Quem os utilizava, não compreendia que estas eram ótimas redes para pegar os peixinhos comuns, mais que inadequadas para peixes de outras formas e dimensões, que, ao invés de serem presos, as rasgariam.

Assim essa batalha oferece-nos um espetáculo estranho. As aparências estão todas a favor do primeiro tipo de homens. E eles crêem cegamente nessas aparências, tanto que nelas baseiam sua estratégia. E por isso eram enganados completamente pela própria psicologia. A substância era completamente diferente. Enquanto eles se acreditavam fortes, porque armados, hábeis e senhores do terreno, de fato eram fracos. Embora acreditassem o contrario, se achavam diante de um inimigo do qual não viam as armas, a estratégia, nem a verdadeira natureza, um inimigo imponderável, de quem nem conheciam o rosto. E acreditavam conhecê-lo. Combatiam, pois, um inimigo completamente diferente do que criam que fosse.

Nascia desta forma, da parte deles, uma estratégia toda errada, dirigida a golpear certos pon-

tos que lhes pareciam vitais, mas que não o eram. Seria como querer matar um espírito com tiros. Aconteceu, portanto, que seus golpes caíram no vazio e atingindo um alvo diferente, não chegaram a produzir o efeito querido. Ao contrário, esta foi para eles uma atividade totalmente contraproducente porque, além de representar inútil desperdício de energia, se voltou depois contra eles mesmos. Cada golpe deles não atingia o alvo, mas ricocheteava nele. Era como se atirassem contra si mesmos. Explica-se isto com o fato de que, tratando-se de golpes lançados contra a ação de planos superiores, entra logo em cena e manifesta-se sua lei de justiça, pela qual quem faz o bem ou quem faz o mal, o faz a si mesmo. Assim, cada golpe dado contra o inimigo, volta a quem o deu. Por isso, quem acredita vencer com a astúcia e o engano, fica vencido pelo seu próprio engano. Então, cada movimento para a conquista acabara minando as próprias posições. Isto pela lei geral, porque, no fim, o mal só pode trabalhar contra si mesmo.

A conseqüência de tudo isso foi que a estratégia dos homens do mundo resultou invertida, de modo que tudo o que procuraram fazer para lucro próprio e em prejuízo do instrumento da missão, resolveu-se em prática em prejuízo deles e em lucro deste. Quanto mais procuravam torcer a missão aos próprios fins, mais esta lhes escapava das mãos, e certamente não por vontade do instrumento, mas como que espontaneamente. Para eles, cada assalto se voltava contra eles mesmos, cada ato se tornava contraproducente, cada movimento prejudicial. Quem pôde observar de perto o fenômeno, conseguiu com isso uma prova experimental de que as forças do mal trabalham sempre para perda, com prejuízo próprio e em vantagem das forças do bem, a serviço destas e para seu triunfo.

Confrontemos as duas estratégias: a da astúcia e a da sinceridade. A primeira vista, parece que a primeira dê frutos maiores. Eles são mais visíveis porque imediatos e, para quem ignora o futuro, o imediato tem grande valor como prova de êxito. Mas trata-se de frutos aleatórios. A sinceridade, ao contrário, se constrói mais lento, constrói mais sólido, aí mesmo onde o engano constrói rápido mas sobre areia. Parece um atalho, e no entanto é uma estrada mais longa. Por isso muitos são a ela atraídos, mas depois ficam desiludidos. As aparências enganam. A estratégia da sinceridade, justamente porque mais simples e retilínea, é mais própria a vencer; a da astúcia facilmente se perde pelas estradas tortas da mentira. Para manter a primeira mentira, é preciso logo escorá-la com uma segunda, depois a segunda com uma terceira, e assim por diante. No fim, não se constrói um edifício, mas apenas uma desordenada floresta de escoras e, se falta uma delas, tudo rui. Se um resultado imediato é obtido com o primeiro engano, logo é preciso justificá-lo com outro, depois este com outro, até que se fica preso em sua rede. Constrói-se assim um sistema todo errado, dentro do qual se fica preso. A mentira é a areia mole do pensamento, na qual, nem mesmo quem a diz, sabe onde apoia o pé e por isso mesmo acaba afundando. Quando se pretende construir nesse terreno, quanto mais alguém se move para sair, mais nele afunda. Acontece como no tempo de guerra, em que todos semeiam minas, que depois explodem para todos, aonde quer que se vá. A vida do astuto enganador acaba então transformando-se em campo minado, no qual ele mesmo, em primeiro lugar terá de caminhar, com o perigo de que uma das minas que ele mesmo colocou, possa explodir a cada momento.

Então, entre as duas estratégias, a do mundo e a do homem evangélico, demonstra-se a primeira, na prova dos fatos, decididamente inferior. O primeiro método é confuso, complicado, tolhido em seus movimentos pela própria multiplicidade de suas faces, que podem esconder, mas também podem trair. Quem o utiliza, sente intimamente que não está certo; sente que esta, por trás de todas as aparências, intimamente estragado e não sustentado por nenhuma força interior. Tudo isto o torna ansioso, desconfiado, necessitado de assegurar-se, agarrando-se ao que lhe parece concreto em seu mundo, onde tudo lhe escapa no engano. Tomado pelo afã de uma preocupação contínua, ele então se agita e corre, sem jamais chegar a tempo. Assim a astúcia do mundo constrói um grande castelo que, como vimos na prática, acaba muitas vezes caindo-lhe nas costas e sepultando-o nos escombros.

Diferente é o método do homem evangélico. Simplicidade e sinceridade representam material de primeira qualidade, bem sólido para construir. Não há mistérios a esconder, mentiras a recobrir, mascaras para arrastar atrás de si, não se fica sobrecarregado pelo trabalho de ter que aparecer sem ser, pelo esforço de ter que representar a comédia do fingimento. Quantos cálculos a menos a fazer, quanto menos erros possíveis para corrigir depois, quanto trabalho a menos para realizar! O homem evangélico

tem uma só face e sempre a mesma. Ele sabe o que está certo, conhece o seu direito, e faz o que deve. Esta sua posição retilínea constitui seu maior poder de penetração e resistência. Não tem pressa de chegar porque sabe que, se Deus não paga no sábado, certamente pagara e na melhor época. Ele conhece a Lei e confia nela. É isto lhe dá a calma pelo que, sem a ânsia de correr, chega a tempo. A calma e a segurança são as qualidades que fazem reconhecer as coisas do bem e de Deus. A pressa ansiosa e a incerteza são as qualidades que fazem reconhecer as coisas do mal. O evoluído sabe que constrói estavelmente na rocha um edifício feito para ficar em pé.

Na natureza oposta dos dois sistemas reside sua fraqueza ou sua força, a razão de sua queda ou de seu êxito. O método do involuído, sendo de natureza separatista, é destrutivo, pois é filho do poder negativo do Anti-Sistema, e só pode levar a resultados da mesma natureza, ou seja, negativos. O método do evoluído, sendo de natureza unitária, é construtivo, pois como filho do poder positivo do Sistema só pode levar a resultados da mesma natureza, isto é, positivos. Eis por que, colocados os dois biótipos, um diante do outro, a vitória cabe ao evoluído.

Nenhuma força ou astúcia humana poderá mudar esta lei, que disciplina e dirige a luta entre as duas maiores forças do universo, o bem e o mal. Quem usa as forças negativas, não pode deixar de ficar, no fim, demolido. É sua própria negatividade que as torna destrutivas, porque tendem ao desmoroamento, revoltando-se em primeiro lugar contra quem as usou.

Baseiam-se as duas estratégias em princípios completamente diversos, e é deles que depende a força ou a fraqueza de cada uma das partes da luta. Trata-se de duas psicologias opostas, mas de amplitude diversa, pela qual a superior compreende a inferior, mas esta não compreende a superior, que não agride, não guerreia, e, perdoadando, não retribui os golpes que recebe. Deixa apenas que os golpes que lhe são dados, recaiam automaticamente sobre quem os desferiu, que assim trabalha para a própria perda, indo contra si mesmo. Enquanto o evoluído é naturalmente transportado pelos mesmos impulsos da Lei dentro da qual se colocou o involuído, tendo-se colocado como rebelde fora da lei, e tendo-se isolado em seu egocentrismo individual, só pode contar com sua limitada reserva de seus recursos pessoais.

Esgota-se também a complicação de seu jogo. Não só, como dissemos, cada mentira requer outra para justificar-se, e esta, outra, e assim por diante, mas cada vitória injustamente arrancada ao vizinho aumenta o próprio débito para o equilíbrio natural da Lei e o crédito do ofendido em relação ao ofensor; aumenta o peso específico deste e portanto a dificuldade para ele de realizar o esforço necessário para manter-se a tona. Acumulam-se desta forma cada vez mais os débitos que o vencedor tem que pagar ao vencido. A grande ilusão de quem vive no plano da força, é que não exista justiça, e que esta pode ser subjugada, porque tudo é questão de força. Mergulha ele assim num sistema em que, quanto mais se vence, mais se precisa da imposição da força para defender a própria vitória. Isto porque esta se baseia na extorsão, pela qual a balança pende de um lado, pela imposição da força de uma das partes, e o equilíbrio vem a faltar logo que esta se retira. Num estado de justiça, ao contrario, por causa do equilíbrio espontâneo entre os dois impulsos opostos das duas partes, ambas permanecem naturalmente satisfeitas, num estado de paz. O primeiro e o método do Anti-Sistema, feito de caos, em que emerge, na desordem, só o eu separado. O segundo é o método do Sistema, feito de equilíbrios, em que emerge, na ordem, a fusão orgânica de todos os eus, reunidos num bloco.

Nosso mundo comete e continuamente paga o erro de não viver esses princípios de equilíbrio, que nenhuma imposição de força conseguirá impedir que funcione. A isto alude o Evangelho quando diz: os primeiros serão os últimos, e quem se humilha será exaltado, ou ai dos que gozam e felizes os que choram etc. O mundo não compreende que, acreditando poder impor-se com a força ou a astúcia a essas leis, ele cava a própria ruína; não vence, mas perde. A vitória pode ser alcançada por caminhos totalmente diferentes dos comumente usados, que são julgados os melhores. É pois evidente que o mundo nada compreendeu a esse respeito. Prova-o o fato de estar continuamente pagando. É absurdo crer que tanta dor caia do céu injustificadamente, sem uma causa. E na lógica do mecanismo universal é precisamente a inconsciência humana e a conduta louca que daí deriva, a única explicação dos efeitos que temos sob os olhos.

Que é o homem atual? Ele nos aparece antes de tudo em sua roupa exterior, coberto com o traje imposto pela moda dos civilizados. Dentro dessa roupa existe aquilo que a medicina considera, com os critérios com que estuda todo organismo animal, uma complicada máquina por meio da qual funciona a vida. Mas esse organismo vive junto a muitos outros semelhantes na coletividade social. Daí uma complexa rede de relações, de direitos e deveres, de leis e normas que disciplinam a atividade daquele ser, tentando enquadrá-lo no mais vasto funcionamento de um organismo maior, ainda em formação, o da humanidade. Esse ser esta submetido a outras leis, das quais não pode escapar. Sua existência esta ligada a um sistema atávico, pelo qual ela não pode desenvolver-se senão através de uma trilha já traçada: concepção, nascimento, desenvolvimento físico da infância, geração dos descendentes, maturidade e morte. Ninguém jamais o poderá tirar deste esquema preestabelecido. Cada qual poderá introduzir aí pequenas variantes, nada mais.

Assim caminha a maré da vida, fechada nesse esquema. É sempre o mesmo e a humanidade tem que caminhar por aí. Não foi ela que fez essa lei. Só lhe cabe aceitar, sem possibilidade de escapar. Mas essa lei não é estática. Mediante lentíssimos deslocamentos ao longo de seu ilimitado repetir-se, ela a pouco e pouco se vai transformando, por aquele fenômeno que se chama evolução. Evolução quer dizer subida, e subida implica a idéia de níveis e alturas diversas, que se atingem nesse processo de ascensão. Então, a concepção de planos de vida diferentes e sobrepostos não é arbitraria, mas a consequência direta do conceito de evolução. Não existimos nós num plano de vida superior ao das plantas e animais, que nos precederam nesta subida da vida? E ninguém nos proíbe — ao contrário, está na lógica de todo sistema da evolução — que os degraus desta escada continuem a subir, sobrepondo-se, tal como os vemos escalonados no passado.

É lícito então perguntar-se: que se tornara o homem no futuro? Como as leis da vida se transformaram passando do plano do mineral ao do vegetal, e do plano deste ao do animal e depois ao humano, é bem presumível que elas continuem a mudar-se, ao chegarem a um plano mais alto, superior ao nosso humano atual. Mas em que direção quererão mudar-se, então, essas leis da vida? É lógico que na mesma direção seguida até hoje. E qual é essa direção? Quais são as qualidades que o ser vai conquistando e que se acentuam com a evolução? A observação do passado nos diz que ela tende a uma libertação cada vez mais acentuada da estaticidade da matéria, assenhoreando-se do movimento que se torna sempre mais um auto-movimento, não obrigado, mas de impulso próprio. Isto significa conquista de independência na ação, assumindo as diretivas, sempre mais mandando e sempre menos obedecendo<sup>1</sup>. Mas assumir diretivas implica o desenvolvimento da inteligência, donde apenas podem provir. E a mais alta produção da evolução é representada pelas células do sistema nervoso e cerebral. Então, a evolução caminha para a cerebrização da vida, para uma sua sensibilização nervosa ou aperfeiçoamento conceitual. E que significa isto, senão subir os primeiros degraus da espiritualização? E eis que até o biólogo, mesmo continuando a raciocinar com seu cérebro positivista, tem pleno direito de introduzir nas equações este novo fator, repudiado pelo materialismo e que se chama espiritualização.

O ser que evolui não é um ponto em movimento, mas aparece-nos como uma fita que avança, tendo varias zonas em sua extensão. Na parte mais adiantada existe como que uma cabeça que dirige a marcha, procurando progredir para o futuro que quer conquistar. Esta é a zona do superconsciente que esta em formação e cujo trabalho é o de antecipar os futuros desenvolvimentos. Segue-se no centro a parte que representa o presente, o que o ser esta vivendo, e em que se consolidam e fixam as conquistas e

---

<sup>1</sup> **No íntimo do átomo, como nos espaços estelares, tudo é movimento Mas aí os elementos o suportam cegamente, não o dominam à vontade, como acontece nos planos mais elevados de evolução. com esta, o ser deve recuperar a perdida liberdade de ação, reconquistando o movimento autônomo e libertando-se do determinismo da matéria. (N. do A.)**

as posições avançadas, apanhadas pela parte superior. Esta é a zona do consciente, em que o eu está mais desperto, a zona das experiências e da formação, pelas inúmeras repetições, daqueles impulsos automáticos que se chamam os instintos. É sobretudo nesta zona que o ser se sente viver, porque ela representa a zona central de seu trabalho de construção evolutiva. Na cauda segue a parte que representa o passado, o que o ser viveu quando ainda estacionava nos planos de vida inferiores aos do presente. Essa é a zona do subconsciente, a zona dos instintos atávicos formados no passado e pertencentes sobretudo a animalidade. É nessa parte do ser que afloram as tendências inferiores, situadas nos antípodas daquelas que são próprias ao superconsciente.

Ora, com a evolução, o ser vai morrendo continuamente na cauda, que abandona atrás de si nos planos inferiores de vida, que vai superando, e continuamente vai nascendo na cabeça, que desenvolve e cresce. Desta forma, todo o ser se vai lentamente transformando. O que representa para o homem atual o subconsciente, podia representar na era paleontológica o superconsciente, assim como para o super-homem evoluído dos futuros milênios, o homem atual poderá representar o que para nós, hoje, é o estado dos primeiros monstros paleontológicos. A conclusão desta pequena dissertação, introduzida no meio de nossa narração, é fazer provas racionais e científicas para mostrar que ela tem um sentido profundo, que não é o do caso particular narrado, mas um sentido evolucionista universal. A cauda que o ser perde ao subir é representada pela animalidade, e a cabeça que o ser se vai formando é a espiritualidade. Esta é a justificação racional e científica de nossa tão grande insistência sobre esta e o Evangelho vivido, como regra de conduta de um homem mais civilizado, que já tenha compreendido que não lhe convém mais cometer erros que, hoje, por não ter suficiente desenvolvimento de inteligência, ainda comete com grave prejuízo para si próprio. Explicando a estratégia de batalha do evoluído, queremos explicar um método de vida mais adiantado e por isso mais vantajoso. Procuramos assim responder a pergunta que fizemos desde o princípio: que acontecera com a evolução e que a vida fará do ser humano?

Este é o tema mais vasto que estamos desenvolvendo sob as aparências desta narrativa. Para responder, nós a enquadrámos na concepção cósmica desenvolvida em outros volumes, tendo suas raízes no absoluto, e que vai do Sistema ao Anti-Sistema. Já acenamos, e desenvolveremos aqui, melhor, a seguir, o tema do telefinalismo da vida. Ora se evolução significa direção e portanto vontade de segui-la para chegar a determinado ponto, se tudo esta inserido nos impulsos que movem a vida, e se esta direção é a espiritualização do ser, é lógico presumir que a vida não apenas o ajuze a realizar esta vontade sua, mas o projete neste trabalho, já que, para seus fins, ele é dos mais importantes.

Que representa o evoluído diante da vida? Representa justamente o indivíduo especializado na mais árdua das tarefas: o de ser instrumento do progresso. Enquanto a média normal da maioria funciona sobretudo na zona central do ser, constituída pela consciência, o evoluído funciona sobretudo na zona mais adiantada, a zona das novas conquistas. Enquanto o homem, tipo corrente, tem que resolver os problemas do ventre e do sexo, fundamentais para ele, porque lhe cabe o trabalho da conservação do indivíduo e da raça, o evoluído tem que resolver os problemas de longo alcance do pensamento, para arrastar a massa inerte para aquela espiritualização em que reside o futuro. Esforço tremendo, aventura de que apenas ele assume os riscos e a responsabilidade. Não se trata de seguir os velhos caminhos tradicionais já explorados e conhecidos, mas de descobrir novos, iniciando novas estradas. Ora, é lógico que nestes casos, as forças da vida intervenham para secundar esse esforço que corresponde a realização de seus planos e não deixem sozinho quem se dedica ao sacrifício, a esse trabalho que atinge a altura de missão. Eis que vemos verificar-se aquele fenômeno que vimos observando nestas páginas, da descida das forças do Alto para defender o instrumento que lhe é obediente. Eis a justificação racional e científica, segundo a lógica de seu desenvolvimento, da verificação desse fenômeno.

Como a vida defende o evoluído? Defende-o mesmo quando por missão se acha nos planos inferiores de vida, fazendo funcionar para ele a lei do plano superior, que, sendo mais adiantada, é mais poderosa e representa, então, uma estratégia de batalha mais apta a superar obstáculos e conseguir a vitória. Eis o choque das duas estratégias de que falamos, e o porquê da superioridade e capacidade de vencer da segunda. Eis por que o evoluído, no fim, resulta ser o mais forte e triunfa, apesar de usar apenas o método evangélico da não resistência. Eis a justificação lógica das afirmações e métodos do Evan-

gelho, que parecem tão estranhas na prática.

O evoluído representa um dos mais altos valores biológicos e a vida, ecônoma e utilitária sempre, protege-o para que ele cumpra sua função. Proteção que não significa eximi-lo do esforço e dos perigos. Ao contrário, para ter certeza do seu verdadeiro valor e do bom cumprimento de sua função, a vida não poupa absolutamente: retempera-o batendo numa bigorna de ferro de severa verificação. Isto porque deve ser expulso desse delicadíssimo terreno das futuras construções o inepto aventureiro do ideal, a fim de permanecer em seu lugar apenas o biótipo que consegue resistir, já que pela resistência, instintos e psicologia, tem meios de provar que é diferente dos outros. O evoluído representa a antecipação da evolução, a tentativa de superação das velhas formas de vida e o primeiro esboço de novas, tentativa que poderá estabilizar-se, fixando-se definitivamente na raça como qualidades adquiridas, se superar as condições do ambiente.

É natural que a vida possua os meios de auto-defesa, especialmente para os pontos mais nevrálgicos de seu mecanismo e para os elementos que nele trabalham, como antecipadores da evolução. Que assim ocorra, prova-o o fato de que a vida chegou até o estado de evolução atual, certamente pelo esforço daqueles elementos encarregados desse trabalho. Se, mesmo na formação dos primeiros organismos inferiores, eles não tivessem assumido essa iniciativa e risco, os peixes não teriam saído da água para transformar-se em répteis, os pássaros não teriam aprendido a voar, o homem a caminhar ereto e a usar as mãos para o trabalho, nem se teriam formado e desenvolvido os órgãos sensoriais, e assim por diante. Na formação de um novo órgão, qualidade ou tipo biológico, há sempre um pioneiro que vai à frente dos outros e enfrenta sozinho o problema, para resolvê-lo. Os outros depois se enfileiram atrás do primeiro experimentador, cujas conquistas se tornam assim domínio de todos.

No laboratório da evolução, o evoluído representa como um primeiro exemplar fora de série, e se foi bem conseguida a construção do mesmo, a vida inicia sua grande produção em série, seguindo o primeiro modelo. A natureza usa tal método como se faz em nossos laboratórios industriais. Esgotada a fase experimental, se o primeiro exemplar teve bom êxito, a vida começa a produzir biótipos estandardizados, aceitos por terem superado todas as provas da experiência. Depois, com a adaptação, se vão ajustando os pormenores, como se pratica com os aperfeiçoamentos que continuamente se acrescentam às novas invenções. Eis o sentido com que aparecem, entre a normalidade da maioria construída em série, esses isolados, fora de série, que portanto parecem fora da lei, seres estranhos em que se vêem vacilar as leis da vida, só porque eles estão explorando outras mais adiantadas. Todos os condenam e exploram, como exceção, mas eles representam o futuro da vida.

Não faltam exemplos de auto-defesa por parte da vida, nos pontos nevrálgicos de seu mecanismo, defesa biológica mesmo fora do caso da formação de novos biótipos. Temos um exemplo disso, a propósito da mulher a quem, por representar uma função vital fundamental, a vida fornece uma defesa sua, com o poder de seu fascínio, que pode dobrar a força do macho prepotente. Isto impede que ele a destrua na luta pela vida, em que ela é a parte mais fraca. Assim, enquanto entre os machos vigora a lei da força para selecionar o vencedor, a vida faz colaborar os sexos opostos para a continuação da raça. Pela mesma razão existe o instinto protecionista da maternidade. Então a natureza, que em geral é utilitária e desapiadada — tanto que gera com a máxima prodigalidade só para depois abandonar à morte os fracos sem defendê-los e só deixa viver os fortes — essa mesma natureza torna-se então piedosa, porque isto corresponde a seus objetivos. É lógico, pois, que a vida organize suas defesas também em favor do evoluído, pois este realiza uma função que muito lhe interessa.

E eis que nos aproximamos do caso particular de nossa narração, após a digressão que o justifica diante das leis da vida. O universal e o particular se entrosam. Sendo biologicamente mais adiantado, o evoluído é de natureza mais complexa mais delicado e vulnerável por sua sensibilidade. O desencadeamento das forças primordiais do plano do involuído o ataca como um ciclone. Ele não é feito para enfrentar a vida nesta forma de luta egoísta e brutal. Então, para que pudesse trabalhar na terra, no caso que estamos narrando, a vida mobilizou outros exemplares do biótipo corrente que, continuando a funcionar como tais — isto é, com plena competência nos sistemas terrestres e com seus métodos — assumissem a tarefa de proteger o indefeso, cercando-o em redor como uma barreira defensiva. Isto era

indispensável para que ele pudesse cumprir sua função ou missão, para a qual vivia. Duríssima prova para experimentar sua resistência, primeiro; mas urna vez cumprida, chegam os auxílios necessários para que todo o trabalho seja realizado, sem que se perdesse no esforço da luta comum de querer um sobrepujar o outro, o que para ele não tem sentido. É justo que quem trabalha para realizar um plano mais alto em outro mais baixo, seja participe das leis do plano mais alto, já que essas justamente têm que ser trazidas à terra, aqui neste terreno distante delas, para iniciar seu funcionamento.

Assim, os acontecimentos nos mostram que a vida fez nascer no instinto de vários biótipos entre os mais adiantados do nível normal, o impulso de ajudar e defender o indefeso. Em alguns momentos e em relação a alguns indivíduos, a vida dá ao indefeso um fascínio para sua defesa. O mundo esta cheio de lutadores, aspirantes ao domínio, ansiosos de vitória. A bondade que, ao invés, se aproxima para amar, aparece muito mais atraente que esse triste espetáculo, de que o mundo esta saciado. Então, os que mais se afastaram desse instinto, destacam-se do grupo e vão colocar-se, embora continuando lutadores, a serviço do ideal, levando a ele sua contribuição de lutadores, ajudando assim o indefeso naquelas qualidades que ele não possui.

Vimos outra fileira de chamados para executar funções colaterais da missão, mas chamados como comparsas ignaros do trabalho que realizam, induzidos a isso só por suas miragens e depois logo liquidados, quando cumpriram sua tarefa. A fileira desses de que agora falávamos realiza, ao invés, sua função, livre e conscientemente, induzidos pelo sincero desejo do bem, e por isso não são liquidados como um embaraço, mas permanecem dentro da missão em que, embora em posição subordinada, realizaram seu trabalho honesto. Eles são assim iniciados para dar os primeiros passos para o novo tipo de vida, próprio dos planos superiores. Permanecem com o instinto da luta, mas lhes é impressa nova direção, não mais horizontal, para agredir e vencer o próximo, mas vertical, para elevar-se aos mais altos planos da vida. A luta começa a nobilitar-se, realizando-se para fins superiores, e permitindo ao mesmo tempo que, no hostil ambiente terreno, seja oferecido auxílio a quem deve cumprir a difícil tarefa de aí realizar uma missão. Nem sempre para essa realização é necessária a crucificação que, embora criando o mártir, paralisa seu trabalho. As vezes é seu esforço produtivo que mais interessa. Então a vida reúne os operários adequados, para que da colaboração de todos nasça a obra consumada.

## VIII

### A CAMINHO DA ORGANICIDADE

Continuemos a narrar as peripécias de nossa história. Nossa finalidade ao fazer isto, não é apenas contar uma história, de muito pouca importância em si mesma, mas esclarecer dados para evitar contínuos erros, e assim salvar de dolorosas reações com que mais tarde eles serão corrigidos pela Lei. Procuramos fazer compreender a causa do prejuízo que depois é preciso pagar, e explicar que realidade diferente existe por trás das aparências, para que o mundo não continue a cair vítima dessas ilusões psicológicas, que dão a impressão de vencer enquanto se perde, de conquistar uma vantagem, enquanto se atrai um prejuízo. De quantos erros, como aquele de que o sol girava em redor da terra e de que esta era o centro do universo, e assim por diante o homem se foi libertando com o progresso! Nosso relativo está cheio de enganosas aparências, mas com as conquistas da ciência, da inteligência e do coração, vamos cada vez mais superando as grandes ilusões do mundo. Restam ainda, porém grandes zonas inexploradas, especialmente no campo psicológico e moral, os mais resistentes à luz da compreensão porque estão

radicadas no subconsciente por muito longo atavismo.

Destruindo essas ilusões, compreende-se como o que se crê astuto é, ao contrário ignorante de algumas das mais sutis leis da vida, que lhe escapam completamente; compreende-se que existe outra astúcia mais profunda, que consiste no agir retilíneo, sem qualquer artimanha. Mas diante do uso desse método, o tipo corrente rebela-se, temendo que lhe sejam tiradas as armas, sem as quais — parecendo-lhe ficar indefeso — se sente perdido. A vida funciona segundo princípios utilitários e de modo justo. Em sua ação, o homem obedece àqueles princípios e procura os atalhos para chegar ao máximo resultado com o mínimo esforço. É uma lei da vida que se torna cada vez mais avarenta, quanto mais pobre se torna, mergulhando nos planos inferiores. Mas, para não sofrer prejuízos, é preciso dirigir com inteligência essa psicologia utilitária. Para não cair vítima de ilusões e miragens, como frequentemente ocorre. O mundo ao contrário tem muita fé em suas astúcias, tanto que chega a julga-las uma força sua, enquanto elas, representam sua própria ignorância.

A vida quer e, como o justo, deve vencer. Mas ó preciso saber vencer. É mister compreender que o agir retilíneo, honesto, representa uma superioridade de técnica de trabalho e estratégia de luta, o que significa alcançar mais facilmente a vitória duradoura. Com os métodos do involuído arranca-se desesperadamente apenas a vitória de um momento. Mas ela é instável, e é a única que pode existir no caos. Não é a estável e duradoura que existe na ordem. As vitórias humanas não têm sido sempre do primeiro tipo? Houve jamais alguma vitória estável na terra? Cada triunfo não foi, por sua própria natureza, minado antes ou depois até a destruição? A vitória, nesse plano e com tais métodos é apenas uma miragem para induzir o homem a evoluir, sendo a finalidade da vida ensinar-lhe, por meio do erro e da dor, a compreender, para que com uma conduta mais inteligente, melhore suas condições. O tipo do mais forte que a vida quiser produzir no futuro será não mais aquele que crê valer mais porque vence seu semelhante, mas aquele que tiver compreendido as mais evoluídas leis de vida, e o prejuízo de comportar-se daquele modo.

O mundo atual apresenta-se-nos assim como um emaranhado de caminhos tortuosos, em que mais sábio é aquele que consegue mentir melhor e enganar, e o mais tolo é o homem honesto e verdadeiro. Difícil, cheio de perigos e armadilhas estendidas a cada passo, é avançar nesse mundo. A vida permanece assim sufocada por infinitos atritos, que ameaçam paralisar cada movimento seu, com prejuízo de todos.

Continuemos a observar as duas psicologias opostas. O evoluído fala simples e retilíneo, dizendo a verdade nua e crua. Este é seu método, e ele o segue, sentindo nele sua força. O involuído o ouve, mas sua psicologia de astuto faz-lhe pensar que tudo o que o outro diz seja mentira. Sente-se, pois, no dever, seguindo seu método, de não abandonar sua sabedoria, que consiste em ver por toda a parte mentiras para descobrir. Então, bem armado com a desconfiança, começa como grande astuto, a procurar qual seja a verdade, que segundo seus cálculos deve estar escondida por trás do que lhe é dito, que deve ser apenas uma máscara de mentira para encobrir a verdade.

É natural que como cada um vê segundo a percepção de seus próprios olhos, — assim julgue os outros conforme pensa com sua própria psicologia. Para o ladrão, todos são ladroes; para o bom, todos são bons; para o mentiroso, todos são mentirosos. Miragens. Pode assim imaginar-se como bate longe do alvo quem procura descobrir mentiras onde estas não existem, e que só existem na mente de quem indaga e julga. Para o evoluído o ponto de partida e de referência é a verdade, para o involuído é o fingimento e a mentira. Para este, então, a verdade é concebida não como afirmação positiva, em si mesma, mas em função da mentira, e só descobrindo-a poderá aparecer a verdade. Pretende-se assim chegar à posição positiva da verdade, não diretamente, mas por inversão de sua posição negativa, que é a mentira. Isto equivale a não querer olhar uma imagem diretamente no positivo, mas presumir que só se pode vê-la no positivo pela sua inversão do negativo. Método complicado, que pesa sobre todos e que a sociedade tem de suportar, com infinitas formas de controle, de sanções, que entram cada movimento. Numa atmosfera de engano e desconfiança, a vida se torna mais cansativa para todos.

Estas considerações explicam-nos o que ocorreu no caso que estamos narrando, em que o mundo dos astutos ficou enganado pela simplicidade do homem evangélico. Como podiam acreditar que

suas palavras fossem a simples verdade? Seu método lhes impunha julgar o contrário. Assim, àquelas palavras foi dada uma interpretação totalmente errada, invertida, porque se presumia que por trás delas houvesse outra verdade. Mas elas eram simplesmente verdadeiras e, coisa incrível, nada escondiam e nada havia para descobrir. Os astutos foram levados então a cometer o maior erro, por causa de sua própria astúcia, que foi justamente o que não lhes fez compreender nada da estratégia do inimigo. Ora, não compreender significa interpretar seus planos de maneira errada, só saber então pôr em prática uma estratégia catastrófica, feita de golpes errados, o que faz perder as batalhas. Essa técnica do fenômeno e a natureza dos elementos acima expostos que dela participavam, faz-nos compreender cada vez melhor as razões daquele fato que podia parecer estranho, ou seja, a vitória do inerte evangélico, contra opositores poderosos e armadíssimos.

Aconteceu então que, com seu sistema astuto eles só conseguiram enganar a si mesmos. E continuando com sua forma mental, em que permaneciam irremediavelmente fechados sem saber sair dela, imaginaram, para explicar-se de qualquer forma o fenômeno, que a parte oposta tivesse imaginado planos diabólicos, astúcias inéditas, fora do repertório deles, mais astutas e mais poderosas que as suas, porque eles as viram vencer. E, na sua ignorância, não compreendiam que a maior astúcia é a de dizer simplesmente a verdade. Desejariam aprender estas astúcias mais poderosas que faziam vencer. Mas a isto se opunha sua própria estrutura psicológica, que os punha completamente fora da rota. Para conseguir seu intento, teria sido necessário refazer toda a sua forma mental. Sem uma renovação completa, como pode mudar-se o homem que está convencido de que maior e útil sabedoria consista justamente em ser astuto?

\* \* \*

Mas observemos cada vez mais de perto as razões do poder do homem evangélico, porque nelas estão as causas de sua vitória. Estudando-as, pode chegar-se a conhecer o valor do Evangelho e de seu método, mesmo como sistema para vencer na luta pela vida. O mundo é induzido à sua técnica contraproducente por sua ilusão psicológica. Achando-se diante da Lei que lhe impõe disciplina, dado o próprio egocentrismo individualista, o mundo sente nela as peias que embaraçam seus movimentos, e então procura libertar-se delas como de um estorvo que se opõe à vitória. Para tornarem-se mais ágeis no combate, para chegarem antes através de todos os atalhos, para não terem em cima pesos e amarras e também para estarem mais seguros de vencer, pelo medo de ficarem desarmados por uma lei de bondade e amor, acontece então que abandonam a mais alta e poderosa estratégia do Evangelho, por recaírem no seio de uma mais elementar, menos inteligente e orgânica, e portanto, uma estratégia menos poderosa. Jogar fora todo escrúpulo, julgando tudo lícito, com qualquer meio, pode parecer uma vantagem segundo a psicologia do primitivo que vive na desordem, mas se resolve em perda no regime da ordem com que é dirigido o universo, ainda que o primitivo não tenha compreendido. O homem atual só por ter começado a civilizar-se pouco com as últimas descobertas prodigiosas da ciência, já com a nova técnica bélica imposta por ela, começa a constatar que, apenas com a prepotência e ferocidade — qualidades do involuído — se vence menos que com a organicidade e a inteligência — qualidades do evoluído. Quanto mais o homem se torna poderoso com as descobertas da inteligência, tanto mais precisa aprender a usar com inteligência esse poder, se, por não ter ainda aprendido a usá-lo bem, não quiser que ele se torne prejudicial. É o caso atual da energia atômica que, colocada nas mãos do homem feroz da Idade Média, ameaça hoje tornar-se um meio de destruir a humanidade. O próprio progresso da técnica científica obrigara o homem a transformar sua psicologia involuída, feita de egoísmo separatista, numa evoluída, de compreensão e fraternidade.

Dissemos que o involuído, para que pudesse viver melhor, precisaria refazer toda a sua forma mental. Ele, então, se tornaria evoluído e com isto não se sentiria mais apto a viver neste mundo. Tornar-se-ia um defasado, em contínua luta com um ambiente que lhe não corresponde. Hoje, seu egoísmo, agressividade, estratégia de astúcias, representam a resposta exata as condições do ambiente onde ele se acha e com o qual está, como lhe é necessário, perfeitamente proporcionado e sintonizado. Se ele quer

ser forte para a guerra, é porque o seu ambiente se baseia na luta e premia o vencedor mais forte. Se vê inimigos a combater com a força ou com a astúcia, é porque o ambiente esta realmente cheio deles. Se ele não os visse, seria realmente sobrepujado e eliminado. No mundo das feras pode realmente constituir uma virtude ser feroz. De que serve ser evoluído entre involuídos, senão para fazer da vida um martírio? A vantagem pessoal e imediata é a de tornar-se ainda mais prepotente que os outros, esmagá-los e dominá-los. Sem dúvida é uma vantagem. Mas não é vantagem maior ser evoluído, pois isto significa pertencer a um plano de vida mais alto, onde maior é o poder e menor a dor, embora isto represente um martírio nesta vida terrena? Certamente que na terra se fica sozinho e isto é duro. Mas onde existe um homem que, para não sentir-se só na floresta entre as feras, desejaria tornar-se fera, da mesma raça que elas, para viver em sua companhia? ou então aquele que, conseguindo compreender que um continente esta cheio de ouro, renuncia ao esforço de explora-lo?

O involuído é justificado pela natureza do ambiente que o cerca. Se a desconfiança é tão difundida, é porque a mentira esta espalhada, e a primeira coisa que se encontra é o engano. Se na terra foi instaurado esse regime de luta, pelo qual tudo, se quiser sobreviver, tem que primeiramente ser defendido, isto ocorre porque essa necessidade é imposta pelo ambiente como condição fundamental da existência. Se instintivamente se enxergam inimigos e perigos por toda a parte, é porque as experiências de um longo passado formaram tal instinto, que infelizmente continua ainda a corresponder em grande parte à realidade. De certo, nesse ambiente o evoluído é que esta errado e bem demonstra o fato de que a cada momento se tenta agredi-lo, dizendo-lhe que diante dessa realidade ele é um iludido. Para que o evoluído pudesse trabalhar à vontade, seria necessária uma transformação do ambiente, da forma involuída. Ele trabalha justamente para alcançar essa renovação, ponto de chegada a que ele quer levar todos.

Estamos observando o problema de todos os lados, em todos os seus aspectos, sem preconceitos nem partido preconcebido para defender um tipo biológico de preferência a outro. Tudo assim se explica e encontra razão de existir. Olhamos imparcialmente as posições tão diversas dos dois biótipos, pesando o pró e o contra, tendo em conta também as desvantagens no reverso da medalha.

Certo é que, se estamos involuídos, então nos achamos construídos com os instintos adequados a viver neste mundo, em que achamos nossas satisfações, representando ele nosso ambiente natural. Podemos sentir-nos satisfeitos com ele, porque não conhecemos outra coisa; podemos crer em suas ilusões e, tolos de tudo, aceitar suas dores como inevitável fatalidade. Com bastante ignorância, inconsciência e insensibilidade, esse mundo pode ser suportável e até desejável, para quem ainda esta imerso na animalidade.

O biótipo campeão deste mundo foi exaltado e até glorificado como o tipo ideal e modelo superior por Nietzsche, em seu “super-homem”. Representa a animalidade do involuído em seu pleno triunfo. Trata-se do ser movido pelos instintos elementares que, chegando a ser tão feliz no jogo da vida que até venceu, pode abandonar-se à euforia do triunfo. Só é preciso acreditar também nesta, entre tantas ilusões da vida. Isto porque nem sempre as coisas correm tão bem. Ao contrario, quem tenha compreendido o jogo, sabe muito bem que as probabilidades de alcançar aquele estado de vitória são bem poucas, e que aquele triunfo não pertence absolutamente à maioria, a quem espera não a posição de mando, mas a de obediência; não a satisfação dos desejos, mas o sacrifício; nem sempre a vitória do forte, mas muitas vezes a dura derrota do fraco. A grande probabilidade, para a maioria, é que ao invés da gloriosa parte do super-homem, lhe caiba viver a mísera e obscura parte do homem qualquer. A maior probabilidade para a grande maioria não é poder elevar-se no grande pedestal do super-homem, mas servir de base sobre a qual ele se ergue.

Se olharmos todo o fenômeno, não só do lado da luz, mas também do da sombra, encontraremos um panorama bem diferente. Muitas vezes na terra quem tem o poder, utiliza-o antes de tudo para si, enquanto o povo ingênuo é enganado, senão explorado, feito muitas vezes de instrumento do egoísmo dos chefes, num triste jogo em que, pelas leis desse plano biológico, cabe ao mais forte o direito de oprimir os mais fracos. O super-homem nietzscheano é de fato grande, sobretudo por saber pensar na própria vitória, demonstrando-se, com isto, o elemento mais anti-orgânico e anti-social: trabalha antes para si

que para a coletividade. A miragem de tornar-se super-homem pode engabelar e entusiasmar, como o de vencer no jogo para enriquecer sem esforço. Mas depois a realidade é que não se vence nesse jogo. Ninguém enriquece grátis. Fica apenas a ilusão diante de uma meta inatingível. E que interessam à sociedade, constituída pelos que devem ganhar a vida com trabalho, sem golpes de fortuna, esses super-homens que só se ocupam de vencer para si? Que interessa e de que serve para a maioria que é dos medíocres seu triunfo? Para servir, seria necessário que o poder fosse compreendido como função social para o bem de todos. Mas este é um conceito que não pode nascer no plano biológico do involuído, mesmo que ele se torne super-homem. Nesse plano domina o individualismo separatista e ainda não apareceu o senso orgânico que é próprio do plano do evoluído. Nesse nível, esse super-homem não é aceitável, porque não traz felicidade para o conjunto, mas é um usurpador que a tira dos outros em seu benefício apenas. Como se vê, mesmo quando o involuído atinge seu maior grau de elevação, o problema não está resolvido e o paraíso oferecido por Nietzsche não oferece nenhuma evasão às duras leis daquele plano de evolução.

Existe, então, outro caminho de evasão, para atingir um real e duradouro progresso que não seja ilusão? Jamais se poderá obter a liberação enquanto se permanece involuído, mesmo que vencedor, porque se permanece sempre no plano da animalidade, ligado às suas leis inferiores, com todas as conseqüências. Evasão e liberação só pode atingi-las o evoluído, que emerge daquele plano de vida, colocando-se em outro mais alto, em que vigoram outras leis, com todas as conseqüências. Mas aqui começam as dificuldades. Essa evasão não é coisa simples. Antes de tudo não se muda o biótipo com facilidade e num átimo. Trata-se de transformar a própria natureza, através de uma profunda elaboração que não se improvisa. Passar de um plano de vida inferior a um superior, significa realizar uma revolução biológica. Além disso, mesmo se conseguindo essa passagem, nem mesmo a posição de evoluído está isenta de algumas desvantagens. Quais são elas?

Observando o pró e o contra de ambas as posições, olhemos o reverso da medalha mesmo para o caso do evoluído. Vimos que o involuído tem ao menos a vantagem de achar-se num ambiente adequado e proporcionado a ele, onde encontra prontas as satisfações animais que correspondem a seus instintos. A fera que nasce na floresta, o verme no lamaçal, o peixe cego que vive nos abismos sem luz do oceano, podem sentir-se nesses horríveis ambientes como em sua casa, e à vontade, satisfeitos com o que sua natureza pede. A grande vantagem de que goza o involuído é de achar-se proporcionado ao ambiente e ao contrário, sendo-lhe fácil encontrar o equilíbrio. O nível de vida é baixo, mas tudo aí se acha na mesma e a adaptação é fácil.

Ao contrário, o evoluído acha-se defasado totalmente, numa condição de absoluta insociabilidade com esse ambiente, que para ele representa não o seu plano de vida, mas um inferior em que se acha exilado e estrangeiro. Se para o involuído nascer aí pode representar ir ao encontro da alegria de viver, porque nesse ambiente encontra a realização de si mesmo, para o evoluído nascer e viver aí pode representar a mais dolorosa das condenações. A irreconciliabilidade com o mundo tornar-se-á para ele tanto mais viva e oprimente, quanto mais ele readquirir consciência de sua própria natureza verdadeira. Isto porque ao seu maior instinto e desejo — de evangelicamente amar e abraçar o próximo — ele só achará a resposta dilacerante do egoísmo agressivo e da luta feroz. Nesse mundo caótico, carregado de atritos dolorosos e dissonâncias estridentes, em que a desordem reina soberana, o evoluído — que por sua natureza é um sensível — se acha a cada momento à mercê de golpes violentos, aos quais, naquele ambiente, a insensibilidade do involuído que está ao invés perfeitamente proporcionada. Tudo isto é tanto mais dolorosamente percebido pelo evoluído, porque ele é, naturalmente, orgânico por excelência, levado à fraternidade, e é condenado pelo individualismo separatista dominante no ambiente, ao isolamento, sendo insuportável para ele o sistema de egoísmos e rivalidades, de atritos e luta em que se baseiam, nesse ambiente, as relações sociais.

O mundo em que o involuído se acha tão bem à vontade, é instintivamente considerado inaceitável para o evoluído. Em seu caso, indivíduo e sociedade não se entrosam absolutamente, tal como ocorre de modo tão natural e espontâneo para o outro biótipo. A maioria repousa em dado nível de evolução e proporcionalmente a este se formam sua moral, seus usos e costumes, suas leis, ou seja, sua par-

ticular forma mental da qual tudo o mais deriva. Mas acima como abaixo desse nível médio, estão as exceções, julgadas como anormalidade, que a maioria tende a expelir e isolar fora de si. São elas — como já acenamos — em baixo, os involuídíssimos, ou seja, os criminosos que ainda permanecem de todo na animalidade, e no alto os mais evoluídos, que estão completamente fora da animalidade. Assim todos eles são igualmente expulsos do nível médio, os primeiros por deficiência, os segundos por excesso; os primeiros porque muito atrasados para serem capazes de adaptar-se mesmo ao rudimentar grau de civilização atingido pela média; os segundos, porque adiantados demais para poder retroceder a um nível de vida que, para eles, é animal demais.

Assim o evoluído demais acha-se em posição mais incômoda do que a do biótipo que o é de menos. Isto porque este tem tudo para aprender e ganhar, entrando em contato com gente mais evoluída que ele; ao passo que quem é por natureza mais adiantado, se quiser viver na sociedade, tem de retroceder para a animalidade, coisa que absolutamente não pode aceitar, porque isto representaria a destruição de seus mais preciosos valores. Sem dúvida que é vantagem sua ter chegado, fora da animalidade acima desse plano de vida, mas também são suas todas as desvantagens de ter que viver num ambiente no qual, adaptar-se, significaria sua maior mutilação. Paralelamente, para o involuído há todas as vantagens em poder viver num ambiente adequado e proporcionado, mas é desvantagem ficar ainda imerso na animalidade, ou seja, num plano inferior de vida.

Para o evoluído, sua superioridade não serve absolutamente para despertar-lhe orgulho, sentimento que esta completamente fora da psicologia própria ao seu plano; mas ao contrário é certo que, individualmente, para ele, ser evoluído serve para tornar sua vida um martírio, holocausto de sacrifício para o bem dos outros, dor de que ele não usufrui, mas seu próximo. Quando chega a morte, aí onde o involuído só encontra saudade e um verdadeiro senso de fim, morte, em que vê naufragar todas as alegrias da vida, que desfaz tudo numa grande ilusão, o evoluído vê chegar a liberação do exílio, pela qual lhe é permitido finalmente regressar à pátria, ao seu povo, em seu verdadeiro plano de vida. Para o primeiro, apegado à terra, a morte é o fim da vida, que ele só sabe conceber no ambiente material terrestre. Para o segundo, bastante estrangeiro na terra, a morte é o início da vida, que ele concebe principalmente nos planos mais altos.

Esta, objetivamente, é a posição que os vários seres podem ocupar na terra, segundo uma biologia mais vasta do que a comumente aceita pela ciência, uma biologia que abarca vários planos de existência. Nenhum pode deixar de aceitar as vantagens e desvantagens da própria posição. Mas, para o homem atual, o problema é compreender qual das diversas formas de vida é mais vantajosa para ele, e, compreendido isto, procura realizá-la para sua vantagem. Desejaríamos, com este volume, fazer compreender uma coisa certa: trabalhando com mais inteligência e menos instinto, superando muitas ilusões psicológicas que nos oferecem a miragem de uma utilidade imediata, — onde ao invés encontramos um prejuízo —, tornando-nos astutos no bom sentido, deixando-nos enganar cada vez menos pelas aparências em que nossa ignorância nos leva a crer, e descobrindo cada vez mais a verdade profunda que esta além da superfície, desejaríamos fazer compreender que o homem conseguiria estabelecer, no planeta de que é dono, um ambiente de vida muito melhor. Procuramos fazer-lhe compreender que este poder esta em suas mãos e que pode usá-lo com grande vantagem quando queira e desde que queira; e que os resultados que se podem obter, compensam largamente o esforço necessário para alcança-los.

\* \* \*

É lícito perguntar: nosso mundo pratico, o que estamos acostumados a considerar real, esgota verdadeiramente toda a realidade? Ou ainda existe muita coisa além dele, em que reside aquela realidade que, em nossa ignorância, chamamos o imponderável? E não é lícita a dúvida de que nesse imponderável existam outras leis que regulam nossa vida, para sua defesa e êxito? Será possível que as leis da animalidade, que adotamos como nosso modelo, representem as leis de toda a vida, e que não possam existir outras? Que o que chamamos natureza seja verdadeiramente toda a natureza, esgotando, na forma limitada que temos sob os olhos em nosso planeta, todas as suas infinitas possibilidades? Como podemos

afirmar com segurança, que o método de vida, seguido atualmente pelo homem, seja o mais vantajoso, e que outros mais rendosos não possam existir, e que a evolução não procure exatamente chegar a eles? Estamos certos, de fato, de que o sistema que hoje prevalece, de procurar a vantagem própria e exclusiva muitas vezes com prejuízo do próximo, seja verdadeiramente o melhor sistema, e que o Método mais vantajoso até para o indivíduo não seja, ao contrário, o do "ama teu próximo", como diz o Evangelho? É bem lógico que, no futuro estado de organicidade a que tende a vida, e com ela a humanidade que a encabeça, resulte extremamente contraproducente o atual separatismo em que não se leva em conta o prejuízo alheio. E no estado orgânico o isolacionismo egoísta do qual o homem hoje acredita tirar vantagens é uma ilusão, porque desde agora mesmo na desordem atual, tudo é coletivo na vida, tudo ecoa, se repete e repercute, e acaba voltando à origem, ou seja, aquele que, crendo só haver prejudicado os outros, terminou prejudicando a si mesmo. Chega-se a compreender assim a mecânica desses movimentos, pelos quais se justifica o imperativo ético que impõe não fazer mal ao próximo, mas ama-lo como a si mesmos.

Vários fatos e leis que observamos dizem-nos que a humanidade evolui para a organicidade, em que se realizara o estado coletivo de unificação que, da fusão orgânica dos indivíduos humanos, hoje mais ou menos separados, formará um corpo imenso, como da fusão orgânica das células antes autônomas se formou um ser só, representado pelo corpo humano. Podemos representar o evoluído na posição em que se acha a célula especializada que funciona organicamente no seio da unidade coletiva que é o corpo humano. Podemos representar o involuído como uma célula isolada, ou unida a outras em forma elementar, como nos microorganismos e protozoários, egoisticamente isolada e ignara da vida das outras, assim como de qualquer complexo funcionamento orgânico coletivo. De fato, também os involuídos obedecem por instinto ao princípio da unificação, mas ainda estão nos primeiros degraus dela. A lei das unidades coletivas é universal, e ninguém pode escapar a ela. Mas compete ao ser, pelo esforço da ascense evolutiva, construir-se essa organicidade, cujas vantagens serão suas. E para construí-la, é preciso abrir a inteligência e o coração, superando o separatismo egoísta, deixando-o atrás no fundo do Anti-Sistema, e subindo para as alturas do Sistema

O involuído é habitante da desordem individualista. O evoluído representa o elemento do estado orgânico. O coletivismo moderno representa a primeira tentativa em larga escala, embora pelo desencadeamento de forças elementares, de encaminhar-se para um estado orgânico unitário da humanidade. Mas mesmo em ponto pequeno, os indivíduos procuraram e procuram sempre avizinhar-se da unidade, elevando construções orgânicas. Trata-se, porém, de esboços instáveis ou de grupos, regidos sobretudo pela prepotência de um chefe e internamente minados pela revolta latente em seus dependentes, ansiosos de substituí-lo para formar, cada um, outra unidade, em que cada um quer ser o único chefe. Da pequena associação de aldeia até a unificação dos impérios, o princípio é o mesmo. A unidade é regida sobretudo pela força de um chefe que se impõe e pelo interesse (enquanto dura) que têm seus partidários de segui-lo e obedecer-lhe. Assim que se enfraqueça essa força dominadora e os dependentes não mais achem vantagem de ficar na disciplina que os organiza, essa unidade se esfacela.

Na hora da desgraça todos se afastam aos grandes. Depois de Fontainebleau, Napoleão foi abandonado até por seu criado de quarto, e seus ajudantes de campo fizeram uma verdadeira corrida para serem os primeiros a render homenagem ao novo rei, Luiz XVIII chamado a Paris, enquanto Napoleão se encaminhava para o exílio da ilha de Elba. E assim em tantos outros casos. Trata-se de uma união que a custo mantém uma coalizão de egoísmos, que estão sempre prontos a rebelar-se, porque constituem a matéria prima da construção. O impulso fundamental é separatista, desagregante, tendente a dividir e não a unir, a destruir e não a construir. Por isso, mais cedo ou mais tarde essas construções ruem, porque sua estrutura interior é de natureza separatista e a união só e imposta e mantida de fora, por outra força que se sobrepõe, enquanto no verdadeiro estado orgânico do evoluído a estrutura interior é de natureza orgânica, e a união não é exterior nem imposta, mas íntima e espontânea; portanto se rege e mantém por si, por sua própria natureza. Dado então que aqueles agrupamentos são dirigidos não por forças espontâneas, positivas, unificadoras, mas por impulsos de coação, negativos, desagregantes, eles não podem deixar de obedecer à sua tendência dominante, pela qual, mais cedo ou mais tarde, acabam por despedaçar-se. É o

espírito de individualismo em que se baseiam aquelas associações que acaba tomando a supremacia por ser mais forte, já que aí não existe verdadeiro senso orgânico unitário. Pela natureza dessas coalizões, não pode ocorrer de outra forma, pois falta o verdadeiro espírito coletivo. Explica-se assim como as unificações humanas são apenas tentativas de unificação, nada estáveis, com resultados provisórios, sempre prontas a desagregar-se. Este é o maior grau de fusão orgânica que, em vista do grau de evolução atingido, pode realizar-se no nível atual, que esta mais próximo do Anti-Sistema que do Sistema, ou seja, mais do polo negativo que no positivo do ser.

Ocorre exatamente o contrario no terreno do evoluído, onde vigora diverso modo de conceber e de viver. Suas unificações não são resultado do egoísmo de um chefe que procura impor-se ao egoísmo de seus súditos, sempre prontos a rebelar-se para realizar, cada um contra todos, o mesmo trabalho de imposição. Método aceitável só num estado de ignorância das leis da vida. Ao contrário, o evoluído compreendeu o funcionamento do universo e a parte que lhe cabe nesse funcionamento. Por isso não faz o que seria para ele uma tolice, ou seja, atritar-se com as outras partes da maquina, ao invés de funcionar em harmonia com elas como é de sua vantagem. O evoluído compreendeu a lógica e utilidade disso, e o aceita espontaneamente, sem que apareçam antagonismos nem luta de egoísmos, causa de tantas dores. Não há quem não veja quão melhor e com quanto menos esforço pode funcionar u'a maquina de que foram eliminados os atritos, devidos a não concordância das partes.

Nas unificações do evoluído a disciplina é livremente aceita e não fruto de imposição forçada. Sem rivalidades, que dão direito à vida só ao mais forte, ao vencedor, o evoluído sabe qual é seu lugar e aí se coloca, porque sabe que é melhor para ele. Põe-se assim a funcionar como uma das engrenagens da grande máquina, harmonicamente com todos os outros, todos operários da grande Obra, todos altamente valorizados pelo fato de serem não mais isolados egocentrismos perdidos no caos, mas instrumentos inteligentes que trabalham para a finalidade da Lei, ou seja, não para a realização de um pobre pensamento próprio, mas do sapientíssimo e poderosíssimo pensamento de Deus. Fruto desta posição completamente diversa que o evoluído assume no organismo do todo é tomar parte — coisa que não ocorre ao involuído — na sabedoria e poder que Deus manifesta naquele organismo e em seu funcionamento. Como instrumento, o operário que se torna colaborador consciente é investido por aquela sabedoria e poder e assim os aproveita. É por isso que não mais necessita — como o indivíduo isolado, abandonado a si mesmo, qual o involuído — de esbanjar todas as suas energias por causa de um estúpido jogo de rivalidade, já que há a Lei, que automaticamente se encarrega de defender aqueles que ela pode recolher em seu seio, porque estão harmonizados.

Dá se vê como o novo estado que distingue o evoluído do involuído é a organicidade. O evoluído faz parte dele e aproveita-lhe as vantagens, das quais esta excluído o involuído. O primeiro acha defesa na Lei. Movendo-se harmonizado num ambiente de ordem, fica suprimido o esforço da luta e a possibilidade de tantos erros, causa de tantas dores. O Individualismo do involuído é anti-orgânico e demolidor. Tem que defender-se com as únicas forças de seu individualismo, isoladamente, não podendo usufruir do poder próprio da organicidade que não conhece. Seus agrupamentos são apenas pequenas tentativas de unificação, tendentes mais ao separatismo que à fusão. O grupo de que faz parte o evoluído abarca todo o universo, e seu chefe não é um vencedor de fracos, mas um Deus bom, sábio e poderoso, que organiza abraçando com amor e não esmagando com a força. Não são elementos estranhos mantidos juntos só por interesses particulares e momentâneos, mas são células de um mesmo organismo. A vida de cada um é dada pela vida do todo, sem a qual o indivíduo esta perdido. Portanto, nada de rivalidade e atritos, que são contraproducentes. A natureza íntima dessa unificação não é um egoísmo que tende à separação, mas uma compreensão recíproca tendente à unificação. Assim, enquanto nos agrupamentos do involuído acaba prevalecendo a separação, nos do evoluído prevalece a unidade. Isto porque o estado espontâneo do primeiro é o individualismo do iso<sub>1</sub>ado, e o estado espontâneo do segundo é a organicidade unificadora.

No caso do involuído, o instinto de apanhar tudo e desfrutar para si, não pode deixar de separar e destruir. No caso do evoluído, o desejo de fazer prevalecer a vantagem coletiva sobre a individual não pode deixar de reunir e construir. As conclusões são implicitamente dadas pela natureza

de cada um e automaticamente necessárias. Cada um segundo sua natureza fica incluso num mundo diverso e deve aceitar-lhe a lei até as últimas conseqüências. Assim cada um se constitui arbitro do próprio destino. Tudo depende de nós e da posição que ocupamos ao longo da escala da evolução Mas a conclusão a que queremos chegar e a que nos leva o Evangelho é que a posição do evoluído, em última análise, tudo calculado como vimos no pró e no contra, oferece imensas vantagens sobre a do involuído, e portanto compensa enfrentar quaisquer esforços e suportar todas as dores, contanto que se consiga passar da categoria de involuídos à de evoluídos, procurando sair do plano dos primeiros para entrar no dos segundos.

Uma das maiores vantagens do estado de organicidade é, para quem o atingiu, possuir maior poder diante do estado sem organicidade. É um fato que a posição de unificação, que é de colaboração, é mais poderosa, que a de separação, que é de luta e antagonismos rivais. Como se diz, a união faz a força. Os atritos interiores enfraquecem. O mundo de hoje é composto dos mesmos povos de um século atrás. Se os Estados Unidos e a Rússia são hoje maiores potências, devem-no ao fato de ter atingido um grau de unificação que os elementos constituintes não haviam alcançado antes. Ora, dado que a vida procura e quer conquistar potência, enquanto esta significa defesa e garantia de sobrevivência, não se pode impedir que a evolução leve essa vida ao estado orgânico, que representa justamente uma posição de maior potência, mais segura e mais apta a subir ainda mais.

Dir-se-á, porém: na terra, esse poder é alcançado, como vimos, pela imposição forçada. Respondemos que não se pode impedir que, no trabalho de conquista do futuro, sobrevivam os elementos constitutivos do passado; impedir que no trabalho de conquista das posições de luz do sistema, apareçam como instrumento desse trabalho ainda em ato, os elementos constitutivos das sombras do Anti-Sistema. Para que se formassem os artilhos aptos a se moverem na terra, os primeiros animais aquáticos tiveram de transformar suas extremidades, aptas somente a fazê-los movimentar-se na água. Para chegar a voar, os animais terrestres tiveram de transformar seus artilhos em asas. Da escada da evolução só se pode subir um degrau depois do outro, apoiando-se no precedente, mais baixo, para pôr o pé no seguinte, mais alto.

Assim podemos explicar-nos o que parece uma contradição, ou seja, como hoje o comunismo tende a instaurar na terra os princípios evangélicos avançados da justiça social, utilizando os meios mais anti-evangélicos e involuídos, como a violência, a tirania, o terrorismo. Conseguiu-se jamais, até hoje, em escala apreciável, induzir um rico a dar o supérfluo aos pobres, como manda o Evangelho, só com os meios da persuasão? É certo que, neste terreno, em dois mil anos, o Evangelho não foi ouvido. Então é positivo, neste caso, que, sem violência, o Evangelho não pode ser aplicado. E se para evoluir é necessário que seja aplicado, como chegar a isso?

Eis então como se explica o fato de que, no mesmo fenômeno do comunismo, encontramos presentes dois termos opostos em contradição. Naturalmente os antagonistas o acusam, batendo em sua parte errada, ou seja a violência etc. Mas infelizmente esta é uma qualidade própria do gênero humano e não apenas qualidade de alguns homens. Por isso, é própria também dos acusadores que até ontem a usaram nas guerras, e que todos estão prontos a usar hoje na terra, como o prova a corrida armamentista. Como impedir que o homem continue a ser o salteador que foi o seu ancestral, e como transforma-lo assim de golpe em outro tipo biológico? Para evoluir são necessários milênios. Mas só evoluindo poderá o homem liberar-se das garras do animal de rapina, para conquistar a inteligência do ser consciente Assim, não se pode impedir que o passado sobreviva em parte, perpetuando-se no presente, em que se realiza novo trabalho de conquista.

Assim tiveram que coexistir no Catolicismo, como no comunismo, dois termos opostos em contradição, neste caso de um lado o Evangelho e do outro o poder temporal até ontem, e o poder político e a riqueza hoje. Mas estes explicam-se como resíduos ainda não eliminados, mas que o serão gradualmente, desse plano inferior de evolução em que a maior parte da humanidade ainda vive. Se foi isto um mal, a sabedoria da vida o permitiu porque, sem estas concessões a natureza humana inferior ainda não madura para saber viver o Evangelho, este não acharia ninguém na terra que o pudesse personificar, para fazê-lo chegar até nós. Trata-se, pois, de uma condição transitória, feita para ser

superada, que a evolução não pode deixar de anular. Assim, não obstante a necessidade desse procedimento, o Evangelho terá de realizar-se. Ele representa um ponto de chegada. Mas isto não pode impedir que um estado involuído de animalidade constitua hoje seu ponto de partida.

O certo é que, na luta entre o impulso unificador que tende à ordem orgânica, e o separatista que tende à desordem na revolta, devera vencer, por lei de evolução, a primeira. O estado de organicidade atingido entre as células de nosso corpo prova-nos a verdade desta afirmação. Essas células se conhecem e ajudam mutuamente, e, superado todo egocentrismo separatista, colaboram para os objetivos do todo de que fazem parte. Ao contrario, os indivíduos humanos ainda não se conhecem nem se ajudam mutuamente, obedecem à lei da luta para seleção do mais forte, chocando-se um com o outro, ao invés de colaborar, subordinando as próprias atividades aos fins superiores de todo o organismo humanidade. No sentido da organicidade, essas células acham-se, pois, em estado mais adiantado que o próprio homem, como componente de uma coletividade constituída pela sociedade humana, que ainda se acha, portanto, imersa no estado caótico, bem longe de ter alcançado o futuro estado de superior unidade orgânica.

## IX

### A GRANDE BATALHA

Estendemos, no capítulo precedente, nosso conto bem além dos limites de simples história, procurando penetrar o porquê da conduta humana em geral, que víamos reaparecer no caso narrado. Assim o choque entre alguns homens de natureza diferente recebeu uma perspectiva ampliada até representar-nos o choque muito mais vasto entre os diversos biótipos da raça humana, ou seja, entre evoluído e involuído; e depois até representar-nos o choque entre dois tipos da sociedade humana, o da desordem atual e o da futura humanidade que atingiu o estado orgânico. Vamos assim alcançando cada vez mais o fim prefixado, que é demonstrar que ser evoluído e viver o Evangelho é problema utilitário de vantagem pessoal, e também grande progresso social; e finalmente que tudo isto significa seguir o caminho querido pelo telefinalismo que a vida nos põe e impõe na evolução.

Terminada esta digressão que aprofunda e universaliza o problema, que se não fosse isso não superaria o mísero sentido de uma crônica, retomemos nossa narração, para chegar, finalmente a desenvolvê-la até sua conclusão

No capítulo XLII de A Grande Síntese foi escrito: “ (. . . ) só existe uma defesa extrema: abandono de todas as armas. Veremos mais tarde como”. No caso que narramos, podemos ver como; podemos ver nos fatos como é possível aquele absurdo. Isto porque aquelas palavras significam abandono das armas humanas para substituí-las com outras espirituais mais poderosas, e não querem dizer absolutamente ficar indefeso.

No presente volume recordamos atrás as palavras do Evangelho: "Procurai primeiro o reino de Deus e Sua justiça, e todo o resto vos será dado por acréscimo". Outro absurdo para a psicologia do mundo, contra a qual se ergue esta frase revolucionária. Então, para não nos faltar o necessário para viver, existe outro método, que não é o da luta desesperada em que o homem está mergulhado na terra, um método segundo o qual o necessário pode ser obtido sem extorqui-lo pela força, do ambiente hostil, mas gratuitamente de Deus. Eis a Divina Providência. Estudamos esse fenômeno no volume A Nova Civilização do Terceiro Milênio, capítulo XI. Aí enumeramos as condições necessárias para que o fenômeno se verifique e o auxílio desça efetivamente do Alto. Assim foi possível observar como essas condições foram postas e o fenômeno verificou-se de fato, dando prova da verdade daquelas teorias, que

acharam plena confirmação quando, depois de terem sido enunciadas, foram vividas, num segundo tempo. No fato que expomos a máquina funcionou verdadeiramente.

O mundo apoia-se nas próprias forças, porque pouco confia em Deus e em Sua Providência; o mundo não crê absolutamente que a máquina possa funcionar, e portanto evita fazer essas experiências. E no entanto a conquista de novos continentes foi devida aos que tiveram a coragem de enfrentar todos os perigos das grandes navegações; a conquista do ar àqueles que, com risco da própria vida, ousaram deixar a segurança da terra firme para arrostar os perigos do vazio. Assim a conquista das forças do imponderável só pode ser feita por aqueles que, com consciência e conhecimento se lancem nos braços de Deus, ousando experimentar novos métodos de vida, com a aplicação de leis próprias de planos biológicos mais adiantados. Em todo caso é necessária grande coragem, porque se trata de enfrentar o inexplorado; grande fé, porque é necessário conquistar o desconhecido; muita inteligência para não agir loucamente e saber vencer todos os obstáculos e perigos.

Como se vê, as vicissitudes que estamos narrando e a interpretação de seu significado baseiam-se, as primeiras, em fatos realmente ocorridos, a segunda nas teorias expostas e provadas na série dos volumes que precederam este. Até agora aquelas teorias só eram sustentadas pela lógica, pela verdade de outras teorias aceitas pela ciência, por vários aspectos da realidade que as confirmavam. Mas agora chegou esta confirmação que estamos narrando, e que assume valor muito maior porque se trata de um caso pessoalmente vivido. Por isso tal história deve ser contada aqui, não só como exemplo que encoraje os hesitantes a lançar-se no caminho do Evangelho, vivendo-o na prática para tirar-lhe proveito, mas também como uma demonstração prática da verdade das teorias expostas naqueles nossos volumes, levadas assim a realidade cotidiana da vida, com sua aplicação concreta.

Continuamente, todos os dias, ocorrem em nosso mundo histórias de todo o gênero, igualmente vividas, e passam inadvertidas, porque ninguém pensa em observar-lhes o sentido. E no entanto, cada uma delas exprime um modo de conceber a vida e de aplicar as leis vigentes no plano biológico em que se move o homem. Nossa narração assume valor, porque ao caso narrado é dado sentido universal, já que nele vemos espelhados muitos outros casos semelhantes, dos quais ele é apresentado como um exemplo que sintetiza um modo de conceber a vida e um modo de vivê-la.

Por que o involuído e o evoluído, de que sempre falamos, aqui se chocam, ao invés de concordar? Isto depende de suas maneiras opostas de conceber a vida. O involuído, segundo a lei de seu plano, logo que entra em contato com o próximo, procura imediatamente mandar e submeter, impondo-se a todos. Forma-se assim logo a hierarquia do mais forte e do mais fraco, que representa o princípio que rege nosso mundo. Ao contrário, o evoluído, segundo a lei de seu plano, logo que entra em contato com o próximo, procura compreendê-lo para colaborar com ele. Forma-se assim espontaneamente o sistema orgânico. Involuído e evoluído são dois biótipos absolutamente diversos; é natural, pois, que o resultado de sua atividade dê lugar a resultados totalmente diferentes proporcionados ao nível de evolução representado pelo plano de vida de cada um deles. Tudo depende da natureza do biótipo, e cada um deles só pode produzir de acordo com o que é. Dos princípios que regem a vida do involuído e da relativa forma mental que o guia, só pode nascer prepotência, luta, desordem, dor. Não é esse o nosso mundo atual? Dos princípios que regem a vida do evoluído e da forma mental que o guia, só pode nascer harmonia, fraternidade, ordem, alegria.

Com estas observações procuramos compreender que transformações profundas a evolução trará a própria vida do homem. Por esse caminho, se passa do estado horrível de nosso passado, cuja memória amedrontadora ainda sobrevive quase indelével na idéia do inferno, mais ou menos difundida em todas as religiões, a um estado belo, cuja presença do futuro o homem intuiu instintivamente com a idéia de paraíso, que as religiões nos prometem amanhã, se soubermos ser bons, ou seja, se nos tornarmos evoluídos. Trata-se efetivamente de passar do estado de involuído, pelo qual se vive num mundo caótico em que tudo é inimigo, em que portanto se mata e destrói, porque morte e destruição do que é inimigo significa vida e vantagem, à fase evolutiva superior, a do evoluído, pelo qual se vive num mundo harmonizado, em que tudo é amigo, e portanto não se mata nem se destrói, porque morte e destruição do que é amigo significa morte e prejuízo.

Passar do plano animal da luta pela vida ao plano orgânico da colaboração inteligente, significa mudar completamente as condições de vida. Passar do mundo do involuído ao do evoluído significa sair da desordem para entrar na organicidade, ou seja num estado resultante de novo modo de conceber a vida, pelo qual as posições de relação social — antes feitas em grande parte de prepotência e injustiça, que só produzem divisa o no tormentoso barulho de rivalidade e lutas — na nova organicidade assumem a função coesiva, sobretudo de unificação. Se a vida antes se baseava só no indivíduo, nesta nova fase ela se fundamenta na coletividade organizada, em que a ordem exclui absolutamente qualquer barulho de injustiças e lutas.

Vamos dar um exemplo. No plano do involuído o trabalhador é um derivado do escravo, para o qual o trabalho é uma condenação que o vencedor tem pleno direito de impor, tal como se faz naquele plano a todos os fracos vencidos. Isto constitui uma verdade maior, quanto mais, recuando na civilização, nos avizinhamos do homem primitivo (o involuído) e o é menos quanto mais, progredindo na civilização, o homem ascende (o evoluído). Nos planos inferiores é essa a justiça, que sempre se faz de modo adequado ao nível que se tenha atingido. O que constitui perfeita justiça num ponto da escala evolutiva, pode revelar-se integral injustiça num ponto mais avançado dela. De sua parte, o trabalhador, que é do mesmo tipo biológico, corresponde tornando-se servo traidor. Este, pelo fato de ser um fraco, vencido, nem por isso renuncia à defesa de sua vida, e a defende pelos caminhos transversos da mentira, já que não o consegue abertamente pelos caminhos da força. Assim, patrões e empregados, dominantes e dominados, movimentam-se todos no mesmo plano, segundo os mesmos princípios, e equilibram-se uns com os outros, utilizando os mesmos métodos.

Ao contrário, no plano do evoluído, o estado de organicidade, desconhecido no precedente estado inferior, faz do trabalhador um colaborador, jamais um servo; um companheiro inteligente e de boa-vontade para seus superiores, todos igualmente co-interessados no bom êxito da mesma obra. Nada de rivalidades nem lutas, com prejuízo de todos, mas distribuição inteligente de trabalho e coordenação de funções, com proveito de todos. No plano de organicidade desaparece completamente a idéia de patrão e empregado, de dominador que manda e fraco vencido que tem de obedecer. Desaparece, assim, a idéia de opressão e exploração de um lado, e ódio e revolta do outro. O ódio tradicional entre empregado e patrão, organizado hoje como ódio de classe, demonstra quanto a humanidade ainda esta atrasada.

Tudo isto terá que desaparecer com a evolução. Empregado e patrão estão hoje igualmente atrasados e precisam ambos ser civilizados. Só quando o operário for tratado com mais justiça e inteligência, poderá obter-se que ele, ao invés de revoltar-se ou procurar trabalhar mal e o menos possível, se esforce em produzir melhor e o mais possível. Com a força e a imposição jamais poderá obter-se o que se obtém com a inteligência e a compreensão. Trabalhar como escravo produz frutos piores que os que podem conseguir-se com o trabalho do co-interessado colaborador. Mas o atual estado, que co-envolve empregado e patrão na mesma forma mental, só poderá transformar-se gradualmente, pelo lento trabalho da evolução, no estado diferente do evoluído em que os mesmos patrões e empregados conviverão diversamente, de acordo com outra forma mental. Então o patrão não será o dominador que procura egoisticamente desfrutar, mas o diretor inteligente que faz a parte mais difícil. do trabalho que o operário não sabe fazer e de que aprecia o valor Assim todos se tornarão rodas diferentes de u'a máquina, ligados pela mesma organicidade do todo, co-interessadas em colaborar sem lutas nem atritos. Ora, obstaculando o bom funcionamento dessa máquina, haverá grave prejuízo para todos, isso, portanto, deve merecer todo o cuidado de todos, para ser evitado.

Assim, uma das grandes conseqüências é saber sair do estado atual de animalidade próprio do involuído, em que a luta domina tudo. Esta é qualidade essencial do Anti-Sistema, enquanto a harmonia é a qualidade oposta, própria do Sistema. Quanto mais se elimina a luta, mais se sobe para o Sistema. O grau de evolução atingido mede-se pelo grau com que foi eliminado o separatismo e alcançada a unificação. A potência em que vive a luta em nosso mundo é índice claro de quanto ele ainda está atrasado. Aqui, tudo se faz em função da luta, que reaparece a cada momento, em toda manifestação da vida. Em todos os campos é mister levar em conta sempre este princípio do mais forte que quer vencer a todos. Conquista-se o poder, a riqueza, os altos graus sociais, sempre para dominar a luta como vi-

toriosos. Política, comércio, religião, sob todas as aparências, são substancialmente utilizados como meios para vencer na luta pela vida. E em todos os tempos, lugares e posições sociais se obedece a esta lei, que é lei do plano biológico em que a humanidade está situada.

Mas a evolução não é uma palavra vã. E a grande lei da vida e é tão poderosa que terá força para destruir tudo isto, transformando a humanidade. O caminho fatalmente se dirige do Anti-Sistema, ou seja, da fase de involuído á de evoluído. O fato de que, no passado, a vida percorreu seu caminho nesta direção, autoriza-nos a admitir que continuará ainda a percorrê-lo na mesma direção. Podemos dizer que o mineral está para a planta, assim como a planta para o animal, como o animal para o animal-humano (o involuído), como este para o super-homem do futuro (o evoluído).

Andando do Anti-Sistema ao Sistema, a vida caminha para Deus. Por isso, quanto mais progride a vida com a evolução, tanto mais se racionaliza, transformando-se de confusão desordenada num processo lógico, em que se revela cada vez mais claramente a inteligência de Deus, que permaneceu latente em tudo, escondida na mais íntima profundidade, donde dirige e rege seu progresso. A passagem que hoje se verifica, do caos à ordem, não consiste apenas numa arrumação de formas, mas também de princípios que as regem; não só num reorganizar-se da desordem do caos, num reunificar-se do separatismo que pulverizou tudo, mas também num racionalizar-se e logicizar-se da existência em todas as suas formas e funções. Indubitavelmente a vida evolui desenvolvendo no homem o sistema nervoso e cerebral. Dizem os biólogos que a matéria cinzenta do cérebro é maior no homem civilizado do que no selvagem e de diferente estrutura. A evolução complexifica, aperfeiçoa a estrutura cerebral. E nessa elaboração do órgão do pensamento que se manifesta, no plano físico, a correspondente elaboração da forma mental do ser, levando a um paralelo complexificar-se e aperfeiçoar-se do pensamento que a vida dirige. Assim, esta se torna tanto mais racional e lógica, quanto mais evolui. Qualquer homem inteligente compreende quanto seja estúpido e contraproducente o sistema de rivalidade e luta contínuas. Trata-se de qualidades novas, unidas, que brotam juntas: ao invés da desordem, a organicidade; ao invés do separatismo, a unificação; ao invés da luta, a colaboração; ao invés da estupidez do ignorante que caminha por tentativas, a inteligência de quem conhece e sabe atingir seus fins. A organicidade para a qual a evolução leva o mundo, implica por sua natureza seres racionais e presume a inteligência. Essa forma de vida não poderá deixar de ser alcançada pelo homem coletivo do futuro, que chamamos o evoluído.

\* \* \*

Estendemo-nos um pouco nestes comentários, para compreender melhor o caso que estamos narrando. Nosso homem fora chamado para trabalhar num ambiente composto em grande parte de elementos de outro plano biológico, e que portanto, possuíam a forma mental relativa a este, bem diferente da sua. Achou-se, pois, diante não daquela que era a sua natural psicologia, ou seja, a da colaboração inteligente para vantagem comum, mas diante de uma psicologia de luta, em que é só ao mais forte, mais bem colocado, que cabe o direito de mandar, enquanto a ele cabia o dever de obedecer. Por essa psicologia, quem oferece o próprio trabalho, se coloca por si na posição de servo, e quem aceita a oferta alheia, aceita para consigo mesmo, o pleno direito alheio de mando. Infelizmente a abolição da escravatura é um fato recente na história. Abolir as leis sobre a escravidão é relativamente fácil e rápido. O que é difícil e muito lento é abolir o instinto escravagista, que pode subsistir por séculos, mesmo depois que tiverem sido abolidas aquelas leis. No primeiro caso trata-se de um fato jurídico-social, apenas uma mudança de posições diante das leis humanas. No segundo caso trata-se de um fenômeno biológico, de maturação evolutiva que tem de chegar a transformar os instintos: processo lento, de elaboração profunda, difícil de conseguir e só alcançável pela educação dos séculos.

Dizemos isto apenas para explicar como, em certo momento, começou o esmagamento de nosso sujeito, por parte dos que, ao contrário deveriam ajudá-lo para alcançar um objetivo comum. Esmagamento providencial, de resto, porque foi ele que fez manifestarem-se as forças do Alto, tendo sido sua intervenção fato indispensável para salvar seu instrumento. Este oferecera o fruto de seu trabalho com

sentido de colaboração, segundo a psicologia orgânica do próprio plano de vida. Respondeu-lhe a psicologia egocêntrica, separatista, anti-orgânico e anticolaboracionista, própria de outro plano de vida. Daí um choque, de raízes bem profundas, que vimos estudando porque, além desse caso particular, tem ele valor universal, dizendo respeito a todo o fenômeno vida.

Avizinhamo-nos sempre mais do momento resolutivo do fenômeno. De um lado as forças humanas que têm pressa de concluir, conseguindo submeter para dominar, segundo a psicologia de seu plano. Do outro lado, as forças do Alto constrangidas — se não quiserem ficar vencidas na terra — a entrar em ação, a descer a nosso plano humano e a manifestar-se nele exteriormente visíveis, saindo do mistério em cuja profundidade geralmente se escondem. É justamente esse fato que torna o fenômeno interessante. As forças do Alto trabalham no terreno das causas, são mais ativas no centro que na periferia, porque sendo mais evoluídas estão mais próximas de Deus. Dificilmente se revelam, pois, em nosso mundo, de modo claro, no terreno dos efeitos que parecem emergir de uma atividade escondida nos interiores subterrâneos da vida. Segue-se daí que vivemos num mundo de efeitos, na superfície dos fenômenos, sem saber ver em profundidade até as causas determinantes, nem saber-nos dizer o porquê de seu aparecimento no plano em que vivemos. Para chegar a isto, era mister possuir bem desenvolvido o olho interior da vista introspectiva, o que presume um grau de maturidade evolutiva que raramente é alcançado. Ora, no caso que estamos narrando, suas condições especiais tornaram necessária uma tão ativa e manifesta intervenção na terra das forças do Alto, que nos permitiu poder assistir, embora olhando apenas com os olhos comuns da psicologia humana, ao fenômeno, geralmente escondido, da descida daquelas forças numa batalha tão aberta e evidente, que nos revelou toda a sua estratégia. Caso raro, de que nos aproveitamos para penetrar cada vez mais nos mistérios desses fenômenos e na técnica desconhecida de seu funcionamento.

Três são os elementos que neste momento se acham em campo: 1) as forças humanas lançadas ao ataque para sujeitar o instrumento aos próprios fins; 2) as forças do Alto que intervêm na luta impondo-se a todos os impulsos contrários, para que se chegue ao completo cumprimento dos próprios fins; 3) o instrumento humano, agredido pelas forças humanas é defendido pelas do Alto, desarmado e triturado entre os dois poderosos antagonistas, donos do campo e da batalha. Observemos os momentos de cada um.

Diante do poder dos dois antagonistas: um coalizão de meios e astúcias humanas, o outro sábio dominador das leis da vida, o instrumento humano quase desaparece em sua insignificante pequenez. Que pode ele sozinho, tão pequeno nessa luta de gigantes entre dois planos da vida, nesse choque cósmico pela vitória das forças do bem contra as do mal? Que defesa própria pode possuir, se evangelicamente se tornou desarmado com o abandono de todas as armas? O mundo poderá facilmente vencê-lo e submetê-lo. E de fato o mundo, que crê em suas armas, armadíssimo com elas, com plena confiança em seu poder, está seguro de vencer. Mas aqui revela-se sua ignorância e começa seu erro. Aqui o jogo torna-se sutil, tanto que o mundo não o compreende e cai vítima dele. Fechado na psicologia de seu plano de vida, preso às miragens que os instintos inferiores lhe fazem parecer verdadeiras, o mundo não compreende que o desarmado homem evangélico esteja assim só aparentemente, ou seja, só para quem não possui sentidos sutis para ver; não compreende que, ao contrário, aquele homem está armadíssimo, mas com armas diferentes, que não se conhecem porque estão situadas no imponderável.

É lógico que o instrumento, tendo-se posto a funcionar num plano de vida mais alto, usufrua as leis deste e ache a sua disposição defesas e poderes que não chegam aos habitantes dos planos inferiores. Acontece então que quem se colocou verdadeiramente a serviço das forças do Alto, é protegido por elas como coisa que lhes pertence, que é necessária à obtenção de seus objetivos. Assim é que se verifica o incrível fato de que o homem evangélico aparece só aos olhos cegos do mundo, enquanto está de fato muito bem armado. Segue-se daí que o mundo comete o grave erro de acreditar que combate um desarmado, e não conhecendo o inimigo o subestima, dirige os golpes sem atingir o alvo, e erra toda a sua estratégia, o que leva não à vitória, mas a derrota.

Cegueira e ignorância, falta de inteligência e de sensibilização de longo alcance, são as qualidades precípua do involuído. Com a evolução, as forças do ser se sutilizam e se tornam agudas,

tornando-se mais penetrantes e sábias; ao passo que, quanto mais se desce, envolvendo, tanto mais constituem elas um desordenado desencadear-se de impulsos primordiais, cega explosão que não é dirigida por nenhuma inteligência, incapaz, pois, para atingir qualquer meta. Eis os dois tipos de forças que podemos aqui observar, colocadas uma diante da outra. Historicamente, no desenvolvimento das missões, o mundo deu prova muitas vezes da mais completa incompreensão, aceitando-as somente depois de havê-las negado e condenado, aceitando-os, mas só como imposição por parte das forças do Alto.

Foi assim, por cegueira, que, no caso narrado, os práticos da vida, os positivos do mundo, não viram no instrumento a existência real de uma missão, e ainda menos que ela pudesse significar uma real intervenção das forças do Alto. De tantos crentes, em tantas religiões, quem é que crê realmente que isto possa acontecer? O mundo só crê seriamente em seus meios e bem pouco nestas forças distantes que para ele são hipotéticas. Quem é que sente realmente o poder das coisas espirituais? E se se fala de missão, acredita que pode dobrá-la a serviço dos pequenos objetivos particulares, apoderando-se — coisa facilíssima — de um instrumento desarmado. Levou-os ao erro sua docilidade e simplicidade, que acreditaram fosse tudo, e nada houvesse por trás delas. Atraídos instintivamente pela miragem da facilidade da presa, os homens do mundo cometeram o erro de crer que podiam a bel-prazer deter esse movimento, paralisar uma missão querida pelo Alto, sem imaginar sequer contra que forças combatiam, sem nenhuma possibilidade de triunfar.

Na estratégia do lado humano acumularam-se erros sobre erros. É perigoso tratar das coisas do espírito, acreditando poder utilizá-las para fins humanos, com intenção de domínio, com os métodos comuns, sem saber que reações podem nascer delas. Quando os homens do mundo, crendo já chegada a hora da colheita e sentindo-se seguros da vitória, forçaram os acontecimentos para alcançar seus objetivos, e chegaram assim ao ponto de ameaçar a missão, paralisando-lhe o cumprimento, estes mesmos homens forçaram as forças do Alto a entrar em ação. Nesse momento aparece a mão de Deus, que milagrosamente inverte a situação.

O desenvolvimento de uma missão não pode ocorrer isolado, só confiada a forças humanas, e muito menos só ao instrumento que a representa, mas que é apenas instrumento. Para que alcance a missão seu total cumprimento, na longa estrada que deve percorrer, ela é preparada, acompanhada e dirigida por uma inteligência superior que, por meio dela quer atingir seus objetivos, que só ela conhece, em função de planos que o homem ignora. Mesmo se os outros de fora não vêm, porque não podem perceber, o instrumento sente a presença dessa inteligência que o guia, provê, a cada passo, o necessário, apresenta e movimenta as pessoas adequadas para que cada uma, mesmo sem o saber, realize a parte que deve; inteligência que amadurece os acontecimentos no sentido preciso, segundo os planos pre-estabelecidos. O instrumento sabe que, embora não o conhecendo todo, existe um plano que fatalmente deve realizar-se até o fim, pois apesar de todos os obstáculos, ninguém poderá jamais vencer as forças do Alto que dirigem aquele plano. Pelo fato de que o fenômeno se desenvolve também dentro dele, o instrumento que vive com os olhos abertos, tem meios de observar mais de perto como trabalha essa inteligência, inspirando-o, avisando-o com antecedência, impelindo-o por certos caminhos e depois chegando com a ação no momento preciso, na forma e medida adequadas ao fim. Por mais que o motor íntimo procure ficar escondido, essa providência e proporção nos fatos que dele derivam, resulta muito evidentemente, para que não impressione o observador atento.

O acaso é desordenado<sub>1</sub> não opera com exatidão nem a tempo, nem se dirige constantemente na mesma direção. Trata-se de fatos positivos que é necessário explicar e que, sendo de natureza inteligente, não podem explicar-se senão com a presença de uma inteligência da qual derivem. Quem vive, verdadeiramente, u'a missão, como no caso já mencionado, não pode deixar de perceber a coordenação de movimentos que certamente não dependem do instrumento, porque estão além de suas forças e conhecimento. Sobre esses movimentos, ele não quer absolutamente influir, jamais os prepara com planos e vontade próprias. Trata-se de movimentos amplos, longos, complexos, que revelam presciência e poder, porque não cometem erros e vencem todos os obstáculos. Assim o cumprimento de uma missão torna-se um grande milagre, constituído de muitos milagres menores encadeados, de tantos fatos humanamente inexplicáveis, que geralmente não ocorrem e que têm algo de prodigioso. Tudo isto

surpreende pela forma orgânica com que se apresenta, pela logicidade de seu desenvolver-se, pela precisão de seus movimentos. Estes são fatos positivos, que não podem negar-se e que seria loucura atribuir ao acaso. E então?

Como pode vencer em nosso mundo feroz um ser desarmado que só pede para abrir seus braços a todos? E se não está nele, onde se encontra o poder que o faz vencer? E quem é que faz convergir tudo, até os ataques e as resistências, para o cumprimento da missão? E se não podemos explicar os fatos senão admitindo a presença de uma inteligência superior, eles constituem uma prova da presença do Alto naquela missão, que então só pode ser verdadeiro. E o Alto que com sua assistência confirma, subscreve e avaliza toda a obra que se cumpre através daquela missão. Então, se tudo isto vem da parte de Deus, que podem as astúcias e poderes humanos contra ela? Só assim podemos explicar os fatos que narramos.

\* \* \*

O que é mais difícil fazer compreender é realidade dessa presença das forças do Alto e também que não estamos repetindo aqui o costumeiro sermão moralizante, mas que falamos seriamente de fatos reais que não podem explicar-se senão com aquela presença. E uma das mais emocionantes e irresistíveis experiências da vida, a de ter que render-se à evidência dos fatos, reconhecendo que Deus está perto e trabalha a nosso lado. Estamos tão habituados em nosso mundo à repetição desses belos conceitos — muitas vezes sem neles acreditar absolutamente — que quando percebemos que eles são mesmo verdadeiros, parece que nos achamos diante do incrível. Sentir que Deus existe de fato, coisa em que tão pouco se pensa, perceber Sua presença ativa em nossa vida, quando se sabe o poder de que Ele dispõe, deixa-nos amedrontados e nos aniquilaria, não fora a confiança que Sua bondade ao mesmo tempo nos inspira. Sensação que não pode ser transmitida, experiência que só quem experimentou, sabe o que significa.

Em nosso mundo pode ocorrer que se seja obrigado a viver entre gente que crê que nossas palavras sejam mentira, mas que quer dar a entender que nelas crê, julgando-as verdadeiras; e gente que diz mentiras, mas exige que nelas se creia como verdade. Mas que fazer diante do primitivo a quem estas idéias superiores escapam no inconcebível e parecem absurdas essas realizações complexas e a longo prazo, enquanto o que atrai como certo e positivo é o imediato da vantagem, além da qual seus olhos não vêem? Escapa ao involuído a organicidade que opera a longo prazo, o que presume a providência a longo alcance, que só pode ser própria de uma forma mental evoluída, complexa e profunda. O primitivo, filho de um ambiente de caos, onde não é possível prever nem organizar, apega-se ao que pode segurar com as mãos no instante que foge, ficando todo o resto imerso no mistério. A ignorância desse tipo biológico justifica sua conduta, e sua conduta prova sua ignorância. Se ele só acredita na força, em sua força, e não é capaz de compreender mais, como impedir que se apegue só a ela, sem suspeitar sequer que esteja tão próximo do infinito poder de Deus, que só poderia alcançar se soubesse? Seria como querer explicar a um caminhante fatigado que sobe uma montanha, que nos espaços o movimento é gratuito e se realiza continuamente sem esforço. Como fazer-lhe compreender que tanta luta para vencer, demonstrando ser o mais forte, é puerilidade inútil diante do grande poder de Deus e de Sua Lei, contra a qual não há força humana que possa vencer? E o homem continua assim encadeado à sua fadiga, imerso no infinito poder divino, sem suspeitar sequer de sua existência. E por isso nem mesmo pode impedir-se que continue a sofrer, até que a dor lhe aguce a mente e ele possa aprender.

É inútil explicar para fazer compreender Quem está habituado a mentira porque a considera uma arma necessária para viver, só se sente seguro repetindo-a, escondendo o próprio pensamento verdadeiro, e acreditando que sejam mentiras as belas palavras de quem lhe quer ensinar a verdade. Pode ser útil dar a impressão de que se acredita nelas, mas ele está convencido de que seria loucura acreditar mesmo e agir de acordo. Então, se se mostrar crente pode trazer proveito material, porque aquelas mentes vêem razões pelas quais se possa utilizar tudo, até Deus, para o próprio proveito. Com efeito, esta é a única coisa positiva que existe na terra. O resto é mistério, objeto de fé para quem acreditar, é coisa

nebulosa e distante, e nada se sabe como certo a esse respeito. Com efeito, em todas as religiões, se olharmos o modo de agir dos homens, e não o que professam, o mundo não dá provas de verdadeiro ateísmo? E quem sabe se, por vezes, em substância, não pertencem a esse materialismo religioso até os mais ortodoxos, formalmente perfeitos?

Mas há um fato que torna inútil e até perigoso todo este jogo, que se reduz a uma astúcia pueril, filha da ignorância. Deus e Sua lei de justiça existem realmente, mesmo se neles não se crê. Existem independentemente de nossa fé, como a luz existe independentemente de nossos olhos. Se não vemos, pior para nós. Não podemos destruir a luz, recusando-nos a querer ver. Tudo fica no momento. O que ocorre é que, se não vemos, batemos com a cabeça na parede e então o prejuízo será nosso. Se não tivermos compreendido que quem faz o mal, em última análise o faz a si mesmo e, se acreditando enganar a Deus e vencer o próximo, continuarmos a fazer o mal, mesmo se pensarmos que estamos agindo impunemente em proveito próprio, isto não nos libertará absolutamente das conseqüências, que temos de pagar fatalmente. A quem faz o mal não adianta paralisar o ofendido, porque isto não paralisa a lei de justiça de Deus. O perdão de quem recebeu o prejuízo adianta a ele, mas não pode deter aquela justiça nem a necessidade do pagamento.

Acreditar que com a astúcia possa escapar-se das sanções da justiça de Deus é erro grave que se paga caro. Julgar, como um pobre imbecil que não conhece a vida, o homem simples e honesto que segue o Evangelho, não é sabedoria, mas ignorância. Julgar que a verdade seja uma mentira em que não acreditar constitui uma astúcia, deixando que só os julgados ingênuos acreditem; defender ideais e virtudes só para que os outros as vivam, significa ser o mais ingênuo de todos, porque esse, querendo enganar aos outros, está enganando é a si mesmo. Neste mundo de mentiras é fácil imitar o estilo do verdadeiro instrumento e realizar os próprios negócios em nome de Deus; e se cai facilmente nesse jogo porque é o que requer menos esforço e é mais rendoso. Muitos porém não suspeitam que também seja perigoso. Não é esse um problema de uma ou outra religião porque em todas as religiões pode-se fazê-lo; é problema do homem que se encontra em todas as religiões e que em qualquer de suas formas pode igualmente procurar zombar de Deus.

Nada disso significa que as forças do bem não são senhoras do campo a qualquer momento, tanto que até essas resistências e atritos são utilizadas por elas em proveito próprio. Assim, no desenvolvimento de uma missão vemos serem chamados a dar algum tributo útil também os elementos negativos. Os homens são diferentes e a, técnica divina é sábia. Ela sabe, pois, tirar partido das diversas qualidades de cada um, para fazer-lhes realizar os trabalhos mais diversos, mesmo permanecendo justa para com todos. Por isso, para os que se movem apenas pelas atrações materiais, Deus usa a técnica da miragem, como já vimos. Como induzi-los a cooperar de outra forma, senão tocando as únicas teclas as quais responde o indivíduo, senão apoiando-se nos instintos que ele está pronto a seguir, senão oferecendo as idéias que sua forma mental pode compreender? Assim ele se põe a correr atrás da miragem e faz um trabalho que, de outra forma, jamais faria.

Poder-se-ia pensar: mas então Deus está enganando esses homens? Mas quem é que os obriga a cair na ilusão? O mundo não está cheio de sermões que os avisam de não confiar e de preferir as coisas eternas do espírito? Por que então eles só querem crer nas coisas da terra? São eles que escolhem crer nas ilusões como coisa real, e na realidade como ilusão. Eles querem isto com tenacidade, resistindo a todas as exortações e explicações, e até acreditando-se sábios quando se rebelam contra elas, imaginando com isto não cair numa armadilha que lhes é estendida para enganá-los. Como raciocinar com eles, como esclarecê-los acerca do verdadeiro estado das coisas, se eles partem do princípio de que não é verdade o que se lhes diz, e que seu proveito está em não se deixar enganar pela verdade que eles julgam mentira?

Se caem na miragem não é porque Deus os engane, mas porque eles querem enganar-se por si. São eles que, enquanto à força de sofrer não tiverem aprendido a compreender que se trata de ilusão, não poderão sair da própria ignorância. O problema está dentro deles e só eles podem resolvê-lo, porque tudo é devido a um estado de involução do qual não poderão sair senão por meio de seu esforço e sacrifício, para evoluir. A miragem não é criada por Deus, mas por sua ignorância e só pode cair quando for eliminada essa ignorância. Tudo depende de sua posição ao longo da escala evolutiva, o que os leva a

obedecer cegamente aos instintos de egoísmo e cupidez, próprios de seu plano de vida. E para sair dos próprios instintos e de todas as conseqüências a que levam, é necessária profunda renovação do ser. Mas é justamente contra isso que muitos se rebelam, tão mergulhados na ilusão de crer que sua maior sabedoria e vantagem consistem justamente em realizar essa rebelião. E assim cada vez mais mergulham na ilusão. Não é Deus que lhes diz: aceitai esta miragem, porque recebereis recompensa. São eles que aplicam a tudo sua psicologia e assim se lançam por força na ilusão. São eles que querem agir assim, que sempre assim agiram e querem continuar a agir. E encontrarão o único pão de que necessitavam, a desilusão, único meio para fazer-lhes compreender que escolheram um caminho errado e que precisam escolher outro melhor. Deixados livres para submeter-se à vontade àquelas experiências que lhes agradam, no fim de cada uma encontram a lição salutar corretiva que os instrui, com a experiência e os impele a um caminho melhor, onde poderão encontrar a ansiada felicidade. O pão verdadeiro que pode saciar sua fome está pronto, mas eles o não vêem. Assim, serem utilizados como instrumentos ignaros na realização de u'a missão, lhes põe diante esse pão, para que ao menos olhem para ele; oferece-lhes uma oportunidade de melhorarem-se, da qual poderiam aproveitar. Nova e preciosa experiência. Mas se quiserem recusá-la para tornar a mergulhar em seu mundo, então é bem justificada sua expulsão do terreno da missão em que puderam entrar, mas ao qual não lhes é permitido trazer destruição.

Poder-se-ia ainda objetar: mas estes fazem um trabalho e a justiça de Deus deve pagar-lhes. Certíssimo. E por justiça são pagos com a qualidade e quantidade de moeda que correspondem ao trabalho realizado. Assim recebem sua compensação terrena na forma de vantagens materiais, como procuravam, já que outra coisa não buscaram; e estas, na quantidade merecida. Com isto são pagos e, uma vez pagos, estão fora do trabalho e não mais a ele pertencem. Está assim perfeitamente justificada a expulsão desses elementos, que só tomaram parte nele para outros fins, elementos negativos em relação à missão e que, se aí permanecessem, a prejudicariam. Se algo fizerem pelo ideal foi sem querer e sem saber, portanto não podem atribuir-se mérito algum. Acreditavam fazer coisa totalmente diferente do que, pela vontade de Deus, fizeram. Assim, no caso deles, se situa perfeitamente a lei de justiça, pela qual, acreditando-se astutos, tendo querido enganar para utilizar tudo para si, ficam no fim enganados, sendo utilizados para outros fins, para os quais, se os tivessem conhecido, não teriam movido um dedo.

Eis como foram servidos os práticos da vida, os positivos do mundo, que, acreditando estar bem presos no real, julgam sonhos os ideais, e iludidos os que trabalham por eles. Estamos sempre observando a técnica funcional do fenômeno da descida das forças do Alto, para tomar possível na terra a realização de uma missão. Que prova maior da efetiva presença dessas forças, que uma ação conduzida com tão perfeita estratégia, tão cheia de sabedoria e justiça? Vemos aqui como realmente trabalham as forças do Alto, como de fato opera a Divina Providência. Quisemos colhê-las neste momento especial em que, para atingir seus objetivos elas foram constringidas a sair do segredo em que se escondem geralmente e assim tiveram que revelar-nos não apenas sua presença, mas a maravilhosa técnica de sua estratégia e método de ação. Assim, com a atenta e íntima observação, conseguimos ver muitas coisas que nos mostram como Deus trabalha entre nós. E os frutos desta observação estamos comunicando ao leitor, para que também ele veja a maravilha da presença de Deus no meio das coisas humanas.

No caso que estudamos, verificamos a inegável existência de um plano preestabelecido que se vai realizando, protegido por uma força que dá prova de ser poderosa e inteligente, tanto que sabe vencer todos os obstáculos. Tem seus fins precisos a atingir e dá prova de sabê-los alcançar a qualquer custo. Esse trabalho é realizado não só com poderosos meios e superior inteligência, mas também com profunda sabedoria e justiça. Na ação há tempestividade, previdência, exatidão, ordem e proporção, os auxílios descem adequados às pessoas demonstrando perfeito conhecimento do ambiente terrestre e da alma humana, do rendimento útil que cada um pode dar. Muitos são chamados a trabalhar na missão e cada um só faz a parte que sabe fazer, segundo seus recursos. Se se comporta bem, é cada vez mais incorporado ao trabalho. Mas se o quer torcer para outros fins seus, revelando-se elemento negativo e contraproducente, então, como é justo, é pago pelo que lhe cabe, pelo trabalho feito, e lançado fora da obra que não tem o direito de prejudicar. A este não é negada a justa mercê, tão justa que resulta da própria natureza do trabalho prestado, como o indivíduo livremente quis executá-lo. Se o fez sem nada haver compreendido,

essa ignorância não é casual, mas devida ao próprio grau baixo de evolução, fato também merecido segundo justiça. As vantagens do compreensão que nos vêm da inteligência devem ser conquistadas por nós mesmos com nosso esforço e fadiga para evoluir.

Outra maravilha dessa estratégia é que consegue utilizar em favor próprio também as forças contrárias, fazendo trabalhar para o próprio triunfo também o inimigo. E esta é ainda uma prova de que se trata da descida de forças do Alto, porque só as forças do bem são senhoras das do mal e não ao contrário; só Deus é senhor do mundo, e não o mundo senhor de Deus.

Eis o que nos mostra e ensina esse choque que estamos observando e seu resultado final. Poderão ser chamados, assim, também indivíduos capazes de fazer o mal; e se o quiserem fazer, esse mal cairá sobre eles, que deverão pagá-lo à divina justiça, enquanto, para a obra, ele se transformará em trabalho útil e servirá para a vitória do bem. Surpreendente técnica de inversão de valores, que constitui nova maravilha na estratégia das forças do Alto, maravilha que consiste em saber fazer luz com as trevas. E no fim cada um é pago conforme trabalhou. De forma positiva, se trabalhou de forma positiva em favor da obra, ou de forma negativa, se trabalhou de forma negativa contra sua realização. E com Sua Lei, Deus terá sido sempre Senhor de tudo. Só assim podemos explicar aquela obra de infinita sabedoria, representada pelo fato de que, através do erro se caminha para chegar à verdade, e de que a atividade das forças negativas da destruição se chega a trazer produção útil, que é dada pelo trabalho próprio das forças positivas da construção.

## X

### A VITÓRIA DO AMOR

Em nossa história, chegamos ao momento decisivo em que as forças opostas lançam o ataque, para impor ao fenômeno diretrizes próprias. Surgindo então o perigo de ser o fenômeno desviado do plano estabelecido pelo Alto, é o Alto que tem de intervir necessariamente, mostrando-se exteriormente de modo claro na ação, fato que tornou possível a observação e depois a presente descrição.

Os dois exércitos defrontam-se, prontos a empenhar-se na última batalha decisiva. De um lado o exército humano, tangível, armado de todos os meios, organizado e poderoso na terra, pela riqueza de recursos, pelo conhecimento do ambiente, pela coalizão de forças, por finura de astúcias. Do outro lado aparentemente nada mais que um desarmado, evangelicamente simples, só, fraco, pobre, sem conhecimento do ambiente, um desgraçado que parece quase oferecer-se como um convite para que o outro o vença. Por trás daquele desgraçado, porém, estava o exército invisível das forças espirituais, armadas de outros meios, organizado e poderoso no céu, com recursos e conhecimento bem diferentes.

As forças humanas aliaram-se e, com seus métodos, puseram-se em ordem de combate. Seu plano está bem estudado. Preparam para o desarmado caminhos sem saída, de modo que fique preso neles, ou caminhos com uma só saída: a que o fará derrotado. A conclusão tem de ser sempre a mesma: ou age assim ou está perdido. Ou faz de outra forma, e está igualmente perdido. Em qualquer caso fica vencido e podemos domina-lo. Tudo estava organizado e previsto para constranger a submissão. É a caça que encurrala a vítima para a armadilha em que ela "deve" cair de qualquer forma. O desarmado estava pois vencido de saída, e da parte oposta podia contar-se, com certeza, com a vitória. Não havia necessidade, pois, de salvar as aparências e podia permitir-se descobrir os próprios planos, tanto seus autores se acreditavam invencíveis e ia seguros do triunfo.

Mas foi justamente essa afoiteza deles, decidida a arrasar qualquer obstáculo, que obrigou o

Alto a intervir de forma evidente. Entrou em jogo, então, no sistema de forças do fenômeno, um elemento totalmente imprevisível da parte contrária, que deslocou a situação. Deixando-se dirigir pela psicologia humana com os únicos elementos a disposição daquela forma mental, calculara que o fenômeno só pudesse desenvolver-se segundo certos caminhos, sem suspeitar que se podiam abrir outros não vistos, situados no imponderável, e que resolveriam tudo de modo diverso.

Foi assim que nesse momento entrou em ação e começou a manifestar-se com inexorável tenacidade a pressão das forças do Alto. Essa pressão exprimia-se com tendência constante a inversão dos impulsos provenientes do campo dos homens do mundo, de forma que estas, antes de atingir o alvo contra o qual eram lançadas, sofriam automático processo de inversão, tornando-se assim contraproducentes para quem as lançava e ajudavam aquele que devia suportar-lhes o choque. Assim toda atividade, os expedientes, as astúcias movimentadas pela parte humana, não só não produziram nenhum dos efeitos desejados, como retornaram como prejuízo de quem as movimentara, e como proveito de quem teria devido ficar prejudicado. Quem queria fechar as estradas sem saída, ficou fechado; quem queria enganar, ficou iludido; quem queria forçar para vencer foi constrangido a perder. Isto confirma mais ainda o que sempre afirmamos, ou seja, que o que se faz ao próximo se faz a si mesmo, e o tratamento que damos aos outros acaba sendo o tratamento que damos a nós mesmos.

As forças do Alto deixaram que os atacantes ficassem enganados por sua própria forma mental. A aparente fraqueza indefesa do atacado induzia-os em erro. De fato, eles estavam combatendo um ser de que nada haviam compreendido, mas acreditavam ter compreendido tudo. Daí sua estratégia completamente deslocada. Estavam seguros, por longa experiência, da bondade de seus métodos, já que no passado tinham dado provas de eficácia. Confiaram pois, plenamente, neles. Mas antes tratava-se de casos comuns, de coisas humanas, em que o Alto não tomava parte. Escapou, completamente àqueles homens o lado imponderável do fenômeno, porque não contaram com ele. E assim foram disparando seus golpes, considerados de infalível efeito, sem jamais atingir o efeito desejado. Mas eles só possuíam a forma mental própria de seu plano e portanto não podiam usar outra estratégia: não conheciam outra e não era possível improvisar uma diferente. Enquanto não faz o esforço necessário para subir a planos evolutivos mais altos, cada um fica inexoravelmente preso à forma mental e métodos de vida do plano que lhe é próprio.

Achavam-se situados no mundo em que a força decide, mas neste caso a descida das forças do Alto impunham uma lei diferente: a da justiça. Assim os movimentos seguiram direção diversa, não mais determinada pela força, mas pela justiça. Os golpes, sendo apenas produto da força e não da justiça, mudavam a trajetória recaindo sobre quem os havia dado, tudo com prejuízo seu. O fato de haver preparado para o desarmado — qualquer coisa que fizesse — estradas sem outra saída que a derrota, fechou aqueles homens em estradas sem outra saída senão a derrota. Esta é a lógica imposta pela justiça, assim que se suba a um nível evolutivo mais alto. No mundo da justiça a inversão produz inversão. As forças negativas só podem trabalhar em sentido negativo, o que significa contra si mesmas e em favor das forças positivas. Se essas forças negativas pudessem trabalhar construtivamente em favor próprio, elas já não seriam negativas, mas positivas, e então a técnica de sua ação seria a oposta.

Verificou-se desta maneira um fato estranho: na terra, a verdadeira batalha foi feita por uma só das partes, ou seja, pelas forças negativas contra si mesmas, para autodestruir-se. Assim, enquanto daquele lado cada movimento se resolvia produzindo dano a quem o realizava, o desarmado não combatia, mas, utilizando o sistema evangélico da não-reação, limitava-se a observar como as forças negativas ficavam presas na própria rede, e como trabalhavam intensamente para a própria eliminação. No entanto, humanamente os planos estavam bem arquitetados, as astúcias eram sutis, os movimentos hábeis e fortes os poderes terrenos. Não obstante, tudo acabava produzindo o efeito contrario.

No Alto vigora o me todo da não-resistência, que atinge os melhores resultados sem nenhuma necessidade de agredir nem lutar para defender. Deus faz guerra pacificamente, deixando que a vontade de negação dos rebeldes atue em relação a eles mesmos, ou seja, deixa-se inativo, retirando-se deles e abandonando-os a si mesmos. Nada resta mais as forças negativas, então, que sua negatividade, a tendência ao não-ser, isto é, a autodestruição. Retirando-se Deus, que é vida, só lhes resta a morte. Nós é

que temos necessidade de Deus, e não Deus de nós. Por uma lei biológica, independente de qualquer filosofia ou religião, esta é a sorte de tudo que é negativo, egoísta, separatista e por isso antivital. Cada centro só pode irradiar os impulsos da própria natureza. Assim todo centro negativo semeará, em toda parte, destruição em redor de si, dando prejuízo a quem entrar em sua esfera de ação. Por isso as forças do mal são perigosas. Mas quanto mais negativo for o centro dentro de si mesmo, tanto mais poderosa se realizara aí a destruição, já que a sua irradiação é tão ativa e poderosa. Se na periferia as forças do mal possuem tanto poder destrutivo, quanto mais serão elas corroídas dentro do próprio sistema de forças!

Do lado oposto, pela mesma lei de justiça ocorria exatamente o contrário e tudo se resolvia em proveito. A simplicidade chegava mais longe que a mais fina astúcia, a falta de meios dava resultados melhores que a riqueza, ter abandonado as armas transformava-se em força. Os próprios adversários surpreendiam-se com esses resultados e, de acordo com sua psicologia só podendo atribuí-lo a astúcia, acreditavam nos efeitos de nova técnica de sutileza inédita e queriam aprendê-la para aproveitá-la. Mas estava completamente fora de sua capacidade chegar a compreender que a razão dessa força e êxito consistia apenas no método usado, que era o da simples verdade. Estavam prisioneiros de sua forma mental dada pelo seu sistema e dela não sabiam sair. Para eles era inconcebível que se pudesse vencer com estratégia e meios tão diversos. Eram assim vencidos sobretudo por sua congênita incapacidade de compreender o inimigo, sendo sua natureza completamente diferente daquela em que eles acreditavam, ou seja espiritual, e não material. Continuavam por isso a engolfar-se pelas estradas de seu sistema, que vimos ser contraproducente: continuavam a trabalhar só em prejuízo próprio e para vantagem da parte contrária. Não sabiam que o homem se move dentro de leis inevitáveis e que fatalmente as forças negativas só podem trabalhar para sua própria destruição. Para escapar às tenazes do invisível que não conheciam e no qual não acreditavam, apegavam-se cada vez mais as forças materiais, que justamente mais os afundavam, reforçando sempre mais o principal defeito de sua estratégia, que era o de ser movida por impulsos negativos que a tornavam estratégia de autodestruição. Colocados nesse caminho errado, atentavam só a construir com material humano um castelo cada vez mais alto e mais instável, pronto a cair-lhes em cima; atentavam a acumular cada vez mais astúcias, construindo em torno de si uma rede cada vez mais intrincada e densa, para ficar sempre mais enredados nela.

Não estamos desaprovando nem condenando, nem mesmo julgando, porque sabemos que nossa aprovação ou desaprovção não tem peso nenhum. Apenas observamos a maravilhosa técnica do fenômeno da descida das forças do Alto para defender a realização de uma missão; procuramos penetrar o segredo da força dessa estratégia para compreender a razão de sua vitória.

Para os homens do mundo dado o sistema por eles seguido as dificuldades se tornavam cada vez maiores. O sistema da insinceridade abria sempre novas brechas no edifício deles e era mister escondê-las e calafetá-las com sempre novas e maiores astúcias. De fora nada devia aparecer; o edifício devia mostrar-se perfeito, precisava a qualquer custo conservar a veste cândida do irrepreensível. Mas isto tornava-se cada vez mais difícil e com a dificuldade crescia sua preocupação. Com isto, a estratégia tornava-se nervosa, intempestiva, sempre mais contraproducente. É verdade que conheciam as escapatórias humanas. Mas estas servem para aparecer e não para ser. O simples fato de aparecer de fora sem existir por dentro constitui a maior fraqueza de qualquer construção, que dessa forma não se mantém por força própria, mas só mercê de estacas, e depende delas, enquanto é continuamente minada por dentro por sua íntima vacuidade.

Apesar de tanta sagacidade, sendo o revestimento uma aparência mais fraca que uma substância robusta, ele se rasga de todos os lados, deixando transparecer a verdade. Cada vez menos conseguia-se esconder tudo, algo transparecia, e o mundo, impiedoso e ávido de colher o próximo em erro, preparava-se curioso ao banquete que faz gozar no plano humano quando pode agredir-se alguém. Banquete muito mais agradável, porque se podia nele tomar parte como puros censores em nome da retidão. Os espectadores, filhos do mesmo plano de vida que os antagonistas, assistiam ao duelo como a uma festa para ver qual dos dois combatentes era o mais fraco, a fim de poder condena-lo por fim, como se costuma fazer gloriosamente com os vencidos no plano humano.

Os antagonistas bem conheciam essa lei de seu plano. Por isso tinham necessidade absoluta de

parecer fortes a todo custo, já que sabiam que, ao primeiro sinal de fraqueza, seus próprios companheiros, os de seu grupo mesmo, seriam os primeiros a condena-los. No momento, mantinha-os unidos o vínculo do interesse comum, que freava o natural instinto egocêntrico de um eliminar o outro. Mas sabiam todos que só podiam esperar respeito se fossem os mais fortes. Todos tinham de obedecer a lei de seu plano de vida. Em nenhum pensamento nem ato podiam sair de sua natureza qualidade. Até o que lançavam contra o desarmado só podia ser igual ao alimento de que se nutriam e a carne de que eram feitos, como sua estratégia só podia ser dirigida por sua forma mental. Sabiam bem que se perdessem, demonstrando-se fracos e portanto dignos de desprezo, nada podiam esperar dos amigos, que só respeitavam a vitória. No plano humano só se considera, de fato, virtude digna de respeito a força, com que se pode vencer.

O evoluído pertence a outros planos de vida. Nestes, as ligações que unem os seres são de natureza diversa, sinceras e tenazes, o vínculo é constituído de amor e bondade e não de cálculo utilitário; o instinto não é condenar e esmagar, mas ajudar o fraco vencido. Aqui a amizade não cessa, mas se reforça com a desventura. Aqui a vida não se baseia no egoísmo que separa, mas no altruísmo que une, irmana e por fim constrói.

Para o involuído não existe piedade, mas apenas a lei do mais forte. E no entanto bondade e altruísmo — que ele considera fraqueza que deve ser evitada — quanto gostaria ele de achar no próximo, especialmente na hora da desventura! Mas como achá-los, se o próximo que é bom representa, segundo a lei de seu plano, justamente o elemento que precisa ser eliminado? A bondade não é considerada pelo mundo como fraqueza, da qual se tem direito de aproveitar? E logo que aparece no mundo um homem bom, generoso, altruísta, não é logo posto fora de combate? Em nosso mundo, todos se ajoelham diante do mais forte que venceu, a quem cabe o direito de impor sua verdade, embora seja eticamente o pior e evolutivamente o mais atrasado. E que podemos esperar dele?

Forma-se, assim, uma vida sem bondade nem confiança, uma vida de luta cada vez mais árdua. O amigo, logo que lhe convenha, torna-se inimigo; cada ato pode ser invertido; cada palavra, ser um engano; cada passo, um alçapão armado. Sabem-no os involuídos e com isso sofrem e tremem. No entanto, não têm outros aliados para escolher, porque os honestos não fazem liga com eles. Estes poderão ser suas vítimas, nunca seus companheiros. O involuído, admirador da força, beija os pés do próprio superior, pronto a traí-lo logo que lhe convenha e o consiga, e despreza e pisa os menos fortes, os próprios inferiores. Num mundo em que se aprecia a força, o involuído mostra-se afoito contra o inimigo, porque se sente forte enquanto é ajudado pelos próprios companheiros. Então os amigos procuram empurra-lo para a frente, para depois deixá-lo sozinho em caso de perigo. Então, se as coisas vão mal, se algo transpira e surge a necessidade de um culpado que sirva de bode expiatório, que justifique tudo diante da opinião pública, o mais fraco do grupo, embora menos culpado, é sacrificado à deusa justiça e, com zelo exemplar é oferecido em pasto ao inimigo. Aplacam-se as exigências da lei civil e moral, a ordem é salva e a comédia termina, porque os outros, mais armados de força e astúcia, acharam a escapatória e já estão a salvo, com segurança.

\* \* \*

Tudo isto é conseqüência lógica da lei que vigora no plano animal humano, a lei da luta pela vida, para seleção do mais forte. As leis civis e religiosas são apenas um verniz por cima desta que, infelizmente, é a dura realidade da vida. Regime de prepotência, de todos contra todos, esta é a atmosfera do ambiente terrestre. Mas não poderá sê-lo sempre. O progresso é um fenômeno irresistível a que ninguém pode escapar. Diz o Apocalipse que chegará o momento resolutivo: então que os maus se tornem piores e os bons melhores, para que finalmente ocorra, segundo justiça, a separação e cada um ocupe o lugar que merece e acabe assim essa mistura que permite aos mais prepotentes esmagarem os melhores. O mundo será então purificado dos involuídos lançados em ambientes inferiores, proporcionados a eles, e será possível na terra viver o Evangelho, dedicando-se a trabalhos mais civilizados e proveitosos, que não o

de devorar-se reciprocamente. No entanto, cada um vive como quer, mas no bem ou no mal, em qualquer nível, cada um é prisioneiro do próprio método, pelo qual é arrastado até as últimas consequências. Por isso, apesar de sua força e astúcia, o involuído é um condenado. Assim, o próprio fato de querer basear-se no sistema da força, em vez de fazê-lo no da justiça, faz dele, em última análise, um fraco destinado a ser vencido no final.

Apesar de todas as aparências em contrário, a posição substancial dos dois, involuído e evoluído, é completamente diferente do que parece. A segurança do involuído é fictícia e mantém-se enquanto dura a força individual para resistir a todos os assaltos, dado o ambiente de agressividade geral. A segurança do evoluído ao invés é real, porque se baseia na justiça, e o honesto é automaticamente protegido num ambiente de concórdia geral. Então, apesar de o indivíduo parecer forte, porque armado, e o evoluído fraco, porque desarmado, o que conta não é estar sobrecarregado por um monte de armas, se deve viver num mundo de explosivos, quanto o viver num ambiente de ordem e paz, mesmo sem possuir uma só arma. Ao evoluir, o ser entra nesse ambiente, onde o que lhe protege a vida é a justiça e o viver segundo a lei, e não a força que, sendo injusta, vai contra a vida.

A solução do problema não está, pois, no sentido em que o mundo a entende, ou seja, vencer a todos submetendo o próximo, mas no transformar-se com a própria evolução, de modo a tornar-se digno de viver em planos mais altos de existência. Então o forte da terra, que vê seu valor na vitória sobre os semelhantes, é, ao invés, um fraco, preso à baixeza de seu plano de vida, do qual não sabe sair, é um vencido condenado a permanecer no meio de todas as dores próprias desse plano. Com seu sistema de revolta, o involuído está imerso num regime de extorsões, que ele pode praticar contra os outros, mas que também os outros podem empregar sempre contra ele. Acha-se então em contínua posição de desequilíbrio, fora e contra a lei de justiça, que não deixa de existir e de exigir os devidos ressarcimentos só porque o ser será situado nos planos inferiores da vida. Esse constante endividar-se, devido à violação contínua pela estratégia de prepotência, deixa sempre abertas as portas a todas as reações merecidas que estão suspensas como uma espada de Dâmoqueles sobre a cabeça de quem as provocou. Ao primeiro sinal de fraqueza, desencadeiam-se sobre o desgraçado tão endividado e que terá de pagar seu débito. “Quem usa a espada, perecerá pela espada”. Uma vez tomadas as armas, entra-se num sistema de que é difícil sair, já que isto não é possível enquanto não estiverem engolidas todas as ofensas perpetradas no passado. Explica-se assim como possa a arma tornar-se uma necessidade vital nos ambientes inferiores, e até ser justificado seu uso com o que se chama a legítima defesa. Uma vez começado o sistema das armas, não se pode mais deixá-lo, porque se fica preso no encadeamento sem fim da ação e reação, do ataque e da defesa, pelo que da guerra sempre nasceu guerra e o processo jamais se resolve. Resta apenas o que a história nos mostra: uma vida de luta contínua, de guerra perpétua, que pode considerar-se o estado normal, intercalado por períodos de paz armada, necessários para preparar a guerra.

Ao contrário, o evoluído, embora não armado e aparentemente fraco, acha-se numa condição natural de força, porque está situado dentro da lei de justiça, em posição de obediência e harmonia, e não de revolta e débito. Realiza suas funções no âmbito da lei em perfeito equilíbrio, que tende assim a manter-se estável, pois não é fruto de usurpações. Vivendo organizado na ordem, sem complicações de astúcias e fingimentos, opera simples e retilíneo por um caminho que é o mais rápido e seguro para chegar à meta, já que está salvaguardado do perigo de permanecer emaranhado nas próprias redes. Se o involuído é forte no plano humano porque está armado, é fraco diante da justiça de Deus, a quem tem que dar conta; ao contrário, o evoluído, mesmo sendo fraco no plano humano porque está desarmado, é forte diante daquela justiça, porque não tem débitos a pagar abandonou os métodos do mundo e adotou os do Evangelho, entrando com isto no âmbito de outra lei, cabendo agora a ela o cuidado de defender sua vida. Se ele se enfraqueceu no plano humano onde qualquer um pode vencê-lo, tornou-se forte num plano mais alto, em que os fortes do mundo são fracos e os vencedores dele se tornam vencidos.

Vive num regime em que a paz é o estado natural de equilíbrio normal e não uma fase excepcional de repouso no inesgotável encadear-se de ataques e defesas, intercaladas por paradas apenas para preparar novas guerras. Sua paz é duradoura porque não é armada nem fruto de imposições. Se a paz do mundo é imposta à mão armada, que pode ela gerar senão a máxima reação possível por parte do

vencido? Acontece então que quanto mais se consegue vencer, mais inimigos surgem contra o vencedor, inimigos que não aparecem contra quem não vence. Tudo tende a equilibrar-se. Assim que surge um dominador poderoso, logo lhe salta à frente o antagonista proporcionado. Compreende-se assim como, no fim, esse jogo de luta continua de todos contra todos — sejam indivíduos ou nações — seja fruto apenas de uma ilusão psicológica, cuja finalidade não éde fazer vencer, mas de impelir o homem a evoluir. Isto porque a luta, por causa do perigo de perder a vida ou a liberdade, obriga o homem a aprender a defender-se. O medo do prejuízo, os golpes recebidos, representam uma escola que ensina, embora com ferocidade de método, mas que é proporcional à sensibilidade dos seres desse plano. Assim a inteligência desperta por meio da dor a grande mestra da mais profunda sabedoria. Por trás desse jogo de triunfos e derrotas, jogo de ilusões ao qual o ser é atraído pelos instintos que o manobram, o verdadeiro trabalho útil que se realiza em substância é a evolução, supremo objetivo da vida.

O evoluído está fora desse triste jogo de lutas, ilusões e dores. Mesmo que o mundo o despoje de tudo, nada se pode tirar dele, porque seu tesouro está em outra parte. Mesmo se o matassem, a morte o libertaria da pena de ter que viver neste inferno. Para ele, morte é libertação na ressurreição, e dor é instrumento de evolução. Quem não pertence ao mundo e vive completamente destacado, nada mais pode perder. Um só dano é possível, o de retroceder a planos inferiores, involuindo, como, para o involuído, só há uma utilidade: progredir para os planos superiores, evoluindo. Para o evoluído a descida é o pior dos males; para o involuído, subir é o maior dos bens.

\* \* \*

Continuava assim desenrolando-se o caso que narramos. Os diversos elementos conduziam a luta, cada um segundo a própria estratégia. Continuemos a observar. O instrumento achava-se no centro da batalha, entre dois fogos: de um lado o assalto das forças do mundo, do outro a descida das do Alto. Ele vivia intensamente, observando e recordando o episódio em que se achava mergulhado, a grande luta entre as potências do bem e as do mal que disputavam o homem. O instrumento estava esmagado. É verdade que as forças espirituais o sustentavam, mas os golpes materiais eram dirigidos contra a sua pessoa, já que os adversários não viam outro alvo. E ele não era lutador no terreno e na forma humana. A vitória desse ser, feito para outro trabalho, num campo que não era o seu, constituía uma prova da presença do Alto, pois de outra maneira não se poderia explicar esse triunfo.

Embora substancialmente defendidos, viver no meio de uma batalha não é uma posição cômoda de repouso. Quem tem que realizar uma missão deve dar sua contribuição de sofrimento pessoal, pelo que a parte humana, — triunfando toda em redor — é como que triturada na fraqueza dele. Por vezes as forças do mal martirizam o instrumento e parecem vitoriosas. Então torna-se seu o tormento da luta, as ânsias do perigo, a paixão pelo bom êxito. Por momentos, tudo parece ruir, a obra parece destruída, e inútil o sacrifício de toda vida. Por Instantes parece faltar o apoio do céu, parece que o Evangelho não diz mais a verdade, tendo sido apenas um erro confiar nele. Parece mesmo utopia, e parece que o mundo tenha razão. A frase: "buscai primeiramente as coisas do espírito, o resto vos será dado por acréscimo", parece estar invertida, e ser verdade o contrário: "não percais tempo com as coisas do espírito, mas cuidai em defender-vos, senão sereis esmagados".

Prever e prover é considerado sabedoria humana. Mas certas vezes parecia que as forças do Alto se ausentavam indiferentes, desinteressando-se pela luta e por seu êxito, enquanto a maré avançava ameaçadora. O evangelho parecia não funcionar mais. A prova era dura para quem confiara totalmente nele e não tinha outra defesa. Sem dúvida, o auxílio sempre chegava, mas nada aparecia até o último momento decisivo. Parecia que a salvação demoraria muito, para ser oportuna. Era o fim. Ela não chegava, nenhum sinal a anunciava, não se sabia como pudesse chegar, tanto que até parecia impossível. Via-se o barco afundar e Cristo parecia dormir.

Quantos exames de consciência se fazem nessas horas escuras, em que parece que Deus nos abandonou, para saber se merecemos e para tornar a ter contato com o Alto! Esse parece escapar-nos.

Procura-se então cavar cada vez mais fundo dentro de nós mesmos, para achá-lo. Contribuição de dolorosa maceração que o instrumento tem de dar, sem o que não pode continuar a ser instrumento. Essa é sua pequena contribuição, o oferecimento do sacrifício da própria natureza inferior, às potências do espírito, para seu triunfo. Sacrifício que representa profundo trabalho de maturação e, com isto, a maior conquista como ascensão evolutiva. Justamente essa purificação no sacrifício é que atrai as forças do Alto e as faz correr em auxílio; esta é a condição para que o Evangelho se demonstre verdadeiro. Batismo de dor, que constitui a primeira investidura para o cumprimento de uma missão. Então a dor não é, como acredita o mundo, uma derrota; mas se torna um poder positivo construtivo, uma atividade criadora, uma condição de vitória. Mesmo na hora triste em que o mundo parece triunfar e parece vão o esforço dos operários do bem, eles estão construindo sempre, pois mesmo quando parece falir, o bem é sempre construtivo, e o próprio mal é estrangido a transformar-se em seu colaborador.

De sua parte, o instrumento tem de ser posto a cada momento em dura prova, que garanta que sabe realizar a função que lhe foi confiada. Essa prova faz-se sobretudo nas horas escuras, quando tudo parece ruir. É preciso então dar provas de saber conservar a própria fé, de possuir a força e coragem de avançar em vôo cego, mesmo quando isto pareça loucura, porque não aparece caminho de saída. Essa fé confere uma conduta que os calculadores de forma mental humana não são capazes de compreender, sendo diferentes os pontos de referência, fato que os leva a erro. Trata-se de duas psicologias completamente diferentes. O instrumento, com sua fé, dispõe de uma força e coragem que, os que vivem de cálculo e interesse não podem admitir. Não podendo compreender, os homens do mundo não podem deixar de ficar desorientados. O alvo não é o que eles pensam; seus golpes, portanto, não atingem, o objetivo. As respostas que recebem são imprevistas e os colhem desprevenidos. Representa para eles uma posição de inferioridade, não conhecer a estratégia do evoluído com o qual lutam, enquanto para este, o conhecimento da deles representa uma posição de superioridade.

Nestas horas de luta, aquele instrumento sentia o alcance universal que aquela experiência tinha para ele. Nesta, não estavam somente em jogo a sua vida, que pouco lhe importava, nem apenas a missão a realizar, mas toda uma experiência evangélica. Se falhasse, os fatos teriam dado razão ao mundo a derrota ao Evangelho. Então ter-se-ia de chegar à tremenda conclusão de que ele estava errado e que Cristo, mesmo não tendo enganado aos outros, pelo menos estaria enganado. Ruía tudo, muito mais que uma vida e uma missão. O caso particular do instrumento desaparecia, absorvido nesse problema universal, que se propunha realizar um exemplo vivido, que desse a demonstração experimental da verdade do Evangelho. Nessa demonstração, as forças do Alto estavam diretamente empenhadas. Em caso de falência, não caía um homem ou uma missão, mas ter-se-ia a prova experimental de que existia um caso em que o sistema de Cristo errara, demonstrando-se incapaz de vencer. Mas seria isto possível?

Isto perguntava a si mesmo o instrumento, descendo cada vez mais dentro de si numa introspecção profunda, procurando ouvir a voz de Deus que fala em cada consciência. Sua pessoa desaparecia na vastidão da experiência. Estava envolvido na potência de forças para ele incontroláveis. Só lhe restava permanecer na mais profunda obediência. Mas seria possível que Cristo e o Evangelho falissem? Ele os sustentara como verdades, empenhando-se nisso até o fim, recorrendo à demonstração racional e assumindo plena responsabilidade disso. Agora seria preciso refazer tudo de novo, encontrar outra verdade mais verdadeira, que pudesse resistir à prova dos fatos? Aquela, que constituía a sua fé, ter-se-ia resolvido, para o instrumento, no que a ciência chama uma hipótese não provada, destituída do valor demonstrativo que só os fatos podem dar, e portanto não aceitável como teoria objetivamente segura.

Como que experimentando num laboratório espiritual, nosso personagem observava o êxito da operação evangélica, chegada agora ao seu momento crítico resolutivo. Como terminaria a experiência? E se falhasse? Havia nele a ânsia do cientista que espera, dos fatos, a confirmação positiva dos resultados teóricos dos estudos e trabalhos de uma vida inteira. Se a experiência falhasse, tudo estaria acabado para ele. Sua vida teria sido desperdiçada, em busca de quimeras, e o mundo teria razão em tratá-lo de imbecil, por ter feito tantos sacrifícios para nada.

Mas se a experiência tivesse êxito, ele poderia gritar: "eureka, a descoberta está feita". Era co-

mo se um inventor, tendo idealizado e construído um tipo novo de reator supersônico, o experimentasse, lançando-se com ele. Tudo estava em jogo. A prova também se faz com a própria vida. Mas talvez o Alto só responda a apelos tão desesperados e só se rasgue com a violência de tão extremos atos de fé. Um tão grande esforço para subir, talvez seja uma das condições necessárias para que se verifique o fenômeno prodigioso da descida das forças do céu, e represente o impulso necessário para demovê-las e impeli-las a vir ao encontro de quem tão energicamente as chama. Tratava-se como do lançamento de um projétil interplanetário. Que ocorreria? Quantas incógnitas para quem se arrisca a funcionar em outros planos de vida, segundo as leis próprias a eles, quase desconhecidas, em sentido positivo experimental pode dizer-se, no plano humano de vida!

Narramos tudo isto para fazer compreender como acontece o fenômeno, que não é nada gratuito, da descida do Alto. Não é dormindo nem esperando que Deus nos sirva, que pode isto ocorrer. Trata-se de conquistar o desconhecido tornando-nos pioneiros do futuro da evolução; trata-se de atravessar em frágeis embarcações o oceano do conhecimento, porque o Alto, Cristo e o Evangelho não são apenas problema religioso de fé, mas também problema de razão e ciência, que implica e presume a solução de infinitos outros problemas.

Havia um fato, porém, que tornava quase necessário o bom êxito da experiência, e era a necessidade de — no terreno não fideístico das religiões mas objetivo dos fatos que todos vêem e compreendem — aparecer um exemplo, de forma racional e positiva, que demonstrasse a verdade do Evangelho como norma útil à vida. Tratava-se de uma prova necessária para demonstrar a verdade de uma missão e sua realização. Na luta empreendida publicamente, se não viesse essa prova em seu favor, se chegaria necessariamente à prova contra Cristo e o Evangelho, que daria plena razão ao mundo. Então os antagonistas não teriam vencido um homem e paralisado uma missão, mas provariam o erro de Cristo e do Evangelho: erro de que sua vitória dava a prova e da qual poderiam vangloriar-se, rindo-se das forças do Alto. Vitória do baixo contra o Alto. Era um absurdo. Era a falência do princípio da evolução, erro descoberto na lei de Deus, inversão dos impulsos prepostos ao caminho ascensional da vida. Todas as teorias sustentadas na obra teriam recebido um desmentido claro, justamente no momento em que deviam receber a maior confirmação dos fatos.

Em tudo isto nosso personagem pensava, enquanto os golpes lhe caíam em cima. Que significado diferente essa Batalha tinha para ele! Que finalidades diversas se propunham as partes contendentes! Todo o complexo fenômeno se ia desenvolvendo sem que os homens do mundo, que nele tomavam parte, compreendessem coisa alguma! Continuavam movidos por instintos, interesses e miragens, reduzidos a instrumentos cegos que, sem saber, mesmo agindo em sentido negativo, acabavam fazendo o contrário do que acreditavam: trabalhavam para a vitória da missão, para que aparecesse manifesto o exemplo que devia demonstrar que o mundo estava errado e o Evangelho tinha razão.

\* \* \*

Continuemos a acompanhar as vicissitude da Batalha, estudando as estratégias diferentes. Da parte dos opositores continuava a funcionar o princípio da inversão. Acontecia então que seus assaltos e astúcias se resolviam automaticamente em perda para eles. Era maravilhoso observar como a gaiola que o mal construía para aprisionar o bem, se transformava por fim numa gaiola em que ficava preso o mal. O inimigo, tornando-se ousado porque certo de vencer pela superioridade de suas forças, fazia investidas arriscadas aventurando-se muito à frente, sem deixar aberta uma porta para uma retirada honrosa. Depois, percebido o perigo, queria voltar mas não podia, ficando preso nos movimentos já feitos. Achava-se assim preso no mesmo laço que preparara para o inimigo. Essa é a lei que amarra o mal: ficar prisioneiro nas ciladas que prepara para o bem. Suas arquiteturas são obras maravilhosas de astúcia, mas complicadas, emaranhadas e tortas, o que constitui sua fraqueza, porque no fim falta sempre algo de imprevisto, e esse é o ponto fraco que faz ruir. Falta-lhes a força que só a simplicidade retilínea pode dar.

Aqui está a inferioridade congênita das forças do mal. E assim deve ser. Se fossem iguais às do bem, Deus não seria o Senhor a quem cabe a vitória.

Os jogos das duas partes eram totalmente diversos. De um lado a luta por um ideal: a elevação e bondade do fim davam fé e coragem para enfrentar qualquer fadiga e perigo. Do outro lado, cálculos utilitários para conseguir a vantagem máxima com o mínimo esforço, poupando pois fadigas e perigos. De um lado um caminho sincero e coerente, direito e constante, do outro desconfiança e incoerência, coalizões instáveis de interesses, diretivas incertas e oscilantes, caminhos oblíquos e escorregadios. De um lado tudo honesto e claro à luz do sol. Do outro, tortuosidades escondidas por trás das aparências indispensáveis. E tudo, até a substância por trás das cenas, era escrito no livro da vida, onde nada pode apagar-se, enquanto o Alto olhava, registrava e esperava.

O instrumento oferecia a Deus a própria dor, transformando-se assim em força positiva de construção. Os pensamentos e atos que nasciam dos dois diferentes métodos se iam somando e acumulando para cada uma das partes, em sentido oposto, na direção que cada um queria. Tratava-se no princípio só de uma pedrinha que poderia ser facilmente detida. Mas ela rolava cada vez mais. No princípio parecia um nada. Mas a cada volta, algo do terreno lhe aderiu. Assim a pedrinha cresceu, dando lugar a uma avalanche de cada lado. E agora, no fim, duas avalanches diferentes se estavam precipitando uma contra a outra, crescendo sempre mais. Aumentava assim o volume de cada uma, sendo cada uma delas feita do material atraído pelo próprio sistema. Quanto mais rodavam no tempo, não só cresciam de tamanho, como acentuavam suas qualidades. Novo mal se apegava ao mal, e novo bem se apegava ao bem. Outros elementos eram atraídos e aderiam de uma parte ou de outra, segundo sua natureza. Aumentavam cada vez mais de volume e velocidade, e era cada vez mais difícil deter-se.

Era a própria natureza das forças de tipo negativo que aumentava tudo no negativo, em sentido destrucionista, enquanto do lado oposto era a própria natureza das forças de tipo positivo que tudo aumentava no positivo, em sentido construtivo. Assim, de um lado, tudo tendia a descer, e do outro, a subir. Eram dois impulsos opostos, tendentes a dois fins situados nos antípodas. Isto significa que das duas avalanches, a de impulsos negativos rolava sempre mais para a destruição, primeiramente de si mesma; e a outra, feita de impulsos positivos, avançava sempre mais para a construção, primeiramente de si mesma. Iniciados, os dois processos agora se desenvolviam automaticamente, como uma desintegração atômica em cadeia. Assim, uma parte não podia deixar de avançar sempre mais para a derrota, e a outra, para o triunfo.

No princípio tudo seria facilmente sanável, se as antagonistas tivessem tido um pouco de compreensão. Se tivessem deixado ao instrumento aquele mínimo de vida terrena, necessária para realizar uma missão; se não se tivessem deixado levar em cheio pela lei de seu plano, a lei do triunfo só para o vencedor, eles não teriam imposto à parte oposta a liquidação deles, como única e indispensável condição para que aquela parte pudesse sobreviver. O erro deles foi o de seu plano biológico: o do egoísmo que só deixa lugar vital para si mesmos. Provocaram, desta forma, a reação do desespero, que rompe tudo. Desespero humano em auxílio do qual se movimentaram as forças do Alto, para que justiça fosse feita. Foi erro acreditar que a força humana podia dobrar tudo e que o imponderável podia ser desprezado. Mas era erro inevitável, para o grau de conhecimento atingível naquele plano evolutivo. Era preciso conhecer também o outro lado do problema.

Era preciso não constranger a parte oposta à necessidade da defesa nem o céu à necessidade de intervir. Mas, por obra da própria parte contrária, tanto o instrumento como as forças do Alto, uma vez colocados na necessidade de escolher entre vencer ou ser vencidos, foram constrangidos a impor-se para vencer. A batalha, que nem o Alto nem o instrumento desejavam, lhes foi imposta e com isto só um caminho possível para eles: a vitória. As potências do Alto foram constrangidas pelo próprio inimigo a intervir, e sendo elas as mais fortes, e tendo de vencer por finalidade superior, como podiam deixar de vencer? Foi a própria intransigência do inimigo que impunha que tudo se dobrasse à sua vontade, foi o não querer entrar em entendimentos — porque, como mais forte, se julgava com o direito de vencer — que impôs a qualquer custo seu afastamento definitivo. Foi assim que ele foi lançado fora da obra e da

missão, para a qual tinha trabalhado, mas levado por outra finalidade, e portanto sem merecimento. Ficou mais uma vez confirmada a teoria de que tudo, até as forças contrárias, sempre concorre para a vitória do bem.

Então um pequeno caso a que ninguém ligaria, se dilatou num problema imenso, tornando-se choque de princípios e forças biológicas, choque entre valores cósmicos do bem e do mal, prova experimental para a vitória do Evangelho. O pequeno incidente tornou-se assim uma batalha de sistemas, entre Cristo e o mundo, entre um modo de viver próprio da animalidade e já destinado a ser superado, e um modo de viver próprio da nova e mais civilizada humanidade do futuro. Em vista disso, a prova experimental a que era submetido o Evangelho tinha de vencer, logicamente, demonstrando que era verdadeira. E ao mesmo tempo, os resultados dessa experiência, para produzir fruto para o bem, tinham de ser vistos por todos, porque só assim se podia alcançar um dos objetivos principais, em virtude dos quais desceram as forças do Alto, ou seja, que o êxito dessa experiência constituísse um exemplo que provasse, por fatos, que o Evangelho é verdadeiro. Para confirmar isto, a obra e a missão, era preciso uma vitória evidente das forças do bem. Os fatos tinham de confirmar o que a lógica impunha, isto é, que Cristo não podia estar errado, que Deus não podia falhar, que Sua lei funcionava em cheio e que portanto o triunfo chegou, fatalmente.

E os fatos vieram trazer essa confirmação, os fatos que não são teorias, os fatos que dão prova, os fatos que são vistos e compreendidos por todos. Mas por que aconteceu isto? Numa hora apocalíptica para o mundo, diante de uma missão a ela ligada, num caso em que as forças do bem se haviam empenhado, era preciso que elas dessem, com um exemplo, a prova de serem mais fortes. As pessoas que nele tomaram parte, passam e não interessam. O exemplo, embora despersonalizado, fica. Mas era preciso vencer, dando prova de superioridade, porque não há outro modo de as forças serem consideradas respeitáveis em nosso mundo. Aqui Deus é respeitado porque é poderoso. Mas neste caso tratava-se de ir contra a psicologia humana, salvando um desarmado, desprezado porque fraco, salvá-lo para demonstrar que se pode ser forte de outro modo, numa forma que o mundo não conhece mas que seria útil conhecer. E para chegar a isso, as forças do Alto tinham de descer e trabalhar no nível dos assaltos concretos que eram lançados contra o desarmado e desbaratá-los. Era mister aparecer no terreno humano uma intervenção que constituísse exceção às leis daquele plano, vindo de fora dele, para demonstrar a existência de forças mais poderosas, em outros planos de vida.

Mas as forças espirituais, como tais, não são percebidas em nosso plano sensório e não podem agir na matéria. Precisam então, para agir, revestir-se de forma material, operando, como já vimos, por meio de pessoas intermediárias, que funcionem como instrumentos físicos. Na terra jamais faltam seres desejosos de medir-se na luta. Mas podem encontrar-se também os lutadores para o bem. Estes possuem e sabem usar as armas humanas comuns; somente as usam não para o mal, mas para o bem. As forças espirituais movimentaram justamente alguns exemplares deste tipo; eles correram ao redor do desarmado, não para aproveitar, esmagando-o, mas ao contrário para ajudá-lo, defendendo-o. Trata-se de seres que ainda pertencem ao mundo, cujos sistemas sabem usar, mas que já levantam a cabeça para o Alto, e sabem usar aqueles sistemas e armas a serviço do bem. Eles são os defensores dos fracos, cavalheiros da justiça, e que mesmo com as forças da terra, rebelam-se contra o mal para esmagá-lo. Através deles pôde tomar forma concreta a intervenção das forças do Alto. Assim, contra a fileira dos lutadores pelo interesse, formou-se a fileira dos lutadores pelo ideal. Isto também por uma lei de equilíbrio de que já falamos, segundo a qual, logo que na terra se manifesta uma força em dada direção, nasce-lhe logo outra oposta que com ela luta, corrigindo-lhe o impulso unilateral.

Dessa forma desceram as forças do Alto: defesa para proteger, auxílios materiais para sustentar onde havia necessidade, circunstâncias favoráveis para facilitar o trabalho. Nada disso foi pedido, mas, como se diz, caiu do céu. Fatos prodigiosos, que as causas comumente em ação na terra não podem absolutamente explicar. Preciso é então buscar alhures sua causa. Certamente não podemos ver as mãos de Deus, quando Ele trabalha. Mas não podemos deixar de atribuir-Lhe a primeira origem de tudo isto, já que não a achamos na terra. Trata-se de acontecimentos de todo gênero, coordenados para o mesmo fim, que não podem explicar-se senão com a presença de uma inteligência diretora, como não

existe no mundo.

Foi assim que os elementos negativos — que representavam um obstáculo para o cumprimento da missão — foram afastados e substituídos por elementos positivos, que representavam uma ajuda para a missão. Houve só o afastamento, ou seja, o mínimo indispensável para a defesa da obra. Querendo esses elementos torcê-la para seus fins, foram substituídos por elementos, ao contrário, obedientes à vontade do Alto. Chegaram desta maneira os mastins para defender, assim como os anjos, para ajudar. Formou-se nova fileira, para colaborar, cada um segundo suas capacidades. Todos juntos, cercaram o instrumento desarmado para defendê-lo e ajudá-lo, garantiram-lhe a paz e a independência necessárias para realizar seu trabalho espiritual, encorajaram-no e sustentaram-no depois de tantas lutas que o haviam enfraquecido. Esses novos elementos foram a expressão material dos poderes espirituais e de sua atual intervenção para realizar a salvação. Esse novo peso colocado por Deus na balança, constituiu o prodígio que ninguém esperava. Foi a descida das forças do Alto que inverteu a situação. Colocado no prato da balança o peso do imponderável, esta inclinou-se desse lado. Foi a mão de Deus.

\* \* \*

Foi um milagre. Salvações dessa espécie não são vistas todos os dias, e são verdadeiramente excepcionais. Na economia da vida, não se trata neste caso de um fenômeno de administração ordinária. Mas o milagre não acontece ao acaso, por um capricho da Divindade. Até o milagre tem sua lógica no organismo do todo, segundo a ordem da lei. O milagre é o resultado de movimento coordenado de forças, que não nascem nem se desenvolvem ao acaso. Tem de ser provocado por uma necessidade absoluta de auxílio, e por haver sido merecido, com todos os esforços e invocado com todas as forças. Na harmonia da lei, nada pode existir de gratuito, fruto de injusto favoritismo, ou devido ao acaso ou a vontade caprichosa. Deus não pode sair de Sua ordem, por Ele mesmo desejada. Assim o milagre não pode ser obra supérflua, prêmio e escola de preguiça.

Se não abrímos as portas, se com o nosso esforço NÃO movemos a alavanca de comando que o aciona, o milagre não ocorre. Temos de provocar, preparar, atrair para a terra as forças do Alto com um chamamento fortemente desejado, livre, ardente de fé, concreto de ação, nutrido de sacrifício. Deus não serve aos poltrões. Só quando se fez e deu tudo e se cai quebrado na dura estrada, parece que só então se adquire um direito ao auxílio e que o Alto se ache, pela justiça da lei, no dever de movimentar-se. O auxílio não pode ser pedido para poupar-nos o esforço da subida, que deve ser todo nosso. Mas quando tudo foi feito e as dificuldades fechariam o caminho da subida, então Deus aparece, pois se assim não fora, Ele estaria contra Sua própria lei de evolução. Então o Evangelho, mesmo parecendo absurdo e irrealizável, demonstra-se verdadeiro, mesmo a custa de prodígios.

As estradas do céu são árduas e espinhosas, mas o fruto a que levam é honesto e garantido. As estradas do mundo são fáceis e floridas, mas desembocam na traição e na dor. Por isso o Alto pede primeiro nosso esforço, nossa fé e a prova de nossa boa-vontade, dando-nos depois a merecida recompensa, para que o fruto seja dado com justiça segundo e merecimento. O mundo ao invés oferece-nos tudo, mas debitando-o de forma que depois ficamos dele escravos, pois é preciso pagar. O céu nos dá primeiro o esforço e depois o gozo. O mundo dá-nos primeiro o gozo e depois a pena, em que tende a engolfar-nos cada vez mais. Tudo é lógico. Trata-se de dois métodos opostos, um a inversa o do outro, dirigidos a dois pólos opostos: o Sistema e o Anti-Sistema.

A força de quem quer que siga o Evangelho é estar ligado às forças do Alto. Então, quando todas as condições necessárias foram satisfeitas e esta cheia a medida das provas, então o fenômeno esta maduro e ocorre a precipitação que o resolve, no sentido que vimos. Essa precipitação é o que chamamos intervenção milagrosa. É nesse momento crítico que se resolve o fenômeno. Quantas batalhas teriam sido vencidas se apenas se tivesse sabido resistir um momento mais! Saber ficar no combate mesmo quando tudo parece perdido e o horizonte esta fechado sem esperança de salvação, quando se atingiu o limite da resistência física e se espera o fim, enquanto se vê o inimigo, contra toda lógica e justiça, triunfar. Saber

resistir mesmo nessas condições, eis o segredo da vitória. Porque nessas condições é que ocorre o milagre da descida do auxílio .

Esta é a hora da prova mais dura, a hora em que as forças das trevas, que estão para ser vencidas, lançam o último e mais desesperado ataque. Então a alma oprimida pergunta: Que faz o Cristo? Então não é verdade que esta presente? É possível que Ele deixe que os fatos demonstrem que o Evangelho erra na prática? Possível que o mal seja mais forte e que Cristo seja vencido por Satanás? Possível que tanta fé seja utopia, tanto esforço se resolva numa desilusão, que Cristo nos tenha enganado? Os assaltos na terra são concretos e tangíveis, o perigo está vizinho e iminente, e o céu permanece fechado e impassível. Nesse momento é que, em geral, vem a faltar a última fé, a que opera o milagre. E a sabedoria do último esforço que faz vencer a batalha. Nesse trágico momento algo ferve no fundo, que faz arrebentar a avassaladora reação da lei.

O inimigo já apertava a vítima em seus punhos, certo da vitória. Tomara cada vez mais velocidade ao longo do caminho e agora é como um projétil lançado a toda força contra o objetivo. Cada erro é agigantado por essa velocidade. Por isso, justamente agora que está para vencer, é que comete os maiores erros. Não tem ele tudo em mãos para vencer? Não é mais hora de cálculos nem de prudência. Crê lutar contra um pobre homem e está provocando as forças do Alto. E assim o suceder-se cada vez mais forte os assaltos dos homens do mundo, que produz a realização do milagre, obrigando a lei a reagir e o Alto a manifestar-se. Ainda uma vez vemos o mal trabalhar a serviço de Deus, para a vitória do bem. O céu não pode ficar fechado e indiferente. Nesse momento, ele se rasga e dele desce a prova decisiva e exemplar, de que o Evangelho é verdadeiro, de que Cristo está presente e sabe vencer.

Tudo converge para o mesmo ponto, que é a descida do auxílio, a realização do prodígio. De um lado a fé e o sacrifício do instrumento. Do outro as forças desencadeadas do mundo decididas a desmentir, com seu triunfo, Cristo e o Evangelho. O assalto chegou ao coração da lei que, tocada no vivo, é constringida a reagir. E o milagre acontece, com a vitória de Cristo.

Vê-se então que o mal trabalhou tanto, só para chegar a autodestruição. Resplende a lei em seu triunfo. Foi o próprio mal a causa primeira de seu mal. Foi justamente a inconsiderada convicção de vencer que o traiu. Mas oferecer para enganar não é o sistema do mundo? O exemplo é rico de ensinamentos e só por isso o trouxemos aqui. Ensina-nos que, diante do Evangelho, o mundo que dele zomba julgando-o utopia, está errado. Ensina-nos que, se tiverem de entrar em luta, o bem é mais forte que o mal e portanto vence; Cristo é mais poderoso que o mundo, e portanto triunfa. Ensina-nos o poder da fé e do sacrifício, a justiça da lei, a real presença de Deus que opera entre nós. Ensina-nos as grandes vantagens que derivam do viver na ordem, funcionando em harmonia com o grande organismo do universo, e os prejuízos que temos agindo em contrário. Ensina-nos que os milagres podem acontecer também a nós, se soubermos colocar as causas e que os imponderáveis do espírito — que parecem tão pouco importantes — podem ao invés pesar em nossa vida. Ensina-nos que, quando somos honestos e vivermos segundo a justiça, a Providência de Deus jamais nos abandona.

Assim, no caso que narramos, tudo foi salvo, como numa operação de alta cirurgia, com habilidade de mestre, com a maior vantagem e o menor dano possível. Nisto revelou-se a inegável presença de uma mente superior muito sabia. Os elementos negativos foram simplesmente afastados, para que não causassem prejuízo, mas sem dano para eles. O instrumento humano teria sido o primeiro, a defendê-los de toda represália, uma vez já lhes tendo perdoado. Nem podia fazer de outra forma, porque era nesse método que residia sua força. Do outro lado, a missão foi toda salva. Purificado o ambiente, afastados os mercadores do templo, a missão pôde florescer e desenvolver-se com a chegada dos elementos melhores, os novos chamados.

Mas a missão foi mais do que salva. Ela foi confirmada por tudo isso; do salvamento milagroso, ela recebeu o sigilo do Alto que, com isso, subscreveu a obra, garantindo sua origem, natureza e finalidade. Os fatos tinham dado a prova experimental; de que as teorias sustentadas correspondiam à verdade. A necessária descida das forças do Alto revelara a técnica secreta de seu funcionamento e do fenômeno de sua intervenção. E tudo isto no plano que o homem considera real, o de sua vida material. A grande moral de tudo isto é que, quem faz o bem, nada tem que temer das forças do mal, as quais, contra

sua própria vontade, operam as avessas, ou seja, em favor daquele que combatem. Pensando nisto, nosso protagonista sentia-se comovido e quase cheio de gratidão para todos os que o haviam obstaculado, porque justamente esse fato fora sua força e uma das primeiras condições de seu triunfo.

Ele permanecia encantado e cheio de admiração, por ter visto tão de perto esse fenômeno da descida das forças do Alto, e sua vida ficou como que penetrada por elas, e marcada com um sinal indelével. Ele tudo observara e agora admirava o caso vivido, em sua substancia educadora, despersonalizado dos elementos humanos que aí haviam aparecido e dos incidentes materiais que haviam ocorrido, admirava como o artista admira com satisfação a beleza de uma obra de arte, na harmonia e proporção das partes, em sua técnica, em seu objetivo e significado. Assim, aquele caso vivido desmaterializava-se de todos os elementos terrenos que tinham funcionado como atores, e aparecia espiritualizado em seus eternos valores morais; aparecia como uma obra-prima de técnica construtiva, em que, com movimentos adequados e inteligentemente calculados, se obtivera, com o mínimo trabalho, o resultado máximo. Tudo trazia uma sua marca inconfundível, que anunciava tratar-se não de um produto desorganizado do acaso, mas de um derivado todo diferente, emanação de um mundo sabiamente organizado, que gera frutos orgânicos, feitos de ordem e harmonia. Esse era o sigilo do Alto, que inconfundivelmente os caracterizava e fazia reconhecer neles a providência. Chegando agora a narração do caso até sua conclusão, via-se que se tratava da execução de um plano preestabelecido, conduzida com método, segundo um desenvolvimento lógico, que chegava a tempo em cada movimento seu, desenvolvimento de forças que representava um prodígio orgânico, tudo tenazmente convergente e infalivelmente chegando às conclusões desejadas: a derrota dos vencedores e a vitória do vencido. Vitória do espírito sobre a matéria, do Evangelho sobre o mundo. Cristo vencera.

A conclusão luminosa, com que se concluía a experiência era de que o Evangelho é mesmo verdadeiro, tanto que ele realizara um prodígio, para permanecer verdadeiro. Verdadeiro significa verdade, não apenas teoricamente reconhecida e proclamada, mas verdade que, levada a vida vivida, resistiu a prova concreta da experiência, verdade comprovada pelos fatos. A grande moral da fabula é que o Evangelho é realmente verdadeiro, e não apenas por palavras. E nós poderíamos concluir, como se costuma dizer no fim da demonstração de um teorema: "como se queria demonstrar".

Cristo vencera. Esta vitória tinha uma beleza sua que a distinguia e a tornava maior e mais bela do que todas as vitórias humanas. Não se vencera esmagando e explorando, para o egoísmo próprio, mas perdoando e amando, para alcançar um fim bom. No término do longo esforço, uma alegria pura compensava largamente todas as dores passadas e as lutas; aquela alegria que só o Alto, e jamais o mundo pode dar-nos, a alegria de ter trabalhado e sofrido só para um objetivo de bem. Não era essa uma vitória da terra, obtida com a força para dominar, que excita a revolta dos vencidos levados, pela lei de equilíbrio, à reação. Mas era a vitória boa e justa, abençoada por Deus, a vitória que não usurpa, mas dá, obtida para ajudar, abraçando os vencidos, e assim anulando a reação e destruindo o mal.

Só assim pode quebrar-se a cadeia do ataque e da defesa que nos prende a luta pela vida. Só esse tipo de vitória é que nos faz ascender para a libertação, enquanto o tipo de vitória que se usa na terra, é o que sempre mais nos submerge no plano biológico, onde só imperam as leis da animalidade.

Vencer para aproximar-se de Deus, vencer não para si mesmos, mas para o bem de todos. Vencer não por haver debelado um inimigo, sobrepondo mal a mal, mas vencendo o mal com o bem. A vitória real e definitiva não é a que provoca outro mal, mas a que o transforma em bem. É a que vence com a bondade a maldade, com o altruísmo o egoísmo, com o perdão a ofensa. É a que muda a discórdia em união, a guerra em paz, o ódio em amor. É a vitória não do mais forte, para subjugar inimigos, mas do melhor, para educar os irmãos. A vitória maior não é a que se conquista sozinho e para si, destruindo, mas a conquistada ao lado de Cristo, construindo, para o bem do próximo. Não é a vitória da força, mas a do Amor.

